

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**RECEITAS PARA A CONJUGALIDADE: UMA
ANÁLISE DA LITERATURA DE AUTO-AJUDA**

Vera Lucia Pereira Alves

Campinas

2005

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**RECEITAS PARA A CONJUGALIDADE: UMA ANÁLISE DA
LITERATURA DE AUTO-AJUDA**

Autora: VERA LUCIA PEREIRA ALVES
Orientadora: ISAURA ROCHA FIGUEIREDO GUIMARÃES
Co-orientadora: ADRIANA GRACIA PISCITELLI

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por VERA LUCIA PEREIRA ALVES e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data:

Assinatura:.....

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

2005

© by Vera Lucia Pereira Alves, 2005.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

	Alves, Vera Lucia Pereira
AL87r	Receitas para a conjugalidade : uma análise da literatura de auto - ajuda / Vera Lucia Pereira Alves. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.
	Orientador : Isaura Rocha Figueiredo Guimarães. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Auto - ajuda. 2. Literatura. 3. Casamento. 4. Individualidade. 5. Gênero. I. Guimarães, Isaura Rocha Figueiredo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	05-114-BFE

Keywords: Self-help literature, Marriage, Individuality; Gender

Área de concentração: Psicologia, desenvolvimento humano e educação

Titulação: Doutor em Educação

Banca examinadora : Profa. Dra. Guacira Lopes Louro
Profa. Dra. Rosely Palermo Brenelli
Profa. Dra. Elisa Angotti Kossovitch
Profa. Dra. Mariza Correa
Prof. Dr. Valério José Antunes
Profa. Dra. Marília Pinto de Carvalho

Data da defesa: 26/08/2005

*Dedico este estudo a todos os meus
clientes que, ao me permitirem compartilhar
seus questionamentos, sofrimentos e
alegrias, me deram, generosamente,
a matéria e o estímulo para
realizá-lo.*

Agradecimentos

Considero que a produção de um trabalho científico é fruto da circularidade do conhecimento. Ele nunca é obra de uma única pessoa, mesmo que tenha um único autor. Aquilo que se constrói dentro das academias está permeado por idéias, intenções, pensamentos, produtos e pelo auxílio direto daqueles que a freqüentam. Por me “alimentar” profissionalmente deste diálogo lancei-me neste processo de doutorado. Finalizo-o, agradecida por compreender que meu trabalho faz parte de uma circularidade de conhecimentos que gostaria pudesse ter sido ainda maior. Desta forma, agradeço a mestres, alunos, amigos e familiares que em muito contribuíram para este prazer.

Às minhas *duas orientadoras* que guiaram meus passos neste trabalho, sou profundamente grata. À *Isaura* por me ter recebido sem ao menos me conhecer, por ter tido enorme paciência com meu ritmo de “carpintaria”, pelas sugestões e importações bibliográficas mas, acima de tudo, pelo imenso respeito com minhas escolhas e minha produção. À *Adriana*, por me ter acolhido, por ter ancorado teoricamente grande parte do trabalho, por ter sido sempre disponível, mesmo quando sua agenda não lhe permitia, e pelo respeito constante. Tenho certeza de que, sem vocês, este trabalho não estaria agora finalizado.

A abertura que recebi do *Pagu*, Núcleo de Estudos de Gênero da UNICAMP. *Adriana, Mariza e Iara* são as pessoas que escolho para representar minha gratidão ao terem me incorporado e me aceitado num ambiente no qual pude obter conhecimentos incontáveis e onde pude ter interlocuções que marcam este trabalho de forma indelével. Particularizo a atenção de *Mariza*, que, depois dos cursos e na seqüência da qualificação, mostrou-se mais uma vez, solidária, gentil e disponível.

A um *grande professor*, mestre de muitos outros momentos, que na esfera do meu campo de atuação, pôde me ajudar a pensar as ligações que fui traçando entre literatura de auto-ajuda e psicoterapia. Assim, registro publicamente minha imensa gratidão e carinho a *John Keith Wood* que, ao final de sua vida, mostrou-se mais uma vez generoso e disponível a mim e a meu trabalho presenteando-me com uma atenção que me entristece ter sido a última.

A *todos os meus alunos*, por me terem dedicado, muitos minutos de sua atenção, permitindo-me compartilhar alguns aspectos deste trabalho, além de me terem encorajado e me estimulado. Agradeço aqueles de quem me despedi precocemente para voltar a ser aluna, deixando-os num momento tão significativo de sua aprendizagem, os estágios de quinto ano (meus alunos dos cursos de psicologia da UNIP no ano de 2001) agradeço aqueles a quem retornei “precocemente” antes de me tornar doutora (atuais alunos da PUC-Campinas), que, em muitos momentos, contaram com uma professora mais cansada e mais dispersa.

Aos que me acompanharam por toda esta transição, já não mais na categoria de alunos e sim de profissionais, que foram meus supervisionandos e participantes de meus grupos de estudo, durante estes anos. Espero poder ter exercido com todos vocês uma de minhas crenças fundamentais na educação: a improcedência das hierarquias do poder do conhecimento e a pertinência da circularidade de conhecimentos. Somos todos, simultaneamente, mestres e alunos.

A *Ricardo*, meu especial “*guardador de rebanhos*”, que no desempenho desta função tornou-se ainda mais amado.

A *três amigas* que confirmam a verdade da expressão o “*mundo dá voltas*”. Colegas de um antigo consultório, “ressurgiram” para uma força especial neste momento. *Rose*, pela participação neste trabalho quando ele ainda nem existia; com o estímulo, nos horários de cafezinho do consultório, em levar meu interesse e leituras de amor para a academia; e pela participação, solidariedade, gentileza e disponibilidade nos momentos finais. À *Marly*, pela imensa disponibilidade em prescrever as “*corretas poções*” que me deram fôlego para a finalização desta empreitada. À *Sybelle*, que compartilhou caminhadas inúmeras, que foi paciente em não me ver cumprir horários combinados e que, mesmo tendo recebido muitas negativas, manteve-se amiga.

A torcida de *duas amigas* distantes, Eva e Ivana, que as facilidades da Internet tornam tão próximas.

Aos *funcionários da secretaria da pós-graduação* da Faculdade de Educação que, pelo carinho, solicitude, atenção e humor devolveram todas as assustadoras burocracias ao seu devido lugar de papéis e documentos, permitindo que me

dedicasse ao que há de mais essencial. Nadir, pela assessoria contínua. Wanda, no princípio e por fim Gisleine, com as agruras das papeladas da bolsa. Cléo, Rita e Dorival, pela presteza com burocracias de qualificação e defesa.

A tolerância e torcida contínua daqueles que se sentiram lesados pelo meu distanciamento, principalmente nos dois últimos anos com a finalização deste trabalho.

Meu apreço a CAPES, pelo período de bolsa que me possibilitou voltar a ser aluna.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a conjugalidade abordada em doze obras da literatura de auto-ajuda, produzidas nos EUA e no Brasil, nas últimas décadas do século XX. O estilo literário foi contextualizado e historiado. Da Análise de Conteúdo empreendida constata-se que as obras diferenciam a conjugalidade entre as fases de conquista do parceiro e a manutenção da mesma e as tratam separadamente. A conjugalidade sobrepõe-se à norma de heterossexualidade por estar prescrita como norma de desenvolvimento emocional aos indivíduos, o que implica uma concepção de individualidade marcada por gênero que é o foco de prescrições de todo um autocuidado. Analisa-se a proposta de conjugalidade tanto pelo seu conteúdo quanto pela sua forma.

Palavras chave: auto-ajuda, literatura, casamento, individualidade, gênero.

ABSTRACT

This study aimed to analyze conjugality as it was approached in twelve works of self-help literature, produced in the USA and in Brazil, in the last decades of the twentieth century. The literary style was contextualized and historicized. From the Content Based Analysis conducted it was verified that the works differentiate conjugality between the partner's courting and the relationship maintenance stages and treat them separately. Conjugality surpasses heterosexuality norms for it is prescribed as an emotional development norm to individuals, which implies a conception of individuality marked by gender that is the focus of prescriptions of self-care. The proposal of conjugality is analyzed for its content and its form as well.

Key-words: self-help literature; marriage; individuality; gender.

RÉSUMÉ

L'objet de ce travail porte sur l'analyse de la conjugalité abordée dans douze oeuvres de la littérature d'auto-aide produites aux EUA, ainsi qu'au Brésil, pendant les dernières décennies du XXe siècle. Le style littéraire et son histoire ont été discutés dans ce contexte. À partir de l'Analyse de Contenu réalisée, on constate que ces oeuvres établissent une différence de conjugalité entre les phases qui concernent la conquête du partenaire et celles qui se rapportent à sa conservation et les traitent séparément. La conjugalité se surpose à la norme de l'hétérosexualité car elle s'inscrit en tant que norme de développement émotionnel aux individus. Cela implique une conception d'individualité marquée par le genre et devient le point de convergence des prescriptions concernant tout auto-soin. Cette proposition de conjugalité est analysée soit par son contenu, soit par sa forme.

Mots clés: auto-aide, littérature, mariage, individualité, genre

SUMÁRIO

Dedicatória	p.iii
Agradecimentos	p.v
Resumo	p.ix
Abstract	p.x
Resume	p.xi
INTRODUÇÃO	p.01
Capítulo 1 - A LITERATURA DE AUTO-AJUDA EM QUESTÃO	p.11
Estilo de Escrita	p.14
Autores	p.19
Leitores	p.21
Divulgação	p.25
Breve Histórico	p.28
A Priorização da Individualidade	p.37
As Obras sobre Conjugalidade	p.42
Capítulo 2. O DELINEAMENTO DA PESQUISA	p.51
Procedimento de Seleção das Obras	p.54
As Obras Seleccionadas	p.60
Livros Que Ensinam A Conquistar Um/a Parceiro/a	p.61
Direcionados às Mulheres	p.61
Direcionados aos Homens	p.65
Direcionado a todos os leitores, independente de sexo	p.65
Livros que Ensinam a Cuidar das Parcerias	p.66
Livros que não Diferenciam as Fases da Relação	p.69
Procedimento de Análise	p.70

Capítulo 3 – A CONJUGALIDADE	p.73
Os Correlatos da Conjugalidade	p.78
Amor	p.78
Amor como Relação Conjugal	p.83
Amor como Emoção	p.91
Paixão	p.96
Sedução	p.103
Corpo e Conquista	p.109
Escolha e Conquista de Parceiros	p.113
Sexualidade	p.128
Amizade	p.136
Coabitação	p.140
Separação	p.143
A Configuração da Conjugalidade	p.146
Capítulo 4 – A INDIVIDUALIDADE E GÊNERO	p.155
A Importância e o Sentido da Conjugalidade	p.158
O Autocuidado Rumo à Conjugalidade	p.164
Gênero	p.176
Feminilidades	p.178
Masculinidades	p.180
As Diferenças Sexuais	p.182
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.187
Acerca da Conjugalidade, Individualidade e Gênero	p.187
Acerca da Proposta Pedagógica	p.198
REFERÊNCIAS	p.213

ANEXOS

ANEXO I - Levantamento Junto Às Editoras	p.223
ANEXO II - Levantamento Completo Das Obras De Auto-Ajudas	p.225
ANEXO III - Referência de todas as Obras Lidas	p.235
ANEXO IV - Dados da Edição de Todas as Obras Lidas	p.239
ANEXO V - Histórias do gibi <i>Mônica</i>	p.241

INTRODUÇÃO

*“Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem sabe o que é amar...”*
Fernando Pessoa (Alberto Caeiro)

As relações amorosas entre parceiros que almejam constituir uma conjugalidade ou os que já a vivenciam, sempre foram um tema de grande interesse para mim.

Como psicoterapeuta, ao atender casais, lido diretamente com os problemas e os conflitos vivenciados por aqueles que, imersos nestas relações, buscam solução ou alívio para os sofrimentos que elas, porventura, lhes causem. Percebo, também, entre os que buscam psicoterapia individual, quer solteiros, quer casados, vivendo ou não relações amorosas, ser este um assunto freqüentemente acompanhado por questionamentos, angústias e, sem dúvida, alegrias.

Um dos frutos deste interesse concretizou-se na elaboração de minha dissertação de mestrado, na qual analisei o processo psicoterápico de quatro casais (Alves,1997). No entanto, na continuidade de meu trabalho, outras questões do tema faziam-se presentes, estimulando-me a compreender o relacionamento amoroso para além do âmbito psicoterápico.

Ao atender cada um dos meus clientes, tanto em psicoterapia individual como conjugal, surpreendia-me a freqüente repetição do conflito na busca de identificação de seus sentimentos amorosos. Muitos deles perguntavam-me, após o relato de suas experiências, se acaso estas significavam estarem amando ou (com menos freqüência!) se estavam sendo amados. A maior parte das dificuldades centrava-se na identificação do próprio sentimento para com o outro: *“De tudo que te disse, você acha que isto é amor? Que eu estou amando? Que eu o (a) amo?”* Seus

questionamentos apontavam para um conflito entre aquilo que vivenciavam, tentando nomear por amor, e aquilo que pensavam ser o verdadeiro amor ou a correta experiência amorosa: “*Eu o amo, acho que ele me ama, mas não sei isto, às vezes, não parece ser amor*”. Quando comparavam o que “parecia” ou “deveria” ser tal sentimento, o faziam com as experiências relatadas por amigos, parentes, conhecidos ou pelas experiências absorvidas das novelas de televisão, dos filmes de Hollywood e das histórias impressas nos romances.

Alguns chegavam a valorizar a idéia de um “amor verdadeiro” ou de como deveria ser sua relação amorosa, se apenas semelhante à dos filmes, e em detrimento da própria experiência vivida. Seus sentimentos eram, deste modo, desvalorizados, visto não corresponderem a todo o ideário amoroso que lhes permeava a mente.

É óbvio não ser este um tipo de conflito exclusivo da vida afetiva. Muitos indivíduos o vivem, por exemplo, em relação ao trabalho; apresentam comportamentos que, apesar de toda a boa avaliação social, consideram não ser a “correta” ou a “melhor” postura profissional e desvalorizam o que produzem em detrimento de uma abstrata idéia de resultado “perfeito”. Tal dificuldade também ocorre na identificação de outros sentimentos. Percebo, contudo, ser mais fácil reconhecer, por exemplo, medo ou raiva --mesmo sendo estes sentimentos considerados depreciadores do indivíduo-- do que identificar o sentimento amoroso.

Esta dificuldade e o fato de a tentativa de identificação mencionar, de forma clara, a presença de um imaginário fortemente marcado pela cultura, fizeram-me refletir sobre como alguns produtos culturais estariam espelhando e marcando o campo das relações amorosas. Por este motivo, resolvi desenvolver, no doutorado, um estudo que abordasse a “cultura amorosa”.¹

¹ Entendo que toda identificação de sentimentos provém da cultura. Como refere Geertz (1989) “para saber como nos sentimos a respeito das coisas precisamos de imagens públicas de sentimentos que apenas o ritual, o mito e a arte podem fornecer” (p.60). Eu acrescento, aí, as imagens que podem advir de todas as relações e não apenas as que se dão por estes meios citados. Porém, nem sempre temos consciência de que nossos sentimentos são identificados por estas imagens. E, no caso a que me refiro (meus clientes), esta fonte de identificação encontrava-se plenamente demarcada, o que me reforçou a idéia deste estudo.

Pensei, de início, pesquisar o relacionamento amoroso nos romances literários em geral, nos brasileiros em particular. Pensei também nas novelas de televisão e sentia-me embaraçada frente à magnitude destas áreas e das possibilidades de estudo mediante o fato de que não sou profissional das artes. Enquanto refletia, compreendi que minha busca se direcionava aos produtos culturais mais populares, de mais fácil alcance e surgiu-me então, a idéia de investigar a literatura de auto-ajuda, reconhecida publicamente por sua grande vendagem.

Basta entrar em qualquer livraria, principalmente as de grande porte (*mega stores*) para se constatar a enorme quantidade de títulos e o destaque que recebem. Em muitas delas, além de várias prateleiras destinadas ao assunto, encontram-se gôndolas de livros recém-lançados recheadas dos de auto-ajuda. São obras que abordam todo e qualquer assunto --desde como aprimorar habilidades específicas, como por exemplo, tornar-se um grande vendedor, até a descrição de terapias alternativas para a cura das mais diversas doenças, passando pelos livros de dieta, cujos diversos títulos tornam-se *best-sellers* a cada lançamento. Se estas obras têm tal destaque nas livrarias, penso ser não apenas por estratégia de vendas, mas também sinal de que são livros bem procurados.

Gauntlett (2002) mostra que, nos EUA, onde surgiram e ganharam força, os livros de auto-ajuda venderam, somente na década de 90, perto de 60 milhões de exemplares por ano, sendo que no ano de 2002 seus habitantes gastaram aproximadamente 563 milhões de dólares em tais livros (Paul, 2001). Marthe (2002), em uma reportagem sobre o sucesso desta literatura, aponta que, só no ano de 2001, as editoras norte-americanas lançaram 3500 títulos. No Brasil, segundo dados da reportagem, este mercado teve um crescimento de 700%, enquanto, no mesmo período, o mercado editorial, como um todo, obteve crescimento de 35%. No ano de 2001, atingiu a marca de 3,4 milhões de livros editados.²

² Um único autor brasileiro, Roberto Shinyashiki, obteve, até 2002, a cifra de venda de 5 milhões de exemplares de seus vários títulos de auto-ajuda, apenas no Brasil. Paulo Coelho, outro escritor brasileiro, por vezes identificado como escritor do estilo, vendeu, no mundo todo, cerca de 54 milhões de livros, até a data desta reportagem.

Considero, por isso, que a literatura de auto-ajuda direcionada à conjugalidade constitui-se num produto cultural que, da mesma forma que os romances, os filmes, as novelas de TV, não apenas reflete mas também instaura novas configurações acerca das relações de parceria. Ao serem apreciados, os modelos oferecidos instalam-se no imaginário dos indivíduos, por retratarem, como relatam os entrevistados dos estudos de Simonds (1996) e de Zimmerman, Holm, Starrels, Haddock & McGeorge (2001) “exatamente”, com enorme “perfeição”, a vivência dos leitores. Como refere Prost (2001) “O próprio imaginário é rodeado pelas imagens vindas do exterior, e os sonhos individuais tomam de empréstimo uma proporção indefinível dos fantasmas de todos. Haverá historiador que possa dizer o quanto os modos de amar devem ao cinema?” (p. 148).

Entendo que a necessidade de estudar incisivamente o processo de produção e as dinâmicas amorosas chega a mim, em minha atividade de psicóloga clínica, movendo-me não apenas a tratar, cuidar e a compreender “as subjetividades” presentes numa sessão de psicoterapia, mas também a prestar atenção aos aspectos culturais presentes nessas subjetividades, no fato de que são, elas próprias, artefatos culturais (Geertz, 1989).

Ao conceber individualidades e cultura profundamente imbricados³ --criando-se e recriando-se mutuamente e, ao vislumbrar que a conjugalidade materializada e imaginada aponta, por sua vez, para elementos da cultura, bem como para a formação destas individualidades-- baseio-me na concepção de cultura que Geertz (1989) tão lucidamente enuncia:

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se homem é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos

³ O adjetivo profundo, não se refere, aqui, a qualquer tentativa de avaliação de grau, mas sim à intensidade desta imbricação que, por oposição ao termo usado, não poderia ser jamais considerada superficial.

forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. Os padrões culturais envolvidos não são gerais, mas específicos --não apenas o 'casamento', mas um conjunto particular de noções sobre como são os homens e as mulheres (p.37).

Como elementos que participam da construção do imaginário, os produtos culturais exercem um papel pedagógico, não apenas ensinando formas de expressão das emoções mas também modelando a própria percepção delas. Por este motivo, concordo com Louro (2002) quando considera “a cultura e, mais especialmente, as múltiplas formas da cultura popular, como ‘pedagogias culturais” (p.232).

No âmbito pedagógico, a literatura de auto-ajuda é um produto que agrega ainda uma outra função no momento em que engendra formas de cuidado e tratamento para todo e qualquer problema. Ela propõe uma terapêutica que visa a ensinar ao leitor a habilidade de tratar a si próprio quando acometido por uma diversidade de males, sejam eles de que ordem for.

Antes de ter qualquer contato com a literatura de auto-ajuda, eu imaginava que toda construção amorosa em tais obras se encontraria marcada por uma específica distinção de gênero, sendo destinadas particularmente a um público feminino, porque a intuíva muito parecida com alguns artigos das revistas femininas, em que é perceptível um direcionamento a esse tipo de público. Depois, em contato com alguns estudos, confirmei que os produtos citados, como as novelas, os romances, as revistas, quando estudados em profundidade, revelam-se, via de regra, também estruturados “de e para a mulher”. Almeida (2001), em sua tese, aponta esta marca de gênero para as novelas de TV, da mesma forma que Bassanezi (2001) no estudo das revistas femininas, e Alberoni (1988) no relato de estudos sobre romances populares, como *Júlia* e *Sabrina*: referindo-se a eles como “literatura água com açúcar” ou “literatura cor-de-rosa”, pela sua identidade exclusiva com o universo feminino. Todavia, foi no trabalho de Mira (2003) que encontrei uma ampla explicitação do fato, a ponto de ter a certeza de que a literatura de auto-ajuda não fugiria a esta regra: “[o] longo caso de amor entre as mulheres e as narrativas

romântico-melodramáticas atravessa, até o momento atual, a história de todos os formatos e suportes modernos, estando presente também no desenho animado, em formas narrativas trazidas pelo videogame ou pelo computador” (p.27).

A identificação do ideário amoroso como tema pertinente apenas às mulheres muito me surpreende, pois constato, na minha prática profissional, que os homens também possuem os mesmos conflitos e as mesmas dificuldades em reconhecer o sentimento amoroso por eles igualmente ansiado.⁴

Compreendi, então, que o estudo a ser desenvolvido necessitaria desvendar como a literatura de auto-ajuda produz e reflete ideários amorosos, marcados de maneira específica por distinções de gênero e, ao fazê-lo, obtive a configuração de um relevante campo de observação neste estudo.

A produção literária delineia estilos de feminilidade diferenciados, vinculados a idéias de homens e mulheres definidos em acordo com seu sexo biológico. Foi nesta “consonância” que constatei presentes os significados e os sentidos atribuídos à diferença sexual, em que se fundamentam tanto as prescrições para a conjugalidade quanto para a individualidade. Esta literatura exemplifica claramente a conceituação de gênero de Scott (1994), para quem as diferenças entre os sexos são fundamentalmente culturais, sendo o gênero a organização social delas:

Não podemos ver a diferença sexual a não ser como função de nosso saber sobre o corpo e este saber não é ‘puro’, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos. A diferença sexual não é, portanto, a causa original da qual a organização social possa ser derivada em última instância – mas sim uma organização social variada que deve ser, ela própria, explicada (p.13).

Entretanto, nestas obras, os estilos de masculinidade e feminilidade que idealmente devem estar presentes em conjugalidades heterossexuais são considerados linearmente decorrentes do sexo biológico.

⁴ Considero a “minha amostragem de população masculina” válida para esta constatação, pois sempre trabalhei com igual número de clientes homens e mulheres, contrariando, portanto, outra idéia cultural de que a psicoterapia é uma terapêutica mais utilizada por mulheres.

Obtive esta constatação, após ter desenvolvido uma pesquisa qualitativa em que a análise do conteúdo dos textos de auto-ajuda sobre conjugalidade, visou a iluminar os diversos aspectos que configuram a relação conjugal que este produto oferece à sociedade, bem como a forma com que este mesmo produto reflete a configuração destas relações, neste início de século XXI. Procurei compreender que modelos de conjugalidade apresentam? Qual o espaço do amor nesta conjugalidade? Como a vida sexual tem lugar nas diferentes fases da relação amorosa? Como se diferenciam as relações conjugais e as relações de amizade? Como a questão de gênero se faz presente na constituição deste modelo? Para onde apontam as condutas prescritas?

O presente estudo não se constitui apenas pelo ângulo do registro da conjugalidade neste estilo literário, tão em voga. Simultaneamente, ele coloca em questão este próprio produto. E, em colocando a literatura de auto-ajuda e seu estilo como foco de atenção, não tive por intenção, na análise de tal aspecto, avaliar possíveis benefícios ou malefícios desta literatura buscando assumir uma posição moralista, visando a proteger o leitor, por considerá-lo, eventualmente, uma vítima deste produto. Acredito ter, cada leitor, várias possibilidades de atribuir significados diversos àquilo que lê e até defender-se, se este for o caso. Há estudos que comprovam como o leitor pode rejeitar conceitos que não aceita.⁵ Mas, concordo também com o que diz Barbero (1995), que não se pode chegar ao idealismo de “crer que o leitor faz o que lhe der vontade [...]”. É claro, portanto, que importa o que se lê, como é importante o que se consome” (p.55). Desta maneira, não me atenho, neste estudo, apenas ao “conteúdo” oferecido por esta literatura; exploro também os significados da “forma” que estes tomam ao serem oferecidos: Que tipos de práticas pedagógicas instalam? Qual o sentido do modelo de manual?

O resultado deste empreendimento está registrado no presente texto que se inicia por uma apresentação da literatura de auto-ajuda como um todo e não apenas do segmento conjugal analisado. Apresento, no primeiro capítulo, o panorama

⁵ Dentre alguns trabalhos (Grodin, 1995 e Simonds, 1996) sobre o uso que os leitores de auto-ajuda fazem dos livros que lêem; o de Grodin refere-se exatamente à autonomia e discernimento do leitor, no caso, leitoras.

traçado a respeito da configuração desta literatura, de forma a caracterizar suas especificidades e distingui-la de outras atividades assemelhadas. Delineei seu estilo, discorri sobre os autores e os leitores pressupostos, bem como analisei a divulgação da literatura de auto-ajuda na mídia; apontando que esta, no momento em que a divulga, torna-se, ela própria, um produto de auto-ajuda. Detive-me, além disso, em traçar sinteticamente um histórico do desenvolvimento deste produto, em diálogo, com apenas dois autores, o brasileiro Rüdiger (1996) e o norte-americano Starker (2002), cujos textos foram os únicos que encontrei para possibilitar-me tal tarefa, uma vez que ainda há pouca análise acadêmica sobre esta literatura. Considero que o alinhamento dos elementos históricos ao estilo próprio destas obras permite uma melhor compreensão da aplicação e da representatividade deste produto no que se refere ao segmento da conjugalidade, que também procurei caracterizar, antes de apresentar a análise realizada.

A literatura de auto-ajuda direcionada à conjugalidade tem, a meu ver, nos manuais de casamento do século XIX --estudados por Gay (1999 e 2000)-- seus precursores e, nas revistas femininas, sua contrapartida. Algumas semelhanças e diferenças entre todos estes produtos foram apontadas neste capítulo de forma a inserir a descrição e análise da conjugalidade configurada por esta literatura, que apresento no capítulo três.

No segundo capítulo, apresento as obras que selecionei para este estudo e como procedi à análise que me forneceu três campos de estudo: a conjugalidade, a individualidade marcada por gênero e a forma de atuação desta literatura. A individualidade, com a marca da distinção de gênero, estrutura a proposta de conjugalidade e a ação sugerida pela literatura designa-se pela específica proposta pedagógica, que ensina ao leitor como cuidar de si rumo à conjugalidade, com práticas que considero diferentes do “cuidado de si”, descrito por Foucault (1985).

A análise da conjugalidade está apresentada no capítulo três, sob a descrição de cada um dos seus correlatos. O amor, a paixão, a sedução, a conquista de parceiro/a, a sexualidade, a amizade, a coabitação e a separação são os assuntos que configuram a conjugalidade que discuto em diálogo com os mais diversos

autores que se ocupam dos muitos temas enunciados neste capítulo, em textos produzidos no século XX e neste início de século XXI.

A configuração desta conjugalidade implica, simultaneamente, uma compreensão sobre quem é ou deve ser o sujeito desta relação de parceria. Ela está proposta exatamente em benefício dos indivíduos, a favor de seu crescimento emocional e se destina a eles, de modos diferentes, alinhando-se ao fato de serem homens ou mulheres. A noção de indivíduo marcado por gênero, base e destino desta literatura corresponde a uma psicologização⁶ por ela produzida e estimulada e que apresento no capítulo quatro.

Finalizo com a apresentação de algumas considerações, reflexões e questionamentos, tecidos em torno das nuances desta conjugalidade prescrita como necessária e benéfica ao aprimoramento emocional de indivíduos que, por serem diferenciados por gênero, recebem indicações também diferentes. E por fim, apresento minhas reflexões concernentes à forma como esta literatura opera no ensejo de ensinar o leitor a se individualizar para conjugar.

Segundo Johnson (2004) há três modelos de pesquisa para os estudos culturais, ou seja, estudos baseados na produção, no texto e nas culturas vividas. Entendo este trabalho como um Estudo Cultural baseado no texto. E, transitando por várias esferas de conhecimento, compreendo ter realizado um Estudo Cultural, no sentido de que me ative a pesquisar elementos constitutivos de um produto cujo objetivo era responder, mesmo que de forma indireta, a minhas inquietações relativas às identificações dos sentimentos de cada um dos meus clientes. Trata-se, como diz Geertz (1989), “não de responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram [...] e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou” (p. 21).

⁶ Por psicologização nomearei a atitude desta literatura em colocar algumas instâncias como da ordem puramente emocional, cindindo-a de seus outros correlatos, como o físico por exemplo. Friso isto, porque o psíquico não quer dizer, não em minha acepção, distante do físico, e sim o referendo emocional de aspectos físicos ou concretamente vivenciados. O termo psicologização nesta literatura marca uma cisão corpo-mente de que a psicologia como a concebo se afasta. Nesta mesma acepção também se poderá encontrar neste texto, o termo psicologizante.

Capítulo 1 - A LITERATURA DE AUTO-AJUDA EM QUESTÃO

*“Acredite que você pode mudar
sua vida e isso se concretizará”
(Dale Carnegie –
Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas)*

Antes de abordar especificamente as obras direcionadas à conjugalidade, julgo necessário traçar um panorama a respeito de toda a literatura de auto-ajuda, pois penso somente ser possível compreender-se cada segmento desta literatura, tendo-se uma compreensão de todo seu contexto.

É importante, a meu ver, caracterizar as especificidades deste produto a fim de distingui-lo de outras atividades assemelhadas e em vigência em nossa sociedade que, por vezes, têm sido grosseiramente confundidas.

Considero também que um reconhecimento, mesmo que sintético a respeito do desenvolvimento desta literatura, possibilita associar os elementos históricos aos traços marcantes de seu estilo, de forma a compreender o cerne de aplicação e representatividade do segmento especificamente direcionado à conjugalidade. Neste, como se verá, encontra-se igualmente reproduzido o traço marcante do fomento à individualidade que é tido por característico de toda a literatura de auto-ajuda.

Desvendar os significados atribuídos ao termo auto-ajuda, parece-me de primordial importância para compreender como a literatura de auto-ajuda se situa em um marco de pensamento que tem por pressuposto que qualquer pessoa pode ajudar-se a si próprio, prescindindo de auxílios especializados.

O termo auto-ajuda encontra-se freqüentemente associado a uma específica atividade grupal. Grupos de auto-ajuda reúnem pessoas que sofrem ou sofreram um problema semelhante, por vezes, mas não apenas, de saúde. A solidariedade e os objetivos comuns aos participantes é o que os sustentam. Grupos de portadores de diabetes, que se reúnem para discutir e trocar idéias na busca de superação e/ou

aceitação das limitações que enfrentam na vida diária pela doença; grupos de pessoas vítimas ou parentes de vítimas de acidentes de qualquer natureza, que se encontram com regularidade para discutir a respeito de questões objetivas sobre eventuais processos legais, bem como para conversarem sobre seus sentimentos acerca da experiência vivida, são amostras desta atividade que se molda ao mais clássico exemplo: o grupo de dependentes de álcool que buscam livrar-se do vício; os *Alcoólicos Anônimos* (AAs). No extremo mais vanguardista e com o mesmo objetivo --o de que seus membros ajudem-se na recuperação de uma dependência-- está o grupo *Mulheres Que Amam Demais Anônimas* (M.A.D.A.).

Os grupos de AAs e os que neles são inspirados, têm por característica oferecer a todo participante um auxílio, que se processa pelo acompanhamento de doze passos específicos; os “12 passos de recuperação”. Os alcoolistas reúnem-se semanalmente, contam suas histórias de dependência, bem como relatam suas vivências na tentativa de se livrarem do vício, sempre inspirados nos “mandamentos” deste programa.

Tais grupos foram criados oficialmente em 1935, em Ohio, EUA, por um alcoolista “desenganado” e por um ex-alcoolista. O compartilhar de histórias de recuperação e superação de problemas com pessoas, as mais diversas e que foram bem sucedidas nesta tarefa, sem qualquer ajuda profissional, e o acompanhamento de passos específicos para esta recuperação, elaborados por estas mesmas pessoas (ou pelos primeiros bem-sucedidos) é a característica marcante que os distingue de outra atividade a que se encontram amplamente conectados: a psicoterapia. A atividade psicoterápica demanda a presença de um profissional graduado, enquanto os grupos de auto-ajuda o dispensam.

A designação auto-ajuda, quando alocada à literatura, faz dela um recurso que se assemelha a estas práticas grupais.¹ Identifica-se, por meio dela, um amplo conjunto de livros que visa a fornecer ao leitor variadas alternativas para a solução

¹ Os grupos que Joseph Pratt (religioso) conduzia em Boston, nas primeiras décadas do século XX, com pacientes internados com tuberculose, são considerados os precursores desta atividade de grupo de auto-ajuda, bem como da atividade de psicoterapia de grupo, esta sim, conduzida por um especialista graduado e habilitado para a tarefa. A história da psicoterapia de grupo pode ser encontrada em Wood (1987).

de seus problemas ou para o aprimoramento de suas habilidades. Ambos, a solução e o aprimoramento, podem ser postos em prática sem ajuda de profissionais, sem qualquer auxílio coletivo ou social. O objetivo é que o leitor, seguindo as prescrições oferecidas pelos autores das obras, esteja instrumentalizado para alcançar seus objetivos. No entanto, a literatura de auto-ajuda distingue-se da psicoterapia e dos grupos pelo fato de que as duas últimas atividades necessitam do contato humano, enquanto ela pretende substituí-lo.

Os livros deste estilo abrangem todo e qualquer aspecto da vida humana que necessita ser tratado, aprimorado e/ou estimulado para mudanças. Fornecem conselhos, prescrições, estratégias, sugestões, tornam-se manuais para: educar filhos (crianças e adolescentes); melhorar relacionamentos no geral; melhorar situação profissional; superar ou conviver com problemas de saúde; superar perdas; melhorar a auto-estima; aprimorar a vida pessoal; melhorar o bem-estar físico e emocional; melhorar a motivação; ganhar dinheiro e/ou gerenciá-lo bem; ganhar e/ou ampliar a qualidade de vida; encontrar parceiros amorosos; melhorar relações amorosas; facilitar separações; recomeçar relações amorosas; melhorar vida sexual, entre outros.

Os grupos,² como a literatura de auto-ajuda, baseiam-se e inspiram-se na atividade de psicoterapia. No entanto, mesmo que as três atividades possam ser vistas como parte de um atual “*Movimento de Recuperação*” (Rapping, 2001), é importante demarcar que a psicoterapia, até quando realizada individualmente, se insere num contexto grupal (grupo de dois: terapeuta e cliente). Na experiência do contato humano, com toda sua riqueza e especificidade, produzem-se elementos que são, por vezes, mais terapêuticos do que toda a técnica utilizada pelo profissional, quando não é, este mesmo contato, a própria técnica.³

² No histórico que apresento em seguida, se verá que o termo para nomear a literatura é mais antigo do que para designar esta atividade grupal.

³ A respeito deste tema, há incontáveis pesquisas. Escolho ressaltar a proposta de Carl Rogers sobre a importância da relação entre terapeuta e cliente, que se assemelha a toda a filosofia de Martin Buber, sobre o significado do encontro Eu-Tu. Vale, ainda, indicar os conceitos de transferência e contra-transferência, que estruturam todas as relações entre analista e analisando de que faz uso a atividade psicanalítica proposta por Freud, que também enfatiza a preponderância da relação humana nesta terapêutica.

Com estas clarificações, anuncio minha divergência de compreensão de alguns dos estudos⁴ com que dialogo neste trabalho, por analisarem esta literatura não a diferenciando das atividades de grupos de auto-ajuda ou tomando-na por “terapêutica”, de forma generalizada.

As três atividades mencionadas, como outras em nossas vidas, podem e devem servir para auto-ajuda, porém, quando se trata desta literatura, aborda-se a única destas atividades que é produzida com a explícita intenção de que seu consumidor se ajude a partir do texto que lê. E é exatamente por este texto que se caracteriza a propriedade do estilo auto-ajuda.

Estilo de Escrita

Via de regra, identifica-se a auto-ajuda como uma literatura, cuja redação centra-se na prescrição de normas para um bem viver. Contudo, a aceitação pura e simples desta marca, como definição plena do estilo, provoca a confrontação com obras que têm neste aspecto a sua característica de escrita; como a Bíblia Sagrada e muitas obras de filosofia, todas elas repletas de prescrições.

A filosofia, desde os gregos, tem-se ocupado em responder como o homem pode viver bem. São inúmeros os exemplos, mas basta apontar para o conceito de “boa vida” que Aristóteles concebeu e desenvolveu em seus textos. A filosofia contemporânea continua mantendo a mesma preocupação. Os filósofos e pensadores atuais têm escrito livros, por exemplo, sobre felicidade, serenidade, ócio, preguiça, etc. Seriam, então, seus livros, também literatura de auto-ajuda? Sim, de acordo com Oricchio (2003), em matéria no jornal *O Estado de São Paulo*, sobre os livros recém-lançados no Brasil --de Norberto Bobbio, *Elogio da Serenidade*; de Bertrand Russell, *A Conquista da Felicidade* e *O Direito à Preguiça* de Paul Lafargue.

⁴ O estudo de Hazieden (2003) é um deles e o de Rüdiger (1996) é outro.

Estes seriam livros de auto-ajuda, porém “de luxo”, visto serem escritos por autores “consagrados” em áreas acadêmicas.

Também em consideração, às prescrições, como marca da literatura de auto-ajuda, o escritor brasileiro Paulo Coelho --identificado popularmente e por estudiosos do tema,⁵ como autor do estilo-- disse, recentemente, ser este o aspecto que leva em consideração para não se definir, de forma alguma, como escritor de livros de auto-ajuda.⁶ Em seus livros, não fornece conselhos, sugestões, em suma, prescrições de vida.

É nas palavras de uma autora brasileira --também considerada escritora de auto-ajuda e profundamente discordante desta classificação-- que encontro a melhor diferenciação entre obras que tratam de um bem viver e esta literatura. Lya Luft refere, em recente reportagem que, enquanto os autores de auto-ajuda pretendem ensinar as pessoas a serem felizes, ela estimula seus leitores a pensar; frisa ainda. que emite opiniões e não conselhos.⁷

Compreendo, desta forma, que a literatura produzida por Lya e a que foi e continua sendo escrita por filósofos, intencionam possibilitar ao leitor uma reflexão sobre a vida e não ensiná-lo a manejá-la, não são obras de auto-ajuda. Centra-se na intenção do autor, espelhada em seu estilo de escrita e não em sua qualificação, nem tampouco na avaliação que faz de sua obra; a constituição do estilo de seu produto. Se pretender ensinar e se concretizar esta intenção com a redação de passos a serem seguidos, de regras para o bem viver, com certeza estará produzindo literatura de auto-ajuda. É o estilo prescritivo que, portanto, define esta literatura, porém, não ao estilo da Bíblia Sagrada, nem ao menos ao de Aristóteles. Nas palavras de Rüdiger (1996):

A literatura de auto-ajuda caracteriza-se textualmente pelo discurso prescritivo, tendo como principal objetivo propor regras de conduta e fornecer conselhos. Os livros que compõem seu acervo constituem manuais para serem empregados, e não para exporem uma doutrina; constituem textos técnicos,

⁵ Neiva (2000) é o autor que refere Paulo Coelho como escritor de auto-ajuda.

⁶ No programa de televisão, *Roda-Viva*, do canal aberto, *TV Cultura*, exibido em 21/04/2003.

⁷ Matéria da Revista *Veja* de 03/04/2004.

que são consumidos para serem objeto de aplicação prática por parte do leitor (p.21).

Ainda sobre o uso de prescrições, Starker (2002) aponta a possibilidade de estas serem analisadas pela graduação com que são expressas, isto é, num mesmo livro pode-se encontrar de textos prescritivos a descritivos. Por considerar os dois estilos, pólos opostos de uma mesma escala, entende que a maior parte dos livros de auto-ajuda encontra-se no pólo prescritivo, uma vez que se apresentam de forma a fornecer regras autoritárias de comportamento, do tipo “faça isto e obtenha aquilo”. Entretanto, no outro pólo, o descritivo, há uma ênfase educativa, discorrendo a respeito do que pode ser feito, o que deixa o leitor livre para escolher entre as alternativas sugeridas. A meu ver, as obras que assim se apresentam, seriam mais bem consideradas como terapêutico-pedagógicas.

Giddens (1993) designou-as como obras terapêuticas. Ele as compreende, como aos manuais de auto-ajuda, livros de caráter prático, que estariam refletindo, bem como construindo, a reflexividade da sociedade moderna. À nomenclatura dada por ele, eu acrescento, aqui, o termo pedagógico. Deste modo, obras terapêutico-pedagógicas são aquelas dirigidas ao grande público, visando à divulgação de conhecimentos, antes restritos às ciências específicas. Contudo, eu as considero portadoras de intenção pedagógica, uma vez que objetivam, com os conhecimentos que divulgam, tratar diversos aspectos da vida dos leitores por meio da instrução e do estímulo à construção de novas condutas de vida e não apenas apresentar resultados de estudos acadêmicos ou mesmo descrever como estes se dão, como o fazem as obras “científicas”. Os conhecimentos delineados em obras terapêutico-pedagógicas, entretanto, são tratados de forma mais aprofundada do que nos manuais de auto-ajuda. As novas condutas, os novos comportamentos esperados por parte dos leitores seriam apenas possibilidades que deveriam surgir após o confronto e a reflexão com os próprios conhecimentos em face daqueles que se apresentam nestes livros. A intenção pedagógica se expressaria apenas de forma implícita, enquanto que nos manuais de auto-ajuda, encontra-se, explicitamente detalhada, dirigindo o leitor para a adoção de novos comportamentos, delineados passo-a-passo.

Nos livros escolhidos para este trabalho, constatei, além das prescrições, o uso freqüente de narrativas. Estas são igualmente reconhecidas como singulares ao estilo literário nas análises de Rüdiger (1996) e Starker (2002). O uso de narrativas, sob a forma de histórias de vida do próprio autor ou de seus supostos conhecidos e/ou clientes, serve para mostrar como o sujeito/personagem descobriu seu potencial, como o empregou para superar suas dificuldades individuais. Narra-se, enfim, sua trajetória de mudança que o transformou numa nova pessoa. Segundo Starker (2002), é através destas narrativas que os autores justificam seus argumentos e conselhos. Todavia, se estes relatos são verdadeiros ou propositalmente construídos, é algo que se pode questionar até porque tais registros denotam uma grande facilidade na solução de problemas complexos, que foram rapidamente resolvidos com a ajuda que o autor oferece no texto (Simonds, 1996).

As narrativas podem ser também pensadas como estratégia de intimidade com o leitor, como propõe Gay (1999 b) após a análise de romances narrados por um “Eu”: “a voz na primeira pessoa tem algo de intimidade ao relatar de sua perspectiva a história que se desenrola, o narrador se abre para compartilhar o tipo de confidência que se espera, de um amigo, numa atmosfera confessional” (p.264). No entanto, estas narrativas, quando referidas a história de vida, quer dos autores, quer de outras pessoas, não tornam estes livros biografias, pois o relato se concentra em algumas experiências de vida que “servem de exemplo” ao leitor, caracterizando o texto pela explícita intenção pedagógica.

A respeito do estilo de escrita, convém descrever as peculiaridades da linguagem utilizada. Afirma Marthe (2002) que bons livros de auto-ajuda são aqueles cujos autores “resumem em linguagem acessível, teorias complexas” e “sintetizam em uma boa metáfora, o sentimento que a maioria das pessoas não conseguem articular” (p.116).

Para Peale, ele próprio autor de auto-ajuda de grande sucesso nos anos de 1950, estes livros deveriam ser escritos em linguagem simples e sob a forma de história de jornal: no primeiro parágrafo, os fatos básicos; nos seguintes, a ampliação da história escrita com “toque humano” (in Rüdiger, 1996).

A melhor descrição desta linguagem é a que encontrei em um artigo do jornal *Writing!* (abril de 2003).⁸ Eftekhar, autor da matéria, traça uma consideração sobre livros de auto-ajuda pelo quanto eles podem ensinar o leitor a escrever: “Talvez, estes livros e outros possam ajudar a melhorar sua vida. Certamente, eles podem ajudá-lo como escritor”.⁹ De forma irônica, ele utiliza, o estilo da auto-ajuda para resumir, ensinar e estimular seu leitor a tornar-se um bom escritor do estilo. Dos aspectos que ele sumariza como “lições de escrita da auto-ajuda”, a linguagem desta literatura fica caracterizada por expor:

- claramente o assunto tratado, bem como o motivo da redação da obra e o leitor pretendido;
- a promessa de um benefício, que o leitor venha acreditar que receberá;
- relatos de momentos embaraçosos por que tenha passado o autor, bem como o caminho por ele utilizado na superação dos obstáculos.

Temas complexos são apresentados, de forma a se dividirem em temas menores, com seus pontos principais sumarizados, apresentados em seqüência lógica e freqüentemente repetidos. Os capítulos têm, no máximo três, páginas e, em cada uma delas, frases sintetizando a idéia do autor que, em muitos exemplares, aparecem em negrito ou em meio a ilustrações, recebendo destaque gráfico especial, de forma a se sobressaírem. Os conselhos são unificados. O leitor é envolvido no texto pelas perguntas que lhe são colocadas. Em algumas obras, ele deve responder questionários e testes que precedem a exposição do tema.

Todo este cuidado de escrita, com uma sintética redação de conceituações, narrativas e prescrições cuja intenção é a (re) educação do leitor, faz pensar a respeito da motivação daqueles que são ou que se tornam escritores, em compartilhar com inúmeras e desconhecidas pessoas suas experiências pessoais e profissionais, freqüentemente as de sucesso, de forma a oferecer conselhos, truques e instrumentos para que o leitor seja, ele também, bem sucedido.

⁸ Artigo obtido no www.portaldapesquisa.com.br.

⁹ Os livros a que se refere são os de autoria de Stephen Covey, que têm sido publicados em série: *Os Sete Hábitos Das Pessoas Altamente Eficazes* e *Os Sete Hábitos Das Famílias Altamente Eficazes...*

Autores

Starker (2002) apresenta, no livro em que analisa a literatura de auto-ajuda, a história de dois autores exemplificando os diversos tipos de motivação que os podem levar a produzir estas obras. Mary Stopes escreveu um livro sobre problemas sexuais, porque teria permanecido virgem durante seu primeiro casamento. Como "pagou um alto preço por sua ignorância sexual", resolveu colocar o conhecimento adquirido com este sofrimento a serviço da humanidade. Gayelard Hauser, autor de *Eat and Grow Beautiful* [Coma e Torne-se Belo] de 1936, era doente crônico e não encontrava cura na medicina tradicional. Quando a encontrou numa terapia esotérica não apenas se curou, como resolveu aprendê-la e divulgá-la. Dawley é outro exemplo de escritor que se apresenta como alguém que, quando jovem, "era tímido, não assertivo e fóbico" e que, ao ler Dale Carnegie e Andrew Salter, tornou-se mais assertivo e mais confiante.¹⁰

Outros autores demonstram por motivação o desejo de compartilhar as técnicas de sucesso que utilizam em suas profissões. São muitas vezes, psicólogos, médicos, educadores, economistas que resolvem divulgar seus conhecimentos que, até então, se restringiam àqueles que os procuravam. Por meio de narrativas de suas próprias histórias ou da de clientes, amigos, conhecidos; compartilham seus conhecimentos com um público maior, "colocam-nas a serviço da humanidade", e tentam, deste modo, obter um novo sucesso: serem bem sucedidos em ajudar outros a superarem seus problemas.

Muitas outras intenções podem, ainda, estar em jogo. Gay (1999), alerta ser uma tarefa muito difícil distinguir a "real" motivação dos autores ao elaborar um produto que ocupa um lugar de tantas características mercadológicas. Após ter estudado manuais de casamento no século XIX, e ao defrontar-se com quanto os autores minimizavam a sexualidade feminina, ponderou como sendo possíveis explicações, fatores como o medo que os escritores sentiam dos fatos, o desejo de

¹⁰ No site <http://www.selfhelpbooks.com./company1.asp> (03/03/03).

obter notoriedade (e por isto igualavam-se ao pensamento da época), ou ainda, motivos inconscientes e impossíveis de serem acessados.

A compreensão no tocante às motivações dos escritores bem como suas intenções podem ser também perscrutadas no amplo espectro de cuidados para com a qualidade dos conselhos e prescrições oferecidos. É neste sentido que me parece ser dirigida a conduta dos editores ao estamparem nas capas ou contra-capas das obras as credenciais profissionais dos autores. Estas podem ser divulgadas a título de apresentação, a fim de possibilitar que o leitor identifique se é um profissional transmitindo seus conhecimentos, se é um leigo contando sua história, ou uma pista sobre qualquer outra motivação do autor. Elas podem, concomitantemente, ocupar o lugar de “estratégia” de venda, uma vez que contribuem, certamente, para maior credibilidade da obra e o conseqüente aumento da vendagem. Assim, uma editora que divulga o autor do livro como doutor, professor, especialista, isto é, oriundo da academia, está, sem dúvida, não apenas valorando a obra e oferecendo uma característica a mais a ser ponderada na compra de um produto imerso em vasto mercado, como também pode estar usando estes títulos como força de *marketing*, pois conforme refere Gay (1999) --acerca da autoria de livros que, a partir de 1820, endereçavam-se aos jovens prestes a se casar-- “Nessas obras, muitos médicos (e seus imitadores, os clérigos) exploravam seus títulos acadêmicos para vender a varejo superstições populares” (p.123). Ao que tudo indica, a referência à titulação do autor pode ou não conferir qualidade à obra.

A reflexão a respeito de quem é o autor de um livro de auto-ajuda, por que o escreve e como o faz é uma conduta que tem sido mais freqüente mediante o crescimento deste mercado literário. Algumas matérias recentes, veiculadas em jornais e revistas¹¹ têm feito uma análise crítica desta literatura, tendo por objetivo ajudar o leitor a se “auto-ajudar” na escolha de um destes livros.

O mote destas reportagens centra-se na pouca qualidade das obras ou no fato de os leitores estarem perdidos face à sua diversidade. Yuri (2004) e Biderman (2004), autoras de duas destas matérias, ouviram os conselhos de profissionais de

¹¹ revista *Veja*, 31/03/2004; jornal *Folha de São Paulo*, 08/08/2004; revista da *Folha*, 06/05/2004 e 26/09/2004.

diversas áreas a respeito de que aspectos o leitor deveria considerar na compra do livro. Grande parte deles refere a atenção às credenciais dos autores. Indicam, entretanto, que o leitor tome cuidado com livros que apresentam uma única fórmula para a solução do problema e com aqueles que excedem no uso de superlativos e adjetivos.

Do meu ponto de vista, estas matérias constituem um importante movimento de alerta ao leitor quanto a um produto que pode ser adquirido indiscriminadamente e lhe ser, portanto, maléfico. Porém, alguns dos conselhos oferecidos são pífios, pois se esquecem de que os leitores são, em grande parte, leigos, no assunto que buscam. Como pode um leitor, no caso da literatura estrangeira (e também a nacional) avaliar, por exemplo, credenciais dos autores e das academias de que provêm?

Uma forma de alerta mais apropriada, a meu ver, é a decorrente da análise de conteúdo das obras, como a que é desenvolvida por Zimmerman, Holm, & Starrels (2001 a) e Zimmerman, Holm, & Haddock (2001 b), cujos artigos analisam obras de auto-ajuda, dentre elas, *Homens são de Marte e Mulheres são de Vênus*. Estes pesquisadores propõem-se a alertar, principalmente aos psicoterapeutas que freqüentemente recomendam a seus clientes este tipo de livro, como complemento da psicoterapia, o quanto eles promovem construções de gênero que depreciam a mulher.

Todo este movimento de reflexões e atenção para com o produto mostra a importância e o cuidado para com aquele que se considera ser o suposto leitor da literatura de auto-ajuda, seu consumidor.

Leitores

Vários questionamentos a respeito de quem são as pessoas que lêem estes livros, e por que o fazem, têm sido respondidos por estudos recentes.

Em termos quantitativos, na atual realidade brasileira --segundo dados de pesquisa de mercado sobre o perfil do leitor brasileiro-- os leitores de auto-ajuda são, em sua maioria, mulheres com mais de quarenta anos de idade, de escolaridade média, e pertencentes às classes B e C.¹² Nos EUA, o mesmo ocorre, pois elas são as grandes consumidoras desta literatura, além de serem muitas vezes consideradas destinatárias das obras.¹³

Dos estudos em que elas foram entrevistadas, constata-se que são vários os motivos alegados para a leitura destas obras. Dentre eles: afirmar seus sentimentos, superar alienação, usar a autoridade da literatura para legitimar suas dores emocionais, ter companhia, obter inspiração e/ou conforto, receber explicações de situações não compreendidas ou simplesmente porque os livros estão aí e podem preencher o tempo e o espaço, da mesma forma que se liga a TV para a casa ficar menos vazia (Simonds, 1996).

Gauntlett (2002) constatou, no entanto, após entrevistar autores e donos de livrarias, que os homens vêm comprando cada vez mais livros de auto-ajuda --apesar do número menor de obras, especificamente voltadas para o público masculino, e da diversidade de assuntos, também menor que nas obras para o público feminino. A conclusão dele é a de que um grande número de homens está mudando as tradições e utilizando uma abordagem psicológica mais direta para seus problemas, escolhendo os conselhos dos livros de auto-ajuda.

Ele ressalta ainda que, mesmo que se veja esta literatura como direcionada ao público feminino, muitos dos *best-sellers* não são dirigidos para um sexo específico. São escritos tanto para os homens como para as mulheres. O que é por ele

¹² São dados sobre o perfil do leitor brasileiro, apresentado na matéria de Marthe (2002), obtidos a partir de uma pesquisa sobre hábitos de leitura realizada por entidades do mercado editorial. As mulheres somam 55% de leitores, e os homens 45%. Os leitores de mais de 40 anos são 40%, 27% têm entre 30 e 39 anos, 19% estão entre 20 e 29 anos de idade e 14% têm de 14 a 19 anos. Com escolaridade de nível médio, encontram-se 39% dos leitores, 30% tem nível superior, 25% cursaram de 5ª a 8ª série e 6% têm apenas de 1ª a 4ª séries. Quanto à classe social: 34% são de classe B e igual percentual de classe C; 16% são da classe A e outros 16% são de classes D e E.

¹³ A mulher é citada como grande consumidora de auto-ajuda por Simonds (1996), Ebben (1995), De Francisco (1995) e Grodin (1995).

considerado algo positivo, visto que a idéia de que homens e mulheres precisam de conselhos diferentes, contradiz a regra moderna de que cada um --independente do sexo-- pode transformar-se naquilo que deseja; aceção tão tipicamente expressa pela literatura de auto-ajuda.

Mudar a vida, vencer os problemas, obter a felicidade, sem dúvida, são os motivos que levam os leitores a comprar estes livros. Mesmo que eventualmente se decepcionem com alguns exemplares, voltam a adquirir outros, conforme Starker (2002), estimulados pelo movimento contínuo em busca de respostas, conforto, cura e a busca pelo segredo da felicidade.

Outra fonte de prazer fornecida por estes livros reside no fato de que muitos deles chamam, em certa medida, o indivíduo a ser algo mais que uma simples criatura de probabilidades sujeita a influências externas. Para Rüdiger (1996), os livros de auto-ajuda oferecem uma opção para que o leitor passe a dirigir sua própria vida ao invés de continuar a ser dirigido por ela, mostrando-lhes que, para tanto, basta descobrir o que lhes vai pelo interior; sua própria força. Talvez aqui resida o sucesso desta literatura, pois “o fato de se dizer” ao leitor que ele pode ser mais do que tem sido, com certeza provoca-lhe um efeito instantâneo de euforia e otimismo, além de aumentar a auto-estima dos fragilizados e deprimidos, como relatam Ruggiero (1999) e Starker (2002). Aliás, esta é a mensagem que a foto da reportagem de Marthe (2002) sobre auto-ajuda, retrata: o movimento de uma mulher que, se levantando da cama, com aspecto depressivo, vai se tornando cada vez mais sorridente e animada.

O leitor de auto-ajuda, como caracterizado pelos analistas da literatura, é aquele que acredita ou quer acreditar em seu poder pessoal a fim de aprimorar sua condição de vida. Para Amiel (1993), esta é uma crença pertinente e proveniente da cultura dos EUA que, “mais do que em qualquer outra sociedade na história de que se tenha conhecimento, tem uma hierarquia determinada por nossas próprias ações e qualidades”,¹⁴ que, segundo ela pode estar disseminando-se pelo mundo, tornando

¹⁴ Retirado de <http://www.portaldapesquisa.com.br>

leitores de outros países sedentos de conselhos a fim de serem também *self-made-man*, como os norte-americanos.

Existem, ainda, outras explicações sobre as motivações dos leitores de auto-ajuda que se centram em torno do desejo de mudar a si próprio¹⁵ e que por sua vez se coadunam ao interesse daqueles que buscam, nesta literatura, a substituição da psicoterapia, de forma a obter uma ajuda mais acessível financeiramente e menos estigmatizada socialmente.

Constato, nos estudos sobre esta literatura, a concepção de que ela, por seu formato, acaba sendo considerada não uma literatura, mas sim “remédio” sob a forma de palavras.¹⁶ Considero, porém, que isto deva ser refletido também por aqueles que têm a “autoridade” do conhecimento literário para fazê-lo, uma vez que se pode considerar igualmente a leitura de auto-ajuda como a de qualquer outro estilo literário.¹⁷

A leitura, como refere Chartier (1991, p.122) contribui “para modificar a idéia que o homem tem de si mesmo e de sua relação com os outros” ou, como coloca Edmundson¹⁸ é a segunda chance que a vida oferece para nosso crescimento pessoal”. A autotransformação a que estes autores se referem visa a ampliar a autonomia de cada leitor, permitindo-lhe desenvolver idéias próprias e alcançar a maturidade; desta forma, toda literatura seria, por si, terapêutica ao leitor. Entretanto, no caso da leitura de auto-ajuda, o benefício explícito que se poderia obter; o de ter mais *insights* para a promoção de mudanças que tragam mais qualidade de vida, exige, segundo Ruggiero (1999), certa estrutura de personalidade e um estado

¹⁵ Cox (2002)

¹⁶ Veja Rüdiger (1996) que diz ser este um produto que apenas compartilha o nome de literatura.

¹⁷ O programa *Metrópolis* da TV Cultura, de 19/01/04 numa edição especial sobre literatura, exibiu uma entrevista com Ligia Fagundes Telles, na qual lhe mostraram imagens de cenas feitas no metrô de São Paulo com muitos passageiros que liam durante o trajeto. A maioria, quando indagada, referia ler um título de auto-ajuda. Quando o entrevistador pediu a opinião de Ligia, ela, profundamente emocionada por ver tantos lendo no metrô, disse sempre ter apreciado esta cena em suas viagens por outros países; desta forma, não importava o que liam, eles liam!

¹⁸ Mark Edmundson autor de *Why Read* [Por que ler] ainda não lançado no Brasil e citado na Revista *Veja* – http://veja.abril.uol.com.br/250804/p_092.html.

razoável de maturidade e independência por parte de seu público.¹⁹ Isto por parte daqueles que colocam em ação as técnicas sugeridas, pois, para ela, como para Starker (2002), há leitores que nem seguem as sugestões, beneficiam-se apenas com a leitura em si; ou, como diz Barbero (1995), constituem-se em leitores nômades, que vão “lendo ao mesmo tempo vários textos e, a partir deles, construindo outro texto” (p.64).

Não se pode esquecer, também, que muitos leitores podem estar lendo pelo simples “modismo” de ler auto-ajuda; porque muitos o fazem, porque estas obras têm sido muito divulgadas, estão na mídia, ou por serem recomendadas por profissionais, ou até simplesmente pelo mero desejo de ser um leitor

Divulgação

Diferentemente de outras formas de literatura, a auto-ajuda apresenta uma forte ligação com o *marketing* e com outras mídias. Com o objetivo de comercialização destes livros, recorre-se a várias formas de divulgação, quase todas, utilizadas desde o começo do século XX. Algumas mídias, inclusive, faziam parte da vida profissional de certos autores, antes mesmo de terem escrito seus livros. Uma das primeiras formas de divulgação utilizadas e que ainda se encontra em voga, são as palestras que eles proferem sobre as obras. Elas parecem ser bem mais freqüentes quando se trata de livros com temas direcionados à carreira profissional, ao sucesso na área empresarial, e também na educacional.²⁰

¹⁹ De minha experiência profissional, percebo que estes livros propiciam *insight* àquelas pessoas que realmente desejam mudar suas vidas, que se encontram dispostas a estas, e emocionalmente “liberadas” para tanto. Isto é, àquelas que já se confrontaram com a análise e reflexão mais aprofundada de suas dificuldades (o que pode ter sido obtido não apenas por meio de um processo psicoterápico).

²⁰ Do Brasil, é possível citar como exemplos, Roberto Shinyashiki e Nuno Cobra, na área empresarial e Içami Tiba na educação, que proferem inumeráveis palestras de grandes platéias por todo o país (Marthe, 2002).

Os programas de rádio, considerados outra fonte de *marketing*, também faziam parte da vida de alguns autores da auto-ajuda, na década de 1950, mesmo antes de eles escreverem seus livros, e continuaram fazendo depois, como forma de divulgação de seus trabalhos.²¹

Outro meio que apóia, em muito, e divulga a literatura de auto-ajuda é a parte da mídia impressa, formada basicamente pelas revistas e, dentre estas, com especial destaque àquelas voltadas ao público feminino. Estas, compreendo que realizam o papel de *marketing* destes livros, sob três formas diferentes: (a) quando divulgam os livros em pequenas notas (em seções específicas sobre livros, ou em seções de bem-estar, saúde, emoção, etc); (b) quando produzem matérias, cujos temas são baseados em livros específicos, ou quando estas se desenvolvem a partir de entrevistas com o autor de um título de auto-ajuda; e (c) quando apresentam matérias sem quaisquer ligação ou menção às obras, mas sendo elas próprias textos de auto-ajuda. Acredito que, neste terceiro aspecto, o *marketing* que está em operação é de um tipo indireto, visto não se mencionar um único título de livro em particular. É um *marketing* de toda uma cultura --literária-- de auto-ajuda. As revistas, ao produzirem estas matérias, estimulam os leitores a procurar novos textos, principalmente quando acabam por abordar temas que “coincidentalmente” estão sendo tratados, no mesmo momento, por outras mídias.

Coincidência talvez não seja a melhor expressão pois, como revela Prost (2001), a rede de comunicação na mídia é tal que todos, sem acordo prévio, interessam-se pelos mesmos assuntos, ao mesmo tempo, e expressam as mesmas opiniões. Para ele, este fenômeno centra-se no fato de que tais veículos de comunicação (e não apenas os impressos), optam por ser, meios de comunicação e não de informação, atividades que ele entende distintas:

A informação apresentava as questões públicas como tais, em sua generalidade e exterioridade. A comunicação quer que todos partilhem pessoalmente: ela aborda os problemas gerais através de exemplos

²¹ O rádio ainda tem esta mesma função. Na *Radio CBN*, Heródoto Barbeiro entrevista aos sábados pela manhã, autores do segmento empresarial deste estilo literário.

particulares que possam despertar identificação, dramatizando e apelando aos sentimentos. Ela pretende que o acontecimento seja 'diretamente vivido', como se o espectador fosse um ator (p.148 e 149).

Duas outras mídias, a TV e a Internet, têm desenvolvido também o fenômeno da auto-ajuda, desde o final do século XX, a partir da década de 1990. Dos eventos de TV, alguns produzem resultados bem interessantes em termos de propaganda. Os programas de entrevistas realizados com os autores destes livros acabam apresentando-os como um misto de estrela e especialista, e estes, por sua vez, findam por utilizar as participações nestes programas, como forma de divulgação de seus trabalhos.²² Desenha-se, deste modo, um círculo vicioso de *marketing*.

Outra forma de divulgação, freqüente nos EUA, se mostra em uma série de shows, filmes e seriados, apresentados por um canal de TV, especialmente sobre o tema/título do livro *Homens São De Marte, Mulheres São De Vênus*. Aliás, este livro tornou-se um tipo de *franchising*, que melhor representa a conexão auto-ajuda, versus mídia, versus consumo de massa, uma vez que se reproduziu em vários produtos, como: fitas cassete, CDs, vídeos, programas de computador, programa de rádio e TV. Marca a dependência da --ou o estímulo à-- cultura capitalista, levantado por Rüdiger (1996).

No sentido inverso, acabam de ser lançados nos EUA e no Brasil, dois livros produzidos após o sucesso de séries de TV americana. O primeiro foi lançado em decorrência de um seriado em que cinco homens gays dão dicas para os homens heterossexuais sobre gastronomia, aparência, decoração, moda e cultura.²³ O segundo é proveniente da série *Sex and the City*. Dois de seus roteiristas resolveram escrever um livro para mulheres a fim de lhes mostrar o quanto desculpam ou

²² Eduardo Nunes, autor do livro nacional, *Os Homens São De Morte E As Mulheres Não Ficam Por Menos*, se apresenta na contra-capa do livro, como alguém que está "constantemente na mídia", sempre que o assunto requeira a opinião de um especialista em relações homem-mulher.

²³ Allen, T., Douglas, K., Filicia, T., Kresley, C. & Rodríguez, J. (2004) . *The queer eye for the straight guy*. (Tradução Lizandra M. de Almeida). São Paulo: Arx. (A edição brasileira tem o mesmo título do original).

buscam explicações “esfarrapadas” para justificar comportamentos de homens que, na verdade, não estão interessados nelas.²⁴

Por fim, a mídia mais recente é também uma das mais continentais para a literatura de auto-ajuda. A Internet hospeda páginas específicas de livros e/ou de autores de auto-ajuda. *Homens são de Marte e Mulheres são de Vênus* pode ser encontrado em www.marsvenus.com. No Brasil, Nunes (2002), autor de um dos livros deste estudo, também tem seu sítio: www.seduzir.com.br. Sem falar das páginas que se anunciam como especificamente voltadas para o tema da qualidade de vida na web, oferecendo artigos de auto-ajuda e entrevistas com autores, como por exemplo, o Vya Estelar, em www.uol.com.br/vyaestelar.

Breve Histórico

Neste início de século XXI, quando se menciona a literatura de auto-ajuda, entre pessoas com mais de 30 anos de idade --que de alguma forma têm ou tiveram contato com estes livros, mesmo que distanciadamente-- é freqüente que lhes venha à mente o *best seller* de Dale Carnegie, *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, lançado em 1936 e à venda até hoje. Muitos o identificam, erroneamente, como a primeira obra de auto-ajuda.

O primeiro livro do estilo foi lançado na Inglaterra, em 1859, escrito por Samuel Smiles, tem por título, *Self-Help* [Auto-ajuda]. Assim como a obra de Carnegie, ainda se encontra à venda.²⁵ A obra de Smiles é fruto de uma crença que começou a ganhar peso no século XIX, o que se pretendia fosse amplamente

²⁴ Tuccillo, L. & Behrendt, G. (2004). *He's just not that into you*. New York: Simon & Schuster. Esta obra tem lançamento previsto para 2005 no Brasil, pela editora Rocco.

²⁵ Este livro é considerado o pioneiro na literatura de auto-ajuda, tanto por Rüdiger (1996) na genealogia que desenvolve para este fenômeno, como pela editora da Universidade de Oxford que, na resenha para o livro, apresentada no site de sua livraria, menciona-o como “o precursor da atual literatura motivacional e de auto-ajuda”. <http://www.oup-usa.org/isbn/0192801767.html>.

divulgado: os homens seriam agentes de seu próprio bem-estar e de êxito no mundo, êxito este obtido, não pela satisfação dos seus desejos, mas pelo cumprimento dos deveres, pela parcimônia, pela força de vontade e pelo cultivo de bons hábitos. O trabalho, para Smiles, é o que tornaria o homem valoroso.

Embora este primeiro livro seja originário da Inglaterra, os EUA são considerados o país fomentador desta literatura. Starker (2002) e Rüdiger (1996) localizam as raízes da literatura de auto-ajuda na tradição e nos valores do Protestantismo que lá se desenvolveu.²⁶ De acordo com Starker (2002), nos EUA, as pessoas acreditavam, na época, ter direitos naturais endossados por Deus, pois as novas formas de Protestantismo, que substituíram as idéias Calvinistas, ofereciam-lhes uma visão mais favorável da humanidade. Para eles, cada indivíduo teria liberdade de desejos e poderia usar o endosso de Deus para melhorar sua vida e, quiçá, o mundo.

Para estes dois analistas da literatura, os líderes do Puritanismo foram precursores na produção de livros para o ensino da prática da devoção a Deus, no século XVII, com a publicação da obra *The Practice of Piety* [A Prática Da Piedade] em 1611, escrita pelo Bispo Bayly. Acreditava-se, então, que esta devoção -- demonstrada por meio de uma vida de trabalho a ser realizado com dedicação e comprometimento e aplicada por pessoas parcimoniosas, que deveriam considerar a ambição pessoal um grande pecado-- seria retribuída com muitas graças.

Por ser o ideal vigente, na segunda metade do século XIX o de *self-made-man*, o homem que se faz por si próprio vence obstáculos e, mesmo que de origem humilde, chega ao sucesso se cultiva sua ambição e se sabe galgar os degraus da mobilidade social, a literatura de auto-ajuda começa a desenvolver, segundo eles, um receituário de práticas e condutas a serem exercidas pelo leitor sobre si próprio a fim de obter, em decorrência, o benefício almejado. Antes, a graça divina da qual se

²⁶ Eles são os dois autores que traçam um histórico do fenômeno. Rüdiger (1996) analisa a evolução desta literatura num paralelo direto com o fomento ao individualismo que ele considera característico da modernidade. Starker (2000) traça iguais conexões, porém com intensidade diferente. Trabalho com estes autores, por serem os únicos que encontrei registrando a evolução da literatura de auto-ajuda e também porque a conexão da literatura de auto-ajuda com a individualidade se faz presente em meu estudo, como se verá no decorrer do texto.

acreditava merecedor; agora, o *status* social que também lhe é merecido em função de seu esforço, empenho e de condutas corretas.

No final do século XIX, com o objetivo de melhor instrumentalizar o indivíduo neste direcionamento de sucesso, a literatura de auto-ajuda reinterpreta alguns conceitos mentalistas surgidos em meio à expansão das religiões *mind-cure*; terapia e cura através da mente que, para Rüdiger (1996), foi um movimento terapêutico marcante para tal literatura. Conforme ele, retomaram-se diversas práticas baseadas na técnica de sugestão, elaboradas nesta terapêutica, que se acreditava fariam a correção do pensamento do indivíduo, a fim de preveni-lo de doenças. O uso do poder da mente, difundido na literatura de auto-ajuda sob a sugestão de exercícios de mentalização, foi, contudo, propagado como um meio para o indivíduo atingir, não apenas uma saúde perfeita, como também um bem viver consigo próprio, além de *status* social.

Esta proposta que se revestiu de cientificismo já que, na época, fazia parte de uma nova psicologia, quando antes havia sido técnica de bruxos e magos, tornou-se fenômeno popular de auto-ajuda e recebeu o nome de *Novo Pensamento* sendo consumida em grande parte pela classe média (Rüdiger, 1996). O resgate e o desenvolvimento do aspecto espiritual que o movimento proclamava, não estava ligado a uma religião específica, embora até fossem concebidos como um movimento religioso, pois pregava a obediência ao deus do Poder Supremo da Inteligência Infinita, que habitaria cada um dos seres humanos. Todavia, Rüdiger (1996) ressalta que a maioria das pessoas desejava, com estes ensinamentos, muito mais subir na escala social do que comungar com a Mente Infinita.

Na análise de Starker (2002), após a I Guerra Mundial, o culto ao *Novo Pensamento* foi substituído pelo culto à ciência. A saúde, por exemplo, deixa de ser assunto de reeducação espiritual para ser matéria de diagnóstico e tratamento, fazendo com que esta literatura começasse a resgatar, especificamente, da psicologia --mas não apenas desta área de conhecimento-- grande parte dos conceitos em que se fundamenta. Esta ciência, bem como a psiquiatria, começava a prosperar e a causar impacto na sociedade, a ponto de serem publicados inúmeros

livros no período entre 1919 e 1928, que a incluíam como título.²⁷ Conceitos da Psicanálise e do Behaviorismo encontravam-se “traduzidos” em obras que conviviam com as do *Novo Pensamento* que ainda eram publicadas.²⁸

Compreendo, a partir desta análise, que a literatura de auto-ajuda tem por base tanto valores religiosos como a crença no poder pessoal e no poder da mente. Trata-se de pressupostos que mais do que se substituírem uns aos outros, foram sendo evidenciados, conectados ou colocados de lado em acordo com a crença de que ofereceriam soluções para as necessidades e intenções de cada período. A produção das décadas de 1930 e 1940 parece-me exemplificar bem isto, quando se constata a publicação de obras que promulgavam o retorno aos valores religiosos --ressuscitando a ética protestante, como *The Return To Religion* [O Retorno À Religião] lançado em 1936 por Henry C. Link --ao lado de outras que tentavam conciliar religião e psicanálise --como a obra do rabino Liebman, publicada em 1946, *Peace of Mind* [Paz de Espírito]-- e ainda em conjunto com outras que reestilizavam os preceitos do *Novo Pensamento*, como a de Napoleon Hill, *Think And Grow Rich* [Pense E Torne-Se Rico] (1937) e a de Dale Carnegie, *How To Win Friends And Influence People* [Como Fazer Amigos E Influenciar Pessoas], lançadas um pouco antes, em 1937.

Os dois últimos livros apontam para uma nova acepção de literatura de auto-ajuda para a qual Rüdiger (1996) credita a Hill uma significativa contribuição na construção de um “ethos da personalidade”,²⁹ que substituiu os princípios do pensamento positivo pelos princípios da carismática individual. Nesta acepção, obter-se-ia o sucesso na vida com a cooperação de outras pessoas, não bastaria o poder da mente para atingi-los: “A pregação da crença no próprio eu, com vistas à salvação

²⁷ Psicologia e Vida Diária, Psicologia e Vida Sexual, Psicologia e Ensino, Psicologia da Beleza, Psicologia da Morte, Psicologia e o Sucesso nos Negócios, são alguns exemplos.

²⁸ Como o de Robert Collier, *The Book Of Life* [O Livro Da Vida], um conjunto de sete volumes, que vendeu 300.000 cópias

²⁹ O fundamento do ethos da personalidade difere daquele que dominava o *Novo Pensamento*. Não se localiza nos processos de mentalização, mas sim no desenvolvimento das relações humanas e das técnicas de comunicação.

mundana, foi passando a gravitar em torno da capacidade de manipular a própria personalidade e a dos outros” (Rüdiger, 1996, p. 114).

Foi com grande sucesso, como aponta Starker (2002), que Carnegie difundiu exatamente esta atitude manipulativa. Para ele, o conhecimento e a habilidade técnica não garantiriam o sucesso, o essencial era a habilidade para lidar com as pessoas. Carnegie fornecia ao leitor prescrições para ação e não meramente para mentalização (como no caso dos livros de pensamento positivo). Ele ensinava seus leitores a não criticar os interlocutores, a procurar valorizá-los sempre, a fim de que eles não se tornassem defensivos; elogiando-os, os leitores conseguiriam influenciá-los na direção que desejassem.

A literatura de auto-ajuda prescinde de qualquer linearidade quanto às propostas de seus autores pois, na década seguinte, é lançada uma obra que ainda se alinha ao *Novo Pensamento*. Starker (2002) refere-se à obra de Peale de 1950, *O poder do pensamento positivo* como um livro que, visando à substituição dos pensamentos negativos, apela ao individualismo, com promessas de saúde e riqueza a serem atingidas com o mínimo esforço e com a realização mágica dos desejos. São pressupostos que se alinhando aos valores religiosos, prescrevem como técnica de ação, a prática da prece. Trata-se, de acordo com Starker (2002), de uma obra que se reveste de autoconfiança e palavras de sucesso para aliviar, principalmente, a ansiedade e depressão das mulheres, às voltas com as possibilidades de atuação social.

Na década de 1960/70, a literatura de auto-ajuda, ainda conforme este mesmo autor, sedimenta a psicologia como sua grande fonte de informação e divulga maciçamente as concepções advindas de uma nova escola desta ciência, que surge na época: a psicologia humanista.

Em 1962, com a fundação da Associação Americana de Psicologia Humanista, formaliza-se o movimento da Terceira Força em Psicologia, que englobava um conjunto de referenciais teóricos, que se opôs à Psicanálise, e ao Behaviorismo, as duas outras “forças” da psicologia, até então. Sob este nome, agrupam-se as abordagens identificadas com as filosofias Existencial e

Fenomenológica: Gestalt-Terapia, Abordagem Centrada na Pessoa (ACP); além de outras como Bioenergética e Análise Transacional, por exemplo.

A Psicologia Humanista entende o ser humano, diferentemente da psicanálise que concebe, na base da formação da personalidade, a libido e o inconsciente. Ela privilegia a auto-estima, a natureza positiva do homem e a valoração das relações interpessoais. A conceituação e a preocupação com a consciência de si, o *self*,³⁰ que a caracteriza, acabaram sendo, todavia, resumidas e simplificadas, segundo Starker (2002) na literatura de auto-ajuda dos anos 1960 e 1970, o que considero ter gerado as grandes confusões de identificação e discriminação entre esta literatura e a psicologia humanista.

Os psicólogos deste enfoque são também autores de obras em que disseminam suas teorias, distante dos áridos conceitos da Psicanálise e do discurso mecanicista dos Behavioristas. Seus livros são de fácil leitura, mesmo para os leigos, uma vez que os conceitos psicológicos utilizados não são nomeados por jargões incompreensíveis. Títulos como: *Tornar-se Pessoa, Não Apresse o Rio, ele Corre Sozinho*, entre muitos outros, têm alguns de seus capítulos dirigidos especificamente aos profissionais psicoterapeutas. Contêm relatos de casos e transcrições de sessões de psicoterapia, bem como fundamentação teórica para suas técnicas. Os títulos parecem, entretanto, ter dado margem a que fossem vendidos sob um *marketing* apelativo e que fossem, na época e surpreendentemente até hoje, confundidos com literatura de auto-ajuda. Rüdiger (1996), por exemplo, menciona Carl Rogers, psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa, como autor de livros de auto-ajuda, em que, segundo ele, teria traduzido sua concepção de natureza humana

³⁰ Irei utilizar a expressão “*self*”, mantendo-a no original, sempre que estiver referindo-me a uma idéia de “voltado para si”, idéia esta que pode ser, às vezes, expressa em português pela expressão *auto*, como por exemplo, na tradução de self-help; auto-ajuda. Porém, nem sempre é possível traduzi-la como *auto*, assim como também não é possível traduzi-la apenas por *Eu*, uma vez que não se trata de um “mero” *Eu*, mas sim do *Eu*, como percebido. Assim, “*self*” mantido no original por falta de melhor palavra em português, será sempre entendido, aqui, como a consciência que o indivíduo tem de si, como ele se vê; sua auto-imagem (como preconizado por Carl Rogers). Nesta mesma linha, a expressão “*selfish*”, não será traduzida por *egoísta*, uma vez que, esta palavra carrega em nossa cultura uma conotação negativa. Assim, no lugar de “*selfish*”, e até de “*selfist*”, será utilizado *centrado no self*, ou *autocentrado*.

positiva para a, “linguagem de literatura de auto-ajuda” (p. 121), no livro *Tornar-se Pessoa*.

A literatura de auto-ajuda não tem por base a mesma concepção de ser humano que esta escola de psicologia. Apesar de expressar seus preceitos fundantes, e utilizar sua técnica, porta uma intenção educativa de “correção” do indivíduo que não faz parte desta psicologia,³¹ ou que não deve fazer. Alguns psicólogos, como por exemplo, Robert Carkhuff,³² seguidor de Rogers, optam por uma postura educativa, de treinamento como forma de “facilitar” às pessoas mudarem seus comportamentos. Tal postura em muito contribui para que a teoria possa ser, infelizmente, compreendida como auto-ajuda.³³ Como explicita Figueiredo (2000), mesmo não sendo a Terceira Força em Psicologia, uma forma de literatura de auto-ajuda, ela acabou por popularizar o conceito de *self* e também da própria psicologia:

Ao serem incorporadas à vida quotidiana de algumas camadas da população, ‘as psicologias’ convertem-se quase sempre numa visão de mundo altamente subjetivista e individualista. [...] A psicologia popularizada tem servido para sustentar a palavra de ordem ‘cada um na sua’. [...] Certamente a tendência que tem mais crescido e aumentado seu mercado é a das ‘terapias de auto-ajuda’ (p.87).

³¹ Discuto esta questão em maior profundidade ao final deste estudo.

³² Robert Carkhuff, após seu doutorado, (1961) começou a estudar com Rogers, em Wisconsin, mas logo se distanciou dele, por considerar seu método brando e pouco incisivo. Em uma conversa entre Rogers e Carkhuff, a idéia deste último, torna-se claramente diferente da do mestre, e inclinada ao que se pode encontrar em auto-ajuda. Ele deseja usar o modo mais eficaz de “mudar as pessoas”. Enquanto Rogers afirma, estar “somente interessado em ajudar as pessoas a conseguirem o que elas desejam” Carkhuff, R & Berenson, B. in Giordani, B. p. 123 e 124).

³³ Este é um assunto que, desde que comecei a estudar a literatura de auto-ajuda, tenho levado para os congressos de psicologia, principalmente os da ACP, com a intenção de que nós, psicólogos, possamos refletir com absoluta seriedade esta questão. Como trabalho neste enfoque psicológico, atendo-me à sua análise quando da inserção das diversas psicologias no campo desta literatura, porém, esta usa, a seu bel prazer conceitos também de outros referencias.

Ainda no contexto de ação da psicologia humanista, surgiu, no final da década de 1970, todo um movimento de valorização da idéia de que homem e cosmos estão conectados. O *Movimento do Potencial Humano* tinha o propósito de estudar este fenômeno e, para tanto, Michael Murphy e Richard Price criaram o Instituto Esalen,³⁴ na Califórnia, EUA. A intenção era a de provocar uma revolução na consciência: eliminar barreiras entre corpo e mente, acabar com a separação entre cultura oriental e ação ocidental e com a separação indivíduo e sociedade. Eram anos de “contra-cultura”, em que idéias libertárias faziam sucesso. Criticava-se a autoridade, havia o cultivo da espontaneidade e a valorização do aqui-agora.

Na compreensão de Starker (2002), a literatura de auto-ajuda repercute também a influência de mais este movimento, produzindo, a partir de então, obras que procuram estimular as experiências do indivíduo em contato com suas próprias emoções, valorizar a autenticidade, na construção de um sujeito individual, livre, responsável e diferenciado dos demais, bem como introduzir a experiência mística, concebida em conexão à vida cotidiana. A crença é a de que as pessoas podem transformar-se interiormente, experimentando êxtase. Trata-se da busca pela nova consciência por meio de técnicas para se atingir o *Eu superior*. Os autores mais conhecidos nesta linha de auto-ajuda são Louise Hay, Chris Griscom, Shirley McLaine, entre outros. Autores do *New Age* --nova era-- que se dedicam a ajudar as pessoas a encontrar o verdadeiro *Eu*, a ter vivacidade, perder peso, timidez, melhorar a vida afetiva, etc.

A técnica que propõe com mais freqüência é a meditação, como forma de bloquear influências externas e possibilitar o contato com a noção mais verdadeira sobre si. Para Starker (2002), o objetivo dos autores deste segmento de auto-ajuda é o desenvolvimento de uma consciência superior para além do ego e da personalidade. Acredita-se num *Eu cósmico* localizado no centro do universo, dele participando cada um com seu próprio *Eu*, tornando-se parte de uma realidade transcendente.

³⁴ Esalen, era, à época, um centro alternativo para programas de desenvolvimento do potencial humano, onde se reuniam psicólogos da Terceira Força, terapeutas corporais, bem como terapeutas e estudiosos das mais diversas correntes naturalistas e esotéricas.

Trata-se de práticas, conceitos e crenças, que segundo Rüdiger (1996), estavam presentes desde o *Novo Pensamento*, diferenciando-se apenas pelo fato de que agora portam uma forte crítica social, mesmo que a solução dos problemas seja vista como necessariamente iniciada pelo indivíduo. Valorizam-se experiências corporais que, contudo, serão mentalmente integradas ao *self*, e se comprometem com um pensamento “científico”, sem excluir a crença numa realidade divina e no desenvolvimento da espiritualidade de cada um.³⁵

A psicologia, porém, não é a única ciência em que muitos escritores de auto-ajuda buscam inspiração e ferramentas. A sociologia, a antropologia e, principalmente a medicina e suas especialidades, são outras importantes fontes desta literatura. Desta última ciência e de outras a ela correlatas, destaco os livros sobre dieta publicados desde 1918³⁶ e que têm obtido enorme sucesso de vendas nas últimas décadas do século XX, ao lado de obras sobre exercícios físicos e especificamente de exercícios para manter “o cérebro em forma”. Estas especialidades da literatura de auto-ajuda são, a meu ver, bons exemplos da apropriação de conhecimentos acadêmicos das mais diversas áreas.³⁷

³⁵ O fenômeno *New Age* e a literatura de auto-ajuda deste gênero têm uma produção nacional igualmente vasta. Para uma análise deste segmento na auto-ajuda, ver, por exemplo, Magnani (2000).

³⁶ *Diet And Health With Key To The Calories* [Dieta E Saúde Com A Chave Das Calorias], de Lulu Hunt Peters.

³⁷ Os cuidados corpóreos, difundidos na literatura de auto-ajuda têm sido estudados, academicamente, no que tange à importância das identidades que vêm ajudando a formar, sendo todas elas marcadas pela aceção central à literatura de auto-ajuda; a priorização da individualidade. Da abordagem neurológica, Francisco Ortega aponta elementos que possibilitam conceituar a identidade de um “*sujeito cerebral*”. (Tema apresentado por ele, em palestra proferida em 20/05/05 no Espaço Cultural da CPFL, na cidade de Campinas, SP).

A Priorização da Individualidade

Após traçar este percurso do desenvolvimento da literatura de auto-ajuda, constato que seu cerne está localizado na oferta de meios ao indivíduo para que ele atinja seus objetivos e satisfaça suas necessidades. Objetivos e necessidades que, mesmo quando não decorrentes de sofrimentos e de aflições, podem ser compreendidos como se fossem pela via do anseio que provocam, por vezes, de igual intensidade em obter recursos que aplaquem os desejos. Refletindo, portanto, na literatura de auto-ajuda como uma forma de *resposta à aflição* (Fry e Howe, 1975), entendo-a como um recurso que também se oferece para o aplacamento de sofrimentos e anseios individuais decorrentes de problemas que são, por estes autores, classificados como referidos ou à saúde ou à inserção no sistema (problemas financeiros, burocráticos e legais) ou à esfera afetiva. Fry e Howe (1975) entendem que, na solução destes três grupos de sofrimentos entram em operação dois tipos de agências: as seculares e as religiosas, sendo as primeiras concernentes aos serviços especializados e as últimas a práticas de todos os credos que se oferecem para solucionar todos os tipos de aflições.

Considero a literatura de auto-ajuda como um terceiro e específico tipo de agência que, transitando entre estas duas, oferece também solução para todos os tipos de problemas, como a religião. Trata, porém, cada problema, em particular, da mesma forma que as agências seculares, sem ser, na verdade, especialista nas diversas soluções oferecidas. Entre práticas e crenças como a das religiões, esta literatura tem, na atualidade, seus conceitos e prescrições oriundas muito mais da esfera acadêmica do que da religiosa. Entretanto, não é ela uma “ciência”, pois não oferece conhecimentos oriundos de pesquisas, respaldados pela academia; além-se, a ser divulgadora ou tradutora dos conhecimentos que assim o são produzidos. “Vende” informações, fruto das interpretações pessoais destes conhecimentos, que são nomeadas por “científicas”.

Entre as duas agências de solução, talvez a literatura de auto-ajuda se aproxime mais da religiosa, mesmo que não se utilize dos valores dos diversos credos e mesmo que opere de forma diferente deles. Como demonstrei, a literatura

de auto-ajuda é oriunda do pentecostalismo e, em analogia a este, percebe o mundo por um viés essencialmente racional (Fry e Howe, 1975) que, como se verá no presente estudo, torna-se marca essencial do produto. Esta literatura acredita, é fruto e estimula a crença de que o conhecimento “salva”. O indivíduo informado tem maior poder de gerenciamento de sua vida, para retirar-se do “inferno” de seus problemas e para conduzir-se ao “paraíso”, à felicidade. A “religião” aqui é a “ciência”.

Trata-se de conhecimentos a serem adquiridos e colocados em prática de uma forma específica, como se fossem regras a serem seguidas. O que na religião refere-se a tabus a serem respeitados na apropriação de um código de salvação, nesta literatura constitui um processo de x passos e n regras que trarão igualmente a salvação ou a solução. Ambas se constituem por práticas burocráticas, impessoais.

As concepções a respeito do que é viável, bom, desejável ao indivíduo, é algo que a literatura expressa em conformidade com os princípios em voga na sociedade em que ela é produzida. Ela os busca nos valores religiosos ou nos acadêmicos e os apresenta como excludentes ou misturados, se não por suas concepções, pelo que neles crê serem instrumentos de ação. Desta forma, coexistem obras que priorizam “traduções” de informações “científicas” em detrimento de valores religiosos, mas que se baseiam no expediente da oração, por exemplo, ou em exercícios de meditação como práticas coadunadas aos valores expressos. Concepções e práticas misturam-se indiscriminadamente em nome de uma oferta de benefício ao indivíduo, como uma ou, às vezes, como *a resposta à sua aflição*.

Práticas de devoção, exercícios para aumentar o poder da mente, práticas de controle do pensamento, condutas embasadas em conceitos considerados e divulgados como “científicos” (mas, muitas vezes, pseudocientíficos) e técnicas de manipulação de pessoas, entre outras, constituem atividades que, quer baseadas em preceitos religiosos, quer em preceitos acadêmicos, denotam a enorme crença num suposto poder individual, no fortalecimento do indivíduo como seu único instrumento

de ascensão social e/ou de bem-estar. Trata-se de práticas histórica e socialmente situadas que valorizam e priorizam a construção da individualidade.³⁸

A possibilidade de autotransformação é central à literatura de auto-ajuda. Ela tenta, imersa num contexto de eterna construção do individuo, orientá-lo em sua trajetória de tornar-se “sujeito soberano de seu destino” (Rüdiger,1996, p.239). Hazieden (2003), Gauntlett (2002) e Rimke (2000) consideram esta construção do individuo como algo incisivo na modernidade que é, para eles, essencialmente, uma era de “preocupação com o *self*”.

Alguns estudiosos da literatura de auto-ajuda compreendem-na como um evento cultural estimulador de uma individualidade, que desconsidera o aspecto social e coletivo. Esta é a compreensão usual dos estudos feministas que a consideram um agente despolidizador das mulheres (Ebben, 1995; De Francisco, 1995; Grodin, 1995) ou, como refere Rimke, (2000), também na esfera política: “as tecnologias do *self* oferecidas no trabalho da auto-ajuda parecem bem congruentes com programas políticos da sociedade liberal e democrática” (p.73).

Por outro lado, Gauntlett (2002) e Hazieden (2003) entendem que as práticas de tecnologias do *self* oferecidas pela literatura de auto-ajuda, estimuladoras da constituição deste individuo, não incorre na desconsideração do aspecto social. Nas palavras de Hazieden (2003):

A literatura de auto-ajuda permite e requer uma noção de obrigação social na qual as tecnologias do *self*, tais como, autodisciplina e autoconhecimento são a coisa ‘certa’, ou ética a ser feita não apenas pela própria saúde mas pela do parceiro e de toda a sociedade.³⁹

³⁸ São vários os autores de estudos sobre literatura de auto-ajuda que confirmam a priorização da individualidade por ela estabelecida. No Brasil, os estudos de Salem (1992), Costa & Grossi (1995), Rüdiger (1996), Ruggiero (1999) e Neiva (2000). Nos Eua, os de Simonds (1992), De Francisco (1995), Ebben (1995), Grodin (1995), Weiss (1995), Kramarae (1995), Scholz (1997), Rimke (2000), Zimmerman et al (2001), Starker (2002), Hazieden (2003), Singleton (2003), além do inglês Gauntlett (2002).

³⁹ A citação não faz referência ao número da página, pois o artigo foi obtido do site *Portal Da Pesquisa*.

No meu entender, mais importante do que julgar a literatura de auto-ajuda por estas polaridades --se o estímulo à individualidade desconsidera ou não o social -- é compreender como esta individualidade se apresenta, como se engendra em nossa cultura, pois acredito que as práticas e as concepções estruturantes da literatura de auto-ajuda não são, em absoluto, de seu domínio exclusivo.⁴⁰ O uso de alguns artifícios, típicos desta literatura, encontra-se em ação em outras mídias; encontra-se, na verdade, diluído por diversos produtos culturais de nossa sociedade.

Quanto às práticas, vale registrar que o formato de manual das obras não se restringe a elas, nem delas é originário, porém acaba proliferando-se por seu intermédio. Um exemplo interessante do que exponho foi colocado em ação por um padre de uma cidade do sul da Itália. Para atender aos apressados, ele criou um folheto com perguntas claras sobre pecados e condutas. Dirigidos por estes manuais, os fiéis confessam-se sozinhos.⁴¹

No que tange às concepções, ilustro minha posição com duas condutas que considero semelhantes, apesar de uma estar referida à vida privada inglesa e outra à vida pública brasileira.

Em recente matéria jornalística, deu-se um grande destaque ao relatório de um economista londrino, no qual ele discorria sobre a importância de se alcançar a felicidade. “Uma das maiores empresas de investimento de Londres recomendou hoje, sexta-feira, que seus clientes dediquem mais tempo ao sexo, à meditação e ao sono e que ignorem a máxima de que dinheiro traz felicidade”.⁴² A busca da felicidade, tema que a literatura de auto-ajuda freqüentemente aborda, tentando torná-la acessível a todo e qualquer indivíduo, alinha-se a diversos outros assuntos, como a auto-estima, por exemplo. São temas e preocupações de nosso atual momento social que, assim como as práticas, extrapolam esta literatura que no seu

⁴⁰ Cabe ressaltar que, ao compreender o fomento à individualidade como não exclusivo desta literatura, não a eximo de seu papel individualizador, até pelo contrário. Porém, reafirmo, mais uma vez, que meu empenho é por uma compreensão contextualizada acerca deste produto.

⁴¹ <http://jornalnacional.globo.com/semana.jsp?id=28541&mais=1>. Apesar da similaridade entre práticas religiosas e literatura de auto-ajuda, apresento este exemplo, pensando restritamente, neste momento, no uso do manual como prática solitária que substitui uma atividade marcadamente relacional, como é a confissão.

⁴² Matéria divulgada em <http://noticias.uol.com.br/saudeulnot/efe/2004/06/18/ult2067u205.jhtm>

âmbito de ação os espelha e os exacerba, bem como os incute no imaginário das pessoas, como se fossem verdades a serem buscadas.

Na vida pública brasileira, é o conceito de auto-estima que, desde o segundo semestre de 2004, recebe um grande destaque por parte dos governantes. Em meio a propagandas governamentais, que visam a estimular a confiança do brasileiro e sua “notória garra” individual frente às adversidades, difunde-se a imagem de cidadãos de destaque em suas profissões que superaram graves problemas de saúde, como forma de estímulo à auto-estima do povo.⁴³ O próprio presidente, nas comemorações do 7 de setembro (de 2004) refere sua crença no aumento da autovalorização, frente ao “*atual momento econômico favorável*”, por que passa o país: “Estamos comemorando o Dia da Independência em um momento de muita auto-estima do povo brasileiro, em um momento em que a economia dá sinais de crescimento sustentável”.⁴⁴

Este último exemplo caracteriza, em meu entender, parte excepcional do fenômeno que se põe em questão. A auto-estima de um povo é creditada, coletivamente, à melhora da economia (e acredita-se, por conseguinte, à melhoria da qualidade de vida), porém, simultaneamente, ela é propagandeada como tarefa individual. É exatamente neste contexto em que público e privado, tarefas coletivas e individuais não mais têm seus territórios claramente demarcados, que surge a literatura de auto-ajuda, com a intenção de “cuidar” das ansiedades que se concebe geradas por esta ausência de demarcação.⁴⁵ Esta literatura não opera aleatoriamente. Sua escolha por responsabilizar o indivíduo por seu “destino”,

⁴³ Trata-se de duas propagandas veiculadas em canais da TV aberta, no mês de setembro de 2004, em que o jogador de futebol, Ronaldo, é apresentado sofrendo uma contusão no joelho e depois em cenas de seu tratamento e, finalmente, em cenas em que ele, recuperado, marca novos gols. O mesmo esquema é seguido na apresentação da história do cantor e compositor Herbert Vianna que, recuperado de um acidente aéreo, ainda em cadeira de rodas, é apresentado em cenas de seus novos shows pelo país. Ao rever este texto em início de 2005, constato que novas propagandas nesta linha estão inseridas novamente na mídia. Paro por aqui, com os exemplos, pois sinto serem inesgotáveis.

⁴⁴ Notícia da *Folha on-line* <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u63895.shtml>

⁴⁵ Entendo que, não necessariamente, a ausência de clara demarcação de espaços coletivos e individuais leva à ansiedade. Por vezes, esta resulta da expectativa da existência destas marcas ou da inexistência de recursos, de várias ordens, para se lidar com o que não está posto de forma fixa.

encontra-se plenamente demarcada. As obras que tratam da conjugalidade, da vida relacional, portam, igualmente, esta marca. A ênfase dada à conjugalidade reside toda ela na satisfação individual. Casar é também uma *resposta à aflição* pessoal que pode, freqüentemente, demandar outras respostas para outras aflições nela geradas.

As Obras sobre Conjugalidade

As obras de auto-ajuda sobre conjugalidade, como sexo e amor, por exemplo, têm feito parte da cultura dos EUA desde a primeira metade do século XX. Segundo Starker (2002),⁴⁶ os norte-americanos desejosos de conselhos para a vida sexual e sem liberdade de conversar com amigos, familiares e até com os próprios cônjuges, “escondiam no armário do quarto”, um exemplar sobre técnica e fisiologia sexual.

Embora, também neste segmento da auto-ajuda, as obras não sejam explicitamente direcionadas ao público feminino, sabe-se que este constitui, sem dúvida, seu maior grupo de leitores. Muitos dos livros de auto-ajuda marcam este direcionamento em seus próprios títulos; outros, de forma menos explícita, indicam serem elas suas destinatárias, no corpo do texto. É para as mulheres que Gay (1999) constata terem sido escritos livros desde o século XV, com o objetivo de ensiná-las a se comportarem com seus maridos, na esfera doméstica, e também em meio à comunidade.

Creio ser possível considerar estes manuais de casamento os precursores da literatura de auto-ajuda, pois são obras que, analogamente às atuais, objetivavam normatizar as diversas condutas do âmbito conjugal. O livro de La Tour Landry, *Livre Pour L’Enseignement de ses filles* [Livro para o Ensino de suas Filhas] que ensinava regras dietéticas, de vestimenta, corporais, etc, a serem mantidas perante o esposo é um bom exemplo, até porque seu estilo literário, como descrito por Bohler (2001)

⁴⁶ Não se pode esquecer que Gay (1999 e 2000) estuda manuais de casamento produzidos desde o século XIX.

parece prenunciar os atuais livros de auto-ajuda “livro [...] feito de ágeis capítulos capazes de interessar esses jovens espíritos” (p.350).

Da análise construída por Gay (1999), constato que os primeiros textos sobre conjugalidade eram afeitos a prescrever as adequadas condutas do cônjuge, principalmente na esfera da sexualidade. Enquanto alguns livros do século XVIII⁴⁷ apresentavam o sexo como parte saudável e natural do matrimônio, encorajando o casamento precoce para que “o frescor da juventude não fosse perdido”, os do século XIX, produzidos nos EUA, apresentavam o sexo como nocivo. Várias obras lançadas no período de 1834 a 1859 alertavam que a atividade sexual no casamento era prejudicial ao sexo masculino. Os autores prescreviam a castidade com a intenção de prevenir a perda da virilidade do homem.⁴⁸

À medida que progredia o século XIX, os aspectos saudáveis e prazerosos do sexo foram ignorados e a literatura de auto-ajuda que se seguiu foi inevitavelmente puritana, chegando a ser monopolizada por autores que não apenas enalteciam a frigidez feminina, como a concebiam como única forma de frear a agressiva natureza sexual do homem.

Poucos eram os autores liberais (Stendhal e Balzac foram exceções) que se opunham à moralidade Vitoriana, defendendo que a mulher do mesmo modo que o homem, desejava o coito. Alguns outros autores, como James Scott, por exemplo, concebiam como possíveis os desejos eróticos da mulher, desde que subordinados a deveres mais nobres, como a maternidade, por exemplo. Autores puritanos, como John Kellog, Orson Fowler e Mary Wood-Allen, condenavam toda e qualquer fonte de estimulação da sexualidade feminina, dizendo que estas as tornavam doentes (Gay, 1999).

⁴⁷ *Aristotle* [Série Aristóteles] lançada em 1766 na Inglaterra.

⁴⁸ Estas obras são: *A Lecture To Young Man, On Chastity* [Uma Palestra Para O Jovem Homem: Sobre A Castidade], publicado em 1834 da autoria de Sylvester Graham, e os livros de William Alcott, *Philosophy Of Courtship And Marriage* [Filosofia Moral Da Corte E Casamento], publicado em 1857 e *The Young Husband, Or Duties Of Man In The Marriage Relation* [O Jovem Marido, Ou Deveres Do Homem No Casamento] de 1839.

No livro, *Plain Talks On Avoided Subjects* [Falando Claramente Sobre Assuntos Evitados] de 1882, H. N. Guerney aconselhava a mulher a inibir qualquer pensamento e sentimento sexual. Em 1901, no livro, *Marriage: Duties And Privileges* [Casamento: Deveres E Privilégios], Mary Wood-Allen, assegurava às mulheres ser natural que elas experimentassem pouco ou nenhum prazer sexual, bem como era natural o cuidado com o marido e com a maternidade. A ênfase dos manuais de conduta conjugal recaía na castidade e virtude, colocando a mulher acima destes instintos em favor de uma alta moral.

Obras espelhando a opinião sobre a mulher, como ser dotado de desejos sexuais da mesma forma que o homem, como também obras que propõem exatamente o contrário, são facilmente encontradas, no início e no fim do século XIX e até o começo do século XX. Contudo, ao final do século XIX, as informações que a literatura propagava sobre a posição da mulher frente à sexualidade e o casamento começam a perder a credibilidade. A mulher moderna pressiona por uma educação liberal e profissional e também pela igualdade de direitos. No entanto, apenas com a publicação, em 1918 do livro de Marie Stopes, *Marriage Love: A New Contribution To The Solution Of Sex Difficulties* [Amor Conjugal: Uma Nova Contribuição Para A Solução das Dificuldades Sexuais] é que entrou na cena literária a questão dos direitos conjugais. Stopes, (apud Starker, 2002) defendia a mutualidade sexual e emocional entre os cônjuges, abordava o problema da infelicidade conjugal e era particularmente preocupada com a condição da mulher, encorajada pela sociedade a ver a vida sexual como necessidade degradante que ela evitava apreciar. Como enfatiza Starker (2002), o livro de Stopes era muito mais um “*documento que endossava os direitos das mulheres e pedia pelo fim da intolerância masculina, insensibilidade e dominação – sexual ou qualquer outra*” (p. 87).

Ressalto, todavia, que, nas primeiras décadas do século XX, enquanto na esfera acadêmica os profissionais de saúde, começavam a ser influenciados pelos trabalhos de Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis* [Psicopatia Sexual] de 1892 e de Havelock Ellis, *Studies In Psychology Of Sex* [Estudos Sobre A Psicologia Do Sexo], cujos volumes foram publicados no período de 1903 a 1910, bem como pelo trabalho de Freud, evidenciando as conseqüências neuróticas da repressão sexual, para a

população em geral, a literatura de auto-ajuda limitava-se a especificar a técnica sexual e a apresentar relatos de casos.⁴⁹ A intenção dos autores era reduzir ou remover medos e inibições sexuais, uma vez que, nesta época, começavam a considerar normais e esperados o desejo e o prazer feminino (Starker, 2002).

Na esfera da conjugalidade ocorre, no entanto, um fenômeno não encontrado em outros segmentos desta literatura. Trata-se do fenômeno creditado a duas obras não pertencentes ao estilo, como estimulante da leitura de auto-ajuda. O relatório Kinsey, publicado em 1948, *Sexual Behavior In The Human Male* [Comportamento Sexual Masculino], e a obra de Betty Friedan, *A Mística Feminina* lançado em 1963, influenciaram, conforme Starker (2002) e Simond (1996), a produção e o consumo do estilo auto-ajuda nos EUA. O último é considerado por Simond (1996) o disparador deste movimento de busca das mulheres. Betty Friedan, sua autora, denunciava o limitado papel social que fora imposto à mulher, após a II Guerra Mundial, e que lhe trouxe severos problemas psicológicos. A ela cabia, apenas, o papel de dona de casa, numa sociedade conservadora. A imagem de mulher feliz, que cuidava da casa e levava os filhos para a escola, era explorada enormemente pela mídia. Entretanto, Betty Friedan observava que, por trás desta fachada, havia um alto número de depressivas e ansiosas, além de várias tentativas de suicídio. Desafiou, então, a noção corrente de que a saúde mental da mulher fundamentava-se na conformidade às expectativas da cultura, propondo que a auto-realização tão propalada fosse válida para homens, e para mulheres. De acordo com Starker (2002), o propósito inicial do livro de Friedan era expor as desilusões da mística feminina a fim de que as mulheres passassem a se questionar sobre o que queriam fazer de suas vidas, ao

⁴⁹ São deste período as seguintes obras: *Rational Sex Ethics* [A Ética Do Sexo Racional], de 1916; *Sex And Life* [Sexo E Vida] (1920) e *The Art Of Love* [A Arte Do Amor] de 1921, foram escritos por Walter Dill Potts. H. W. Long, publicou o livro *Sane Sex Life And Sane Sex Living: Some Things That All Sane People Ought To Know About Sex Nature And Sex Functioning: Its Place In The Economy Of Life: Its Proper Training And Righteous Exercise* [Vida Sexual Sã E O Viver Sexual Sadiamente: Tudo O Que Pessoas Sãs Devem Saber Sobre A Natureza E O Funcionamento Do Sexo: Seu Lugar Na Economia Da Vida: Treinamento Apropriado E Corretos Exercícios], em 1919.

invés de aceitarem passivamente a fórmula da feminilidade imposta. A obra era também prescritiva, uma vez que propunha ser o trabalho feminino mais do que ajuda financeira aos gastos domésticos; deveria possibilitar à mulher encontrar-se. Para isto, Friedan, sugeria a educação superior, como forma de a mulher construir sua carreira. Desta forma, pela redação, pelo conteúdo e pelo sucesso de seu livro é que se diz ter sido ele um estimulador da busca feminina por soluções advindas da literatura.

No Brasil, neste mesmo período, começou a se produzir uma série de revistas femininas⁵⁰ que, a meu ver, são a contrapartida da literatura de auto-ajuda no tocante à conjugalidade e muito provavelmente as precursoras das obras do estilo no país, uma vez que contêm também conselhos e orientações para soluções de problemas deste âmbito.

As revistas femininas, num todo ou em algumas de suas seções, refletindo os novos modelos de relações conjugais, de afetividade e conquista, passam a difundir a idéia de que as mulheres precisam manter-se atraentes para conservar seus maridos. Ensinam cuidados de beleza, higiene, dietética e vestuário. Discutem educação de filhos, religião, família, amor; apresentam sessões de astrologia e cuidam do grande interesse por sexo, face à suposta “ignorância” das mulheres acerca dos seus corpos. Numa perspectiva de diálogo com as leitoras, citam pesquisas, narram histórias verídicas para as quais pedem suas opiniões, e abrem consultórios sentimentais. Realizam, portanto, a mesma função responsiva que a literatura de auto-ajuda, bem como utilizam o mesmo estilo de escrita. Quanto ao conteúdo daquilo que oferecem, as revistas, semelhante a esta literatura, “vendem” as concepções estabelecidas e esperadas.

Maluf e Mott (1998), que estudaram as publicações do período de 1915 a 1925, ressaltam que algumas matérias podiam até apontar para reclamações de injustiças sentidas pelas mulheres no casamento, quanto a distinções de gênero,

⁵⁰ Segundo Norma Telles (2001), eram periódicos que faziam campanha pela educação da mulher, tais como: *Escrínio*, *Corynbo*, *Tribuna Feminina*, *O Sexo Feminino*, a revista *Mensageira*

porém, as reclamações indicavam a necessidade de remodelar o casamento de forma a reforçá-lo como instituição social.

De acordo com Bassanezi (2001), as revistas femininas brasileiras dos anos 1950⁵¹ divulgavam regras de comportamento, opiniões sobre sexualidade, casamento e felicidade conjugal. Entre outros: “promoviam valores de classe média, raça e gênero dominantes na época. Como conselheiras, fonte importante de informação e companheiras de lazer [...] as revistas influenciavam a realidade das mulheres de classe média de seu tempo, assim como sofreram influências das mudanças sociais vividas” (p. 609).

Nas obras dos diversos segmentos desta literatura, ou ainda mais neste, os autores recorrem aos conteúdos de diversas ciências, principalmente aos da psicologia. O livro *Open Marriage* [Casamento Aberto] da autoria de Nena e George O’Neil, publicado em 1972 é, para Starker (2002), uma aplicação à conjugalidade das idéias da psicologia humanista. Os autores, frente ao elevado número de divórcios, resolveram oferecer uma saída “drástica” para salvar a instituição do casamento. Eles consideravam o casamento tradicional --fechado e fusional, bem como bloqueador do crescimento pessoal-- o responsável pelo divórcio. Propuseram então, o modelo de casamento aberto que tinha por fundamento a liberdade igual aos dois cônjuges, oportunidades iguais de crescimento e a possibilidade de relações sexuais extraconjugais. Eles advogavam para esta instituição valores baseados na psicologia humanista; confiança na abertura e honestidade, além de algum treino em habilidades de comunicação. Para Starker (2002), os autores estavam preocupados em salvar a instituição do matrimônio e consideravam que a chave para isto era a gratificação sexual obtida dentro do casamento e o aumento da sensibilidade de um cônjuge para com o outro.

É interessante notar ainda que, de forma semelhante ao que se constata na atualidade, muitas obras desta temática recorriam e recorrem aos conceitos da área

⁵¹ Os periódicos citados por ela são: *Jornal das Moças*, *Querida*, *Vida Doméstica* e as seções para mulheres de *O Cruzeiro*

biológica como fonte de conceitos, técnicas e *status* para suas obras. Dá-se hoje, bem como se deu há séculos atrás, um grande valor à obra que explique a afetividade e a sexualidade pelos princípios do funcionamento orgânico. No decorrer deste estudo apresento, em profundidade, como tal fato ocorre nas obras atuais. O que antecipo, desde já, é ser isto absolutamente semelhante ao que Gay (2000) indica para obras produzidas cerca de um século e meio atrás.

A literatura sobre amor do século XIX era, segundo ele, freqüentemente intitulada como *Fisiologia*, devido aos interesses de seus autores, pelo componente físico e pelas estratégias de conquista da vida sexual. Este fato ocorreu, por exemplo, com o livro de Honoré de Balzac, *Physiologie Du Mariage* [Fisiologia Do Casamento] publicado em 1829, com o livro de Paul Bourget, *Physiologie De L'amour Moderne* [Fisiologia Do Amor Moderno], de 1891 e também com a tradução, para o alemão, da obra de Stendhal, em 1888, que recebeu o título de *Physiologie Der Liebe* [Fisiologia Do Amor]. No entanto, o título de fisiologia tinha também a intenção de situar estes livros entre os “*irresistivelmente populares, de aconselhamento, de ‘códigos’, e ‘artes’, que os editores podiam ter a certeza de vender a um público vasto e apreciador*” (p. 64).

No decorrer deste trabalho também se constata outras proximidades entre as obras atuais (do final do século XX) e estas primeiras e até aos manuais de casamento. Cabe pontuar algumas diferenças e mais algumas semelhanças a fim de introduzir o campo da conjugalidade, que será detalhadamente analisado nos próximos capítulos.

A primeira diferença que considero importante registrar refere-se à atual fragmentação do estilo literário. Temas diversos, que porventura seriam associados, são, via de regra, debatidos separadamente na atual literatura de auto-ajuda. Sexualidade e conjugalidade são bons exemplos. O que se encontra atualmente nas prateleiras das livrarias são obras exclusivamente voltadas à sexualidade e outras direcionadas à conjugalidade. Compreendo que isto ocorra não somente pela fragmentação do estilo, mas também porque a sexualidade tem se tornado um campo específico de conhecimentos, uma ciência de “vida própria”. Como mostra

Foucault (1998), o termo sexualidade é relativamente recente, originário do século XIX, foi estabelecido como delimitador de

campos de conhecimentos diversos (que cobririam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apóiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos (p.9).

A literatura atual sobre conjugalidade também trata da sexualidade.⁵² Ela aborda de forma bem diferente das obras citadas do século XIX, quando não prescreve, por exemplo, a castidade aos homens. No entanto, quando se refere à conduta sexual das mulheres, ela apresenta, igualmente, ênfases precisas. A concepção de sexualidade e de afetividade e as prescrições divulgadas na literatura de auto-ajuda continuam sendo fruto das interpretações dos autores sobre textos científicos, da avaliação moral dos comportamentos de homens e mulheres, da afinidade aos valores vigentes, de forma que, se atendo ou não a considerar a sexualidade entre parceiros de uma relação calcada na afetividade, é o valor dado à conduta sexual que fundamenta, como fundamentou, os primeiros livros deste segmento de auto-ajuda.

⁵² Como ela opera, é um dos temas, detalhadamente descritos no capítulo três.

Capítulo 2. O DELINEAMENTO DA PESQUISA

“Em todo o caso, a pesquisa da vida privada coloca problemas difíceis. Estes não se resumem apenas à pequena quantidade de estudos, que obrigam a fazer sínteses sem análises e a juntar pedaços de seqüências a partir de levantamentos fragmentários. Se formos rapidamente ultrapassados, contestados e informados por trabalhos posteriores, eventualmente suscitados por nós, já será um grande resultado!” (Michelle Perrot.).

Este capítulo apresenta o meu procedimento ao desenvolver esta pesquisa. A motivação norteadora, como explicitarei anteriormente, era explorar as várias facetas de um produto da cultura popular, as quais acreditava me forneceriam elementos para compreender a dificuldade de identificação do sentimento amoroso. Decidi, então, empreender uma pesquisa qualitativa, uma vez que considerei sua metodologia a mais adequada para atingir o objetivo deste estudo --analisar a conjugalidade abordada pela literatura de auto-ajuda.

A auto-ajuda, como proposta literária, tem-se mostrado um empreendimento de sucesso, se não pela efetividade da ajuda oferecida, mas pelo lucrativo mercado que se tornou. Os números que citei na introdução comprovam como tais livros vendem bem, no Brasil bem como nos EUA, país de onde provém todo o texto não produzido aqui. Todo este êxito, contudo, não se restringe a estes dois países. A literatura de auto-ajuda pode ser compreendida como mais um fenômeno da mídia globalizada, quando se constata os mesmos dados de sucesso em países de culturas tão diferentes como China e Indonésia, por exemplo. Um artigo do jornal *Jakarta Post*¹ mostra que os livros que chegam a este país são traduzidos de forma a se ajustar às diferenças culturais entre EUA e Indonésia e acabam por vender mais

¹ de 20/08/2001

do que os livros sobre a cultura local. A obra *Chicken Soup For The Soul* [Canja De Galinha para a Alma] parece ser a preferida entre os Indonésios.

Igual fenômeno encontra-se registrado em artigo no *Xinhua News*² que constata a “inundação” de livros de auto-ajuda sofrida pelas livrarias chinesas. O autor deste artigo e o de uma matéria de outro jornal chinês³ associam o sucesso de vendas da literatura ao momento da crise provocado pela epidemia de SARS e pelo 11 de Setembro. Indicam, deste modo, que este tipo de livro serve, provavelmente, para aplacar as modernas preocupações com o asseguramento de condições de vida.

No Brasil, o sucesso do livro de auto-ajuda vem sendo registrado e analisado também pela mídia, pelos jornais e pelas revistas semanais, principalmente.⁴ A revista *Veja* apresentou, no mês de setembro de 2004, duas matérias que, muito bem registram questões relativas à construção deste mercado. A reportagem de 22/09/04⁵ mostra que a literatura que tem sucesso, em qualquer que seja o assunto tratado, tem obtido também bons resultados de venda quando especificamente dirigida para o mundo dos negócios. São livros que, como refere o subtítulo da matéria, “prometem ensinar o caminho do sucesso, mas quem ganha mesmo são os

² de 04/07/2003

³ *South China Morning Post* de 10/06/02. Todos os artigos destes jornais citados, foram retirados do Portal da Pesquisa <http://www.portaldapesquisa.com.br>

⁴ Por exemplo, a revista *Veja* apresenta três matérias específicas: em 2002 e, em 15 e 22/09/04 e, o Jornal *Folha de São Paulo* na edição de 09/05/04 apresenta também um artigo sobre a vendagem do produto. Utilizo, neste estudo, tanto trabalhos acadêmicos quanto matérias de jornais e revistas sobre esta literatura, visto: (a) a ainda pequena bibliografia acadêmica, (b) a qualidade das análises das reportagens e (c) a interessante perspectiva de compreensão de uma mídia --esta literatura-- por outras mídias (revistas e jornais, suas contemporâneas). No meu entender, estes recursos provocam uma democrática circularidade de análises e saberes. Vale acrescentar a existência, porém não a utilização aqui, do livro de Wil Ferguson, autor canadense, que escreveu uma sátira acerca do fenômeno literário, caracterizando a mitologia da realização pessoal e de seus exploradores comerciais, bem como o mercado editorial em que se insere o estilo e a indústria cultural que o sustenta. *Ser Feliz*, foi lançado no Brasil em abril de 2003, e mapeia, com absoluta clareza, à parte o fato de ser ficção, o mundo desta literatura. Enfatizo também que, muitas das referências feitas --quer a artigos científicos, quer a matérias de publicação jornalística, quando obtidas de meio eletrônico-- não terão aqui suas citações associadas ao número da página.

⁵ http://veja.abril.uol.com.br/220904/p_136.html

autores”. O autor da matéria aponta, baseado em dados da Câmara Brasileira do Livro, que dois milhões de exemplares na área de economia e negócios foram produzidos no Brasil, em 2003. Estes dados possibilitam constatar serem as obras produzidas no Brasil e nos EUA arroladas em conjunto, sem distinção quando da análise do mercado (títulos dos dois países vendem em grande volume) e que mesmo estes livros, sendo por vezes agrupados no estilo “*business*” ou “*soft business*”, acabam por não se distinguir do estilo mais amplo, auto-ajuda.

A outra reportagem, publicada na semana anterior,⁶ transmite informações sobre a mais recente área de atuação da literatura de auto-ajuda brasileira: junto ao público infanto-juvenil. Como constata a autora do artigo, “era inevitável” que a auto-ajuda viesse a se dedicar a este grupo de leitores. Comparando os objetivos destas obras aos clássicos livros de histórias infantis que intencionavam transmitir valores morais às crianças, a literatura de auto-ajuda é apontada como a mais nova concorrente, diferenciando-se dos clássicos pela sua praticidade de ação: não usam metáforas, “vão direto ao ponto”. São obras que visam a ajudar as crianças a lidar com o divórcio dos pais, a enfrentar preconceitos, a superar perdas, entre outros problemas.

Há na reportagem depoimentos de pais e diretores de escola, contra e a favor do uso de tais livros para este público, porém a conclusão da jornalista é a mesma da outra matéria citada: “A única certeza que se tem é a de que eles são uma mina de ouro inesgotável”.

Trata-se de obras alinhadas a todo um contexto social; às necessidades, desejos e premissas do momento histórico em que são produzidas, que retratam, estimulam e amplificam práticas, concepções e necessidades específicas que vêm se mostrando recorrentes em nossa contemporaneidade e, que estão postas igualmente para além do âmbito desta literatura, necessitando, a meu ver, de reflexões e estudos acerca de seus significados.

Frente a este cenário e tendo por meta perscrutar um produto cultural que considerasse de influência marcante no imaginário amoroso, considereirei que a

⁶ http://veja.abril.uol.com.br/150904/p_127.html

literatura de auto-ajuda se adequaria a meus propósitos, além de acreditar na importância e necessidade de uma análise acadêmica referente a um produto de tão grande consumo.

Desta forma, decidi trabalhar com o segmento desta literatura, especificamente direcionado à conjugalidade. Selecionei, então, algumas obras com o intuito de iluminar duas grandes questões; uma sobre o conteúdo desta literatura -- de que conjugalidade trata-- e outra em relação à forma --qual a proposta pedagógica desta literatura ao representar e/ou estimular esta conjugalidade. Visando a iluminar os diversos aspectos que configuram a conjugalidade e a proposta de ação desta literatura, estabeleci, como objetivos específicos, compreender como se configura o espaço ocupado pelo amor e pela vida sexual na conjugalidade proposta; qual a diferença entre relações conjugais e relações de amizade; que modelo(s) de conjugalidade configuram; como a questão de gênero opera na constituição deste(s) modelo (s), e quais os tipos e significados da prática pedagógica que sustentam esta literatura.

Procedimento De Seleção Das Obras

O que considero ser, nesta pesquisa, um procedimento de coleta de dados, se dá, na verdade, pela busca de meu objeto de estudo e pelo rearranjo do mesmo de acordo com suas características elementares, a fim de que pudesse analisá-lo.

Tão logo defini meu campo de pesquisa, “mergulhei” nas prateleiras das livrarias e vasculhei os seus sítios na Internet, bem como os das editoras, em busca dos exemplares que se tornariam meu objeto de estudo.

Optei por buscar exemplares, preferencialmente, nas grandes livrarias e em suas páginas da Internet. As “mega-stores” têm se sobressaído por uma arquitetura que facilita o contato do leitor com os livros. Sofás, mesinhas e até cafés convidam aquele consumidor desejoso de uma leitura sem título definido, a que folheie e leia trechos dos diversos exemplares ali expostos. Com esta proposta, estas livrarias

recebem, com mais rapidez, os últimos lançamentos e dispõem de maior quantidade de títulos. A meu ver, um verdadeiro convite ao tipo de leitura que demanda uma literatura como esta.

A consulta aos sítios das livrarias foi um recurso de busca considerado mais produtivo do que a visita às lojas, mediante a possibilidade de acesso imediato a todo o catálogo de vendas da livraria. Como primeira ação,⁷ fiz um rápido levantamento numa grande livraria,⁸ observando títulos, características, quantidade e editoras que os publicavam. No momento seguinte, pesquisei nos sítios desta livraria inicial, bem como no de outra,⁹ que ofereciam uma categoria (*link*) para busca de livros, específica para auto-ajuda. A página de Internet da primeira livraria¹⁰ apresentou na época mais de 1500 títulos neste *link*, e o da segunda, retornou mais de 2500 exemplares.¹¹

Procedi, então, a uma seleção entre estes, pelos títulos relacionados à conjugalidade, amor, conquista, “paquera”, dificuldades de relacionamento; enfim, a todos os títulos que poderiam apontar para a área de interesse do estudo: o amor entre parceiros. Como resultado, obtive um total de cinquenta e quatro títulos no sítio da segunda livraria e de vinte e nove no sítio da primeira.

O terceiro momento de levantamento das obras disponíveis no mercado ocorreu nos sítios das editoras, mais freqüentemente envolvidas na publicação de auto-ajuda.¹² Nem todas oferecem em seus sítios, como classificação de venda, a categoria/*link* específica para auto-ajuda. Há categorias como: Autoconhecimento,

⁷ Entre setembro e dezembro de 2002.

⁸ *Fnac*.

⁹ *Saraiva*.

¹⁰ <http://www.fnac.com.br/livros/livros.aspx?c=4100&s=3&ss=-1&sss=-1>

¹¹ <http://www.livrariasaraiva.com.br/liv/home.htm?ID=C89E01127D4091B15231D0458>

¹² <http://www.editoragente.com.br/index.jsp>

<http://www.rocco.com.br/>

<http://www.esextante.com.br/>

<http://www.pensamento-cultrix.com.br/>

<http://www.editorarecord.com.br/>

<http://www.madras.com.br/vitrine.asp>

<http://www.gruposummus.com.br/> entre outras.

Crescimento Interior e Relacionamentos. Muitos títulos estão localizados também na categoria/link Psicologia, Sexualidade e Amor, como por exemplo: o livro “*Casal: Como Viver Um Bom Desentendimento*” situado na categoria de Psicologia, enquanto na de Sexualidade localiza-se “*Como atrair seu parceiro ideal*”. Pelo fato de a editora oferecer, muitas vezes, um mesmo livro em duas categorias, o título é citado, por exemplo, tanto em auto-ajuda quanto em psicologia.¹³

Com estes dados em mãos, realizei ainda uma busca no sítio da terceira livraria,¹⁴ de onde obtive apenas mais dois títulos não encontrados anteriormente. Outros livros foram adicionados por sugestão de colegas que os leram ou pela resenha, em matérias de divulgação, como a encontrada numa revista feminina.¹⁵

Providenciei a aquisição de alguns destes exemplares, tendo antes o cuidado de fazer um contato com os mesmos, com o objetivo de conferir sua real pertinência para o estudo pretendido, já que boa quantidade desta literatura referendava-se no conceito de almas gêmeas.

Segundo as resenhas apresentadas no sítio da Editora Pensamento - Cultrix¹⁶ o conceito teria sido introduzido por Michael, “*Senhor alma-gêmea*”, autor de *O Amor Incondicional das Almas Gêmeas*. A identificação da pessoa/parceiro “alma gêmea” dar-se-ia pela obediência a uma lei da atração ou do magnetismo pessoal, cujos parâmetros específicos de decifração são fornecidos no livro, aos leitores.¹⁷ Ulrich, outro autor de obras do tema, como *Feitos um para o Outro*, considera o conceito referido a uma “sabedoria primitiva” proveniente da mitologia, dos conhecimentos dos povos antigos, das tradições gnósticas e esotéricas, sabedoria esta que dá

¹³ As editoras pesquisadas, bem como as categorias de oferta de livros e o número de títulos relacionados ao tema de interesse, encontram-se listado no ANEXO I. No ANEXO II, encontra-se a relação final de todos os títulos levantados (neste tema), tanto nas editoras, quanto nas livrarias, com suas respectivas classificações de venda.

¹⁴ http://www.siciliano.com.br/livro.asp?tipo=7&id=24&categ_escolha=24

¹⁵ Este é o caso do livro *Tudo o que você sabe sobre amor e sexo está errado* resenhado em *Revista Claudia*, nº 11, ano 41, nov 2002, p. 167-176.

¹⁶ Esta editora apresenta o maior número de títulos ligados ao esoterismo e misticismo.

¹⁷ <https://ssl120.locaweb.com.br/pensamento-cultrix/livros.asp?pag=1&edit=0&cat=10>

origem a uma “união primordial”.¹⁸ Já para Judy Hall, autora de *O Enigma das Almas Gêmeas*, o conceito pode referir-se também a relações de amizade e de parentesco em que exista uma profunda afinidade entre as partes.¹⁹ Apesar da consideração desta autora, o que se percebe é que, na esfera da conjugalidade, e principalmente no Brasil, o termo tem estado associado, continuamente, à ligação de dois indivíduos que visam a uma união conjugal.²⁰ Como estes livros introduzem conceitos esotéricos e místicos, eles fogem da área de interesse do estudo que não se pretende especificada pelo misticismo.²¹

Nas prateleiras de auto-ajuda das livrarias e nos sítios pesquisados, encontrei, ainda, obras redigidas para fins de divulgação de conhecimentos científicos que mostram não ter formato de manual, nem tampouco formato acadêmico. São livros que nomeei como obras terapêutico-pedagógicas, como já explicitado.

Localizei, também nestas mesmas prateleiras, obras dirigidas a um público não leigo, como o é a literatura de auto-ajuda. São livros acadêmicos, como por exemplo, *Sem Fraude Nem Favor* de Jurandir Freire Costa, da Editora Rocco, listado na categoria “auto-ajuda” do sítio de uma das livrarias.²² Este fenômeno foi igualmente constatado por Gauntlett (2002), na Inglaterra, ao deparar com livros feministas de análise social crítica nas prateleiras de auto-ajuda.

Do encontro com livros tão diversos, concluí que a classificação “literatura de auto-ajuda”, tanto de editoras, quanto de livrarias, segue critérios nem sempre muito claros, pois livros com formato de manual podem ser encontrados junto a obras acadêmicas, não prescritivas e estas podem ser alocadas em prateleiras nomeadas de auto-ajuda. Desta forma, fez-se necessário que eu discriminasse o que consideraria, neste estudo, como obras de auto-ajuda. Assim, a partir da leitura de trinta e quatro livros²³ entre os concernentes às relações amorosas, passei a

¹⁸ <https://ssl120.locaweb.com.br/pensamento-cultrix/zoom.asp?cod=85-315-1183-6>

¹⁹ <https://ssl120.locaweb.com.br/pensamento-cultrix/zoom.asp?cod=85-315-0505-4>.

²⁰ Um bom exemplo disto é o lançamento previsto para junho de 2005 de uma novela da TV Globo sobre o tema.

²¹ Porém, considero que estes livros podem propiciar um outro estudo sobre o amor conjugal.

²² *Saraiva*.

²³ No Anexo III encontra-se a referência de todos eles.

considerar, como literatura de auto-ajuda, os livros que apresentassem em seu formato:

1. título ou subtítulo indicativo de manual, como por exemplo, 'como conquistar', 'como criar';
2. uma redação total ou parcialmente com tempo verbal no imperativo;
3. conteúdo permeado por
 - a) conselhos e/ou testes, questionários, e
 - b) pelas narrativas da história de vida dos autores e/ou por relatos de casos identificados como de pacientes e/ou conhecidos dos autores,
 - c) pela promessa ao leitor, da obtenção de benefícios.

Da leitura inicial de todos os livros, constatei que, em sua maioria, eles contemplam separadamente dois dos momentos das relações amorosas: a fase de conquista de parceiros/as e a fase em que a conjugalidade já está estabelecida. Alguns outros livros as tratam de forma indiferenciada, isto é, não especificam a fase do relacionamento a que se destinam. São obras, muito provavelmente, para leitores que já têm seus parceiros/as conjugais e que se interessam em obter mais conhecimentos sobre o assunto "relações amorosas" e/ou conhecimentos específicos para os cuidados de seus relacionamentos. Alguns dos livros sobre conquista acabam por fornecer prescrições para quando a relação conjugal vier a se estabelecer. Entretanto, os livros voltados aos cuidados de tais relações nunca abordam os aspectos desta fase de conquista. As obras sobre conquista de parceiros/as foram produzidas com um direcionamento diferenciado para cada sexo.

Os quadros abaixo apresentam as onze obras atuais que selecionei como material deste estudo:

LIVROS QUE ENSINAM A CONQUISTAR UM/A PARCEIRO/A <u>Direcionado às mulheres</u>	
Obra	Pais de origem
deJongh, M. & Cato-Louis, C. (1999). <i>Como conquistar um marido negro.</i>	EUA
Carvalho, A. (1999). <i>Como fisgar um solteiro.</i>	BRASIL
Kent, M. (1984/1991). <i>Como casar com o homem dos seus sonhos.</i>	EUA
Nunes, E. (2002). <i>Os homens são de morte e as mulheres não ficam por menos – Tudo que nós homens achamos que uma mulher deveria discutir com seu homem.</i>	BRASIL

LIVROS QUE ENSINAM A CONQUISTAR UM/A PARCEIRO/A <u>Direcionado aos homens</u>	
Obra	Pais de origem
Queiroz, M. & Moreira, L. (2001). <i>Como conseguir uma namorada e envolver pessoas</i>	BRASIL

LIVROS QUE ENSINAM A CONQUISTAR UM/A PARCEIRO/A <u>Direcionados a todos os leitores, independente de sexo</u>	
Obra	Pais de origem
Savian, S. (1999). <i>Paquera: Guia prático da conquista.</i>	BRASIL

LIVROS QUE ENSINAM A CUIDAR DAS PARCERIAS	
Obra	Pais de origem
Matarazzo, M. (1992). <i>Amar é preciso: os caminhos para uma vida a dois.</i>	BRASIL
Taylor, M. & Mc Gee, S. (2000). <i>O Novo Casal: As dez novas leis do amor.</i>	EUA
Pease, A & Pease, B. (2000). <i>Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças.</i>	EUA

LIVROS QUE NÃO DIFERENCIAM AS FASES DA RELAÇÃO	
Obra	Pais de origem
Shinyashiki, R. (1990). <i>Mistérios do Coração</i>	BRASIL
Schwartz, P. (2002). <i>Tudo o que você sabe sobre amor e sexo está errado. Um guia descomplicado para você alcançar felicidade e realização na sua vida íntima</i>	EUA

As Obras Selecionadas

Dentre as obras escolhidas para ser o material do presente estudo, selecionei onze livros atuais, e um cuja publicação original data do final da era A.C. **A Arte De Amar**²⁴ de Ovídio, é uma obra dividida em três livros que, aborda os dois momentos da relação amorosa, e também se dirige a homens e mulheres, em separado. Dois dos livros destinam-se aos homens. No primeiro, ensina-os a conquistar a mulher e, no segundo, a mantê-la apaixonada. O último ensina as mulheres a conquistarem os homens e a serem, elas próprias, *experts* na “arte de amar”.

²⁴ OVÍDIO. (2001). *A Arte de Amar*. Tradução Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 168p.

A obra faz parte deste estudo, sem que, no entanto, receba o mesmo tratamento de análise dos outros, visto os séculos que distanciam suas publicações. Ela foi escolhida por sua interessante localização nas mesmas prateleiras das obras atuais. Minha intenção é que ele possa ajudar na reflexão acerca de aspectos que delineiam a configuração das relações conjugais. Exceto por este livro, escolhi trabalhar com livros de publicação recente, de forma a poder configurar um panorama o mais atualizado possível da conjugalidade proposta por esta literatura.

Selecionei mais onze obras que, em sua maioria, são publicações da década de 1990, sendo apenas uma da década de 1980, porém lançada no Brasil em 1989, e do início dos anos 2000 selecionei cinco.

Seis dos livros são produzidos no Brasil e cinco nos EUA. A edição brasileira das obras produzidas nos EUA não ocorre muito depois do lançamento da obra no país de origem, tanto assim que três dos livros selecionadas tiveram publicação no mesmo ano, nos dois países.²⁵ Estes dados mostram-me que, enquanto mercado, há grandes semelhanças na literatura de auto-ajuda entre os dois países.

Livros Que Ensinam A Conquistar Um/a Parceiro/a

Direcionados às Mulheres

Três das obras escolhidas entre as que ensinam o leitor a conquistar parceiros/as, são explícita e exclusivamente direcionadas às mulheres. **Como Conquistar Um Marido Negro**²⁶ é um livro proveniente dos EUA, que foi selecionado pelo seu direcionamento racial. Encontra-se localizado entre os títulos de auto-ajuda de uma das livrarias²⁷ e está catalogado como referente a assuntos:

²⁵ No Anexo IV encontram-se alguns dados da edição dos 34 livros lidos, em que se pode constatar o intervalo de tempo entre a publicação original nos EUA e a publicação da tradução no Brasil.

²⁶ deJongh, M. & Cato-Louis, C. (1999). *Como conquistar um marido negro*. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 206p.

²⁷ Saraiva.

(a) afro-americanos-casamento, e (b) convivência. É uma obra escrita por duas autoras, casadas e com filhos (na contracapa há uma foto das duas famílias). Monique, que é projetista, e Cassandra, poetisa e atriz, referem que o livro é o relato de um plano infalível que elas criaram para encontrar um marido:

Ele surgiu da vontade de termos uma relação estável e de termos filhos. Percebemos que só porque tínhamos uma vida profissional, não significava que encontrar um marido fosse antiquado ou diminuísse essa competência. Na verdade, vimos que justamente o contrário era possível. Nosso poder próprio nunca experimentou sabor tão doce (p.17)

O objetivo das autoras é ajudar as mulheres, primeiro, a checar se realmente estão preparadas para casar: “Querer casar e estar preparada são duas coisas que precisam andar de mãos dadas. Nós a ajudaremos a determinar sua prontidão” (p.16), e depois ajudar a sanar os erros que as mulheres possam estar cometendo: “Nós a ajudaremos a descobrir o seu potencial, bem como os erros que pode estar repetindo” (p. 17).

A obra é apresentada na contra-capla pelo chamativo aviso: “Acreditem, elas conseguiram homens negros como companheiros! Descobriram a fórmula para transformar solteirões em maridões. Leia este livro... e pode ir correndo comprar as alianças”.

Dois outros livros foram escolhidos por terem o mesmo estilo, mas serem de nacionalidades diferentes. Um, é o brasileiro *Como Fisgar Um Solteiro*²⁸ e o outro, a obra produzida nos EUA *Como Casar Com O Homem Dos Seus Sonhos*.²⁹

O livro ***Como Fisgar Um Solteiro*** é da autoria de uma jornalista brasileira, casada. Está classificado como obra de auto-ajuda pela página da livraria na Internet³⁰ e como obra de psicologia pela editora e, catalogado em referência aos assuntos: (a) namoro e (b) relação interpessoal.

²⁸ Carvalho, A. (1999). *Como fisgar um solteiro*. São Paulo: Editora Gente, 165p.

²⁹ Kent, M. (1984/1991) *Como casar com o homem dos seus sonhos*. Tradução Lucia Veloso dos Reis. Rio de Janeiro: Rocco, 182p.

³⁰ Fnac.

A autora resolveu “escrever sobre o que aprendeu em tantos anos de solteirice feliz, e por que não dizer, bem sucedida”, pois em ela não sendo “uma mulher bonita [...] surpreendentemente, sempre achou que arranjar namorados era muito mais fácil do que suas amigas diziam” (p.9).³¹ Seu objetivo é presentear as “leitoras com todas as informações necessárias para encontrar e conquistar um companheiro à altura de seus anseios”.

A chamada de apresentação do livro, na contra-capas, seduz a leitora, dizendo-lhe que, com a leitura da obra, ela: “conhecerá os melhores lugares para encontrar o seu tipo preferido de homem, o que dizer a ele, como vestir-se no primeiro encontro, inseguranças, medos, dúvidas, erros e acertos pertinentes à instigante temática do relacionamento amoroso”.³²

O livro ***Como Casar Com o Homem Dos Seus Sonhos*** foi publicado em 1984 nos EUA e teve sua primeira edição no Brasil em 1989. A editora e a livraria³³ o classificam como auto-ajuda e sua catalogação o refere como obra de assuntos: (a) marido-escolha e (b) casamento-aconselhamento.

A autora, uma procuradora “Muito solicitada na juventude e bem casada na maturidade de seus 42 anos”³⁴ não menciona explicitamente sua motivação ao escrever o livro, no entanto, o insere em sua história pessoal, relatada no prefácio da obra. Seu objetivo é apresentar às leitoras “as técnicas que [ela] pode utilizar para encontrar os homens, desenvolver relacionamentos e encaminhar o homem [...] dos sonhos para o casamento” (p.15).

O livro tem como chamada de contra-capas o anúncio: “Um guia completo que inclui: lista de lugares estratégicos, como conhecer um homem em dois tempos, como saber se vai dar certo, como transformar uma relação amorosa numa união estável...” .

Há um quarto livro, que considero aqui, destinado a ensinar as mulheres a conquistar parceiros: ***Os Homens São De Morte E As Mulheres Não Ficam Por***

³¹ Muitas das obras apresentam na orelha do livro, fotos de seus autores, esta, porém, não o faz!

³² Texto da contra-capas do livro.

³³ Fnac.

³⁴ Esta citação e a anterior são textos da contra-capas do livro.

Menos.³⁵ Mesmo não tendo o autor especificado que elas seriam as leitoras exclusivas para a obra, há poucos trechos em que se dirige aos homens, no decorrer do livro. Ele concentra-se em dialogar apenas com as mulheres, por praticamente todo o texto. No subtítulo, também a enfatiza como leitora pretendida: “tudo o que nós homens achamos que uma mulher deve discutir com seu homem”.

Esta é uma obra classificada como de auto-ajuda por uma das livrarias³⁶ e catalogada como tratando dos assuntos: (a) homem-comportamento sexual e (b) homem-conduta de vida. Seu autor é um consultor de *marketing* pessoal e empresário,³⁷ que diz ter escrito o livro por estar “convencido de que o velho protocolo de comunicação entre homens e mulheres se agravou tanto...”. Assim, ele objetiva com a obra: “criar um eficiente protocolo de comunicação intersexual do novo milênio, colocando claramente todos os assuntos e pontos de vista que merecem ser discutidos por um casal que esteja se conhecendo, atraídos e intencionados a desenvolver um relacionamento sério”.³⁸ A chamada de contra-capa apresenta alguns dos tópicos a serem abordados na obra, tais como: “um homem não ‘é’ cafajeste e sim ‘está sendo’ um cafajeste”, “existe mulher cafajeste e feliz”. Ela também apresenta o endereço do autor, na Internet.

A catalogação do assunto deste livro parece indicar trata-se de uma obra sobre e para homens. Em sua contra-capa é mostrado como obra de interesse aos dois sexos e, no entanto, após sua leitura, constata-se ser um livro com forte direcionamento às mulheres. Toda esta “confusão” aponta necessárias reflexões acerca dos padrões de catalogações dos assuntos das obras, bem como para possíveis estratégias de *marketing* que visam a ampliar o possível número de leitores.

³⁵ Nunes, E. (2002). *Os homens são de morte e as mulheres não ficam por menos* – Tudo que nós homens achamos que uma mulher deveria discutir com seu homem. Osasco – SP: Novo Século Editora, 183p.

³⁶ Fnac.

³⁷ Não há qualquer referencia a seu estado civil.

³⁸ Esta citação e a anterior são de textos da contra-capa do livro.

Direcionados aos Homens

Mediante tantos livros exclusivos para mulheres, optei em escolher também obras que fossem exclusivamente destinadas aos homens. Incorporei ao material de estudo, o único livro encontrado: ***Como Conseguir uma Namorada e Envolver Pessoas***,³⁹ que, da mesma forma que as obras para mulheres, aponta para relações heterossexuais: “Que homem não sonha com a mulher ideal?” é a chamada da contra-capá.

Este livro é escrito por dois autores brasileiros, um comerciante e outro formado em Farmácia e Direito, que se motivaram a escrevê-lo por considerar que “a busca por [...] companhia pode tornar-se tediosa e cansativa, levando muitas pessoas a desistir, entregando-se à solidão” (p.11). Com o livro, eles intencionam “auxiliar as pessoas a conseguir o que existe de mais valioso em nossas vidas: uma companhia ideal” (p.11). É uma obra que está alocada nas prateleiras de auto-ajuda de uma das livrarias.⁴⁰ O exemplar não possui ficha catalográfica e está apresentado em sua contra-capá com o aviso ao leitor de que “utilizando os métodos apresentados pelos autores, você certamente conseguirá conquistar aquela tão sonhada companhia”.

Direcionado a todos os leitores, independente de sexo

Escolhi ainda mais uma obra, nacional, exatamente por referir-se como direcionada a qualquer leitor, independente de seu sexo. O autor diz destinar seu livro ***Paquera: Guia prático da conquista***,⁴¹ para as mulheres, para os homens,

³⁹ Queiroz, M. & Moreira, L. (2001). *Como conseguir uma namorada e envolver indivíduos*. São Paulo: Madras, 176 p.

⁴⁰ Saraiva.

⁴¹ Savian, S. (1999). *Paquera: Guia prático da conquista*. São Paulo: Editora Gente, 133p.

para o chamado grupo GLS, para os adolescentes, para os jovens, para os maduros, para os mais maduros” (p.8).

O livro que está na 5ª edição, é classificado pela livraria⁴² como de auto-ajuda e pela editora como obra de psicologia. Está catalogado em referência aos assuntos: (a) namoro e (b) relações interpessoais, e é apresentado como “um livro sobre a arte do encontro, que revoluciona o relacionamento entre as pessoas”. Seu autor é um terapeuta holístico que considera ser a “paquera” um método que pode ser aprendido [bastando] praticar esta arte com esperteza e respeito ao mesmo tempo”.⁴³

Livros que Ensinam a Cuidar das Parcerias

Dentre as obras que considero direcionadas àqueles que já vivenciam uma parceria, escolhi três livros. Seus autores nem sempre fazem menção explícita a que o livro seja lido pelo casal. Pode ser lido apenas pela mulher ou apenas pelo homem; parceiros de uma conjugalidade heterossexual, oficializada ou não. Porém, por muitos momentos os autores mostram presumir a mulher como leitora.

O livro ***Amar é Preciso***⁴⁴ foi selecionado por ser uma obra brasileira de grande vendagem, encontra-se na 50ª edição. A obra está classificada na livraria⁴⁵ como de auto-ajuda e pela editora como obra de psicologia. Seu catálogo o refere como tratando dos assuntos: (a) casamento e (b) divórcio. A autora, sexóloga e socióloga, relata ter se motivado a escrevê-lo para “Devolver para a vida aquilo que a vida me deu de melhor...”. Não há qualquer referência ao seu estado civil, sendo apresentada apenas como alguém “dedicada aos filhos”. Seu objetivo é ajudar o leitor:

⁴² Fnac.

⁴³ Texto da contra-capla do livro.

⁴⁴ Matarazzo, M. (1992). *Amar é preciso: os caminhos para uma vida a dois*. São Paulo: Editora Gente, 136p.

⁴⁵ Saraiva.

a refletir sobre esta “jornada heróica” que é o casamento. Mas espero principalmente que ele possa ser útil para fazer você agir. De nada adianta pensarmos profundamente sobre a vida se não tivermos a coragem de enfrentar as transformações que precisam ser feitas.

A chamada de apresentação da obra a identifica como “um livro que trata exclusivamente do vínculo amoroso, da conexão entre homem e mulher, sem discutir os papéis complementares de pai e mãe existentes no casamento”.⁴⁶

O Novo Casal – As 10 Novas Leis do Amor⁴⁷ foi escolhido por ser um livro americano e de mesmo tema do brasileiro. É uma obra escrita por um casal de psicoterapeutas especializados em aconselhamento conjugal. Está classificado como de auto-ajuda por uma das livrarias⁴⁸ e encontra-se catalogado em referência aos assuntos: (a) relações homem-mulher e (b) casamento. Os autores contam que a determinação em escrever o livro:

não se relacionava apenas com o trabalho; não foi apenas pelos clientes que iniciamos a busca pelas informações mais avançadas e pelas técnicas mais eficazes, que podem produzir resultados permanentes [...] Além disso, com toda franqueza, também éramos loucos um pelo outro. Por isso, estávamos determinados a fazer tudo ao nosso alcance para não deixar que se desvanecesse a dádiva de nosso precioso amor (p. xiii).

O objetivo dos autores é oferecer “as chaves para uma compreensão mais profunda das ‘necessidades de ordem superior’ dos parceiros modernos, além das ferramentas para sua realização, dentro do contexto do relacionamento amoroso e honesto”.⁴⁹

A obra ***Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?***⁵⁰ foi escolhida por ser a única dentre as de auto-ajuda amorosa a ocupar o posto de mais

⁴⁶ Esta citação e a anterior são de textos da contra-capla do livro.

⁴⁷ Taylor, M. & Mc Gee, S. (2000). *O Novo Casal: As dez novas leis do amor*. Tradução Márcia Brito. Rio de Janeiro: Campus, 344p

⁴⁸ Saraiva.

⁴⁹ Esta citação e a anterior são de textos da contra-capla do livro.

⁵⁰ Pease, A. & Pease, B. (2000) *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças*. Tradução Neuza Simões Capelo. Rio de Janeiro: Sextante, 239p.

bem vendida nas cotações das listagens semanais de jornais e revistas brasileiros. No próprio ano de lançamento, alcançou a 10ª edição.⁵¹ É um livro que aborda as conseqüências para as relações das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Destina-se àqueles que se encontram em parceria: “Este livro é dedicado a todos os homens e mulheres que já ficaram até as duas da manhã arrancando os cabelos e perguntando a seus parceiros ‘mas por que você não entende?’” (p.12).

O livro foi escrito por um casal: ele, especialista em linguagem corporal, e ela, especializada em comportamento e capacitação profissional. A editora e a livraria⁵² o classificam como obra de auto-ajuda e o catalogam em relação aos assuntos: (a) relações homem-mulher e (b) sexo. Contam eles que “Para escrever este livro, percorremos mais de 400.000 quilômetros durante três anos de pesquisas, estudando artigos, entrevistando especialistas e fazendo palestras em seminários ao redor do mundo”. O objetivo que têm para com a obra é ajudar “as pessoas a aprenderem mais sobre si mesmas e sobre o sexo oposto, tornando a interação e os relacionamentos mais ricos, prazerosos e promotores de crescimento mútuo”. Há, na contra-capa da obra, uma chamada que o apresenta como o livro em que o leitor vai:

conhecer os importantes avanços da ciência da evolução humana e como suas descobertas se aplicam ao relacionamento entre homens e mulheres. Serão apresentadas algumas conclusões perturbadoras e controversias vão surgir, mas vamos nos reconhecer, entender melhor muitas coisas e, certamente, aprender a viver melhor.⁵³

⁵¹ Na listagem dos livros mais vendidos da *Revista Veja* de 11/05/05 ele ocupa o sétimo lugar, estando na listagem por 73 semanas consecutivas.

⁵² *Fnac*.

⁵³ Esta citação e a anterior são de textos da contra-capa do livro.

Livros que não Diferenciam as Fases da Relação

Dois outros livros selecionados não explicitam a fase da relação; quer seja a fase de conquista do/a parceiro/a ou o cuidado para com as parcerias já estabelecidas.

O livro ***Mistérios do Coração***⁵⁴ foi escolhido por ser um texto sob a forma de uma carta escrita por um homem à sua amada. Como diz o autor, que é psiquiatra: “para homens este livro é uma oportunidade de se verem espelhados em sua busca amorosa e para as mulheres, a chave para conhecer por dentro a torre de marfim”

É uma obra que está na 55ª edição, classificada como de auto-ajuda pela livraria⁵⁵ e como psicologia pela editora. A catalogação do assunto a que se refere, relaciona-se a: (a) amor – relações familiares, psicologia aplicada e (b) casal – relacionamentos. Sua chamada de apresentação relata que:

Em *Mistérios do Coração* temos um desabrochar de um homem à procura do Amor. Através de uma carta à sua amada ele relata suas frustrações e conquistas, seus medos e desejos, até a compreensão de que é necessário humildade e sabedoria para o cavaleiro andante conseguir realizar o seu maior desafio: a conquista do seu castelo interior.⁵⁶

Selecionei o livro ***“Tudo O Que Você Sabe Sobre Amor E Sexo Está Errado – Um Guia Descomplicado Para Você Alcançar Felicidade E Realização Na Vida Intima”***⁵⁷ por se anunciar como um texto que pretende desmistificar algumas idéias sobre amor e sexo, anunciadas nas outras obras de auto-ajuda e consideradas ultrapassadas pela autora, que é uma professora de sociologia, casada e mãe.

⁵⁴ Shinyashiki, R. (1990). *Mistérios do Coração*. São Paulo: Editora Gente, 139p.

⁵⁵ Fnac.

⁵⁶ Esta citação e a anterior são de textos da contra-capa do livro.

⁵⁷ Schwartz, P. (2002) *Tudo o que você sabe sobre amor e sexo está errado*. Um guia descomplicado para você alcançar felicidade e realização na sua vida íntima. Tradução de Flavia Toledo. Rio de Janeiro: Ediouro, 317p.

Seu objetivo é ajudar o leitor a "ter um novo olhar sobre um lote inteiro de vacas sagradas. E se o que eu disser fizer muito sentido, não se sinta constrangido por nunca ter reconsiderado algumas dessas suposições" (p.11).

Esta obra é classificada por uma das livrarias⁵⁸ como de auto-ajuda e catalogada em referência aos assuntos: (a) relações homem-mulher e (b) amor.

Procedimento de Análise

O procedimento de análise que coloco em ação neste estudo baseia-se na *Análise de Conteúdo* como elaborada por Bardin, uma vez que busco, do texto original de cada uma das obras: "descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou freqüência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido" (Bardin, s/d, p. 105).

Numa segunda leitura de cada livro, num procedimento que a autora nomeia por pré-análise, destaquei do texto de cada livro todos os trechos em que os assuntos estavam remetidos à temática de interesse. Sublinhei excertos em que o autor se referia ao homem ou à mulher, bem como outros em que se fazia uma indicação ou uma reflexão sobre amor, paixão, relação, individualidade, autoconhecimento, comunicação, autotransformação, conquista, etc. São trechos recortados não pela forma, por parágrafos, por exemplo, mas sim por uma orientação semântica, sendo cada um dos temas uma unidade de significado.

Num segundo momento, digitei todos estes trechos --de cada uma das obras, e uma após a outra-- separando-os por temas tratados e formatando-os numa única coluna, para que na coluna da direita colocasse os títulos atribuídos aos assuntos referidos em cada um deles. Além dos nomes, muitos trechos recebiam ainda uma subdenominação: homem ou mulher, quando na tematização do assunto apontavam para uma distinção de sexo.

⁵⁸ Fnac.

Num terceiro momento, agrupei todos os trechos de cada um dos assuntos nomeados em todos os livros, tomando o cuidado de mantê-los separados por sexo quando se fazia tal diferenciação.

Obtive, desta forma, um material condensado e original (trechos das obras que foram digitados) que se constitui, por assim dizer, num agrupamento, fruto de um olhar analítico, isto é, os trechos dos textos originais encontram-se agrupados pelo tema a que se referem.⁵⁹

Todo este procedimento de análise pôde ser assim desenvolvido pelo fato de que os três grupos de obras --para conquistar parceiros, para cuidar das parcerias já existentes e sobre as relações, quaisquer que sejam suas fases --tanto as brasileiras quanto as norte-americanas-- apresentam concepções muito semelhantes sobre o que é um relacionamento conjugal e sobre como deve vir a ser materializado e mantido. As poucas diferenças, quando surgem, são todas elas explicitadas e discutidas.

Ao final deste procedimento, tinha em mãos a diversidade temática tratada nestes livros. Após uma atenta análise, compreendi que a tematização destas obras apontava para dois imbricados campos conceituais: (a) uma homogênea compreensão e conceitualização de conjugalidade, marcada por uma forte distinção de gênero, na qual os autores se ancoram para prescrever as mais diversas condutas aos leitores, desde a fase inicial; a conquista do/a parceiro/a até a manutenção da parceria, quer seja uma relação oficializada ou não, e (b) uma homogênea noção de indivíduo, igualmente, marcado por gênero, que atravessa toda a tematização da conjugalidade.

No primeiro campo se encontram delineados vários temas que configuram a esfera da conjugalidade. São os correlatos da conjugalidade, que discuto em diálogo com a literatura acadêmica (sociologia, antropologia, comunicação, psicologia e os estudos feministas e de gênero). Assim, quando o texto desta literatura apresenta uma concepção específica acerca, por exemplo, da sexualidade, eu o coloco em

⁵⁹ Procedimento semelhante foi realizado por Singleton (2003) no estudo de seis livros de auto-ajuda, cujo tema era a saúde dos homens.

diálogo com a literatura acadêmica que trata da compreensão da sexualidade desde o final do século XIX até este início de século XXI. É deste modo que traço uma compreensão do modelo de conjugalidade apresentado, em cada um de seus correlatos, discutindo como cada um se configura, se e como está marcado por gênero e que lugar este ocupa na construção da conjugalidade.

Procedo do mesmo modo para a compreensão do segundo campo delineado. A individualidade marcada por gênero, que é base e estímulo para a conjugalidade apresentada é discutida em diálogo com autores que analisam como este fenômeno opera na modernidade.

Um terceiro campo de análise se depreende destes dois campos iniciais. Trata-se da forma como a literatura de auto-ajuda opera, conceituando e prescrevendo, o que nomeio aqui por proposta educativa. Discuto nela a forma, o sentido e as implicações que percebo comporem o estilo prescritivo que caracteriza estes manuais de auto-ajuda.

A análise e discussão destes três campos são apresentadas nos próximos dois capítulos. Nas considerações finais, aponto questionamentos, reflexões e conclusões a que cheguei a respeito da conjugalidade e da individualidade marcada por gênero, bem como abordo a proposta pedagógica destas obras.

Capítulo 3 – A CONJUGALIDADE

*“Quanta vida, quanta emoção acontecendo lá embaixo no vale!”
todos os animais, plantas em busca de oxigênio,
água, comida, calor e companhia!
Enquanto não aprenderem a sujar o ar, terão oxigênio suficiente!
A mesma coisa com a água! Tem água em abundância!
Às vezes é só procurar um pouquinho! Comida tem pra todo gosto!
É só subir numa árvore, colher umas frutas... ou correr atrás de uma caça!
Calor, tem o do sol, das estações quentes!
Ou das caverninhas gostosas e acolhedoras!
Umhas peles de alguns falecidos ajudam, nos piores dias de inverno!
Falta a companhia... como fazer para tê-la...e não perdê-la?
Bem... melhor ir pelo começo...
Primeiro tê-la!*

(História do personagem Horácio, no Gibi Mônica de Mauricio de Sousa)

Este capítulo apresenta a análise que empreendi sobre a configuração dada à conjugalidade nesta literatura.¹ As relações de parceria encontram-se representadas em meio à descrição de temas que lhe são correlatos. O amor, a paixão, a sedução, o uso do corpo na conquista, a escolha do/a parceiro/a, a sexualidade, a amizade, a coabitação e a separação perfazem a temática conjugal destas obras.

Início a discussão pelo amor, por ser o elemento motivador do estudo e, por ter, no princípio me surpreendido com a forma como se encontra explorado nestas obras.

Após a leitura de todos os livros, e não apenas os selecionados, constatei que pouco se explicitavam os sentimentos de amor e paixão. Encontrei-me em meio a um material que me parecia não contemplar o amor nas relações de parceria, ao menos não da forma como eu, inicialmente, havia imaginado.² Percebi, porém, não haver

¹ A partir deste capítulo, a expressão literatura de auto-ajuda referir-se-á, apenas e tão somente, às obras direcionadas à temática conjugal e não mais a todo o complexo da literatura.

² Pensei que encontraria digressões, definições, descrições enfim, sobre o amor. Como já apontei antes, estas talvez estejam no segmento esotérico da literatura de auto-ajuda.

“errado” na escolha do objeto de estudo, pois comecei a compreender que estes livros pareciam ter feito, inicialmente, uma “substituição”, por assim dizer, do tema amor pela abordagem da materialização de uma conjugalidade e não o apagamento do mesmo.

Esta “substituição” confirmou-se, após a leitura de vários estudos sobre o amor, como uma realocação do sentimento na esfera da conjugalidade, representada de modo muito semelhante, tanto na literatura de auto-ajuda, quanto na literatura acadêmica atual. Por isto, considero importante tecer, inicialmente, algumas breves apreciações destes estudos de forma a melhor fundamentar e delinear a compreensão da abordagem e significado do amor na literatura de auto-ajuda.

Uma de minhas motivações para o estudo do amor, além de, e em paralelo, ao questionamento que a prática profissional me colocava, pois me fazia buscar respostas mais clarificadoras, referia-se também a uma antiga constatação sobre a produção acadêmica em torno do assunto que eu havia considerado muito escassa. Ao buscar material teórico para uma melhor compreensão, percebia que poucos eram os estudos produzidos, principalmente na área da psicologia e especificamente no Brasil. Esta constatação também decorreu de pouco encontrar a temática debatida em congressos.

O levantamento bibliográfico que realizei, quando da minha pesquisa de mestrado, mesmo não tendo sido tão extenso --visto que o amor não era tema central daquele estudo-- contribuiu igualmente para confirmar minhas impressões iniciais. No próprio texto do projeto desta pesquisa, arrolei tal constatação, como um dos motivos para sua realização. Esta minha idéia, corroborada por alguns colegas, creio ter sido expressivamente forte, pois foi seguida por outros profissionais, que a explicitaram como justificativa de seus estudos.³

Pela minha atual proposta de uma análise mais profunda e mais ampla, o real contexto de pesquisas sobre o amor tornou-se corretamente evidenciado. A amplitude a que me refiro procede da importância que constato, como indiquei na

³ A justificativa de Braz (2003) para seu estudo é um exemplo da influência desta minha crença.

introdução, em compreender, no caso o fenômeno amoroso, em diálogo com várias áreas de conhecimento e não exclusivamente sob o enfoque da psicologia.

Procedi intuitivamente, da mesma forma que constatei, relendo Foucault (1998), ter sido esse seu método de análise. Como ele, analiso *textos práticos*, no sentido de que são um material prescritivo como aqueles com que ele trabalhou “que eram feitos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados, postos à prova, e visavam no final das contas, constituir a armadura de conduta cotidiana” (p.16). Estudo estas obras, evidenciando suas propostas, as quais coloco em diálogo com *textos teóricos* a fim de obter, como o citado autor, condições para traçar uma compreensão mais ampla dos fenômenos indicados pela literatura de auto-ajuda.⁴

Considera-se o amor um fenômeno privado, como sentimento ou emoção individuais, mesmo entre alguns pesquisadores que estudam sua imbricação social: “É a noção de amor que condensa o modo pelo qual no Ocidente as relações sociais, sobretudo aquelas que incidem sobre o parentesco, podem ser pensadas como oriundas do domínio dos sentimentos e interpretadas como algo que escapa ao social” (Heilborn, 2004, p. 65). Concordo com Alberoni (1998) que é um erro estudar o amor apenas como um fato psicológico e individual: “Para compreendermos um fenômeno é preciso ver qual é seu significado profundo, o que é que ele provoca na vida social” (p. 24), pois aquilo que se registra social e culturalmente, também comporá, por sua vez, o imaginário de cada um dos indivíduos desta mesma sociedade.

Na antropologia, na sociologia, na história, o tema vem sendo bastante explorado e posso dizer que também, mais recentemente, na psicologia. Aron & Aron (1996) referem como o atual interesse, principalmente da psicologia social, tem se direcionado para a esfera de relacionamentos íntimos. Desta maneira, dizer no início

⁴ Desta forma, quando apresento um autor que não é de auto-ajuda e sim um pesquisador ou estudioso dos conceitos abordados, procuro identificar sua área teórica a fim de possibilitar a melhor clareza na distinção entre a autoria de muitas concepções das duas literaturas --de auto-ajuda e acadêmica-- que, surpreendentemente, são assemelhadas.

do século XXI, que se trata de uma temática pouco estudada é cometer um grande erro, visto a quantidade e diversidade dos trabalhos que encontrei para subsidiar a pesquisa.

Os estudos sobre amor, registrados nas mais variadas formas de publicação, desde relatos de pesquisas, artigos, ensaios, capítulos e obras completas, enfocam os mais diferentes ângulos do tema escolhido sob a referência da área acadêmica de que são provenientes seus autores.

A psicologia, via de regra, atém-se a medir e avaliar comportamentos, atitudes e a própria subjetividade, envolvidos no amor.⁵ Criam-se escalas para medir e avaliar atitudes tidas por pertinentes ao comportamento amoroso (Lee, 1988 e Hendrick, Hendrick & Dicke, 1998). Os objetivos centram-se, usualmente, em compreender como as pessoas experienciam a intimidade, a paixão e o comprometimento, tendo-se como ponto de partida que estes são os elementos componentes do sentimento amoroso (Marston, Hecht, Manke, Mcdaniel, & Reeder, 1998). Estuda-se, ainda, entre outros aspectos, a questão de gênero envolvida na experiência do sentimento amoroso (Hendrick & Hendrick, 1995 e Smith, Byrne, & Fielding, 1995) Os estudos da antropologia e sociologia exploram os meandros que compõem os conceitos de amor em uso, como o faz, por exemplo, Francesca Cancian (1986), chamando a atenção para o fato de que, freqüentemente, o modelo de amor que se tem por base está referendado exclusivamente no comportamento amoroso feminino, ou como o faz Goode (1959), preocupado com a importância da estruturação do amor. Também nesta disciplina, muitos dos estudos atém-se em compreender as configurações contemporâneas das relações amorosas, como por exemplo Bozon (1995), que traça o panorama de transformações das relações de amor e de sexo na França contemporânea ou, em específico, a configuração que o amor assume numa sociedade consumista (Ilouz, 1997).⁶

⁵ Obviamente há trabalhos diferentes, porém em maior freqüência é esta configuração dos estudos da área.

⁶ Há também vasta produção nacional em todas as áreas de conhecimento citadas, sendo a maior parte registrada em livros específicos. Não os cito aqui, por me ater aos artigos para exemplificação do que afirmo e também porque grande parte do material encontrado será citada, nos momentos apropriados desta tese.

Essa diversa produção acadêmica pode muito bem se alinhar, construindo um vasto conhecimento do que é o amor, porém, de forma diferente da proposta por Berscheid (1988), que deseja retirá-lo de um tal campo de paradoxos em que se insere pelo estudo das mais diversas variáveis. Considero que todo novo conhecimento, apenas pode-se dar se embasado exatamente neste campo diverso e, por vezes paradoxal a que pertence.

O amor de parceira, que almeja uma união, uma conjugalidade, recebe --na literatura de auto-ajuda e na literatura acadêmica-- variadas conceituações, às vezes com a concordância entre alguns de seus autores, às vezes com total divergência entre eles. De tal modo que me guio, neste estudo, pelo preceito de que trabalho com um construto, um termo teórico que designa um fenômeno que a literatura de auto-ajuda escolhe nomear por amor. Como refere Lázaro (1996): “já não importa o que seja amor, já que ele não é, mas aquilo que se elege como sendo amor” (p.15). Compreendo que analiso um discurso sobre amor e o faço, colocando-o em diálogo com discursos outros, que têm certa influência na compreensão de amor em nossa sociedade, pois como bem ressalta Rubin (1988) a produção acadêmica sobre o amor, torna-se, por sua vez, também uma espécie de modelo para o mesmo:

As abordagens e resultados da pesquisa sobre amor, a medida em que são divulgados na mídia, irão, indubitavelmente, modelar as expectativas das pessoas sobre o amor. Se os cientistas focam a natureza companheira do amor, os casais irão ficar preocupados com seu próprio companheirismo, se os cientistas voltam sua atenção para o amor apaixonado, os casais ficarão preocupados com sua própria paixão (p.xi).⁷

⁷ Rubin nos remete a pensar, ainda, na confiança ou vulnerabilidade da sociedade quanto à produção acadêmica, o que neste estudo é um aspecto que se mostra fundante, já que a literatura de auto-ajuda é uma das formas mais populares de pretensa divulgação científica.

OS CORRELATOS DA CONJUGALIDADE

Amor

O tipo de amor a que se referem estas obras é aquele que se considera criador e alimentador da conjugalidade, de preferência, satisfatoriamente duradoura. A literatura de auto-ajuda, bem como os estudos acadêmicos, quando da conceituação do amor entre homem e mulher, cria subcategorias várias, de acordo com os múltiplos elementos que possam ser identificados no fenômeno, com maior ou menor intensidade.

Os autores dos textos de auto-ajuda têm este sentimento por um elemento de “base” ou intrínseco a toda e qualquer idéia ou desejo de conjugalidade. O amor é algo tido como de presença tão certa e tão óbvia que por isto, talvez, não tenha sido considerado necessário delinear-lo ou descrevê-lo.

Quando Taylor e Mc Gee (2002), autores de uma das obras que se direciona ao cuidado das relações de parceria, enfatizam que:

graças ao advento dos casamentos por amor, a escolha de parceiro na cultura ocidental baseia-se no amor há algumas gerações. Ostensivamente, esse grande salto para Eros libertou-nos de seguir as exigências muitas vezes sufocantes da família, sociedade, cultura e necessidades de sobrevivência; pudemos finalmente seguir os ditames do nosso coração (p.20).

ou quando Shinyashiki (1990) indica a presença deste amor pelas sensações provocadas naquele que o experimenta:

quando optamos por alguém que nos fez sentir que vale a pena respirar, brincar, correr, viver, enfim; que torna poéticas as coisas simples; que nos faz descobrir o que é amar alguém, percebendo que esse alguém também é um ser humano que sonha ser feliz, tão carente quanto nós mesmos e igualmente aprendiz na sua forma de amar (p.33).

entendo que exemplificam exatamente a idéia de um amor “de base” que tomam por presente nestas relações, mesmo que, enquanto impulso para a construção de parcerias, ele esteja descrito de forma evasiva ou ainda que se faça presente apenas,

para diferenciar a atual conjugalidade daquela nomeada tradicional em que os casamentos eram arranjos sem considerar-se o amor entre os parceiros, como parecem sugerir também, Taylor e Mc Gee (2000) além de Matarazzo (1992) que explicita como “o amor hoje deixou de ser um luxo romântico, para se tornar algo essencial para a nossa sobrevivência emocional” (p.21).

A meu ver, este fenômeno não é exclusivo desta literatura. Realmente, vem-se considerando o amor de presença “obrigatória” ou pertinente à conjugalidade. Entretanto, diferente do que apontam os autores de auto-ajuda, acima citados, a passagem histórica não se refere à presença do amor permeando as relações conjugais. Não se trata, historicamente, de casamentos em que o sentimento não estava presente de forma alguma e casamentos em que ele é presença obrigatória. A consulta aos trabalhos dos historiadores especializados na temática da vida privada mostra como se pode identificar o amor presente, há muito, nas relações conjugais, como consequência e não motivo de sua realização, como ocorre na atualidade; também pode ser identificado por uma expressão diferente da atual.

Paul Veyne (1989) constata que, desde o primeiro século de nossa Era, já se esperava certa dose de consideração e carinho entre os cônjuges: “O ideal da ternura entre os esposos sempre se acrescentou, desde Homero, à estrita obrigação matrimonial; os baixos-relevos mostram marido e mulher dando-se as mãos, e não se tratava de um símbolo de casamento, diga-se o que se disser, e sim dessa desejável concordância suplementar” (p.52).

O amor apontado por estes historiadores nomeia, entretanto, o que hoje é entendido pela amizade e consideração entre os cônjuges. Quer seja o ideal de amor atual, a amizade, a consideração, enfim, os afetos de outrora e os atuais são sentimentos que adentraram ao espaço da conjugalidade, segundo Simmel (1895/2001) em decorrência de sua associação à monogamia como a forma permanente de casamento. Tanto ele quanto Macfarlane (1990) consideram que a partir do menor número de relações conjugais, da importância dada a cada único casal e ao par conjugal é que se adicionou o sentimento subjetivo que, paulatinamente tornou a relação conjugal fonte de felicidade e, o casal, par indivisível

e mutuamente solidário. Amor e casamento têm estado sempre associados; independente do estilo e significado do sentimento.

O próprio contrato de casamento, em vigência no século XVIII, já estipulava a presença necessária do amor. Segundo Macfarlane (1990), o casamento na Inglaterra pressupunha que o marido primeiro amasse a mulher para que só então ela lhe promettesse obediência. A análise da literatura popular que ele empreende evidencia haver, já desde o século XIII uma “ênfase no amor, na ‘amizade’, no afeto e na consideração” (p.193), o mesmo ocorrendo nos livros de conselhos do século XVI e nas cartas escritas entre maridos e mulheres do século XVII. Conforme ele, mesmo com maior formalidade da linguagem anterior ao século XVII, já se percebia, desde então, uma maior fruição da intimidade.

A passagem, portanto, não pode ser referida à existência ou não do sentimento, mas sim ao espaço que ele ocupa ou ao momento em que ele passa a ser inserido na relação. O amor “foi consequência do casamento até o casamento se tornar consequência do amor” como bem explicita o sociólogo Georg Simmel (1895/2001, p.36).

O século XVIII é o período dado como o de sua apresentação como elemento motivador do casamento, tornando-se expreso como parte da conjugalidade, quando até então, como relata o historiador Philippe Ariès (1985), os registros do sentimento eram raros: “é como se os homens não gostassem de falar do sentimento que ligava os esposos, a não ser nos testamentos, onde se tornam mais freqüentes [...] Existiam coisas que não se diziam: o amor conjugal era uma delas” (p. 158 e 159).

Antes do século XVIII, tratava-se de um afeto e apreço pelo parceiro, em nada similar ao desejo de posse ou à busca de prazer, mas sim um misto de “boa vontade e conformismo” (Veyne, 1989, p.52), visto não ser o sexo realizado por prazer, mas sim para perpetuar a espécie. Era o dever de procriação que instaurava o casamento e não o sentimento. Este, foi doravante, agregado de modo apenas a ampliar a base do casamento, creditando-lhe, além da função de procriação, a ajuda mútua entre os parceiros. Não se tratava, no entanto, do amor apaixonado que, segundo Flandrin

(1985) era evitado por receio de prejuízo às relações sociais: “Um homem sábio deve amar sua mulher com discernimento e não com paixão, e conseqüentemente, controlar seus desejos e não se deixar levar à copulação” (p.157).

Na conjugalidade, os termos usados para o amor eram *charitas conjugalis*; mistura de ternura e amizade, ou *dilectio*; amor de escolha e respeito, ou *caritas*, que conjuga “união carnal honrosa e comedida com fidelidade e dedicação sensível e desinteressada” (Rouche, 1989, p.462). Condenava-se a prática de um amor cujo desejo fosse violento.

Por não ser o amor um sentimento identificado positivamente: “sempre se trata de uma paixão sensual, irracional, destrutiva [porém] nunca aplicado ao casamento oficial” (Rouche, 1989, p.462), configuraram-se duas entidades distintas: o casamento e o amor-paixão. Sendo assim, designava-se o amor intenso associado ao desejo sexual; ao acontecimento extraconjugal, mas não ao casamento, pois a intensidade da paixão era tida como sua destruidora ou, no mínimo, indigna dele.

A data --século XVIII-- estabelece uma nova compreensão do sentimento amoroso quando inserido na conjugalidade. Esta passa a incorporar o ideal de amor que antes fora creditado apenas aos casos extraconjugais; relacionamentos em que se podia expressar todo o ardor do sentimento e explorar os prazeres restritos na conjugalidade. Nas palavras de Ariès (1985): “Constituiu-se pouco a pouco no Ocidente um ideal de casamento que impõe aos esposos que se amem, ou que façam de conta que se amam, como dois amantes. O erotismo entrou no casamento, expulsando a reserva tradicional em proveito do patético, pondo à prova a duração” (p. 160 e 161).

Os dois modelos de amor tornam-se unificados no ideal de amor-paixão que passa a incluir a sexualidade. Este ideal de amor tem sua origem na atração; é o predomínio do “amor à primeira vista”. Desta forma, o amor que até então era tido como originado das relações estabelecidas entre os esposos passa, a partir deste período, a preceder estas mesmas relações, até chegar a ser o único e verdadeiro motivo, tido por certo para que o relacionamento venha a se materializar. Neste ponto é que ocorre a passagem da função do amor na conjugalidade: de casamentos

sem escolha de parceiro para casamentos baseados numa escolha fundada neste sentimento febril, intenso e por vezes fugaz. Desde então, pressupõe-se que o amor antecede “obrigatoriamente” a conjugalidade e nela também se insere, configurando-a como uma relação amorosa e sexualizada, cujo desenho vem se alterando, no decorrer dos tempos, quanto à forma e intensidade que se espera tenham o amor e o sexo, tanto antes que ela se constitua, quanto durante sua vigência e, porventura, também após seu fim.⁸

O amor reificado, deste modo, no imaginário de nossa cultura, como elemento da conjugalidade chega a ser confundido com, ou a ela igualado, principalmente na auto-ajuda, mas creio que não apenas nesta literatura.

Como assinali anteriormente, há uma grande imbricação entre o saber produzido na academia e o produto cultural em questão, de forma que estas obras acabam por apontar os mesmos elementos componentes dos relacionamentos de casais, que encontrei em vários estudos acadêmicos. São elementos considerados os mais relevantes para uma discussão do amor em nossa época e cultura (Beach & Tesser, 1988).

No que se refere ao âmbito conjugal, alguns pesquisadores têm evidenciado o interesse crescente da psicologia, não apenas pelo estudo do amor, como também da estabilidade conjugal; a mesma que se constata ser o objetivo maior desta literatura de auto-ajuda. Beach & Tesser (1988) demonstram que o interesse da psicologia pelo ajustamento conjugal tem resultado em estudos acadêmicos⁹ cujos elementos que se costuma avaliar são aqueles considerados componentes do amor.¹⁰

⁸ É possível falar, aqui, de amor e sexo na conjugalidade após seu término, isto é, quando não mais se dá a conjugalidade porque as prescrições ocorrem no nível da individualidade. Tanto assim que alguns dos livros selecionados discorrem sobre a separação, prescrevendo condutas para quando ela vier a ocorrer.

⁹ Veja, por exemplo, os estudos de Noller (1996), Knee (1998) e Simpson, Campbell, & Berscheid (1986).

¹⁰ No entanto, para Beach e Tesser (1988), os conceitos de amor e ajustamento conjugal são diferentes, sendo o primeiro um construto mais específico e tendo o segundo a necessária inclusão entre seus quesitos, da capacidade de resolução de conflitos.

Amor como Relação Conjugal

*Você podia simplesmente
Ser carpinteiro e trabalhar
Sem nunca ter que se exilar
De se esconder com Maria
E teu ofício ensinar
Como teu pai sempre fazia
Por que será, meu bom José
Que este teu pobre filho um dia
Andou com estranhas idéias
Que fizeram chorar Maria
Me lembro às vezes de você
Meu bom José, meu pobre amigo
Que dessa vida só queria
Ser feliz com sua Maria*
(José - G. Moustaki . Versão Nara Leão)

O amor representado na literatura de auto-ajuda como elemento de criação, manutenção da conjugalidade, ou como a própria conjugalidade, está explicitado sob este formato, apenas nas obras que se destinam ao ensino do cuidado para com as relações de parceria e nas obras que visam a ensinar às mulheres a conquista. O amor é um elemento de ligação dos parceiros, definido nesta literatura como um “empreendimento bilateral em que desenvolvemos um relacionamento saudável com nós mesmos e com a pessoa amada, ao mesmo tempo” (Taylor & Mc Gee, 2000, p. 216).

Matarazzo (1992) detalha, em uma das obras selecionadas, os elementos que compõem o amor da mesma forma que fazem alguns estudos atuais de psicologia. O amor seria, para ela, composto por quatro elementos: a atração sexual, entendida como o desejo de dar e receber prazer; o romantismo, expresso no desligamento da realidade que os parceiros buscam fazer; o altruísmo, entendido como o fato de se colocar o/a parceiro/a em primeiro lugar e o companheirismo, como a vontade de proximidade e de compartilhamento com o outro. Para a autora, é este último elemento que predomina no decorrer do casamento, que muito provavelmente terá sido iniciado pelo romantismo.

Com pequenas diferenças, é esta mesma concepção de amor que encontro nos relatos de algumas pesquisas, como por exemplo, as de Marston, Hecht, Manke, Mcdaniel, & Reeder (1998), de Sternberg & Barnes (1988) e de Beach & Tesser

(1988).¹¹ Para os autores, o amor seria composto de intimidade, paixão e comprometimento. A intimidade estaria referida ao comportamento de auto-revelação dos parceiros, à proximidade, conexão e aos sentimentos de ligação entre eles. O comprometimento seria um elemento fruto de duas decisões: A primeira, a de escolher amar alguém, e a segunda, de escolher manter este amor. A paixão é igualada à atração sexual, ao profundo desejo de estar com o outro.

Os outros escritores de auto-ajuda que não se atêm em descrever os componentes do amor, como o faz Matarazzo (1992), utilizam-se destes mesmos elementos, principalmente do conceito de intimidade, para enunciar uma “boa” conjugalidade, ou diga-se de passagem, uma conjugalidade amorosa, uma vez que, descrita “poeticamente” como: “partilhar histórias pessoais íntimas não apenas explica um comportamento aparentemente irracional e injusto, mas também cria empatia. No processo, pode abrir dois corações, mais do que qualquer outra coisa” (Taylor & Mc Gee, 2000, p. 80). A intimidade pressuposta como elemento do amor localiza-se também como um importante aspecto na conceituação da conjugalidade. À sua falta, se credita a causa de muitos dos problemas conjugais (Matarazzo, 1992). A intimidade implica, simultaneamente, na habilidade de comunicação dos parceiros, bem como na honestidade da mesma, freqüentemente ressaltadas como necessárias à boa conjugalidade, como o fazem Taylor & Mc Gee (2000) que a consideram solução para todos os problemas conjugais.

Pensar o amor em termos de intimidade, comprometimento e paixão seria, como refere o pesquisador Noller (1996), concebê-lo como uma atitude para com uma pessoa em particular que envolve a capacidade humana de emoção (paixão), de cognição (comprometimento) e de comportamento (a expressão do amor); diferenciada das emoções propriamente ditas, como na proposta do psicólogo Lazarus (in Shaver, 1996), que tem o amor mais como um relacionamento social do que um processo emocional.

¹¹ Pesquisadores cujos textos se encontram em livros ou periódicos de psicologia.

Ao seguir este raciocínio e com o alinhamento entre os estudos sobre o amor-- principalmente na psicologia-- e a literatura de auto-ajuda, depreendo o destaque que esta última dá a seu componente cognitivo: o comprometimento. O amor e a conjugalidade encontram-se desenhados como um fenômeno em que predomina a razão. E, por esta configuração, têm recebido grande interesse por parte também de antropólogos e sociólogos.¹²

Para Swidler (2001) esta é uma concepção de amor *prosaico-realista* “tem seu próprio ideal romântico --pé-no-chão, que gradualmente envolve o amor. Mas, sua fundamental preocupação é para com relacionamentos estabelecidos-- descrevendo como as pessoas podem se manter unidas, compreendendo-se e trabalhando suas dificuldades” (p. 118). Ela contrapõe este *amor real* ao modelo *mítico*, enfatizando não a dependência de sentimentos irracionais que desafiarão as convenções sociais, mas sim a compatibilidade entre os traços de cada um dos parceiros que podem tornar a vida conjugal melhor. É um amor que não garante a felicidade eterna, mas que requer um contínuo trabalho duro, compromisso e mudanças. Encontra-se nele substituído o tradicional esforço heróico para conseguir casar com um determinado parceiro --que na visão *mítica* de amor era, muitas vezes, uma pessoa não aceita pela família da jovem-- pelo esforço, igualmente heróico, para conseguir manter o relacionamento.

Não apenas Swidler (2001), mas também Illouz (1997) compreendem que a concepção de amor, na atualidade, ainda preserva seu aspecto *mítico*; restrito ao período de conquista. Mas, uma vez estabelecida a conjugalidade, é a visão *prosaico-realista* que impera, pois o vínculo não é visto como “emergindo de dois corpos e almas, mas como aquele em que cada parceiro tem um conjunto de necessidades que, se incompatíveis, só podem ser satisfeitas por um processo de barganha” (Illouz, 1997).¹³

A literatura de auto-ajuda mostra, claramente, quanto a proposta de negociação, a barganha entre parceiros, faz dela um discurso sobre amor cuja

¹² Giddens (1993), Beck e & Beck-Gernsheim (2001), Swidler (2001), Illouz (1997), Bauman (2004), Alberoni (1988, 1998), Morin (1999), entre outros

¹³ Explicitarei a visão destas duas pesquisadoras, com maiores detalhes ao abordar a escolha de parceiro.

linguagem saltou do *mítico* para o concreto mundo do trabalho e do mercado: “um relacionamento saudável implica *hard work*, arregaçar as mangas e ir à luta. Requer compromisso e coragem para crescer e mudar” (Matarazzo, 1992, p. 46). Esta passagem se dá, a meu ver, pela busca e pelo encontro na linguagem e na prática do mercado, de propostas de gerenciamento das relações.

Aqueles que se preocupam com o desenvolvimento do mercado têm desenvolvido condutas mais eficientes para vender e ampliá-lo, com atitudes mais “adequadas” ao bom e produtivo funcionamento das empresas. Enfim, há, atualmente uma crença no potencial das relações como fonte de aumento de produção. Produtividade que, na esfera das relações conjugais, pode ser igualada ao sucesso na conquista e também na manutenção do casamento.

A identificação social e cultural do mercado e do trabalho como uma esfera masculina é bem freqüente. Ao homem cabe habitar o mundo do trabalho e, à mulher, o dos afetos. No entanto, esta associação popular, marcada por gênero e “combinada” a práticas em que o amor se encontra implicitamente presente, não vai além, quando se refere à sua conceituação e definição. O que ocorre é que práticas rotineiras do mundo do trabalho, como a negociação, adentram a vida conjugal, sem que se modifique a característica fundamental do conceito de amor.

Toda a configuração que o sentimento e sua expressão recebem é sempre feminilizante, como bem pontua Francesca Cancian (1986). O amor, quando pressuposto como a habilidade de auto-expressão, expressão de afetos e comunicação está conceituado, segundo um estereótipo feminilizante, que exclui o estilo instrumental e prático de amor dos homens. Eles, quando amam, o demonstram por uma ajuda prática à mulher, por compartilhar atividades e pelo sexo. Mas, como ela ressalta, tanto as mulheres de classe média,¹⁴ como os próprios

¹⁴ É crença da autora que na classe baixa há maior valorização do amor pela ajuda prática e pelo compartilhar de tarefas.

pesquisadores¹⁵ que se dedicam ao tema, raramente reconhecem a ajuda prática dos homens como amor.

Esta visão feminilizante é justificada, pela autora, com uma compreensão histórica, que demonstra o quanto, numa era colonial, o lar que também era local de produção econômica e que possibilitava a integração das atividades da família, produziu uma certa integração de características expressivas e instrumentais, tanto na personalidade das mulheres, quanto na dos homens. Todavia, com a produção econômica se industrializando e saindo da arena doméstica, surgiu uma divisão de trabalho em que os homens ficam fora e as mulheres dentro da casa. Esta divisão deu a elas maior experiência com relacionamentos íntimos e intensificou a dependência econômica que tinham deles, tornando, desta forma, a esfera dos afetos sinônimo de feminino e a do trabalho, de masculino. Para Cancian (1986), mesmo com a mulher entrando no mercado de trabalho, como se dá atualmente, esta identificação ainda se mantém pois, além de receber salários menores que os dos homens, ela ainda é responsável pelo cuidado do relacionamento e dos filhos.¹⁶

O amor continua conceituado da mesma forma e com as mesmas exclusões. Contudo, a proposta para seu gerenciamento é que acaba por usufruir práticas outras que não da área afetiva. No “mercado do amor” ou “mercado da conquista” -- como se tem nomeado as relações entre parceiros na mídia e na literatura de auto-ajuda-- há uma “comercialização” semelhante à de outros bens, porém o “produto” negociado é concebido de forma semelhante ao que era antes que fosse considerado produto.

Mesmo que, ou até porque, conceituado como elemento de ligação (negociada ou não), o amor da relação conjugal deve responder na atualidade a um outro quesito essencial, de acordo com a literatura de auto-ajuda. Em sua manifestação, deve preservar, acima de tudo, a individualidade da pessoa que o

¹⁵ Os pesquisadores citados por ela são: Chodorow, a quem ela credita uma promoção da perspectiva *feminilizante* de amor, ao associar a mulher a continuidade e o homem à descontinuidade, e Gilligan que define amor pelo cuidado para com o outro.

¹⁶ A autora não propõe uma forma de amor inversamente diferenciada por gênero. Tanto que sua proposta é de um amor *andrógino*, de homens e mulheres práticos e sensíveis.

experimenta. Matarazzo (1992) o prescreve como forma de desenvolvimento de um laço de união que seja mantido, simultaneamente, ao cuidado para que não se destrua o *Eu* de cada um dos parceiros.

A autora, recorrendo a conceitos de psicologia, constrói modelos de vínculos que descreve detalhadamente a seu leitor, para que lhe sirvam de modelo para o equilíbrio destas duas demandas simultâneas.

O amor, sob esta configuração, demanda, de cada pessoa, um nível adequado de autoconhecimento; ela deve saber de si e ter consciência de seu funcionamento emocional. Esta pressuposição tem fundamentado, segundo os acadêmicos Bellah, Madsen, Sullivan, Swidler & Tipton (1985) a crença contemporânea no compartilhamento natural do *self* real de duas pessoas. Para estes autores, esta é a essência do amor, na cultura dos EUA, que carrega em si, simultaneamente, o risco de que o compartilhar “absoluto” com o parceiro redunde num “perder-se a si próprio”, como mostra ainda a caracterização de vínculos conjugais, feita na literatura de auto-ajuda brasileira por Matarazzo (1992), o que denota também a semelhança de concepção de amor como relação conjugal nos dois países.

É um amor que surge entre duas personalidades consideradas, necessariamente distintas e de um amor que, simultaneamente, visa ao crescimento e ao cuidado para consigo próprio. Ainda conforme Bellah et al. (1985), este modelo aponta para um relacionamento ideal que integra um amor livre e completamente compartilhado.¹⁷ Estimula-se a possibilidade de um amor que tem por dever produzir crescimento emocional a cada um dos parceiros: “o estar amando traz em si um germe ou semente de crescimento, do desenvolvimento da personalidade” (Matarazzo, 1992, p.25).

Este modelo de amor é o que se encontra pressuposto e prescrito nesta literatura e que delinea uma específica proposta de conjugalidade que, desde aqui, se pode antever como tendo substituído a *sociologia das alianças* pela *psicologia do amor* (Viveiros de Castro e Araújo, 1977). Seguindo um caminho psicologizante para

¹⁷ Porém, segundo eles, um pouco raro de se encontrar concretizado como nesta harmônica expressão.

conceituar e para prescrever práticas baseadas no sentimento, os autores de auto-ajuda inserem novas condutas e atitudes necessárias à configuração do amor, que deverão ser postas em ação por cada um dos indivíduos interessados em materializar uma conjugalidade.

De acordo com a literatura de auto-ajuda, para amar é preciso que, primeiramente, as pessoas tenham amor por si. Na verdade, mais do que necessidade, todos estes textos pontuam-na como uma condição *sine qua non*.

Como referem Taylor & Mc Gee (2000) a necessidade de amor-próprio configura uma nova conjugalidade; cuja transformação explicitam em sua obra, com o sugestivo título de *O Novo Casal*:

O pensamento antigo é o de que, para desfrutar um relacionamento saudável, precisamos pôr de lado a preocupação conosco – e, portanto, o amor por nós mesmos – transferindo o foco para outra pessoa. O novo pensamento é o de que, para amar outra pessoa, precisamos estar psicologicamente saudáveis e amar a nós mesmos em primeiro lugar. Na antiga perspectiva, o amor do eu e o amor pela outra pessoa eram considerados como coisas que se excluíam. Embora seja óbvio que é preciso haver um equilíbrio, o pensamento mais recente é sem dúvida mais apropriado. O amor-próprio é agora considerado na comunidade psicológica como uma necessidade de ordem superior que todos os adultos devem respeitar, quer se encontrem num relacionamento ou não (Taylor & Mc Gee, 2000, p. 215).

Creio ser importante assinalar que o valor dado ao sentimento de amor-próprio e referido como originário da psicologia não se encontra registrado em nenhum dos estudos referentes ao amor produzidos nesta ciência, ou em quaisquer outras que a ele têm se dirigido em suas pesquisas. A necessidade desta autoconsideração para o desenvolvimento do amor conjugal não se encontra arrolada como critério, ou aspecto agregado aos estudos, como componente ou necessária ao amor. No entanto, na literatura de auto-ajuda e em vários outros produtos culturais, como nas revistas femininas, a idéia de que é necessário primeiro se amar para depois poder

amar ao outro encontra-se freqüentemente expressa.¹⁸ A ênfase nesta auto-consideração fundamenta na auto-ajuda de Taylor e Mc Gee (2000) uma conjugalidade posta, prioritariamente, como um exercício de amor-próprio, uma relação estabelecida em benefício do crescimento pessoal:

Embora a maioria pense que formamos uniões estritamente para ter a experiência de ser amado e amar outra pessoa, na realidade estamos avançando para o amor do eu. Esses dois projetos não são apenas interdependentes, mas também sinérgicos. Nunca é tarde para se elevar o amor-próprio. E um dos melhores lugares para se fazer isso é a segurança de um casal (Taylor & Mc Gee, 2000, p. 216).

A forma como descrevi até aqui a configuração que este amor recebe e o subtítulo dado --amor como relação conjugal-- necessita que explicito porque não o nomeei por amor conjugal, termo que lhe é freqüentemente atribuído em qualquer literatura sobre conjugalidade. O modelo de amor conjugal difundido refere-se a um complexo amoroso que inclui a paixão como sentimento de presença possível na conjugalidade, como sua iniciadora, de alguma forma presentificada pela marca de uma intensidade na ligação entre os cônjuges. Como se vê por estas páginas, a paixão, a intensidade, ou mesmo um referendo ao desejo não tem qualquer espaço. Além disto, penso que amor conjugal refere-se àquele presente **na** conjugalidade; amor de relação conjugal é confundido com ela, igualado **a** ela. Amor como relação conjugal é uma nomenclatura que pode apontar para todas as diferenças colocadas e para as que virão na seqüência.

¹⁸ Trata-se, a meu ver, do uso distorcido de um conceito da psicologia que passa a ocupar um lugar nesta literatura, representativo do culto à individualidade, por ela apregoada. Tema este, que será discutido no próximo capítulo.

Amor como Emoção

*Ainda que eu falasse a língua do homens.
E falasse a língua do anjos, sem amor eu nada seria.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal.
Não sente inveja ou se envaidece.
O amor é o fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É um não contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.
É um estar-se preso por vontade.
É servir a quem vence, o vencedor;
É um ter com quem nos mata a lealdade.
Tão contrário a si é o mesmo amor.
Estou acordado e todos dormem todos dormem todos dormem.
Agora vejo em parte. Mas então veremos face a face.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua do anjos, sem amor eu nada seria.
(Monte Castelo - Renato Russo)*

No início deste capítulo, fiz referência a um “amor de base”, que apenas se mostra, implicitamente presente nas obras para mulheres e nas que visam ao ensino do cuidado para com a conjugalidade. Nas obras que abordam as relações de parceria sem que se diferenciem suas fases, o amor encontra-se um pouco mais explicitado, para além deste formato que denominei em princípio. Nestes livros se tematiza “superficialmente” a possibilidade de um amor, mais carregado de emoção. No entanto, a descrição que fazem de amor como emoção não se diferencia da proposta presente no outro conjunto de obras; elas são igualmente representantes da concepção *prosaico-realista* de amor.

O amor como emoção numa conjugalidade, ora é explorado em associação a um exercício de desenvolvimento pessoal --como na obra de auto-ajuda escrita por Shinyashiki (1990): “viver com alguém intensamente é a melhor maneira de experimentar tudo o que tenho dentro de mim” (p. 35)-- ora, como parte de uma relação que preserva a individualidade: “A única relação que vale a pena é aquela em que você tem o direito de ter as suas fantasias preferidas e tem no mínimo uma

pequena possibilidade de fazer com que elas virem realidade” (Schwartz, 2002, p. 211).

Soma-se a esta visão¹⁹ a idéia de um amor responsável por fortes emoções: “o amor é lindo, entretanto, quando se inicia uma relação demora, algum tempo para que ele nos dê paz. Ele proporciona excitação, paixão, descobertas, milhões de coisas lindas, mas a paz só vem depois que superamos os medos que o amor traz” (Shinyashiki, 1990, p.24). Schwartz (2002) faz referências ao fato de serem emoções freqüentemente desejadas: “Nós amamos o amor. O melhor tipo de amor é aquele que deixa a pessoa descompensada. Nós queremos que ‘a terra se mova’ e mais do que isso, nós somos avisados de que se a terra não mover, o casamento será fatalmente chato” (p. 53), além de constatar na intensidade da emoção, o sinal da ação do amor.

Não é esta referência à emoção, ao sentimento que prevalece, contudo, no todo de cada obra. Seus autores parecem reconhecê-la apenas para, a seguir, desmistificar sua ação na conjugalidade ou amenizar seu poder. Shinyashiki (1990) alerta para as impossibilidades de concretização do romantismo: “Um amor sem essas promessas perderia muito do seu romantismo, da sua graça, mas querer cumpri-las todas é muito complicado, porque são promessas como as de poetas e trovadores, seres tão livres que parecem donos do Sol e da Lua, do mar e do céu” (p. 111).

Mesmo assim, são estas as únicas obras a se aproximarem um pouco mais de uma concepção de amor como emoção. Todavia, pressupõem-no como “nocivo” à conjugalidade. Não sendo esta uma concepção nova ou exclusiva da literatura de auto-ajuda, penso que, para melhor compreendê-la, será necessário resgatar, mesmo que brevemente, como a concepção de amor como emoção têm estado presente em nossa cultura conjugal, segundo estudiosos do tema.

Vários são os desenhos que o amor como emoção pode assumir. De acordo com May (1973), no Ocidente, ele se daria sob quatro formas. O *amor sexual*;

¹⁹ Visão *mítica*, segundo Swidler (2001).

referido à sensualidade e a libido; *Eros*: impulso para amar ou criar; *Philia*: amizade ou fraternidade e, *Ágape*, ou *caritas* (segundo os latinos): amor ao próximo, à moda do amor de Deus pelos homens. Elementos dos quatro tipos, segundo o autor, estariam sempre presentes na experiência humana, pois o amor como emoção está referido ao sentimento de interesse pelo outro, ao movimento por ele provocado e direcionado à pessoa por quem se tem apreço em quaisquer dos tipos acima apresentados.

A emoção é, para May (1973), uma força propulsora concebida por ele, em alinhamento aos preceitos de psicologia existencial, como uma direção a novas possibilidades, com o sentido voltado para o propósito com o qual ele associa os conceitos grego e platônico de *Eros* que, quando presente em nós, nos torna participantes da “formação de um futuro em virtude de nossa capacidade de conceber e reagir a novas possibilidades e trazê-los para fora da imaginação, experimentando-as na realidade” (p.102).

O amor seria uma das fortes emoções humanas, um movimento de busca pelo outro, de desejo, de vontade de proximidade, que tem sido sempre muito bem descrito pelas diversas formas de arte, principalmente a literatura. O popular verso de Camões, “amor é fogo que arde sem se ver” dá a dimensão exata da intensidade da emoção que nele se crê habitar.

Dos vários discursos produzidos, acerca do sentimento, muito provavelmente, um dos mais clássicos é o *Banquete* de Platão. Registra-se neste texto, os diálogos mantidos entre Sócrates e seus discípulos, no qual considero residir uma das maiores fontes do imaginário amoroso ocidental, uma vez que concordo com a análise de Macedo (2000) que diz ser o *Banquete* “um discurso **auto-fundante** da experiência amorosa” (p.60, grifo meu).

Aristófanis, um dos filósofos presentes no *Banquete*, inicia seu discurso sobre o surgimento do amor, localizando-o na transformação ocorrida na natureza humana, muito diversa da que é hoje. Segundo ele, eram três os sexos humanos; os mesmos dois de hoje e um terceiro, composto da junção dos dois. Este terceiro sexo, o andrógino, era um ser redondo de quatro mãos e quatro pernas, duas faces opostas

em uma única cabeça, quatro orelhas, dois órgãos sexuais e o restante do corpo com esta mesma composição. Eles eram seres robustos, vigorosos e corajosos. Audaciosamente, escalaram o céu e atacaram os deuses. Como punição, Zeus os cortou em duas metades –que, desde então, passaram a procurar, cada um, sua parte correspondente. Ficavam profundamente felizes quando se encontravam e mantinham-se abraçados. Mas a espécie estava findando, pois seus órgãos sexuais estavam situados nas costas, não lhes permitindo procriar. Zeus, então, colocou seus órgãos na frente e estabeleceu assim a procriação. Quando homem e mulher encontravam-se, havia a concepção. Quando dois homens ou duas mulheres, abraçavam-se, dava-se a saciedade. É desta busca que se diz originar o amor que as criaturas sentem umas pelas outras; “esse amor tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição” (Paleikat, s/d, p.97).

Ainda, no *Banquete*, o discurso, de Sócrates, procura se diferenciar da concepção acima citada. Ao invés de mostrar o amor em sua ligação com o corpo, associa-o à “alma”, mostrando que o amor, mais do que busca pela metade perdida, é uma procura pelo Bom e pelo Belo.

Conforme o mito narrado por Sócrates, no dia do nascimento de Afrodite, houve uma festa em que compareceu Poros, o Esperto, filho da Prudência, que depois de ter se embriagado com néctar, adormeceu nos jardins de Zeus. Penia, a pobreza, aproximou-se dele, desejando ter um filho seu e assim concebeu Eros, que é pobre como a mãe e que visa ao Belo como o pai. Neste discurso, Sócrates, dizendo reproduzir as palavras de Diotima, considera o amor, a busca pelo Belo e Bom. Busca-se a metade, apenas, se ela assim o for: “Julgo que na realidade ninguém ama o que é seu pelo simples fato de ser seu, pois então todos diriam que bom é o que é seu [...] Não! Os homens apenas amam o que lhes parece bom” (Paleikat, s/d, p.111).²⁰

Estes dois discursos mitificam um amor que porta ou não, em sua caracterização, o encontro sexual. Visa-se à procriação, ou à criação de algo, que,

²⁰ É também desta obra que retirei o mito de Aristófanes.

em acordo ao segundo discurso pode, igualmente, ser um produto intelectual ou artístico. Todavia, é pela via da sexualidade, sua inserção ou exclusão no complexo do sentimento amoroso, que têm sido feitas algumas leituras confusas deste mito de amor.

Miguel (2002) refere-se, em seu estudo, à importância de clarificar a idéia de amor platônico, normalmente identificado com um amor impossível, contemplativo e distante do contato sexual, quando, na verdade, ele se refere a um amor que “além de ser erótico, está ligado ao desejo de conhecer” (p. 123).

Num outro extremo, concebe-se Eros podendo incluir o sexo como impulso de criação que é. Numa incompreensão deste sentido, acaba-se por tomá-lo como sinônimo de sexualidade, como o fazem Freud e Denis de Rougemont, segundo May (1973).²¹ Esta caracterização é feita, principalmente, numa reação à intensidade e abertura que o Eros requer e instala na vida, quando a pessoa reage a ela em sua totalidade:

Eros é um ‘demônio’. Assim, de maneira simples e direta, Platão nos informa, e aos seus companheiros de banquete, no Symposium, a dimensão em profundidade do amor. Esta identificação de Eros como demoníaco, tão natural para os gregos, é o obstáculo em que tropeçam quase todas as modernas teorias sobre o amor. Não é para admirar que o homem contemporâneo procure desviar-se, senão negar e recalcar inteiramente, todo o domínio demoníaco. Mas assim agindo está castrando Eros – roubando-nos as próprias fontes da fecundidade do amor. Pois, o pólo contrário do demoníaco não é a segurança racional e a felicidade tranqüila [...] O antidemoníaco é a apatia (May, 1973, p. 136).

Eros, por sua intensidade, tem sido identificado com o sexo. Deste modo, ao se associar ou se dissociar amor e sexo, tenta-se escapar do último, quando, na verdade, o que se teme é a intensidade que não necessariamente é da ordem do sexual. A literatura de auto-ajuda procede da mesma forma, propõe o distanciamento

²¹ Para May (1973), Freud, no final de sua obra, resgata esta diferenciação entre Eros e sexo, distinguindo-o de libido.

da intensidade da emoção do amor que, nestas obras, encontra-se descrita como paixão.

Paixão

*Estava mais angustiado que um goleiro na hora do gol
Quando você entrou em mim como um Sol no quintal
Aí um analista amigo meu disse que desse jeito
Não vou ser feliz direito
Porque o amor é uma coisa mais profunda que um encontro casual
Aí um analista amigo meu disse que desse jeito
Não vou viver satisfeito
Porque o amor é uma coisa mais profunda que um transa sensual
Deixando a profundidade de lado
Eu quero é ficar colado à pele dela noite e dia
Fazendo tudo de novo e dizendo sim à paixão morando na
filosofia
Eu quero gozar no seu céu, pode ser no seu inferno
Viver a divina comédia humana onde nada é eterno
Ora direis, ouvir estrelas, certo perdeste o senso
Eu vos direi no entanto:
Enquanto houver espaço, corpo e tempo e algum modo de dizer não
(Divina Comédia Humana - Belchior)*

A paixão, abordada nesta literatura, é classificada como distinta e até oposta ao amor. Ambos são usualmente diferenciados pela associação com o sexo. Concebe-se a paixão como proveniente dos sentimentos e comportamentos originados no sexo, como atração, sedução, etc, considerando-a, como de valor menor se comparada ao amor.

Nas poucas obras de auto-ajuda em que se encontra tematizada, associa-se à idéia de processo misterioso: “o sentimento de magia e mistério que experimentamos quando estamos fascinados por uma pessoa é intrigante” (Savian, 1999, p. 91). Encontra-se também associada à condição de evento espontâneo e natural: “embora muitas vezes se demore a reconhecer a verdadeira química, ela não pode ser simulada. Também não pode ser cultivada, criada nem fazer com que surja por qualquer outro meio” (Taylor & Mc Gee, 2000, p. 5), bem como está posta em estreita ligação com a sexualidade: “um sentimento instantâneo de atração emocional e sexual” (Schwartz, 2002, p. 42).

A paixão, talvez pela sua associação com a idéia de mistério, se torna objeto de explicitações que recorrem a conceitos de psicanálise popularizados em nossa cultura. Como se o “incompreensível” da paixão apenas pudesse se tornar mais manejável através de explicações provenientes de uma ciência que também, popularmente, se reconhece pela sua familiaridade em perscrutar recursos dos “recônditos mais profundos” da alma humana, aquilo que, estando inconsciente, determina a ação dos indivíduos. Desta forma, os escritores de auto-ajuda alertam o leitor para que observem em suas experiências de paixão, se elas não se encontram marcadas por uma escolha de um parceiro semelhante às suas figuras parentais: “a pessoa amada é um composto das características mais prezadas e mais detestadas de nossas figuras parentais” (Taylor & Mc Gee, 2000, p. 15), ou ainda, se este interesse não é fruto apenas de meras projeções: “Projetamos em nosso objeto de amor nossas carências e necessidades. E a atração que sentimos tem exatamente a ver com essas projeções” (Savian, 1999, p. 93). Por meio da apropriação pragmática de alguns conceitos de psicanálise oferece-se estas vagas ferramentas para o gerenciamento da “intempestiva” atração que, segundo os autores, é o que possibilitaria uma melhor qualidade dos relacionamentos: “Uma vez detectados esses mecanismos, podemos atuar sobre eles, revendo-os e reprogramando-nos para encontros cada vez mais acertados” (Savian, 1999, p. 93).

A paixão explicita-se, como da ordem do quase incompreensível, mas também do possivelmente administrável, e a administração sugerida traz, em seu âmago, um controle específico dos aspectos da sexualidade, como pode se constatar, por exemplo, no livro de Taylor & Mc Gee (2000):

a química sexual, ao contrário do ato sexual, propriamente dito é uma questão do sublime. Mas é preciso tomar cuidado, os relacionamentos incendiados apenas pela química sexual são muitas vezes impregnados pelo drama. O maior risco é observado durante o estágio de intoxicação inicial do relacionamento, quando uma intensa conjunção carnal pode tornar os novos parceiros sexuais cegos para a realidade da personalidade da pessoa com

quem estão na cama. Nos dias de hoje é uma verdade estabelecida que a química sexual pode deteriorar a capacidade de julgamento (p. 7).

A compreensão da atração nesta literatura, coerente à proposta que se tem para o amor, a anuncia como algo “perigoso”, de desejado controle. Os autores manifestam esta intenção, não apenas quando expressamente a redigem, como por exemplo na proposta de Savian (1999): “A tendência é sentirmos atração pelos opostos. Na verdade, admiramos as diferenças. Mas, essas mesmas diferenças, um pouco mais tarde, serão motivos de briga” (p. 93), também por não a mencionarem nas obras destinadas a ensinar às mulheres a conquista de parceiro. A elas já se parte do princípio do necessário ensino do estabelecimento da conjugalidade. Não se trata de ensinar como atrair, mas sim de ensinar como levar o parceiro à conjugalidade.²²

A paixão, que é considerada efêmera, perigosa, insana e fantasiosa: “tem mais a ver com sonhos” (Carvalho, 1999, p.142) --provoca nos indivíduos a perda do controle sobre si; embota a capacidade de julgamento e prega-lhes uma armadilha: “é um truque da natureza com o objetivo de que homem e mulher fiquem juntos tempo suficiente para procriar” (Pease & Pease, 2000, p. 205)-- pode, no máximo, ocupar o lugar de “disparadora” de um relacionamento conjugal: “o amor começa com uma atração que pode durar horas, dias ou semanas. A seguir, vem a paixão, que dura em média de 3 a 12 meses, até que a afinidade apareça” (Pease & Pease, 2000, p. 223). Contudo, se diferencia totalmente do amor, que é tido como duradouro porque “tem a ver com a realidade” (Carvalho, 1999, p.142). Desta maneira remete-se a paixão à idéia de impulso para o “fluxo natural” da procriação, do acasalamento.

Um dos autores brasileiros de auto-ajuda discorda da nocividade da paixão, tendo-a como “o estado de maior sabedoria e de saúde do ser humano. Quando se está apaixonado, não se perde tempo com bobagens [...] não existem as palavras

²² Desta forma, a literatura de auto-ajuda, como já apontado em outros grupos de obras, vai demonstrando o lugar que reserva para a mulher na conjugalidade.

'impossível' [...] O que existe é: 'Vou lutar para conseguir'" (Shinyashiki, 1990, p. 46). Se bem que não nocivo, fica claro o poder que ele reconhece na paixão, reconhecimento este também presente no único trabalho acadêmico referido ao amor, em que pude encontrar a compreensão da especificidade e da função da intensidade, sem qualquer temor para com seus efeitos.

O sociólogo italiano, Francesco Alberoni, aborda em suas obras esta intensidade sob o termo "*estado nascente*", presente tanto na fundação do amor, da paixão, do enamoramento, bem como dos movimentos sociais.

O *estado nascente* inicia-se, segundo Alberoni (1998) por uma "estupefacção" frente à estranheza para com o mundo habitual. O indivíduo sente, de início, um desconforto com aquilo que vive, uma espécie de tristeza e de sentimento de precariedade que, em seguida, é substituído pela alegria. Trata-se de um renascimento da vida que "passa pelo contacto e pela relação com uma pessoa bem definida. Ela é a única porta de acesso ao novo mundo" (p.65).

Alberoni (1988) escapa, deste modo, das concepções binárias de amor, em que se dividem os estudiosos --idealistas e realistas-- como compreende Costa (1999). Talvez ele e May (1973) sejam dos pouco estudiosos que concebiam a possibilidade do indivíduo conviver com o prazer, com a intensidade ou com o poder que foi lhe retirado pelos "deuses" (como no mito de Aristófanes, no *Banquete*)

O poder que reside na paixão, tal como Savian (1999) na auto-ajuda e Alberoni (1988 e 1998) na sociologia apontam, e o mistério em que se constitui a atração entre homem e mulher, compõem o quadro de forças do sentimento.

O fato de a paixão ser indecifrável, a faz ser considerada enigma, ou ameaça, ao mesmo tempo em que a faz desenhar um fenômeno que tem creditado ao sexo (com o qual tem sido identificada) uma periculosidade que penso, não necessariamente estar situada nele. O medo da intensidade das emoções fica, por vezes, deslocado e é engendrado na sexualidade. Para desviar-se da intensidade, coíbe-se a sexualidade ou prescreve-se que ela aconteça de forma menos apaixonada. Reproduz-se, nesta literatura, a caracterização de Eros como sinônimo de sexualidade (como já apontado para a literatura acadêmica); talvez pela

semelhança entre a força do desejo sexual, igualmente intensa, à força de Eros, à força da paixão, do ímpeto produtivo. Todavia, numa proposta de “amorosidade” controlada, designada por conjugalidade, como a que esta literatura propõe, percebo que a vida sexual arca com um “peso” que me parece não lhe pertencer.

Cabe perguntar pelos motivos de tal distanciamento entre amor e paixão e, por vezes, de amor e sexo, quando este último é posto como sinônimo de desejo e paixão. O que histórica, social e culturalmente tem engendrado, facilitado e reificado uma tal concepção de amor que, quando inserida na conjugalidade, deva distanciá-lo daquilo que a ele se correlaciona? Mais do que responder esta questão, parece-me necessário iluminar o processo de desenvolvimento das idéias sobre o amor delineado por estudos acadêmicos.

De início, vale introduzir a constatação de Evans (1998) que refere pouco ter sido dito sobre o amor do discurso da civilização grega até o discurso do amor cortês no século XII. Houve, neste período, segundo Lopes (2002) um intervalo em que o conceito de amor de Platão se dissolveu. Conforme a autora, orgias e práticas sexuais eram comuns no período, e de certa forma deram margem à instituição do casamento via um dote e a instalação de um código de conduta do amante, mais conservador, expresso naquilo que se convencionou nomear amor-cortês, uma expressão de amor que se constata enfaticamente na literatura da época, sendo a história de Tristão e Isolda, a grande referência do estilo. Tanto que, para Jacques Le Goff (in Simonnet, 2003) este ideal cortês, menos do que modificar profundamente os costumes, instalou-se no imaginário das pessoas, da mesma forma que as fábulas.

Este estilo de amor propõe uma etiqueta amorosa em que se desenvolve um jogo no qual um rapaz escolhe uma dama casada a quem dedicar o sentimento. Trata-se de amores impossíveis, fortes, que precisam vencer obstáculos vários, que tomam inebriados os amantes, quase que, como sob efeito de poderosas poções do amor.²³ É um modelo de afeto que surgiu, segundo Zeldin (1999) em função do

²³ Como o filtro de amor de Tristão e Isolda.

aprisionamento a uma relação estática em que se estava até então. O amor cortês é um jogo em que a criatividade se faz presente e pela qual se tem grande fascínio. “A sede de novas experiências do desconhecido, de pessoas estranhas, é maior que nunca. Assim, unir dois exilados para formar uma família segura e auto-suficiente deixou de ser satisfatório” (p.81 e 82).

Com este ideal, surge também uma revalorização da beleza física, de forma a dar início a uma nova disponibilidade erótica. Toda uma sensualidade torna-se desenvolvida, de forma a não evidenciar ou concretizar o desejo sexual, mas sim a dissimulá-lo. Era menos importante que o jovem consumasse seu amor com a mulher escolhida.

Se Le Goff (in Simonnet, 2003) está certo de que o amor cortês se instalou em nosso imaginário e contribui deste modo para uma referência para as experiências amorosas cotidianas, é coerente que a literatura de auto-ajuda --outra espécie de fábula, no sentido de que porta uma proposta de conduta e de moral-- mantenha uma mesma prescrição de dissimulação do desejo sexual, de distanciamento das forças da paixão.

Como se vê, o distanciamento entre amor e sexo ocorreu não apenas no período de vigência do ideário cortês, assim como na atualidade não é típico apenas deste estilo literário. Sob várias formas e em períodos diferentes, a paixão ou o sexo a ela associado, têm sido concebidos como algo ameaçador e, no seu decorrer seguem a atração e a sedução. Esta ameaça toma configurações bem diferentes e difusas, no entanto, ainda presentes na atualidade, em atitudes que evidenciam a exacerbação de um “pânico sexual”. Para Piscitelli, Gregori & Carrara (2004), a sexualidade tem estado imersa nesta idéia de pânico, porque tem sido tratada e concebida como doença, crime, desvio, perversão, ou como expressão de suposto decaimento moral e desorganização social, pelas mais diversas áreas da ciência que se portam mediante esta consideração, como saberes normativos.

A prescrição de normas e condutas, tanto nos textos acadêmicos como na literatura de auto-ajuda, demonstra certo conhecimento sobre o manejo desta paixão, todavia, os autores ressentem-se por não terem como decifrá-la. Não se sabe como

a atração se instala, ou melhor, ainda não se sabe claramente, pois, espera-se que a elucidação deste mistério decorra das ciências biológicas, tão em evidência no fim do século XX e neste início de XXI. Os autores de algumas das obras selecionadas recorreram às explicações fisiológicas, colocando nelas a responsabilidade por todos os atos humanos.²⁴ “Recentes estudos de biologia apontam [...] os hormônios e o cérebro como os principais responsáveis por nossas atitudes, preferências e comportamentos”. (Pease & Pease, 2000, p. 17).

Pease & Pease (2000) se dizem ancorados no trabalho da antropóloga Helen Fischer, que busca localizar no cérebro a área relacionada ao amor. Ela, segundo o casal de autores, já delimitou a região cerebral de três tipos de emoções: a atração, a paixão e a afinidade --coincidentemente, as mesmas que foram referidas ao amor nos estudos já citados-- e têm por base a crença de que estes três componentes atendem a função vital da reprodução.

Com base na anatomia diferenciada dos cérebros de homens e mulheres, Pease & Pease (2000), explicam seus comportamentos quando amor, paixão e sexo estão envolvidos. O conhecimento biológico oferecido tem por objetivo tornar “mais fácil lidar com a paixão e se preparar para suas possíveis conseqüências” (p. 207), enquanto justificam, pelas diferenças sexuais entre homens e mulheres, toda uma concepção de amor, também feminilizante, como já visto.

Proposta totalmente diversa destas obras é encontrada no livro de Ovídio (2001). *A Arte de Amar*, alocado nas mesmas prateleiras das livrarias junto aos livros atuais, não propõe a seus leitores que transformem sua afetividade pelos parceiros em conjugalidades materializadas. Nela, a palavra paixão é inexistente, não pela ausência do sentimento, mas sim pela conceituação que se dá ao amor. Este é o único nome dado ao sentimento que liga homens e mulheres; inclui o desejo, a atração e o sexo. Para Ovídio (2001), o amor tem características de fugacidade e volatilidade semelhantes às características com que a paixão é descrita

²⁴ Matarazzo (1992) também compartilha desta visão biológica, porém esta surge com mais ênfase na obra de Pease & Pease (2000), que tem na biologia o apoio central a todo o conteúdo exposto.

nas obras recentes: “uma criança tão volúvel, na vastidão do universo. Ela é ligeira e tem duas asas que lhe permitem escapar; é difícil prever seus movimentos” (p.52) e no entanto, o sentimento não é excluído de sua proposta, até porque o autor intenciona o ensino de uma arte amorosa que tem por elemento central a sedução tanto na conquista, quanto na manutenção do amor do parceiro conquistado. No amor, conceituado por ele, se fazem presentes todas as qualidades da paixão que as obras atuais tanto tentam apagar, elas pregam a formação de uma relação conjugal e porventura familiar, o que não é exclusividade da auto-ajuda. Priorizar o amor em detrimento da paixão, por conta de que a paixão é descontrolado e “impede o homem à ação” ²⁵ é uma concepção amplamente divulgada quer nas artes, quer nos textos acadêmicos atuais.

Sedução

*Quando a luz dos olhos meus
E a luz dos olhos teus
Resolvem se encontrar
Ai, que bom que isso é meu Deus
Que frio que me dá o encontro desse olhar
Mas se a luz dos olhos teus
Resiste aos olhos meus
Só pra me provocar
Meu amor juro por Deus
Me sinto incendiar
Meu amor juro por Deus
Que a luz dos olhos meus
Já não pode esperar
Quero a luz dos olhos meus
Na luz dos olhos teus
Sem mais la ra ra...
Pela luz dos olhos teus
Eu acho meu amor que só se pode achar
Que a luz dos olhos meus precisa se casar
(Pela Luz dos Olhos Teus - Tom Jobim)*

Numa literatura cuja proposta é a formação de conjugalidades, a sedução acaba sendo conceituada em concordância à este objetivo. Ela não pode ser

²⁵ Palavras de Renato J. Ribeiro na Palestra *Paixão*, proferida em junho de 2004, no Espaço Cultural CPFL.

“apenas uma doação” como seria, se tomada por arte, como na obra de Ovídio (2001). Ela está proposta como uma “negociação” de objetivos bem precisos, entre os parceiros: “seduzir também é o primeiro passo para a coisa mais importante da vida: a constituição da família” (Nunes 2002, p.17). Todavia, esta, uma vez constituída, torna a sedução desnecessária.

Taylor & Mc Gee (2000), Matarazzo (1992) e Pease & Pease (2000) autores das obras que visam ao ensino do cuidado para com as parcerias, não chegam sequer a mencionar o tema em suas obras. Por isso, concluo que a conjugalidade que a literatura de auto-ajuda apresenta é “isenta” da sedução, que fica circunscrita apenas à fase de conquista de parceiro/a.

Quando conceituada nas obras sobre esta fase da relação, principalmente na de Queiroz & Moreira (2001) e na de Savian (1999), a sedução se encontra referida às interações entre homens e mulheres que se estabelecem “como um jogo de xadrez; às vezes com verdadeira estratégia de guerra” (Queiroz & Moreira, 2001, p.14) na qual há uma exposição e uma observação mútuas e específicas: “é uma técnica sutil de notar e ser notado” (Savian, 1999, p.16), que se fundamenta num exercício calculado de insinuação de desejos, os quais devem estar envoltos numa aura de mistério a fim de despertar no outro uma dúvida sobre o real interesse. Os homens devem ter o cuidado de não “mostrar maiores interesses em princípio” (Queiroz & Moreira, 2001, p.15). As mulheres precisam evitar se expor, falando pouco e deixando que o homem fale: “se você o deixar com a palavra [...] ele estará mais inclinado a se apaixonar por você” (Kent, 1991, p.79).

A representação desta sedução está fundamentada num modelo que entendo como “clássico”, referido também na literatura acadêmica de diversas áreas, desde um texto de Georg Simmel, de 1909, na sociologia, aos textos mais atuais, tanto nas ciências sociais (Ribeiro, 1988) como na psicanálise (Kehl, 1988).²⁶ Provocar, insinuar e disfarçar o desejo, constituem as alternâncias com que os autores representam a sedução. As prescrições para atitudes de “mistério”, por exemplo, parecem-me alinhadas, na literatura de auto-ajuda à descrição de Simmel

²⁶ Veja também Perrot e Corbin (1991).

(1909/2001) que, se referindo à Psicologia do Coquetismo, diz ser próprio desta, não o agradar ao outro, mas sim “despertar o prazer e o desejo por meio de uma antítese/síntese original, através da alternância ou da concomitância de atenções ou ausências de atenções, sugerindo simbolicamente, ao mesmo tempo, o dizer-sim e o dizer-não, que atuam como que ‘à distância’” (p.95).

Em *Como Conseguir Uma Namorada*, os autores, no uso desta acepção mais clássica, descrevem-na como um ato de seduzir o outro, mobilizar nele o desejo de lhe dar aquilo que se quer receber, sem --e isto é a marca da sedução-- ter de lhe pedir.²⁷ Seu discurso associa-se também a uma sensualidade física, considerada um “instinto animal” tanto de homens quanto de mulheres:

Quem não admira uma linda mulher de curvas sinuosas, a dançar, rebolar, fazendo gingados de nos tirar o sono. O homem também é admirado pela mulher, que o observa a uma distância controlada, estuda seus movimentos, vê a sensualidade que eles revelam, mostrando que este homem tem algo diferente dos demais. Este será, com certeza, o ponto de partida do interesse da mulher por um homem, ainda que instintivamente. Ela ainda não sabe por quê, e isso não a interessa, mas aquele escolhido será o centro de suas atenções no ambiente em que ela se encontra (Queiroz & Moreira, 2001, p. 27).

Os autores dos livros direcionados às mulheres (Carvalho, 1999; deJongh & Cato-Louis, 1999; Kent, 1991 e Nunes, 2002) e também Savian (1999) que não destina sua obra para um leitor de sexo específico, inauguram uma nova proposta de sedução, que é vista como uma habilidade semelhante a qualquer outra que pode e deve ser aprendida e aprimorada. O enfoque dado por Nunes (2002) é bem representativo deste modelo que contraponho ao clássico. Baseando-se num programa de marketing de “4Ps” (os 4 Ps são: a pessoa alvo, o preço, o prazo e a praça), ele ensina às mulheres a avaliarem o tipo de homem que desejam, a reconhecerem o que têm para lhe oferecer, o tempo que dispõem, e em que locais

²⁷ A obra de Shinyashiki (1990), também literatura de auto-ajuda, conceitua a sedução do mesmo modo, porém não chega a explicitá-la.

esperam encontrá-lo. Não importa se esta habilidade é originariamente aprendida no mercado ou na vida amorosa, o que é necessário é ter-se clareza e domínio sobre seu exercício, em quaisquer esferas que sejam utilizadas, pois “a sedução pode ser usada de forma consciente, tanto na vida pessoal quanto na profissional” (Savian, 1999, p.13).²⁸

Considero a configuração dada à sedução, nestes cinco livros, plenamente identificada com a visão *prosaico-realista* de amor, já discutida. Os autores dos livros para mulheres promovem uma extensão desta concepção de amor para a fase de escolha e conquista de parceiros/as e deslocam a visão *mítica* de amor, de seu último reduto.²⁹ A sedução lhes é apresentada como uma habilidade que deve ser desenvolvida, como estratégia de escolha/avaliação do/a parceiro/a. Surge distanciada do plano da atração física e da sensualidade e se esvaece numa fase do relacionamento, em que predomina a ênfase na elaboração de estratégias que visam a atingir um objetivo colocado para além do desejo. Nestas obras, o que se pretende não é ensinar a leitora a seduzir o homem para que este venha a escolhê-la, mas sim ensiná-la a escolher e avaliar um possível parceiro.

Nestes livros para mulheres, não se encontra nenhuma definição do que seja uma mulher sedutora, ou uma boa “paqueradora”, como apresentam, por exemplo, Queiroz & Moreira (2001) para os homens. Também não se aborda a potencialidade do corpo e seu uso na sedução. Ao menos, não na forma elaborada e sofisticada, carregada de sensualidade com que se encontra impregnado o livro dirigido aos homens.

Até mesmo Savian (1999), que escreve para todos os leitores independente do sexo, quando discorre sobre a expressão e a linguagem corporal, o faz de forma mais reflexiva e sem qualquer carga de sensualidade: “A leitura corporal é importante

²⁸ Vale ressaltar que a possibilidade de sedução para além da esfera afetiva já era apontada na sociologia por Simmel em 1909: “são inúmeros os modos universais de comportamento humano que possuem na relação entre os sexos seu modelo de normativo” (1909/2001, p.109).

²⁹ Swidler (2001) constatou em suas pesquisas o predomínio da visão *mítica* de amor na fase de escolha do /a parceiro/a.

para reconhecer o outro: no movimento do corpo, nas roupas. Mas é uma linguagem nem sempre precisa. Há que se complementar com a comunicação verbal” (p.23).

Os autores do livro dirigido aos homens centram na corporalidade o jogo da sedução: mostrar e esconder. Entre as mais variadas e possíveis expressões corporais, o olhar recebe o maior destaque. A técnica do “olho-no-olho, o sorriso, o deslocar-se por um local e a escolha do melhor posicionamento para paquerar ou abordar” (Queiroz & Moreira, 2001, p. 153), são consideradas as formas mais comuns de sedução para os homens. A eles, indica-se treinar frente ao espelho olhares e sorrisos a fim de que aprendam como cada um expressa um sentimento diferente. Por meio do olhar, o leitor poderá ter uma idéia do que o outro indivíduo está pensando: “conhecer as nuances de cada tipo de olhar, de modo claro, é arma poderosa” (p. 31). Em específico, a técnica do olhar fixo pode lhes propiciar grande sucesso junto às mulheres: “o principal é olhar dentro dos olhos das paqueradas. Elas sentirão sua presença e, se ficarem interessadas, um arrepio subirá pela espinha, na proporção da profundidade de seu olhar” (p.144).

O olhar torna-se quase sinônimo da própria sedução também em toda a literatura acadêmica das diversas áreas. Na sociologia, é considerada, a manifestação mais banal do coquetismo, por Simmel (1909/2001). Para Ribeiro (1988) o olhar de curta duração carrega a esquivo e a atenção simultâneas. Ele tem o poder de capturar o prazer de quem devassa e o poder de revelar seu próprio sentimento. Kehl (1988), na psicanálise, o define como a própria sedução: “Caçada silenciosa entre dois olhares, captura numa rede perigosa de palavras. Jogo arriscado e fascinante” (p. 411).

A mesma alternância, implícita no olhar --recusa-atenção-- revela-se também no andar, no movimentar dos corpos e encontra-se expressa nesta literatura da mesma forma que no texto de Simmel (1909/2001).

Ainda, no terreno da expressão corporal para a sedução, Queiroz & Moreira (2001) enfatizam a importância do sorriso; “linguagem universal de que se está com a guarda baixada, que se pretende contato amistoso, fraterno e romântico” (p. 34). Segundo ele, deve ser produzido de forma sincera, pura, simples, espontânea e

bonita. Apenas, quando o homem o tiver aperfeiçoado, é que ele poderá ousar um sorriso mais atrevido: “um sorriso malicioso, com classe, querendo despir a moça” (p.144).

A esfera da corporalidade marca uma interessante distinção de gênero na sedução. Notadamente, em várias literaturas femininas (nas revistas a elas destinadas, por exemplo) é às mulheres que se indica “fazer caras e bocas” para seduzir os homens; cuidar de sua aparência e “lançar seu charme sedutor” a fim de “fisgá-los”. Na literatura de auto-ajuda, este complexo de comportamentos é ensinado aos homens.³⁰

Às mulheres se educa, predominantemente, para uma atividade de escolha e avaliação do parceiro e não para a sedução dele. A elas se aconselha, por exemplo, que caso queiram “paquerar” na praia, devem estar conscientes de que este é um local que apenas: “Quem tem pele lisinha, corpo durinho e bem feito deve procurar

³⁰ A título de ilustração, vale ressaltar que o movimento de educação dos homens, para um melhor cuidado de sua aparência, parece estar em pleno vigor, nos EUA e talvez se iniciando no Brasil. O termo “metrossexual”, uma contração de metropolitano e homossexual, foi cunhado em 2003 por Mark Simpson em artigo publicado no *The Independent* e designa homens bem sucedidos, com idade entre 25 e 45 anos, moradores dos centros urbanos, preocupados com sua aparência, portanto, consumidores desta nova proposta (Ribeiro. *Espelho, espelho meu. Jornal Folha de São Paulo*, de 30/12/2003. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq30122000317.htm>). Por conta do interesse mercadológico neste “novo homem”, muitos produtos têm sido lançados. Um, que parece ter obtido grande sucesso é o seriado norte-americano (em exibição também no Brasil, em canal de TV paga) chamado *The Queer Eye for the Straight Guy*. O olhar do homem gay para o homossexual visa a ensiná-lo a deixar seu propalado aspecto rude o mais rápido possível. O sucesso do seriado foi tão grande, tanto nos EUA como no Brasil, que em 2004 lançou-se, simultaneamente, nos dois países sua versão em livro. *The Queer...* é um livro em que cinco rapazes gays, especializados em decoração, moda, cultura, comida e vinhos orientam os homens em cada uma destas áreas, de forma a transformá-los em “*príncipes*” ou como refere Ribeiro (2003), “de uma costela do homem gay nasce o homem moderno”. A obra, traduzida para o português, tem por destaque o título em inglês (como identificação com o seriado, cujos personagens têm sua foto estampada também na capa). A versão brasileira é uma luxuosa edição em capa-dura, toda ilustrada com fotos, como as revistas femininas. A meu ver, trata-se de uma obra que transita entre o manual de etiqueta e a literatura de auto-ajuda, pois oferece desde receitas de pratos e drinks a serem produzidos pelo homem e servidos à mulher, até conselhos sobre cuidados com a limpeza da residência: “se você consegue escrever seu nome no fundo da banheira, ela – e você – tem um problema” (2004, p.148). Contudo, não concebo que o livro para homens selecionado neste estudo, se alinhe a esta concepção de “metrossexual”. Ele pode até ter propostas que sejam precursoras desta concepção, porém, ele não me parece tão vanguardista. Como já referi, ele trata de um estilo de sedução “mais clássico”.

[...] para paquerar. Quem não se sente à vontade com seu corpo não deve se atrever a expor-se num lugar tão iluminado” (Carvalho, 1999, p. 132).

A importância da sedução na literatura de auto-ajuda, ou melhor, sua quase ausência, remete-me a considerar em diálogo com Swidler (2001) que a proposta de conquista de parceiros/as (a suposta sedução do outro) que esta literatura enseja, contraria a posição desta autora e também de Illouz (1997) de que a mística amorosa e romântica fica circunscrita à fase inicial da vida conjugal. Ao menos às mulheres, a literatura de auto-ajuda propõe que a visão mística seja retirada até de seu último reduto.

Corpo e Conquista

*Será que a gente ainda será
A velha estória de amor que sempre acaba bem, meu bem
Meio demodée pra hoje em dia
Antigamente, tudo era bem mais chique
Porque a gente nem sabe por quê
Mas acontece que eu nasci pra ser só de você
É claro que a sorte também ajudou
Ultimamente, um romance dura pouco
Cola, seu rosto no meu rosto
Enrola, seu corpo no meu corpo
Agora, está na hora de dançar...*
(Só de Você – Rita Lee e Roberto de Carvalho)

A maior ênfase dada ao corpo em todas as obras selecionadas recai na questão da linguagem corporal, que percebo ser dada como universal, pois, não se faz qualquer menção à sua contextualização. Ao indivíduo, portador deste corpo, que se expressa por um código, supostamente compartilhado por todos, prescreve-se um modelo de conduta amorosa específico para a conquista do/a parceiro/a. Este corpo é apresentado muito mais como *locus* psicológico do que de fisicalidade, surpreendentemente, pois na atualidade se constata uma valorização do corpo por sua plasticidade, posta predominantemente a serviço da estética. Todos os conselhos para o uso deste corpo parecem embasar-se no fato de sua equivalência à personalidade, mais do que na “importância” da corporalidade: “Trabalhe sua

expressão corporal [...] Um corpo espontâneo equivale a uma personalidade flexível. E no mercado da paquera, isso conta muitos pontos” (Savian, 1999, p. 79).

Não que a forma do corpo e os cuidados para com ele, isto é, seu sentido estético, percam a importância, visto que a forma física “serve para atrair e chamar a atenção” (p.155) tanto de homens quanto de mulheres. No entanto, é apenas para a mulher que a forma física aparece como sujeita a um aprimoramento: “se [a mulher] não venera o corpo, como um templo, como esperar que alguém o faça?” (deJongh & Cato-Louis, 1999, p.39) e em função de critérios masculinos: “alguns homens têm padrões físicos de beleza de mulher, inflexíveis. Se você estiver longe do ideal do homem, o desencantamento virá, logo ele procurará em outra, o que sente falta em você” (Kent, 1991, p.86).

O que este corpo feminino enseja, além de, por ser belo, o desejo ou o apreço, não é algo que as obras exploram. Demarca-se que o homem use ativamente seu corpo para “dizer” suas intenções e que a mulher ofereça, passivamente o seu para ser desejado. Portanto, mesmo que a ênfase estética seja, nesta literatura, menor do que em outros produtos e em todo o contexto social atual, a mulher é colocada sob a égide corporal num espaço passivo, de submissão, enquanto ao homem, nesta mesma ideologia, decreta-se que seja ativo. Entendo que toda prescrição para o corpo e seus cuidados submetem-se a uma compreensão de gênero que se encontra alinhada ao sexo. Deste modo, o que em princípio parecia ser algo surpreendente --a fuga da exacerbação estética para a mulher-- não escapa de, designar-lhe a mesma conduta.

O corpo dos homens não é passível de prescrições específicas de cuidados estéticos. É alvo apenas, como o corpo das mulheres, de prescrições sobre saúde e higiene, principalmente dentes, hálito e saúde íntima.

O corpo que pode atrair pela sua beleza é priorizado nesta literatura como expressão do próprio indivíduo, *locus* de sua referência ou quase seu sinônimo. Um corpo psicologizado. O indivíduo que precisa ter amor-próprio precisa também, gostar de seu corpo para além da forma que ele possui. Como expressa o psicanalista Jurandir Costa (2004) este corpo tem se tornado o “referente privilegiado

para a construção de identidades” (p.203). Segundo ele, vários fatores levaram a transformação do corpo neste referente. Dentre os citados, o remapeamento cognitivo do corpo físico, por fornecer os elementos racionais que justificam a descrição das pessoas, parece-me consoante ao que se registra nestes textos..

Por meio de uma clara explicitação histórica, Costa (2004) demonstra como a importância do corpo foi se alterando em nossa sociedade, passando a ocupar o lugar de construtor de nossa identidade. A identidade do indivíduo que, da Antiguidade greco-romana ao Antigo Regime, lhe era dada pela sua posição hierárquica nas castas, e que, no apogeu da burguesia, baseava-se nos substratos da vida íntima: “impulsos, desejos e aspirações psicológico-morais” (p.205), é, na contemporaneidade, proveniente de uma educação do corpo que vem se realizando sob a influência da ciência neurológica; das tecnologias médicas; das doutrinas espirituais orientais que concebem o corpo como via de acesso a uma vida virtuosa; das teorias filosóficas que vieram defender a concepção holística da vida em substituição à cisão corpo/mente do cartesianismo; e da esfera política em que conflitos de classe deram lugar a conflitos sociais de sexo, geração e raça.

Todos estes fatores explicitados, fizeram do corpo, segundo o autor, um “*locus* de concretude” em que se unem fenômenos mentais e físicos. O corpo “intenciona, age, conhece, sente, julga e, se soubermos escutá-lo, ‘fala’” (p. 214).

Muito diferente deste lugar, acima explicitado, o corpo, numa outra obra de auto-ajuda; o “clássico” livro de Ovídio (2001) é espaço de recomendações de manejo eficiente em prol do sucesso na sedução do escolhido. Aos homens aconselha-se a cuidar da higiene e vestimenta: “é pela simples elegância que os homens devem agradar” (p.38). Para as mulheres, as indicações quanto ao cuidado estético são bem precisas, pois Ovídio (2001) considera que nem todas nascem belas: “A beleza é um presente da divindade; mas quantas podem se orgulhar de sua beleza! A maior parte de vocês não receberão este presente. Cuidados farão um belo rosto” (p.88). Ele enfatiza a importância de um bom conhecimento do corpo no seu senso estético, tanto para homens quanto para mulheres, “Que cada mulher se

conheça bem, de acordo com seu físico, escolha esta ou aquela posição; a mesma postura não serve para todas” (p. 115). O mesmo conselho é dado aos homens “Somente aquele que se conhecer será sábio em seus amores e permitirá o exercício de suas forças. Se a natureza lhe deu belos traços, você deve se mostrar por esse lado, se ele tem uma pele bonita, dormirá com o ombro descoberto” (p. 73).

Ovídio (2001) mostra e prescreve para um corpo mecânico que se presta à ação, o que, como aponta Costa (2004), foi típico da Antiguidade. Em sua obra, o corpo não é um referente de identidade, e exatamente por isto creio ser importante enfatizar a distinção de concepção de corpo entre a *A Arte de Amar* e as outras obras, porque ela evidencia a caracterização peculiar das obras atuais.

A matéria do jornal Folha de São Paulo, da autoria de Cardoso & Marreiro (06/06/04)³¹ com consulta a Lourdes Feitosa, pesquisadora sobre amor e gênero na Antiguidade, aponta as semelhanças desta obra com as atuais de auto-ajuda e reafirma a proximidade entre os estilos amorosos das duas épocas, pontuando que a citação acima, de Ovídio (2001), alinha-se às palavras de ordem atuais, de valorização do autoconhecimento. Creio ser esta consideração um anacronismo. O conhecimento de traços físicos, em Ovídio (2001), refere-se ao aprimoramento de um instrumento de sedução e não ao aprimoramento do autoconhecimento como o temos na contemporaneidade, da forma como descrito anteriormente com referência à Costa (2004). Ovídio (2001), muito diferentemente do que fazem os autores atuais, centra-se numa corporalidade puramente física. A auto-ajuda recente “esquece-se” da fisicalidade do corpo, priorizando-o enquanto instância de psicologização do indivíduo.

Sob a égide corporal, registra-se nas obras atuais, o predomínio da concepção psicologizante e racional em que o corpo se faz presente apenas como lugar da emoção. Esta concepção, embora possa ser decorrente de uma intenção integradora de corpo e mente, em outro extremo mantém a cisão cartesiana e faz vislumbrar que intenções porventura mobilizantes da idéia de corpo físico o fazem “não necessário” à conquista. Penso recuperar-se, aqui, toda a cisão amor-sexo já anunciada. Corpo é

³¹ <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/ff0606200429.htm>.

substrato do sexo; se belo, pode provocar as avassaladoras paixões de que tanto estas obras querem distância; além de, provavelmente, obstacularizarem um “belo” amor racional. Creio que, pela concepção de corpo registra-se também uma cisão entre emoção e razão, sendo a última a função priorizada nesta literatura para a escolha e conquista do/a parceiro/a.

Escolha e Conquista de Parceiros

*Mandacaru, quando "fulôra" na seca
É o sinal que a chuva chega no
Sertão
Toda menina que enjoa da
Boneca
É sinal que o amor
Já chegou no coração
Meia comprida, não quer mais
 Sapato baixo
 Vestido bem cintado
 Não quer mais vestir timão
 Ela só quer, só pensa em
 Namorar
 De manhã cedo já tá pintada
 Só vive suspirando
 Sonhando acordada
 O pai leva ao doutô
 A filha adoentada
 Não come nem estuda,
 Não dorme, não quer nada
 Ela só quer, só pensa em
 Namorar
 Mas o doutô nem examina
 Chamando o pai de um lado
 Lhe diz logo em surdina
 Que o mal é da idade
 Que pra tal menina
 Não tem um só remédio
 Em toda medicina
 Ela só quer, só pensa em
 Namorar
(Xote Das Meninas - Luiz Gonzaga)*

Toda a preocupação e proposta desta literatura com a racionalidade, com o distanciamento da paixão e das emoções que possam abalar uma conjugalidade estável e duradoura, se delineiam com aguda intensidade nas prescrições para a escolha e para a conquista do/a parceiro/a.

O processo avaliativo e bem estruturado que se ensina nestas obras está baseado em práticas que são comuns na nossa sociedade. Michel Bozon (1995) sociólogo francês, refere-o de forma absolutamente semelhante em seus textos: “para que produza um encontro amoroso é preciso que cada um tenha pelo outro um julgamento positivo, que pode eventualmente transformar-se em um sentimento amoroso. Os julgamentos amorosos são julgamentos sintéticos pelos quais se avalia o conjunto da pessoa que se tem diante de si” (p.125).

Para o autor, estes julgamentos significam que o sentimento entre homens e mulheres não os fazem ceder a mistérios e imprevisibilidades; ao contrário, homens e mulheres fazem avaliações do candidato ou pretendente com base na percepção racional de aspectos diferentes. Bozon (1995) considera que os homens avaliam a aparência física e as características psicológicas e relacionais das mulheres, enquanto elas se detêm no julgamento do *status* social e profissional dos homens.

Mesmo que homens e mulheres se baseiem em aspectos diferentes para escolher o/a parceiro/a, o ponto de escolha considerado fundamental, em praticamente toda a literatura acadêmica sobre conjugalidade, é a homogamia. “As pessoas tendem a escolher parceiros semelhantes --a si próprios, tanto em aparência quanto em atitude” (Buston e Stephen, 2003).

Para Quinteiro (1993), em concordância a esta idéia, a homogamia comanda a escolha conjugal porque “no nosso entender as similaridades decorrem do compartilhar de uma intersubjetividade sem a qual as pessoas não se aproximariam, não se entenderiam e não se comunicariam emocionalmente” (p.27). Frequentemente, os aspectos que os estudiosos apontam serem os norteadores na escolha por similitude são a procedência geográfica, idade, condição socioeconômica, *status* profissional, raça, religião, compromisso familiar (Quinteiro, 1993 e Buston e Stephen, 2003).

Na literatura de auto-ajuda, os autores não prescrevem uma escolha entre parceiros de mesma classe social, mesmo nível educacional, de mesma raça ou de idades próximas; se bem que, quanto a esta última condição, Schwartz (2002) estimule a proximidade da idade dos parceiros: “É verdade que a diferença de idade

pode significar que os parceiros mais velhos ou mais novos terão diferentes níveis de energia, amigos incompatíveis, estarão fora do ritmo e não serão tão pacientes com algumas preocupações do outro” (p.63)

A necessária semelhança entre eles revela-se, nesta literatura, pelo conselho de procura por parceiros com metas de vida iguais: “você não podem terminar juntos se não estão indo para o mesmo lugar. É extremamente importante que ambos concordem com o tipo de vida que querem levar [...] ajuda bastante começar na mesma direção e na mesma velocidade” (Schwartz, 2002, p.88 e 89).

São as características pessoais que circunscrevem a similaridade. Valores, inteligência, a capacidade de respeito, o nível de energia de cada pessoa são todos por demais importantes, pois, por exemplo, quando houver diferença neste último: um/a parceiro/a pode se sentir “empurrado e o outro engolido”. Trata-se de uma proposta de *homogamia cultural*, como refere Beijin (1985) em seu estudo sobre as sexualidades ocidentais. A meu ver, esta homogamia tem ampla interligação com classe social. Concretizar os estudos é condição infelizmente diferenciada de forma negativa às classes sociais mais desfavorecidas --ao menos em nosso país-- mesmo que seja igualmente valorizado, o que, por sua vez, pode muito bem se concretizar em metas de vida bem diferentes, igualmente coerentes à classe econômica de pertencimento de cada um dos parceiros.³² Deste modo, as características pessoais que são valorizadas como a “natureza essencial” dos parceiros que frequentemente não são tão consideradas como o deveriam, segundo Schwartz (2002), estão ampla e subliminarmente referidas à condição socioeconômica. Representa-se uma homogamia por classe social até porque se tem no casamento, por referente econômico, uma elevação do *status* social.

Como o aspecto racial é um outro elemento bastante importante de consideração específica na escolha por similitude, optei por adicionar às obras selecionadas um livro que se particularizasse por este quesito de escolha de parceiro/a.

³² Veja por exemplo o trabalho de Ilouz (1997).

O livro destinado às mulheres a arrumar um marido negro considera este homem de forma semelhante ao branco, isto é, os elementos com que ele é descrito em nada se referem a sua negritude. Homens negros são apresentados como sujeitos que gostam de casa arrumada, comida caseira e que têm dificuldade em expressar sentimentos, como qualquer outro homem caracterizado nestas obras sem que seja diferenciado por sua raça. Os lugares em que podem ser encontrados e a forma como as mulheres devem proceder para conquistá-los também em nada diferem dos prescritos em outras obras. O homem negro apenas se torna diferenciado quando deJongh & Cato-Louis (1999) particularizam a escolha da mulher branca por um marido negro. Elas lhes sugerem pensar sobre as contrariedades familiares e sociais com que se defrontarão.

A questão racial nesta obra tem a intenção de, somente, especializar um nicho de mercado, para se distinguir das muitas obras que abordam a conquista de parceiros. Contudo, a negritude serve de recurso à abordagem da condição financeira como critério de escolha, na verdade como critério de escolha específico para a mulher que está representada como de situação econômica inferior à do homem. A mulher precisa, deve casar para ter no marido seu provedor.

deJongh & Cato-Louis (1999) lhes prescrevem procurar um homem negro de posses e, para tanto, alertam-nas para o fato de que a mídia mostra poucos homens negros fazendo grandes coisas, “mas de acordo com nossa última pesquisa, há centenas de homens negros bem sucedidos [...] soltos por aí, que estão solitários e procurando alguém para casar” (p.16). Num segundo momento, aconselham suas leitoras a não confundirem questões raciais com as de classe:

Como as diferenças raciais têm um impacto mais profundo, algumas vezes as diferenças de classe são simplesmente esquecidas. Existe a possibilidade de a noiva ou o noivo estar casando para ascender socialmente. [...] uma mulher não-negra pode investir nesta empreitada **se** um homem negro também lhe oferecer a possibilidade de ingressar numa classe social mais elevada (p.81 e 82, grifo das autoras).

Num terceiro momento, apontam que, como “muitas mulheres negras ganham mais do que os seus parceiros” (p.71), a melhor conduta que devem ter neste sentido é procurar “um homem negro que tenha uma renda estável, mesmo que ela seja pequena” (p.71). A mulher poderá, depois, ajudá-lo a progredir financeiramente, sem esquecer de avisá-lo que ele deve fazer “uma tentativa honesta para poder sustentar uma família” (p.71), pois o homem deve ser o provedor.

A intenção com esta obra é sugerir que as mulheres não descartem os negros, usualmente considerados de classe social inferior, mas as autoras, ao aconselhar as mulheres a não misturarem classe e raça, mostram que elas mesmas já o fizeram. O homem negro que se indica não ser descartado preconceituosamente, já o é assim inserido, pelas autoras.

É interessante notar ser o aspecto econômico o que comporta a especificidade da negritude, na obra. Na literatura acadêmica brasileira, Moutinho (2005) refere ter encontrado, em sua pesquisa sobre casamentos inter-raciais, a percepção do negro também como homem de *status* social inferior. Este déficit é compensado, na população brasileira estudada, pelos atributos afetivos, sexuais e estéticos, que o têm deixado em alta no mercado matrimonial brasileiro. A autora aponta que os casamentos inter-raciais --freqüentemente marcados pela escolha fundada no desejo do homem branco pela mulher negra, e na pretensão de aumento de *status* social da mulher negra com o homem branco-- indicam agora para diferenças, quando a mulher branca escolhe o negro, não em função ou em detrimento de seu *status* social, mas de seu desejo, pela propalada virilidade dos negros. Na obra de deJongh & Cato-Louis (1999) não há qualquer referência aos atributos físicos dos negros nem como compensatórios ao seu *status* social. O espaço de desejo não aparece, o que me reafirma o livro como uma prevenção ao descarte do homem negro. Desta maneira, o homem negro não é apresentado como um possível parceiro por qualquer especificidade, mas sim, apenas como um “tipo de homem” que a mulher deve incluir entre os possíveis, um tipo que ela não deve

descartar.³³ Trata-se de um “cuidado” com o “mercado” disponível às mulheres e não uma valorização do homem negro. Cabe perguntar, qual a repercussão deste material no Brasil, quando me parece que nossa realidade se diferencia desta ao menos pelos dados de Moutinho (2005) que acrescentam a consideração ao desejo.

As sugestões oferecidas por deJongh & Cato-Louis (1999) para a avaliação da situação econômica na escolha de parceiro implica as mesmas conceituações e prescrições de outras obras. Kent (1991) e a brasileira Carvalho (1999) também apontam a condição econômica como de grande importância para o casamento. “Averigüe sobre suas atitudes perante o sexo, dinheiro, [etc]. Examine áreas nas quais ele sente que deve se sobressair para compensar pelas inferioridades que ele sentiu” (Kent, 1991, p.71) é o conselho oferecido, para que a mulher avalie as condições financeiras do homem.

A autora brasileira é ainda mais explícita quando detalha a sugestão de condutas específicas para mulheres que vêm “num marido rico solução para todos seus problemas” (Carvalho, 1999, p.120). Ela baseia-se na idéia de que como “rico gosta de rico, a mulher deve passar por rica” (p.120).

A motivação econômica para o casamento fica ainda mais explícita no momento em que se aconselha a mulher a ficar alerta quanto à divisão dos gastos de manutenção do lar, quando este se concretiza pela coabitação. Os autores das obras provenientes dos EUA alertam para a responsabilização igualitária nas despesas da casa. A mulher coabitante deve ter claro, que mesmo ganhando menos que o homem, terá despesas iguais, pois os gastos serão compartilhados de forma igual, o que não ocorre no casamento.³⁴

³³ Não que nesta literatura deversem ser apresentados como pela população brasileira (do resultado do estudo). Não estou julgando quais atitudes --a da população pesquisada ou da literatura-- são melhores, mas sim que aspectos deixam de ser considerados.

³⁴ Este é um dos fatores que motivam a contra-indicação nas obras dos EUA à coabitação, a ser discutida ainda neste capítulo.

Vale acrescentar um dado da realidade brasileira quanto à questão de a provedoria doméstica ser creditada ao homem. No Brasil, esta não vem sendo uma função masculina em muitas famílias. Há, cada vez mais, a necessidade de que tanto marido quanto esposa se responsabilizem financeiramente pelo provimento do casal e/ou da família. Esta real e difícil situação econômica, provavelmente contribui para que se sustente no imaginário feminino a busca de um marido que seja o provedor financeiro da família que se venha formar.

Talvez por muitas mulheres brasileiras habitarem famílias sustentadas igualmente por marido e mulher e senão também por filhos; talvez porque muitas delas já estejam inseridas em conjugalidades que contam apenas com seu salário para se manterem com grandes dificuldades; em suma, por se esforçarem sobremaneira para sobreviver num país que ciclamamente atravessa graves crises econômicas e que, ao final do dia de trabalho lhes oferece todo um cenário de luxo nas novelas da TV,³⁵ em que as freqüentes “gatas borralheiras encontram seus príncipes ricamente encantados”, me parece que toda esta configuração faz perdurar o imaginário e o desejo de marido provedor.

O estudo das antropólogas Fonseca (2004) e Piscitelli (2005), sobre a vida e o trabalho das prostitutas mostra a mesma referência a este desejo, enfatizando-se, no meu entender, o quanto este imaginário permeia a vida das mulheres e o quanto esta literatura lhe contribui com intensidade. Como também constata Bozon (1995) “na representação comum, o *status* social do casal (e da mulher) continua a depender do homem, mesmo se essa imagem tradicional recuou, na realidade diante da ascensão do emprego feminino” (p.126).

Não é por acaso que se associa a figura da mulher ao casamento. A literatura de auto-ajuda lhe prescreve a conjugalidade como extremamente necessária:

embora o casamento, do ponto de vista legal, tenha se tornado um ‘tigre desdentado’ nas sociedades ocidentais, ele ainda é o sonho da maioria das mulheres. Para a mulher, o casamento é uma demonstração pública de que ela é ‘especial’ para um certo homem, que pretende ter com ela um

³⁵ Outro importante produto cultural construtor do imaginário conjugal.

relacionamento monogâmico, além de lhe dar segurança. A sensação de ser 'especial' tem um efeito significativo sobre a ação química do cérebro feminino. Esse fato foi comprovado por pesquisas que apontaram que a mulher tem de duas a três vezes mais orgasmos nos relacionamentos monogâmicos e de quatro a cinco vezes mais quando faz sexo na cama do casal. (Pease & Pease, 2000, p.203)

O arcabouço de prescrições para a conquista de parceiros/as encontra-se, desde a descrição da sedução, marcado por uma proposta de atitudes distintas aos dois sexos. Homens devem ter um comportamento e mulheres, outro. Até mesmo Savian (1999), em seu livro que não se diferencia pelo sexo do leitor almejado, fornece, a certa altura, conselhos específicos e distintos a um e a outro. Todavia, as duas propostas apresentam-se de forma a gerar uma configuração complementar entre os sexos; os comportamentos prescritos projetam um bom alinhamento entre os dois.

Quando os autores exploram, por exemplo, o potencial dos diversos lugares para o encontro de possíveis parceiros,³⁶ ao se dirigirem às mulheres, enfocam os tipos de homens prováveis de serem encontrados em cada um deles: e, ao se dirigirem aos homens, ensinam como eles devem seduzi-las em cada um destes locais.

A gama de conselhos dados às mulheres pode sugerir, em princípio, se referir a uma proposta mais vanguardista, que visa a facilitar-lhes desprender-se de um comportamento masculino de dominação, ao focá-las num lugar ativo de selecionadoras. Porém, como constato na análise das prescrições para a escolha e avaliação do pretendente, não se trata propriamente de conduzir a mulher a uma posição de autonomia.

A mesma impressão inicial ocorre na leitura de *A arte de amar*. Ovídio (2001), ao dar espaço ao prazer feminino e reivindicar para as mulheres o mesmo direito a

³⁶ Os locais apontados pelos autores das obras brasileiras e das produzidas nos EUA, para homens e para mulheres são praticamente os mesmos: bares, festas, trabalho, supermercados, lojas, clubes, academias de ginástica, escola, viagens, etc

ele que têm os homens: "Que a mulher sinta o prazer de Vênus se abater até o mais fundo de seu ser, e que o gozo seja igual para o amante e para ela" (p. 119) e ao mostrá-los em posição de subserviência às mulheres, quando apaixonados,³⁷ faz pensar que sua obra tem uma proposta de emancipação das mulheres, para além do lugar que elas ocupavam na época em que foi escrita. Encontro elementos, na análise da representação feminina que Silva (2003) faz desta obra, para compreender que esta é uma primeira impressão, imprecisa, que pode, no meu entender, ser estendida às obras atuais. A justificativa que ele oferece ao contrapor-se à idéia de que *A Arte de Amar* visa à autonomia da mulher, encontra-se estabelecida de forma bem semelhante nas obras contemporâneas. O primeiro dos elementos arrolados refere-se à construção da sexualidade feminina nesta galanteria. Silva (2003), citando Parker (1992), evidencia que a sexualidade se encontra concebida tanto do ponto de vista do homem, quanto para seu consumo.³⁸ O autor aconselha a mulher a ter a conduta que lhe interessa. O segundo elemento, refere-se ao fato de que Ovídio (2001) decreta a responsabilidade pela conquista apenas ao sexo masculino, o que se conclui pelo uso que faz de uma linguagem bélica e pela analogia entre conquista e caça.

A reivindicação de um papel ativo para a mulher pode parecer paradoxal, visto, simultaneamente, o domínio de sua ação pertencer ao homem. Não é, porém, um paradoxo, pois, conforme Silva (2003) o amor das mulheres pelos homens era, para Ovídio (2001), simplesmente obrigatório: "Às mulheres compete aceitar, como que por obrigação, o amor que lhes é oferecido" (p.369).

Na literatura de auto-ajuda atual, a aceitação do amor do homem não é obrigatória, mas imprescindível:

Para a mulher, a auto-estima depende sobretudo da qualidade de seus relacionamentos. Enquanto que 70 a 80% das mulheres afirmam que a família é prioridade absoluta [...] Se a mulher está infeliz no relacionamento não consegue se concentrar no trabalho. Quando sob pressão, a mulher vê como

³⁷ Segundo Silva (2003) esta subserviência feminina é "*lugar-comum nas análises elegíacas*" (p.365).

³⁸ Duby (s/d) expressa a mesma concepção de que é o desejo do homem que predomina nesta galanteria

uma benção o tempo que passa conversando com seu companheiro. Ela quer atenção e carinho (Pease & Pease, 2000, p.124).

Por serem as mulheres as que “precisam” da conjugalidade, praticamente todas as orientações para o processo de conquista destinam-se a elas.

A conquista de um parceiro não é um processo simples; ao contrário, é complexo, amplo e requer muitos conhecimentos. Primeiro, é necessário encontrar um pretendente a parceiro, depois este pretendente precisa ser, simultaneamente, escolhido, avaliado e conquistado, uma vez que não se refere ao simples encontro, do “ficar” como relatam os adolescentes em sua gíria,³⁹ quando têm relações que não visam à continuidade.

O exercício do “flerte”, a “paquera” têm por objetivos encontrar um pretendente, torná-lo parceiro, formar com ele um casal e a seguir uma família, duradoura. É um processo que recebe na cultura de nosso país o nome de namoro, fase da relação em que os parceiros se conhecem, se avaliam e decidem-se ou não por um casamento, que não necessariamente seja oficializado. Todavia, surpreendentemente, nenhuma das obras selecionadas e nem mesmo as outras que foram lidas, brasileiras ou não, fazem qualquer menção a este termo ou a qualquer outra nomenclatura. Todo este processo de encontro, escolha e avaliação está descrito sob o termo “conquista de parceiro”, o que acredito bem apropriado ao objetivo dos autores: a conquista de um marido e de uma esposa; a conquista da conjugalidade. As obras não visam à descrição de um processo, de uma arte (como já visto em Ovídio, 2001), visam não ao meio, à busca; mas sim à obtenção do resultado final que é o casamento.

As prescrições das mais variadas condutas para a conquista do parceiro vão redesenhando a impressão inicial sobre o lugar designado à mulher. A ela vai se apontando uma posição de valor menor do que o do homem. De início, a caracterização de homens e mulheres quanto a sua disponibilidade no “mercado da conquista” é delineada em detrimento da mulher. Ela, pode vir a ser encontrada em

³⁹ Não apenas esta faixa etária exerce o “ficar”, porém foi entre eles que a expressão surgiu.

qualquer lugar e a qualquer momento, propondo ao homem, deste modo, a estar o tempo todo em pleno “estado de alerta”. A “paquera” “inicia-se ao sair de casa, sendo possível cruzar com alguém, já ao fechar o portão. Por isso, o paquerador deve seguir o princípio de que paquera não tem hora nem lugar” (Queiroz & Moreira, 2001, p. 174). Quando é a mulher que busca um parceiro, a sugestão é para que seu próprio local de trabalho seja escolhido em função da probabilidade de encontrá-los. A mulher “não precisa mudar de profissão, mas pode achar que vale a pena trocar de emprego” (Kent, 1991, p.57). A empreitada feminina implica grandes mudanças na rotina de vida; a do homem implica apenas aumentar a atenção. Talvez parte desta idéia se sustente nos dados provenientes dos Censos Demográficos Brasileiros, de que há um número maior de mulheres do que de homens,⁴⁰ o que as sobrecarrega de responsabilidades por uma competitividade que não ocorre entre eles.

Uma vez encontrados os parceiros, ou pretendentes a, quando os dois iniciam uma conversa --comunicação na linguagem da auto-ajuda-- esta deve ser exercida de forma aprimorada. Nos conselhos fornecidos para a comunicação com os homens, novamente encontra-se a mulher sendo menos considerada do que ele, pois este aprimoramento tem a intenção de evitar que elas cometam o “erro” de perder o pretendente por “falarem demais”. Elas devem dar a palavra ao homem “Você não pode concorrer com ele para falar de si. Esta é a razão porque uma secretária casa-se com o chefe, ela o deixa falar” (Kent, 1991, p.97).

A concepção de mulher que sustenta estas prescrições e a proposta de sua construção ou reconstrução para adequar-se para a vida amorosa já foi muito bem apontada pelos estudos feministas que analisam a literatura de auto-ajuda.⁴¹ Todos reconhecem que ela é vista, por muitas vezes, numa situação culpabilizante por seus atos; ou está errada ou não sabe o que fazer, quando da conquista.

⁴⁰ Veja-se o texto da matéria do jornal *Folha de São Paulo*, de 25/02/05: “‘Sobram’ 4.3 milhões de mulheres no Brasil”, com os mais recentes dados do IBGE. A porcentagem a mais de mulheres, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro, aumentou em 57% no período de 1992 a 2003. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/ff2502200512.htm>

⁴¹ No decorrer deste estudo, a reconstrução da mulher será analisada como um dos elementos de psicologização que esta literatura propõe.

Quando Carvalho (1999) aconselha suas leitoras, no diálogo com os homens a não mostrarem suas qualidades de inteligência e força --apontadas como características masculinas, mas, ao contrário, mostrarem-se frágeis: “Ele precisa saber que você tem fragilidades e pode precisar dele” (p.43); parece-me entrar em cena uma sutil idéia de incapacidade dos homens. O que está sendo, explicitamente, ensinado às mulheres é o necessário acompanhamento das preferências masculinas mas, subliminarmente, há o apontamento de uma “falha” deles. O que se finda por representar é o lugar de domínio do homem: eles ditam (mesmo que silenciosamente) as regras para o comportamento das mulheres, quer seja por conta de seus ditames, tão poderosos como parecem, ou não.

Cancian (1986) é a única autora na área acadêmica que constato colocar em questão este problema, mesmo que em outra esfera. Quando discorre sobre a perspectiva feminilizante do amor e sua conseqüente contribuição para a estruturação das relações, para sua problematização e também para seu estudo; ela observa que esta perspectiva mais a dependência econômica que a mulher tem do homem encobrem a dependência afetiva que ele tem da mulher. No caso em questão, ele é colocado no lugar de quem depende da fragilidade dela para seguir a conversa, para mantê-la parceira, mesmo que seja uma fragilidade fingida. Seu poder minimizado fica encoberto pela maximização de que é ele quem dá as regras. As duas coisas ocorrem em paralelo. Os autores não põem isto a descoberto.

Um outro aspecto central no arcabouço de condutas para conquista está ancorado na conduta sexual de homens e mulheres e no decorrente julgamento moral das mesmas. Novamente a prescrição à mulher é para que se alinhe aos desejos dos homens, nem tanto aos sexuais, mas sim à preferência moral que eles têm. Nesta esfera, a única recomendação feita a eles é para que controlem seus desejos “Mesmo que você esteja morrendo de tesão e queira sexo já, disfarce. As mulheres preferem que você encaminhe essa questão de forma mais sutil possível” (Savian, 1999, p.58).

Aos homens não se descreve um processo de avaliação como se faz para as mulheres. Na verdade, trata-se mais de comentar o processo avaliativo que já

desempenham do que ensiná-los como proceder. Os homens são concebidos por Nunes (2002) como preconceituosos ao avaliarem a mulher: “Se existir uma boa demanda, isto é, se soubermos que existem várias mulheres com as quais ainda não falamos, isso nos permitirá ser ainda mais exigentes” (p.166). Para ele, o processo de escolha atualmente é um processo considerado mais complicado “o homem além de ter de analisar quais são os lugares freqüentados pelo tipo de mulher que cada homem busca, ele tem de observar o aspecto visual, o sexual, o social, e ainda ver se tudo é verdade (p.114). O que este mesmo autor lhes sugere avaliar é: “o jeito de olhar, a forma como se movimenta, a forma como fala, o que fala, como dança, a roupa que veste, o tipo de maquiagem, os cuidados individuais, os tabus, os dogmas, enfim, a forma como a mulher se apresenta e age sexual ou corporalmente falando” (p.21 e 22).

Como este comentário pertence a um livro a elas destinado, sua função realmente não está dirigida aos homens e sim a alertá-las, mais uma vez, para uma atenção moral da sua conduta sexual. Quando se orienta a mulher para afastar-se de homens que não a respeitam, o conselho embute muito mais do que um cuidado para com ela; é um alerta quanto à imagem que mostra. No momento em que este tipo de homem se aproxima, ela estará sendo avaliada simultaneamente por outros homens e a quem porventura poderá atrair ou não em função de seu comportamento com este primeiro:

se uma mulher chegar num bar ou danceteria, toda arrumada, batom carmim na boca, vestido colado no corpo, sem sutiã e com os mamilos enrijecidos. Ela vai chamar a atenção de todos os homens, mas ela só precisa de um. O 1º a chegar nela será o cafajeste. O cara certo se estiver presente, vai respeitar aquele que chegou 1º e não vai se aproximar, ele vai partir para outra (Nunes, 2002, p. 84)

São prescrições que enfatizam o quão reconfortante é para os homens que a mulher se mostre seletiva, de acordo com critérios que interessam a eles. A mulher, ao se preparar para a conquista, seguindo estas orientações, torna-se mais seletiva e, por conseqüência, uma “mulher certa” para ele:

nós homens, entendemos que a mulher deve escolher seu parceiro com a mesma seriedade com que nós buscamos a mulher certa. Pense que o homem que você vai escolher será o chefe de sua família (quer você queira ou não a sociedade é machista!), o pai que educará seus filhos e seu companheiro, cúmplice e amante para a vida toda. Ele vai entrar para sua família, [...]. Se uma mulher demonstrar negligência na escolha, provavelmente ela não será escolhida, pois essa atitude não é compatível com a da 'mulher certa' (Nunes, 2002, p. 108).

Depois do cuidado para com sua imagem, resta ainda à mulher averiguar a compatibilidade que pode haver entre ela e o parceiro. A orientação é para que desenvolva uma entrevista com o homem, tomando o cuidado para que esta não se transforme num interrogatório e que as perguntas sejam feitas “em linguagem imparcial” (Kent, 1991, p. 80). O resultado desta entrevista deve ser um grande número de informações sobre o homem, as quais possam vir a fundamentar a sua escolha.

Quando este processo de avaliação parece ter chegado ao fim, quando os parceiros dão prosseguimento à relação, ainda cabe à mulher mais um momento de atenção: o homem pode continuar com ela, mesmo que não a tenha escolhido, porque a quer para um relacionamento exclusivamente sexual: “ele age mais relaxado, porém engana bem as mulheres, uma vez que chega a investir seu tempo e atenção, aproximando-se um pouco da postura do canalha, mas de maneira sutil e menos ofensiva. Seu desejo costuma se basear no sexo” (Nunes, 2002, p. 168).

Avaliado e escolhido o parceiro, a mulher deve fazê-lo apaixonar-se por ela, deve realmente conquistá-lo, isto é, mantê-lo junto a si para que a conduza ao casamento. Para tanto, ela deve se tornar a mulher “*certa*” para o homem que, segundo Nunes (2002) é:

- Aquela que me fará desejar voltar para casa;
- Aquela que é meu norte, minha referência familiar;
- Aquela que merece sexo oral, até mesmo menstruada [...]
- Aquela que vai me colocar nos eixos e me tirar da galinhagem.

- Aquela que vai me deixar de cabeça livre para trabalhar, pois não vou mais precisar ficar procurando a melhor trepada;
- Aquela que é sempre a protagonista das minhas fantasias sexuais, seja sozinha ou acompanhada, mas sempre com ela.
 - Aquela que terei orgulho de apresentar às indivíduos importantes para mim;
 - Aquela com quem vou transar sem camisinha e ficar feliz se ela engravidar.
 - Aquela que irá me fazer um homem melhor a cada dia (p.76).

Este objetivo somente será atingido, segundo Kent (1991), se a mulher preencher, primeiro, as necessidades físicas dos homens, depois as intelectuais e, a seguir, as emocionais e, por fim, ajudá-lo a atingir as metas que ele persegue em sua vida.

O tratamento concedido aos homens nesta fase, também conforme Kent (1991), deve ser um misto de elogio e crítica, que é o tratamento que se dá aos maridos e é uma forma “melhor que laçar um homem pela sua beleza, culinária, posição social ou sexo” (p.122). Mas, quando for ela a criticada, “é normalmente o homem que faz a mulher se sentir inferior” (p. 140) deve controlar-se e “não mostrar suas emoções; não permitir que alguém lhe provoque reações, nem com crítica nem com elogio; deve se criticada, perguntar-lhe se é tudo, e daí então diminuí-lo mas dizendo-se apaixonada por ele. Quando sentir que vai perder a calma, mostre a ira, mas não o motivo, pois assim ele não terá conhecimento de algo com que pode feri-la mais vezes” (p. 140).

Compreendo que o processo de conquista delineado por esta literatura, desde a configuração da sedução, desenha para os homens uma postura mais sensual e para as mulheres uma atitude mais racional, o que parece ser um dado interessante, quanto às obras nacionais, pois estamos num país em que a sensualidade da sua mulher é apregoada como de facilidade para a conquista. A proposta que esta literatura apresenta tem seu cerne na responsabilização da mulher, pois são elas que estão representadas como responsáveis pela escolha, avaliação e conquista do parceiro, que deve ainda ser realizada de forma bem consciente.

Amor e atração são critérios não presentes na escolha de parceiro/a, mesmo que sejam sempre considerados pertinentes e necessários à conjugalidade. Como parte da escolha, a atração apenas seria possível se considerada como forma de amor-próprio: “Avaliar alguém pela química é também uma oportunidade excepcional de praticar o amor-próprio em alto grau: se você aceita o desafio de ser tão honesto quanto for possível no processo de avaliação, vai se poupar de muito sofrimento no caminho” (Taylor & Mc Gee, 2000, p.4).

A prescrição de condutas para a conquista de parceiro alinha-se a toda a descrição que foi sendo traçada quanto ao sentimento amoroso e a paixão na conjugalidade. Trata-se de uma proposta de controle de afetos, em nome da obtenção do resultado maior, que é casar. Considero que a configuração de sexualidade e conjugalidade que se seguem clarificam e aprofundam esta compreensão.

Sexualidade

*Amor é um livro – Sexo é esporte
Sexo é escolha – amor é sorte
Amor é pensamento, teorema
Amor é novela – Sexo é cinema
Sexo é imaginação, fantasia
Amor é prosa – Sexo é poesia
O amor nos torna patéticos
Sexo é uma selva de epiléticos
Amor é cristão – sexo é pagão
Amor é latifúndio – Sexo é invasão
Amor é divino – Sexo é animal
Amor é bossa nova – Sexo é carnaval
Amor é para sempre – Sexo também
Sexo é do bom – amor é do bem
Amor sem sexo é amizade
Sexo sem amor é vontade
Amor é um – Sexo é dois
Sexo antes – Amor depois
Sexo vem dos outros e vai embora
Amor vem de nós e demora*

(Amor e Sexo - Rita Lee, Roberto Carvalho e Arnaldo Jabor)

A sexualidade, nestas obras, está tematizada sob dois ângulos complementares: o relacionamento sexual entre parceiros de uma conjugalidade e a

compreensão dos comportamentos de homens e mulheres decorrentes de suas diferenças sexuais. Compreendo como Vance (1995 in Heilborn, 1999) que vida sexual não é sinônimo de sexualidade. A sexualidade refere-se à “construção histórica, na modernidade, de uma dimensão interna dos sujeitos, profundamente imbricada num modelo particular de construção da pessoa” (p.40), para a qual, penso importar e apontar toda a conceituação que aqui está referida ao funcionamento de cada um dos sexos, quer no tocante à atividade sexual, ou não; como, por exemplo, toda a diferenciação entre comportamentos dos homens e das mulheres, que se traça para as diferentes fases da relação de parceria.

A vida sexual encontra-se discutida de forma a demarcar a ligação entre as fases da conquista de parceiro/a e o casamento. Não se aponta uma vida sexual passível de ocorrência apenas quando inserida na conjugalidade, muito pelo contrário. Entretanto, as considerações para com a atividade sexual estão referidas à sua ligação com um relacionamento cuja intenção é que venha a se tornar conjugal. Tais considerações encontram-se sob os auspícios da acepção de que é uma atividade sexual necessária e saudável, tanto no plano físico quanto no emocional: “A pessoa sem sexo fica irritável e temerosa, tornando o indivíduo incapaz de relaxar ou se concentrar” (Kent, 1991, p.142).⁴² Esta indicação denuncia a impossibilidade de modelos outros de relações que vêm se constatando presentes e plenamente possíveis na vida conjugal em nossa contemporaneidade, como os casamentos em que os cônjuges optam por não ter atividade sexual.⁴³ No entanto, esta literatura

⁴² Esta é uma acepção presente na própria categoria diagnóstica de saúde mental. Russo (2004) demonstra em seu estudo como “o possível excesso [de atividade sexual] não é considerado perturbação” (p.107), mas sim a falta dela.

⁴³ A matéria de Duenwald do *New York Times*, publicada no *Jornal Folha de São Paulo* de 12/06/05, mostra como o movimento dos “desinteressados por sexo” tem crescido. Trata-se de pessoas que “Descrevem-se como assexuados e classificam sua condição como normal, e não como um resultado de orientação sexual confusa ou de perda temporária de desejo. Eles queriam que o mundo compreendesse que eles podem viver felizes sem jamais fazer sexo”. Entretanto, têm sido muito mal interpretados mediante a “onipresença da publicidade de medicamentos que melhoram o desempenho sexual, os esforços de vender um adesivo de testosterona que aumente o desejo sexual nas mulheres e a presença ubíqua do sexo na cultura pop”. Tanto assim, que muitos

assenta-se na mesma concepção evidenciada pelos estudos sociológicos: “Hoje, a atividade sexual conjugal é considerada a própria expressão do impulso mútuo dos cônjuges [...]. A ausência de relações sexuais entre cônjuges é, portanto, o indício de uma dificuldade ou de um problema conjugal que pode levar à separação” (Bozon, 2004, p.50).

A abordagem dos meandros da vida sexual ocorre com mais intensidade nos livros que ensinam a conquistar um parceiro do que nas obras que tratam do cuidado da conjugalidade, o que percebo ser bem coerente à concepção de sexualidade que atravessa estas obras, pois esta, ao mesmo tempo em que é tida como imprescindível à saúde da relação e dos parceiros, é dada como prática de decaimento certo e área problemática dentro desta relação. Trata-se de uma concepção de sexualidade paradoxal.

Da mesma forma que Bozon (2004) aponta serem problemas sexuais no casamento, a ejaculação precoce e a ausência de orgasmo, os autores de auto-ajuda também se referem a estas mesmas dificuldades, porém, apenas em obras sobre conquista. Os livros referentes aos cuidados com a conjugalidade não chegam a mencioná-los, nem a qualquer outro problema, confirmando outro paradoxo, pois as obras que se atêm à fase da relação apresentada como *locus* de problemas sexuais,, não os aborda.

A não abordagem de problemas sexuais nestas obras precisa também ser compreendida no contexto das especificidades de toda a literatura de auto-ajuda. A sexualidade compõe um segmento específico desta literatura que visa a tratar problemas sexuais, ensinar o leitor a se ajudar naquilo que esteja relacionado, especificamente, à sua sexualidade. As obras que estudo, talvez pelo seu compromisso com a conjugalidade e por esta especificidade fragmentária do estilo, mantêm esta separação; dedicam-se apenas à conjugalidade, deixando a sexualidade para outros autores. Penso ser esta uma hipótese plausível, uma vez ou

especialistas sobre sexualidade humana ou estão desinformados sobre o movimento ou consideram-no fruto de um distúrbio de desejo sexual. Muitos dos dados em que se baseia a matéria, são de uma pesquisa britânica que evidencia que 44% dos pesquisados não “expressavam interesse em sexo, estavam casados ou viviam com parceiros”. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1206200511.htm>

até porque esta atitude marca também a representação da sexualidade como esfera praticamente autônoma; ela tem-se constituído numa ciência específica, portanto demandaria obras bem específicas. Por estes motivos, ou pela própria (des)consideração com a sexualidade no âmbito conjugal, esta fica sem espaço suficiente para ser considerada em seu interior, restando-lhe somente uma área “especial” que pode ser debatida, por vezes de forma descontextualizada. Tal descontextualização é freqüente no segmento da literatura de auto-ajuda em que ocorre o recorte de temas e assuntos que muitas vezes têm razão de ser, apenas se inseridos na complexidade da vida cotidiana de que são provenientes.

Ainda na compreensão da vida sexual, apenas uma obra brasileira sobre o cuidado com a conjugalidade faz menção à Revolução Sexual, dos anos 1960. A este “movimento” Matarazzo (1992) credita o início, cada vez mais precoce, da vida sexual. São mudanças, segundo ela, ocorridas nos comportamentos sexuais das mulheres, surgidas desde então e que, em conjunto ao advento da pílula anticoncepcional, possibilitaram o contato com um maior número de parceiros, além de terem contribuído para a libertação feminina. Os homens teriam obtido, em consequência da Revolução Sexual, uma maior facilidade de encontros sexuais, mas, simultaneamente, uma maior dificuldade em relacionar-se com a própria esposa, pois ela teria passado a lhe fazer maiores exigências quanto à qualidade do ato. O movimento também é acusado de ter transformado os indivíduos em “bons de cama e colecionadores de orgasmos” (Matarazzo, 1992. p. 66).

A apreciação da autora de auto-ajuda revela os dois “discursos contraditórios e cúmplices” que Bozon (2004), na sociologia, diz estarem presentes quando se faz referência às mudanças sexuais dos últimos tempos, freqüentemente classificada como Revolução Sexual. Pelo lado da apreciação conservadora, denuncia-se que este evento provocou a tirania do prazer, a auto-afirmação das mulheres e a “desvirilização” dos homens. No outro extremo, na aceção libertária, se diz que a Revolução consagrou o direito ao prazer, a igualdade sexual entre homens e mulheres e as benesses da contracepção. Segundo o autor, o discurso conservador impera em países em que “os valores tradicionais da família servem como estandarte

político e religioso” (p.58). Para ele, os dois discursos estão muito mais baseados na apreciação moral do que em fatos objetivos e, portanto, limitam a compreensão da sexualidade, visto ele entender as mudanças ocorridas a partir de 1960 como decorrentes não da sexualidade, mas da proliferação da educação das massas e do aumento de participação feminina no mercado de trabalho.

Considero a exposição de Bozon (2004) plenamente cabível para a abordagem de sexualidade que permeia esta literatura, pois ela também me ajuda a justificar a concepção de que, mais uma vez, se credita à sexualidade aspectos que não necessariamente são dela originários. Além do que, me permite explicitar como a literatura de auto-ajuda utiliza, freqüentemente, um juízo de valor moral que recai apenas sobre o comportamento da mulher.

Na busca pela alta *performance*, credita-se a ela a responsabilidade pelo sucesso ou ao menos pela efetivação e qualidade da vida sexual. A elas se delinea como seu comportamento sexual pode contribuir para conquistar e manter o parceiro ou para perdê-lo. Designa-se um elaborado complexo de prescrições às mulheres, com conselhos que enfatizam o cuidadoso comportamento que ela deve ter, se realmente quiser se casar com o homem com quem está se relacionando sexualmente.

Elas é que se decidirão pelo início do relacionamento sexual: “a decisão de ter a relação é delas, e quando vão ter também” (deJongh & Cato-Louis, 1999, p.139). Este momento, “como hoje tudo é possível” pode dar-se em qualquer ponto entre “o primeiro encontro até somente na noite de núpcias” (p. 139). Várias considerações são tecidas, quanto à adequação de tão importante momento. São proposições ambivalentes que, no meu entender, colocam a mulher numa situação de busca por um equilíbrio preciso e difícil de ser atingido. Para deJongh & Cato-Louis (1999) e Kent (1991), tanto o sexo prematuro como o adiado contribuirão para a perda do parceiro. No entanto, a sugestão predominante é para que ela tenha relações com o homem, o quanto antes, a fim de avaliar a compatibilidade sexual dos dois e precaver-se de problemas afetivos: “começando cedo, a mulher pode descobrir ‘problemas’ antes de se apaixonar” (deJongh & Cato-Louis, 1999, p.139). A pista

sobre o momento adequado para iniciar as relações sexuais será “Quando ele estiver tão ávido que você sinta que ele não pode parar, esse é o ponto no qual você deverá ir para a cama com ele” (Kent, 1991, p.146).

Para Kent (1991) e Nunes (2002) a mulher deve ter relações sexuais com o homem de forma que tenha dele algo em troca: “desde que o sexo seja o maior presente que você possa oferecer a um homem, você deve enaltecê-lo depois de outros prazeres naturais para que ele funcione em seu benefício” (Kent, 1991, p.144) e “Faça como a puta que, se não receber, não faz sexo; a boa mulher, se não recebe o retorno desejado, deve deixar o homem literalmente ‘na mão’” (Nunes, 2002, p.56).

Evidencia-se a ocorrência de uma atividade sexual em meio a um relacionamento, não pelo prazer que possa dar, ou pelo afeto que acaso represente, mas sim como um meio de ter o homem ao seu lado ou dele obter favores. A vontade, o desejo da mulher (tanto em ter ou não relações sexuais) não chega a ser expressa. Ela terá relações sexuais porque estas são consideradas necessárias; “instrumentos” para conduzir o homem ao casamento. Opção totalmente diferente da que é dada a eles, tanto que se recomenda a elas alerta quanto ao real interesse do homem, que nem sempre é o conjugal, porque para ele ter uma relação sexual não há necessidade de ligação afetiva ou continuidade do relacionamento.

A sexualidade nesta literatura redundava num amplo complexo. A mulher deve, para não perder o parceiro, para casar; ter relações sexuais, no entanto, não pode se mostrar “fácil”. Seu desejo sexual não conta, não existe. Contudo, em momento algum se faz referência a que a mulher só tenha relações com o homem amado. Onde estaria, nesta proposta, o amor pelo homem? Desaparecido não, talvez implícito, ao menos no desejo do homem de que ela tenha se envolvido sexualmente apenas com os amados, ou com aqueles com quem tenha pretendido se casar, pois para a mulher o sexo é mesmo para casar, como fica claro no conselho de deJongh & Cato-Louis (1999):

Ficar um tempo sem ter relações sexuais para acumular energia sexual em si, transpirá-la pelos poros. A quantidade dela será um ímã para os homens

solitários. Interromper casos puramente sexuais, parceiros ocasionais, porque agora a mulher quer uma relação duradoura – um marido e os casos vão desviá-la do caminho para encontrar o homem certo (p.51).

Elas, se têm muitos parceiros, são mulheres “fáceis”; eles, no mesmo caso, são experientes. Como refere Bozon (2004) em sua análise sociológica “a oposição raridade/número transformou-se em uma estrutura psicológica profundamente interiorizada” (p.95) e amplamente presente nesta literatura, tornando a atividade sexual como algo objetificado; isento de afetos, quer da ordem do romântico, quer da ordem do gozo físico.⁴⁴ Nem mesmo se explora a marcante tensão entre desejo e sentimento, tão freqüente em nossa cultura, como também reitera este autor “Os homens continuam a ser considerados os principais agentes do ato sexual, e o desejo sexual feminino continua a ser amplamente ignorado, ‘como se o lugar das mulheres devesse permanecer limitado a afetividade’” (p.95).

Por esta via, se modela e estimula uma conjugalidade monogâmica. Ter um único parceiro, exercer a monogamia é uma característica que está implicitamente embutida na sexualidade conjugal da literatura de auto-ajuda. Desta forma, a condenação ao comportamento infiel é uma conseqüência natural. A reprovação da infidelidade é, porém, como na literatura acadêmica “menos avaliada como uma falta do que como um comportamento que traz conseqüências para o contrato conjugal” (Bozon, 2004, p.58); mesmo quando se arrolam características pessoais, justificadoras da infidelidade, não se condena o indivíduo, mas sim explica-se o ato que compromete a conjugalidade.

Muitas causas da infidelidade encontram-se desta forma, creditadas às características de personalidade dos parceiros. Os mimados, os narcisistas, os fujões, os imaturos, os inseguros, os problemáticos sexuais, os vazios, os vingativos, os poderosos e os românticos são os tipos listados por Schwartz (2002) como “indivíduos que não conseguem resistir à chamada do impulso” (p.162). As

⁴⁴ A palavra orgasmo aparece, se muito, umas três ou quatro vezes no conjunto de todas as obras.

diferenças de personalidade, tanto entre os homens como entre as mulheres, são utilizadas em conjunto às diferenças de gênero para a explicação das causas do comportamento infiel, uma vez que esta é considerada insuficiente para compreender a infidelidade: “a infidelidade feminina é tão velha e comum quanto a infidelidade masculina; senão, não haveria tantas regras e regulamentos e punições horríveis” (Schwartz, 2002, p.161).

O comportamento infiel também é considerado por Matarazzo (1992) mais comum nos dias de hoje devido ao surgimento da pílula anticoncepcional; da legalização do aborto em alguns países, da grande mobilidade dos indivíduos com deslocamentos que a vida moderna obriga, do anonimato que a habitação em grandes cidades possibilita e também com a entrada da mulher no mercado de trabalho o que “gerou maior oportunidade de contato entre os dois sexos” (p.97).

O uso de características de personalidade para explicar a infidelidade para além das diferenças entre os sexos, como tem sido o habitual, reitera todo o forte embasamento destas obras na importância da subjetividade.

Até este ponto, percebe-se que a sexualidade, pela sua conceituação e atitudes propostas, não apresenta qualquer referência aos sentimentos. O sexo é instrumento, meio para se atingir o fim, que é o casamento. É extremamente interessante, se não trágico, que o único momento em que o afeto se faz presente, é no comentário sobre a recusa do homem ao uso do preservativo, se ele não o usa “é porque não te ama” (Carvalho, 1999, p.123). Se o amor, até então, não participa da sexualidade, como poderia ser referido ao uso do preservativo? Delineia-se uma estratégia de ênfase na importância do afeto para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, entretanto, a crença num sentimento não presentificado até então, pode esvaziar o poder da estratégia.⁴⁵

⁴⁵ Usar a afetividade como estratégia de prevenção de doenças não me parece um bom recurso. Os números de pessoas contaminadas com HIV o mostram perfeitamente. Além do que esta estratégia retira a afetividade do lugar que lhe cabe e, subestima por vezes a capacidade de discernimento da pessoa. Por fim, quer seja na literatura, que nos programas de prevenção de doenças, o uso de uma pedagogia coercitiva em lugar da construção de uma reflexão não leva a um grande sucesso, pois em caso positivo teríamos menor proliferação desta ou de outras doenças em que se recorre a “artificialidade afetiva” como estratégia preventiva.

A abordagem das DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) e particularmente a AIDS, doença em plena vigência na atualidade e que influi diretamente na vida sexual dos parceiros, recebe breve atenção apenas em três obras, dedicadas às mulheres. Já as outras doenças sexualmente transmissíveis não chegam a ser sequer mencionadas. Reitera-se o papel da mulher como responsável exclusiva, até por sua saúde. Os conselhos dados sugerem desde o teste de AIDS e o sexo seguro (deJongh & Cato-Louis, 1999), ao uso de preservativos nas relações sexuais. Reforça-se, ainda, a atitude que considero trágica, como conselho para que a mulher “conheça bem um homem antes de ter sexo com ele, para se certificar de que o parceiro é seguro” (Kent, 1991, p.145). Como se sabe, esta é uma prescrição completamente ineficaz e absolutamente perigosa.

Amizade

*Pafunça cabou-se a sopa
Que tu dava pra eu morfar
Pafunça cabou-se a roupa
Que eu te dava pra lavá
Hoje vivo no abandono
Dum vira-lata sem dono
E pra me judiá, Pafunça
Nem meu nome tu pronunça
Pafunça, Pafunça
Pafunça, que pena, Pafunça
Que a nossa amizade virou bagunça
O teu coração sem amor
Se esfriô, se desligô
Até parece, Pafunça
Aqueles alevador
Que tá escrito
Num fununça
E a gente sobe a pé
E para me judiá, Pafunça
Nem meu nome tu pronunça
Pafunça, Pafunça
Pafunça, que pena, Pafunça
Que a nossa amizade virou bagunça
(Pafunça –Adoniran Barbosa e Oswaldo Moles)*

Compreende-se geralmente a amizade como uma relação específica e diferenciada da relação amorosa, por não comportar a atividade sexual que faz parte

“obrigatória” desta última. A amizade pode, ainda, ser identificada como uma qualidade da relação entre parceiros. Diz-se que os cônjuges devem ser amigos.

Na literatura de auto-ajuda, ela é apresentada sob as duas formas: como relação específica e como qualidade da relação conjugal. Sob a primeira acepção, é abordada apenas na obra de Nunes (2002), destinada ao ensino da conquista de parceiro.

Ele se refere à amizade entre pessoas de mesmo sexo e entre as de sexo oposto. A amizade entre os homens, quando estão vivendo a busca de uma parceira é apontada por ele como de grande ajuda. Os homens:

pedem ajuda aos amigos para avaliar a mulher porque sabem que quando pensam com a cabeça errada (a de baixo), estão em grande perigo, pois é comum se empolgarem e perderem a noção de realidade. Por isso contam com os amigos para ajudar a avaliar os riscos (Nunes, 2002, p.82).

Sendo assim, ele aponta que há entre os homens, uma proximidade, uma amizade maior do que entre as mulheres. Por isso, as aconselha a manterem a amizade pelo mesmo motivo que a reconhece entre os homens: pela sua função utilitária:

na balada é comum um grupo de mulheres, ao conhecerem um homem, (como todas querem fazer dar certo) que a coisa acabe em disputa ferrenha entre elas. É claro que um homem percebe isso, o que é uma pena, porque o ideal seria que cada uma delas soubesse o que quer e pudessem se unir para ajudar aquela que tivesse certeza (Nunes, 2002, p.100).

Este autor registra uma concepção de amizade isenta de afeto, baseada no interesse. Um modelo que, na concepção filosófica, particularmente na de Aristóteles (1999) não era considerado uma verdadeira amizade: "Os amigos cuja afeição é baseada no interesse não amam um ao outro por si mesmos, e sim por causa de algum proveito que obtêm do outro" (1156 a, p.155).

A *amicia Vera*; a verdadeira amizade para Aristóteles (1999) que não poderia, como a relação de amor, ser mantida com muitas pessoas, seria um apreço "porque

a outra pessoa é boa e elas são boas em si mesmas" (Aristóteles, 1999, 1156b, p, 156).

Sobressai desta concepção de amizade a enorme necessidade da igualdade: entre pessoas amigas. A amizade se dá, se forem ambas de boa moral, e entre pessoas diferentes é o princípio da proporcionalidade "que igualiza as partes e preserva a amizade" (Aristóteles, 1999, 1164 a, p. 173).

Constato uma semelhança entre as concepções de amizade e de amor. São duas relações a serem mantidas entre iguais. Todo o discurso da amizade que a preconiza como "voltada para a interioridade, a egologia, a antropofagia, a apropriação narcisista no outro" (Ortega, 2000, p. 115), faz-se presente também na idéia de relação amorosa.

Estas duas relações se diferenciam por um aspecto que marca enfaticamente a concepção de amizade: ela é relação concebida como distanciada da sexualidade, desde que Platão assim a inaugurou:

a noção de amizade característica da Antigüidade encontrava-se perante o dilema de poder introduzir a reciprocidade na relação somente mediante a supressão das relações sexuais. A ética sexual antiga, definida pela atividade, assimetria e obrigação de penetração, não oferece nenhum lugar para a *philia* - especialmente desde que Platão concebera a reciprocidade às expensas de *Eros*. A separação de *philia* e *Eros* permanece constante em toda a história (Ortega, 1999, p.159).

A literatura de auto-ajuda a reifica desta mesma forma como bem mostra Nunes (2002) ao dizer da impossibilidade da amizade entre homem e mulher:

para um homem se tornar apenas amigo de uma mulher ela tem ou de ser completamente indesejável para ele ou ele já ter tentado algo com ela e visto que não tinha realmente nada a ver. Também pode ser que ele não goste da fruta! Faço esta colocação para que uma mulher entenda que não pode ouvir conselhos de qualquer homem por aí, pensando que ele é seu amiguinho. Lembre-se que nossa testosterona é mais forte do que nossa consciência. Homem totalmente confiável, só irmão (Nunes, 2002, p.49)

Configura-se, na literatura de auto-ajuda, uma clássica concepção de amizade: relação de apreço entre duas ou mais pessoas que, para serem amigas, não devem ter relações sexuais pois, caso o fizessem, tornar-se-iam amantes. Restringem-na, às pessoas de mesmo sexo e marca-se nela a mesma distinção de gênero que se compreende na relação de parceria. “Os homens acham que seus melhores amigos são aqueles que cresceram com eles, ou que foram seus colegas de time. Podem até ter alguns momentos de conversa sobre seus sentimentos mais profundos, mas o nível de doação, ou o que é esperado é bem superficial” (Schwartz, 2002, p.15). As mulheres: “acham que suas melhores amigas são as suas preciosas amigas de escolas, que dividiram seus segredos mais profundos ou passaram as noites juntas chorando por encontros que não deram certo. Quanto mais for revelado, melhor é a amizade” (p.15).

Amizade que envolva relações sexuais é, portanto, uma proposta muito vanguardista para esta literatura, além do que se contraporia à intenção destas obras: formar conjugalidades e famílias.

Sob a outra concepção de amizade nesta literatura --como qualidade da relação entre os cônjuges-- a literatura a pressupõe-na como uma intensa intimidade, vital para a relação. Na concepção de Matarazzo (1992), o casamento ideal é aquele que tem por ingredientes: o amor, que torna os parceiros “amigos íntimos”, pois sem amizade o casamento é apenas um gerenciamento da vida entre dois estranhos (p.55).

Já para Schwartz (2002), esta amizade na parceria conjugal pode não ser nada benéfica: “Você não tem de comprar a idéia de um parceiro que seja o seu ‘melhor’ amigo se não quiser. Alguns casais instintivamente sabem, ou aprendem pela experiência, que eles funcionam melhor juntos se mantiverem alguma privacidade emocional” (Schwartz, 2002, p.20).

O que em princípio pode parecer paradoxal nesta prescrição, visto toda a ênfase que esta literatura dá à intimidade e comprometimento não se confirma, pois a prioridade --pela regulação da amizade entre parceiros-- está centrada na privacidade

emocional. Como em todos os correlatos da conjugalidade, predomina a idéia de parceiros como indivíduos independentes.

Coabitação

*Minha meiga senhorita
eu nunca pude lhe dizer
Você jamais me perguntou
de onde eu venho e pra onde vou
De onde eu venho
não importa pois já passou
O que importa é saber
pra onde vou
Minha meiga senhorita
o que eu tenho é quase nada
Mas tenho o sol como amigo
Traz o que é seu e vem morar comigo
Uma palhoça num canto da serra
será nosso abrigo
Traz o que é seu e vem correndo
vem morar comigo
Aqui é pequeno
mas dá pra nós dois
E se for preciso
a gente aumenta depois
Tem um violão que é pra noites de lua
Tem uma varanda que é minha e que é sua
Vem morar comigo
meiga senhorita
Vem morar comigo
doce e meiga senhorita
Vem morar comigo
(Senhorita - Zé Geraldo)*

Para nós, brasileiros, coabitar; “morar juntos”, apenas se diferencia do casamento pela ausência da oficialização civil e por vezes também da cerimônia religiosa.

Os parceiros que coabitam levam vida igual àqueles oficialmente casados. Provavelmente não se casaram por não terem condições financeiras suficientes para arcar com os gastos da legalização e do cerimonial religioso; por não acreditarem na necessidade ou eficácia de tal oficialização; por quererem viver uma vida de casado, prévia à união legal, “experimentar a vida conjugal”; para compartilhar e diminuir

despesas que tinham quando morando sozinhos.... Enfim, inumeráveis são os motivos que se tem para a escolha da coabitação ao invés do casamento oficial.

Os membros desta parceria têm, contudo, para com ela a mesma consideração, expectativas, cuidados, desejos que têm quando da união legalizada. A experiência conjugal dos coabitantes é igual à dos oficialmente casados, diferenciando-se “apenas” naquilo em que todas as conjugalidades se diferenciam: cada uma é uma experiência única.

Os coabitantes, no Brasil, encontram-se respaldados pela lei que, desde 1996, nomeia a coabitação como União Estável, dando-lhe pleno reconhecimento legal, concedendo aos parceiros os mesmos direitos e deveres do casamento civil. É uma relação duradoura e pública, da qual homem e mulher esperam a mesma fidelidade que do casamento oficial. Por esta razão, considero que a literatura de auto-ajuda brasileira não teria mesmo porque mencioná-la, dar-lhe um tratamento diferenciado, pois, em nossa cultura, em nada difere do casamento. Em nenhuma das obras nacionais lidas⁴⁶ há qualquer menção a este tipo de conjugalidade. Aborda-se a relação conjugal independente de sua consideração legal.

As obras originárias dos EUA, por sua vez, não apenas discorrem sobre a coabitação como também a condenam ou, no mínimo, a contra-indicam. Trata-se, pois, de uma consideração diferenciada entre as duas culturas, por conta exatamente do respaldo legal, diferente nos dois países. Nos EUA, a coabitação é considerada um “exercício pré-conjugal”: no Brasil, “os brasileiros não precisam legalizar um casamento para legitimá-lo [...] a palavra ‘casamento’ deriva da palavra ‘casa’, o que significa que casamento consiste em viver sob o mesmo teto e compartilhar a cama”. Já nos EUA, viver juntos é “uma espécie de experiência de laboratório para decidir se deve prosseguir na direção de um relacionamento mais sério-- o casamento. Em uma sociedade em que definições jurídicas têm muita importância, estar casado significa assinar um contrato” Kepp (2004).⁴⁷

⁴⁶ As obras lidas são as 34 já anunciadas, cuja referência se encontra no Anexo III.

⁴⁷ Matéria publicada no jornal Folha de São Paulo, na qual, Kepp, jornalista americano que mora há tempos no Brasil, analisa as diferenças entre os países e conta como seus amigos dos EUA têm dificuldade para entender a “seriedade” de sua relação conjugal, não oficial.. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2204200417.htm>

Os livros provenientes dos EUA detalham os meandros desta experiência conjugal, mostrando-a como ruim e possível, apenas com muitas restrições. É desaconselhada por ser uma experiência que eventualmente caracteriza a relação como frágil, tornando fácil a desistência quando dos primeiros problemas. Ela é considerada também como facilitadora da infidelidade, uma vez que muitos dos que coabitam sentem-se solteiros, o que “contribui para a instabilidade do relacionamento” (Schwartz, 2002, p.246) além de nem sempre conduzir ao casamento: “não mais do que a metade daqueles que moram juntos se casa – existem poucas pessoas que moram juntas por toda a vida” (p.244). Kent (1991) considera ainda que os que se casam depois de coabitar, provavelmente não terão os casamentos mais duradouros.

Um dos aspectos mais citados no subsídio à condenação da coabitação pelos autores destas obras refere-se à geração dos filhos. Como a união não é legalizada, as crianças seriam consideradas ilegítimas, segundo Schwartz (2002) que aponta também que a relação pai-filho perderia a qualidade: “é verdade que ter um filho quando se está morando junto torna-se menos provável que esta criança tenha um pai comprometido e que legalize a situação do que o se o casal fosse casado” (p.247).

A justificativa para toda a condenação, mesmo que permeada pela questão filhos, sobrepõe-se aos aspectos apresentados. Há uma clara intenção de estimular a formação de famílias, duradouras, como se pode constatar pelas prescrições já apontadas. Os autores, pela consideração aos filhos, indicam que a coabitação pode tornar a formação da família mais difícil. Esta forma de conjugalidade atrasa a procriação e adia o estabelecimento de uma família, aspectos que preocupam Schwartz (2002), Kent (1991) e deJongh & Cato-Louis (1999). Elas alertam, enfaticamente, à mulher que, coabitando, corre um grande risco de perder a batalha para seu “relógio biológico”: “O seu parceiro pode nunca estar pronto para ter filhos e, quando descobrir isso, você pode estar mais velha do que gostaria de estar quando nascesse o seu primeiro filho – ou, em alguns casos muito tristes, as mulheres podem ter perdido a capacidade de ter filhos” (Schwartz, 2002, p.247).

O domínio da materialização desta relação está, como para a conjugalidade oficial, colocado nas mãos da mulher. Ela deve estar sempre bem alerta quanto às “más intenções” dos homens. A mulher precisa também contornar, junto ao homem, para que a coabitação, caso tenha ocorrido, transforme-se o mais rapidamente em casamento: “More junto por pelo menos um mês, e não mais que um ano. Pois o relacionamento fica estagnado e o casamento de indivíduos que viveram juntos por muitos anos não dura” (Kent, 1991, p.158). Mas, o melhor é “Não mor[ar] com aquele cara com quem você acha que poderia vir a se casar” (deJongh & Cato-Louis, 1999, p.157).

Observo, pela articulação da coabitação, que as obras originárias dos EUA representam um culto à formação de famílias, até então, não expresso tão clara e intensamente. A mesma intenção também pode ser percebida nas obras brasileiras, porém sem que se condene a coabitação. Cabe, por fim, questionar quais os efeitos em nossa cultura, em longo prazo, da tradução desta literatura que condena a coabitação, quando em nosso país a união consensual ocorre de forma rotineira, “tranqüila” e, como revelam dados recentes,⁴⁸ com frequência cada vez maior.

Separação

*Ela disse adeus e chorou
(Já sem nenhum sinal de amor)
Ela se vestiu e se olhou
(Sem luxo, mas se perfumou)
Lágrimas por ninguém
Só porque é triste o fim
Outro amor se acabou
Ele quis lhe pedir para ficar
(De nada ia adiantar)
Quis lhe prometer melhorar
(E quem iria acreditar?)
Ela não precisa mais de você
Sempre o último a saber
Ela disse adeus
(Ela disse Adeus – Herbert Vianna)*

⁴⁸ Dados de 09/06/05 do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro revelam índices alterados de 4,39% há 30 anos atrás, para os atuais 16,53%.
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97130.shtml>

Apesar de encerrar a conjugalidade, a separação é um evento nela implícito, que considero de necessária compreensão para o amplo entendimento da conjugalidade proposta. A separação encontra-se discutida desde a descrição das condutas para a conquista de parceiros. São os autores deste conjunto de obras que apresentam alguns conselhos às mulheres para a eventualidade de sua ocorrência.

Na obra sobre o cuidado da conjugalidade, aborda-se a separação apontando-se sutilmente como algo desaconselhável. Mesmo que Taylor & Mc Gee (2000) digam estar a decisão de se manter ou não casado baseada na perspectiva individual da avaliação do relacionamento, consideram que os casamentos rompidos “criam o caos para toda a sociedade, para não mencionar os filhos” (p.279). O divórcio é visto não como solução, mas como recurso que muitos indivíduos utilizam “quando não sabem como entender uma situação [...] e comunicar de forma direta o que realmente precisam, a fim de manter a confiança e o amor com o outro indivíduo” (p.279) sendo considerado, precocemente utilizado. A separação pode e deve ser evitada. Até mesmo qualquer afastamento entre os parceiros, de acordo com Taylor & Mc Gee (2000) “pode minar nosso amor se seguirmos esse impulso inconsciente para o afastamento” (p.36). Desta maneira, se reafirma a conjugalidade como necessariamente duradoura e o conhecimento e a comunicação como as “armas” para sua manutenção, idéia esta, que preconiza todos os problemas conjugais como solúveis. A meu ver, uma conceituação provavelmente culpabilizante do leitor separado. Diz-se a ele que não foi capaz, decretando-lhe um fracasso.

Como todos os outros correlatos da conjugalidade, considera-se a separação tanto na literatura de auto-ajuda, quanto na literatura acadêmica, como diferente para homens e mulheres: “a liberdade da mulher em ficar --de permanecer na união porque ela quer, não porque precisa-- lhe proporciona uma base para desenvolver a autoconfiança que ela tanto anseia. Nunca mais terá de passar uma vida inteira presa a um casamento infeliz, sem dinheiro para sair” (Taylor & Mc Gee, 2000, p.302).

Na análise sociológica de Bozon (1995) esta é uma possibilidade que realmente tem se colocado para as mulheres. Mesmo que elas desejem sempre

inscrever sua atividade sexual em relações duráveis, elas não hesitam em sacrificar o casamento e são as primeiras a pedir a separação.

Divórcio e separação, bem como toda a conjugalidade, tornam-se deste modo marcados por implicações diferentes aos dois sexos. Para Bozon (1995), o fato de que a mulher tem mais coragem em pedir a separação, reflete o quanto é ela também mais exigente em relação à conjugalidade. No entanto, para ele é também a mulher que arcará com as conseqüências mais difíceis da separação. Ela será mais desvalorizada que os homens, para uniões futuras; quanto mais velha for ao se separar, por ter com ela os filhos, além de concorrer com mulheres mais jovens e solteiras. “Em definitivo, a separação libera a mulher do confinamento em uma situação que se tornou insuportável ou asfixiante, mas certamente não das conseqüências dessa relação, nem dos encargos familiares e domésticos que ela deve continuar a assumir” (Bozon, 1995, p.134).

Esta idéia ressoa na auto-ajuda quando Schwartz (2002) sinaliza às leitoras que, em caso de separação, suas amigas:

vão balançar a cabeça com ares de conhecedoras e aconselhar a você a segurar o que já tem. Elas vão citar estatísticas e vão dizer que se deixar este relacionamento você não encontrará mais ninguém e que se encontrar, ele não vai ser nada melhor do que o indivíduo que você já tem (Schwartz, 2002, p.290).

Já os homens: “não recebem o mesmo conselho. Ao contrário, dizem a eles o quão rapidamente vão ser capturados, o que é verdade. Eles ficam, entretanto, um pouco amedrontados com quem vai capturá-los” (Schwartz, 2002, p.290).

A literatura de auto-ajuda e a literatura acadêmica delineiam e refletem uma compreensão análoga para a separação e seus efeitos, buscando a primeira “impedir” que esta ocorra e, talvez por isto mesmo seja o sucesso de vendas que é. As mulheres, sabedoras das dificuldades que enfrentarão, buscam na leitura destes manuais, alternativas para uma “fatalidade”, que o estudo de Garcia e Tassara (2000) mostra como elas realmente tentam evitar:

para as mulheres felizes e satisfeitas com o casamento, não há porque romper um vínculo avaliado como adequado às suas expectativas. Entre as mulheres felizes, mas insatisfeitas com a relação conjugal, a separação se coloca como ameaça, embora, ao mesmo tempo, projetem alternativas de superação das dificuldades vividas. Entre as mulheres infelizes, a separação é vista como alternativa, mas evitada por elas ao avaliar os possíveis impactos sobre sua identidade (p.66).

E os manuais lhes prescrevem que, se for ela a deixar o homem, deve “doar-se um tempo, rever amigos, fazer novos, para se tornar ocupada e longe da solidão. O sofrimento a fortalecerá” (deJongh & Cato-Louis, 1999, p.162). Se forem divorciadas com filhos, recomenda-se que mantenha uma boa relação com o “ex”. Entretanto, sempre, lhes é sugerido um outro casamento “depois de ter-se organizado sozinha. Case-se de novo [...] um segundo relacionamento pode ser muito mais recompensador do que o esperado” (deJongh & Cato-Louis, 1999, p.189 e 193)

A Configuração da Conjugalidade

*Às vezes no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico aqui sonhando acordado
Juntando o antes, o agora e o depois
Por que você me deixa tão solto?
Por que você não cola em mim?
Tô me sentindo muito sozinho
Quando a gente gosta é claro que a gente cuida
Fala que me ama só que é da boca pra fora
Ou você me ama ou não está madura
Onde está você agora?
(Sozinho – Peninha)*

Ao fim de extensa descrição dos correlatos da conjugalidade, penso ser possível apresentar o todo da configuração que ela assume nesta literatura. Arrisco a sintetizar a proposta, compondo um desenho que a represente a partir dos aspectos descritos para que possa, a seguir, retirar deste mesmo desenho, suas duas linhas mestras e delinear-las de forma a evidenciar, não mais como a conjugalidade ocorre,

que é o que creio ter mostrado, mas sim em que ou o que ela sustenta: a individualidade, marcada pela distinção de gênero.

Considera-se a conjugalidade proposta pela literatura de auto-ajuda um evento benéfico e necessário ao desenvolvimento emocional de homens e mulheres. As pessoas, devem se casar porque, em assim fazendo, poderão vir a ter, na relação com o parceiro, uma oportunidade não apenas de aprimorar-se como também contribuirão para o aprimoramento do outro. Não se propõe aos leitores para que se casem a fim de cuidar de seus parceiros; esta é uma possibilidade apenas decorrente, não é a função primária desta união, pois indica-se que um cônjuge estimule o crescimento do outro.

A função básica e enfatizada é de propiciar o desenvolvimento pessoal; a conjugalidade é afirmada como um projeto de amor-próprio. Vivendo com o parceiro, se exercita um amor a si mesmo. E este tipo de amor por si, acaba sendo, na conjugalidade da auto-ajuda, praticamente o único espaço possível para o sentimento amoroso.

O amor entre parceiros, que culturalmente é tido como a “essência”, ou o motivo do casamento, surge aqui bem distante desta acepção. Considerando, como o faz Costa (1998), para quem as análises do sentimento, freqüentemente, o concebem numa visão ou idealista ou realista, pode-se constatar que a literatura de auto-ajuda que se debruça sobre a conjugalidade representa esta última visão. O amor conjugal, ou o amor romântico, o forte desejo por uma pessoa --aqui, apenas do sexo oposto-- o imenso apreço por ela a ponto de desejar a convivência diária, sai de cena.

O motivo para casar é, em primeiro lugar, para aprimorar-se, para desenvolver-se como pessoa, depois também para formar uma família, mas o motivo para casar também é, no caso das mulheres, ter um provedor, um marido que se responsabilize pelo custeio do casal e da família, mesmo que ela também contribua para esta manutenção. Homens e mulheres devem casar, mas a mulher realmente precisa fazê-lo.

Este casamento será permeado por sentimentos, que se encontram nomeados por amor. É um “complexo afetivo” em que intimidade e comprometimento devem estar presentes, desde que não acompanhados de paixão. Esta, pode, no máximo, ter originado a união, no entanto, como é identificada a uma intensidade “exagerada”, torna-se dela excluída pelo seu poder perturbador.

No rastro desta exclusão, exclui-se, praticamente toda a sedução do pretendente a parceiro, porque entre os cônjuges, é inexistente, exclui-se quase toda a possibilidade de expressão corporal do afeto. Ao homem ainda é possível um comportamento sedutor, o uso do corpo para atrair a mulher. A ela, cabe uma complexa avaliação dele, para a qual deve se comportar de acordo com os comportamentos que um homem espera de uma mulher. Ela deve, principalmente, tomar muito cuidado com sua sexualidade, pois é em função dela que ele a estará avaliando moralmente, já que o sexo é ponto central na vida dele.

Para o homem, o sexo é uma preocupação, não em relação a seu comportamento, que é fruto de seu funcionamento biológico, mas em relação às dúvidas a que é remetido na consideração para com a conduta sexual da mulher.

A ela se credita a responsabilidade por todo o processo de conquista, mas ambos, mais do que conquistar, devem se tornar um/a parceiro/a ideal. Ao mesmo homem e mulher que se indica o casamento para o auto-aprimoramento, também se prescreve que já tenham um mínimo de consciência de si, de seu funcionamento e de suas necessidades, antes de nele entrar. Entretanto, à mulher se recomenda um processo preparatório em que possa “reparar” várias de suas condutas que com certeza lhe têm impedido ou dificultado o casamento. Ambos precisam adquirir, antes de se casar, uma familiaridade com o gerenciamento de suas emoções, pois é nele que se centrará o desenvolvimento da relação conjugal.

Em uma das obras brasileiras pressupõe-se a conjugalidade como um evento que reúne casais e filhos (Matarazzo, 1992). Os autores das obras produzidas nos EUA, ao contrário, tratam a questão “filhos” em separado da conjugalidade, embora nela inseridos. A ênfase dada por eles, reside na necessária atenção à qualidade do vínculo conjugal que se constata como diminuído pela atenção aos filhos. A proposta

reflete uma distinção entre cuidado com crianças e cuidado com o casal. Ambos, devem coexistir. Não se estimulam casais sem filhos, ou que não se cuide deles: “centrar o relacionamento no casal não significa negligenciar as crianças” (Taylor & Mc Gee, 2000, p.52), mas sim que se tenha por meta que o cuidado com os filhos se transforme num fortalecedor do laço conjugal.

O sociólogo Macfarlane (1990) facilita a compreensão desta especificidade típica dos EUA e bem enfatizada nas obras de auto-ajuda, lá produzidas. Para ele, a substituição de vínculos familiares entre pais e filhos pelos conjugais diminui a pressão por ter filhos: os norte-americanos não só constroem suas vidas familiares sobre o relacionamento marido/mulher como também apóiam todo o seu sistema de valores e moralidade sobre ele” (p.185).

Mesmo que obras de auto-ajuda produzidas nos EUA priorizem o vínculo conjugal, a formação de famílias é uma clara intenção dos autores que se manifesta na condenação à prática da coabitação, pelo “atraso” ou pelo impedimento que ela possa induzir.

Por outro lado, a obra brasileira não se pode considerar ser fiel representante de nossa realidade, pois Matarazzo (1992) reflete um ideal ainda presente em nossa sociedade, não como norma, pois vêm se tornando um número crescente, os casais brasileiros que optam por não ter filhos ou os que seguem a ideologia americana que prioriza o laço conjugal.⁴⁹ Casar e procriar pode ser considerado por muitos como “natural”, o esperado para todos os indivíduos. Entretanto, este mesmo ideal pode ter lugar, sendo também fruto de escolha e não apenas de “desígnio”. A pesquisa de Sorj e Goldenberg (1999) revela como em meio ao processo brasileiro de adentramento a um modelo de família “pós-nuclear” em que o “centro deixou de ser o casal e seus filhos para ser o indivíduo” (p.114) coexistem pessoas que escolham ideais outros de família, como por exemplo, as mulheres por elas entrevistadas, que se converteram ao judaísmo para se casar com homens judeus porque “o centro da existência de ambos é a vida familiar centrada nos filhos” (p.118).

⁴⁹ Ver Scott (1999)

Apesar de se valorizar a conjugalidade --a ponto de enfatizar-se que todo e qualquer projeto individual terá “mais chance de êxito se estiver baseado num relacionamento priorizado” (Taylor & Mc Gee, 2000, p.39)—não se deve considerá-la remédio para as mazelas pessoais, originadas anteriormente ao casamento, nem para aquelas que “só vêm à tona numa relação afetiva” (Matarazzo,1992, p.71).

Os cônjuges não têm por missão resolver os problemas do outro ou ajudar na vida conjugal e cotidiana, mas sim ajudar, especificamente, o outro a cuidar de si, a realizar seu próprio processo de crescimento emocional, a ampliar seu autoconhecimento. Está designado a eles o desempenho de uma função “psicoterápica”: “ajudar a descobrir a verdade fundamental um do outro pode ser um evento espetacular para um novo casal. Quando nos conhecemos, pelo menos um dos dois ainda pode ser a matéria-prima, o bloco de mármore que terá de ser esculpido” (Taylor & Mc Gee, 2000, p.268). Trata-se da proposta de que cada um dos parceiros se comunique com o outro, de forma a dar toda uma ênfase às emoções, porém, nem tanto às do cônjuge, mas muito mais às próprias, até porque este parceiro-cuidador não pode ser visto como o salvador, “como alguém que vai resolver todos os seus problemas” (Matarazzo,1992, p.72), pois isto geraria a condenada dependência: “quando sentimos que não podemos sobreviver sem a outra pessoa, somos dependentes do relacionamento, ficamos desesperados para que ele não termine” (Taylor & Mc Gee, 2000, p.282).

Para ajudar o parceiro no seu processo de crescimento pessoal, se faz necessária uma ampla clareza sobre as próprias necessidades, bem como das características do parceiro. A presença ou não desta clareza configura, segundo Matarazzo (1992), dois modelos de casamento. O casamento fechado, que é formado por parceiros que a ele adentram estabelecendo contratos “inconscientes” de parceria. Estes contratos são nomeados, deste modo, por entender-se que nestas relações escolhe-se um parceiro em função de sua imagem idealizada, a qual muitas vezes é fruto da busca por semelhanças com a figura paterna. Baseando-se nas condições inconscientes de cada parceiro, as relações teriam seu desenvolvimento comprometido.

Num extremo oposto, ela apresenta o modelo de casamento aberto, cujo contrato é considerado “consciente”. É representado como ideal e porta todas as características que remetem à compreensão de uma instituição proveniente e direcionada ao crescimento individual. O casamento aberto pressupõe por cônjuge uma pessoa com menos fantasias sobre o parceiro, com maior conhecimento sobre as relações amorosas, mas, sobretudo, com maior autoconhecimento. Os parceiros não só conhecem suas necessidades e desejos como os expõem e os negociam no âmbito da relação. Eles são pessoas que se aceitam com todos os seus defeitos, que tentam se superar, criando talentos a fim de satisfazer por si próprios suas necessidades e desejos, têm ampla consciência da sua forma de agir e se treinam para reagir menos, isto é, para atuar “construtiva” e não impulsivamente.

Matarazzo (1992) faz uso dos mesmos conceitos de psicanálise, pragmática e superficialmente popularizados, que Taylor e Mc Gee (2000) apresentam para alertar acerca das questões inconscientes que podem ter permeado a escolha do cônjuge. O fato de que são autores de duas obras sobre conjugalidade, a enfatizar este aspecto, anuncia o quanto se preconiza nesta literatura a consciência individual, a psicologização do indivíduo, para o cuidado da conjugalidade, além de mostrar o uso que fazem de conceitos psicanalíticos de compreensão psicológica da personalidade individual que são estendidos à compreensão da conjugalidade.⁵⁰

Esta literatura, deste modo, visa à concretização da identidade individual que Singly e Peixoto (2000), na sociologia, dizem haver no fundo de cada um de nós: “um ‘verdadeiro eu’ --esse mito da interioridade-- [que] se constituiu de forma lenta no Ocidente, até tornar-se uma evidência normativa para cada um de nós, à qual se juntou um outro imperativo, o de ser autônomo” (p.14).

Ao endossar a individualidade na descrição da conjugalidade, estas obras delineiam o mesmo movimento que faz a literatura romântica: a construção de uma relação afetiva com um outro que possibilita saber de si. A função que os romances localizam no amor, os textos de auto-ajuda a explicitam na conjugalidade:

⁵⁰ Reproduzem uma prática de muitos psicanalistas, como se pode constatar em Richter, H.(1990). *A família como paciente*. São Paulo: Martins Fontes.

O amor pode ser lido nos romances como um código que estimula a autoconsciência dos indivíduos quanto aos procedimentos adequados para participar no universo de valores a que o 'amor' se refere. Como código passível de sistematização e publicação sob a forma de livro, cuja fonte é a conversação galante, atua de forma prescrita e coloca em questão os problemas relativos à conjugalidade e singularidade do sujeito amoroso (Lázaro, 1996, p.164 e 165).

Para o gerenciamento de tal conjugalidade, cujo centro é o indivíduo, aconselha-se uma série de condutas centradas, evidentemente, em torno do controle individual das emoções, tido por necessário tanto aos homens quanto às mulheres, que a torna bem complexa, demandando forte empenho daqueles que a ela adentram “um relacionamento saudável implica *hard work*, arregaçar as mangas e ir à luta. Requer compromisso e coragem para crescer e mudar” (Matarazzo,1992, p.46) e não se fundamenta apenas na “escolha de parceiros, mas de como as pessoas caminham juntas pela vida” (p.17) que, para ser vivida, se torna completamente dependente da habilidade cognitiva dos parceiros.

A via cognitiva é a única possível para esta proposta de gerenciamento conjugal. Não apenas sob a forma de autoconhecimento, mas também pelas informações várias que se possa obter acerca da vida pessoal, emocional, sobre administração do lar, enfim, todas aquelas que venham a beneficiar os parceiros da conjugalidade e a manutenção da mesma.

Este conhecimento da vida em parceria, de tão valorizado que é, provoca em Taylor & Mc Gee (2000) questionamentos de sua ausência no passado e projeções para um futuro diferente. Eles surpreendem-se ao constatar como era possível, antes deste conhecimento, relacionarem-se marido e mulher: “Como os casais [tradicionais] não conheciam uma maneira sistemática de esclarecer todos os sentimentos, aqueles que alcançavam algum sucesso eram extraordinários” (p.205). O que, talvez, eles não percebiam é que os casamentos que chamam tradicionais não pressupunham esta atitude psicoterapêutica a seus membros. Esta é fruto da

psicologização dos indivíduos e, por conseqüência, de uma conjugalidade, cuja esfera passou a ser permeada pela popularização de muitos conhecimentos e práticas geradas na psicologia e, principalmente, na sua atividade psicoterápica; uma expansão do cuidado para com as emoções.

Enfatiza-se também o controle dos sentimentos porque algumas emoções são consideradas nocivas à vida amorosa. Dentre as arroladas, estão o ciúme, a raiva, a culpa e a vergonha.

Compreende-se o ciúme como um sentimento cuja origem reside muito mais em fatores individuais de cada um dos cônjuges do que na relação propriamente dita: “o ciúme tem mais a ver com você do que com o relacionamento e certamente não é um elogio para nenhum de vocês dois” (Schwartz, 2002, p.204). A raiva é concebida por Taylor & Mc Gee (2000) como “o maior desafio emocional para os casais” (p.108) pois, ao mesmo tempo em que saudavelmente permite ao indivíduo saber que seus direitos foram violados, não deve ser expressa, mas sim administrada.

O que percebo, tanto na compreensão da raiva quanto nos conselhos prescritos para a administração de seus efeitos, são prescrições que parecem indicar, em princípio a ausência de um juízo de valor, isto é, a raiva não é um elemento considerado pernicioso por si. O que é considerado nocivo é a maneira como se lida com ela na conjugalidade. Inicialmente, estas obras parecem não julgar sentimentos e emoções mas, ao enfatizar seu “gerenciamento” por meio do ensino de habilidades de manuseio que consistem em “aprender a brigar sem se destruir ou destruir o outro” (Matarazzo,1992, p.83) com o objetivo de “modificar construtivamente um relacionamento” (p.90) empreendem sim um julgamento, embora sutil, no momento em que consideram as emoções benéficas apenas, segundo suas intensidades. Esta conduta é coerente a toda a tematização do amor e da paixão: a meta é o controle das intensidades emocionais: “Sem se preparar para controlar a situação, nada de frutífero acontecerá” (Taylor & Mc Gee, 2000, p.217) quer seja na fase da conquista, quer para a manutenção da uma conjugalidade materializada.

Capítulo 4 – A INDIVIDUALIDADE E GÊNERO

*Seus olhos e seus olhares
Milhares de tentações
Meninas são tão mulheres
Seus truques e confusões
Se espalham pelos pêlos
Boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas
Certas mulheres como você
Me levam sempre onde querem
Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
Seus dentes e seus sorrisos
Mastigam meu corpo e juízo
Devoram os meus sentidos
Eu já não me importo comigo
Então são mãos e braços
Beijos e abraços
Pele, barriga e seus laços
São armadilhas e eu
não sei o que faço
Aqui de palhaço
Seguindo seus passos
Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
(Garotos II – Leoni)*

*Garotos gostam de iludir
Sorriso, planos, promessas demais
Eles escondem o que mais querem
Que eu seja outra entre outras iguais
São sempre os mesmos sonhos
De quantidade e tamanho
Garotos fazem tudo igual
E quase nunca chegam ao fim
Talvez você seja melhor que os outros
Talvez, quem sabe, goste de mim
São sempre os mesmos sonhos
De quantidade e tamanho
Garotos perdem tempo pensando
Em brinquedos e proteção
Romance de estação
Desejo sem paixão
Qualquer truque contra a emoção
(Garotos - Leoni e Paula Toller)*

Neste capítulo, apresento como as obras de auto-ajuda conceituam a individualidade e como prescrevem aos/às leitores/as para que a desenvolvam de maneira adequada, a fim de conquistar um/a parceiro/a.

A individualidade e seu aprimoramento têm função central para esta literatura, uma vez que a conjugalidade é tida como parte do processo de desenvolvimento emocional, portanto deve ser buscada e materializada de modo a possibilitar o crescimento de cada indivíduo.

Este objetivo central desloca, relativamente, a premissa da heterossexualidade compulsória sem que, no entanto, afaste a conjugalidade. Neste universo de textos, os indivíduos estão marcados por gênero e a configuração com que este é apresentado liga-se direta e linearmente ao sexo biológico. Em função desta ligação, evidenciam-se as diferenças sexuais que, constituem, em conjunto aos aspectos de aprimoramento pessoal, todo um arcabouço de conhecimentos tido como “científicos”, considerados necessários ao indivíduo no estabelecimento de uma série de práticas sobre si, para o cuidado e preparação rumo à conjugalidade, bem como para sua manutenção.

Segundo Veyne (1989), um século antes ou um século depois de nossa Era Cristã, o casamento só era possível aos homens livres e vedava-se tal instituição aos escravos, trabalhadores domésticos e agricultores. Casar-se era algo tão privado, sem qualquer ritual ou ofício público de legitimação que, caso fosse necessário dizer se um homem e uma mulher eram casados, isto só seria possível perscrutando-se indícios, como a existência do dote ou de filhos: “Somente os cônjuges podiam saber se, em seu pensamento, estavam casados” (p.46). As pessoas constituíam matrimônios para ter filhos legítimos que herdariam seus bens e dariam continuidade às cidades. Casar-se era um dos deveres do cidadão, e um romano era um bom cidadão se cumprisse seu dever. Ele, então, se submetia à normatização da ordem do social.

Um século depois, a *moral de casal* substituiu a *moral cívica*. A passagem, de acordo com este autor, explica-se pelo desejo de autonomia e independência frente ao poder imperial que se instalava. Assim, o que antes era prática de civilidade, tornou-se um fim em si mesmo; casava-se para ser uma pessoa mais civilizada. Colocava-se em jogo uma intenção de aprimoramento pessoal, a qual o autor, baseando-se na análise de Foucault, mostra ser uma prática resultante de um ideal de autogoverno que começava a adquirir cada vez mais importância.

Como o casamento passou a durar mais tempo que o necessário para a procriação, à relação duradoura entre os cônjuges inseriu-se um certo apreço, um misto de amizade e boa vontade, sentimentos que viriam a compor o *mito do casal*. A

mudança no lugar ocupado pela esposa exemplifica bem esta transformação. De acordo com Veyne (1989) na *moral cívica*, seu papel era fazer filhos e aumentar o patrimônio (pelo dote), na *moral do casal*, ela passa a ser vista como uma companheira, porém de reconhecida inferioridade perante o marido a quem respeita como chefe de família. Duas esferas configuram, deste modo, o casamento: a do dever: procriar, e a facultativa: formar um casal unido, sendo o bom entendimento entre os cônjuges antes um mérito do que uma obrigação. Para Veyne (1989), a entrada do casamento no Ocidente se deu exatamente por esta via afetiva e por ela passou a ser exaltado.

Mantém-se, desta forma, no Ocidente a prática conjugal como indicativa da inserção ou manutenção do indivíduo na esfera da sociabilidade, ao mesmo tempo em que se reforça sua obrigatoriedade, anexando-lhe outras motivações, como o amor pelo parceiro e o apreço por si próprio. Nas palavras de Foucault (1985):

O casamento passaria a ser mais geral enquanto prática, mais público enquanto instituição, mais privado enquanto modo de existência, mais forte para ligar os cônjuges e, portanto, mais eficaz para isolar o casal no campo das outras relações sociais (p.84).

As formulações desses autores sugerem que o espaço de ação da conjugalidade foi se ampliando por uma via de interiorização, de tal forma que, neste princípio de século XXI, em que é plena a ênfase na atenção aos desejos e demandas individuais, o casamento não está mais baseado no dote, nem é a única possibilidade de procriação legítima, porém continua estimulado como necessário e benéfico, continua concebido como instância de sociabilidade do indivíduo. Isto é evidente nos livros de auto-ajuda, que visam a ensinar aqueles que não o experimentaram, a como adentrar seu espaço e, aqueles que nele habitam em meio a dificuldades, a como melhorá-lo, como fazê-lo durar.

A motivação para realizá-lo e os benefícios dele advindos são de ordem pessoal, de foro íntimo. Um indivíduo, ao se casar, torna-se mais amadurecido. E, para se casar precisa ter alguma maturidade emocional. É nisto que se centram as obras do presente estudo, enfatizando a interconexão a uma individualidade que a síntese dos apontamentos históricos de Veyne (1989) me permite constatar não ser

nova, apesar de, nos dias de hoje, receber um destaque prioritário, como o faz esta literatura.

A Importância e o Sentido da Conjugalidade

A conjugalidade --quer abordada pelas obras que versam sobre as relações já estabelecidas ou pelas que não distinguem suas fases ou ainda por aquelas que tratam do período de conquista do/a parceiro/a-- é uma relação em contínuo processo de construção e manutenção, dirigido apenas por seus membros. Esse aspecto processual parece estar vinculado a uma certa ambigüidade no que se refere a seu grau de institucionalização.

O casamento não é uma coisa parada, fixa, um vínculo estático entre duas pessoas que estão dentro de uma fôrma. Nem uma camisa de força que as manterá sem movimentos e sempre iguais. O casamento é uma caminhada pela estrada da vida. Envolve um processo de autodescoberta em que um ajuda o outro a crescer e ser o melhor de si mesmo” (Matarazzo,1992, p.16).

Entendo que, pela ênfase numa construção elaborada pelo casal, seu desenho enseja uma liberdade de configuração. Ela pode tomar qualquer formato, desde que com o agrado e concordância dos cônjuges, e isto ocorre de tal forma que a conjugalidade anunciada parece não ter, em princípio, um caráter não institucional, por ser uma relação de características que variam a cada par de cônjuges.

Compreendo, todavia, que mesmo anunciada sob a forma de acordos, a conjugalidade está proposta como instituição. Há toda uma ampla explicitação de seus fundamentos. A configuração delineada a institucionaliza pelas leis e pelos costumes, como demonstrei no capítulo anterior.

O que ocorre, entretanto, em associação a este delineamento conjugal é uma normatização que, envolvendo o casamento, atinge também a noção de indivíduo. As práticas, os rituais, as condutas que o indivíduo deve desempenhar no seu

ambiente e consigo próprio para constituir e para constituir-se no marco da conjugalidade, se tornam de tal modo o foco: “o casamento não vai depender só da escolha do parceiro, mas de como as pessoas caminharão juntas pela vida” (Matarazzo,1992, p.17), que penso instaurar-se um ideal de indivíduo, aquele aprimorado no marco da conjugalidade.

A recomendação e a “obrigatoriedade” do casamento que, em seus primórdios, motivou-se pela formação de alianças, hoje, segundo a literatura de auto-ajuda, situa-se em menor escala numa troca afetiva entre parceiros escolhidos por amor; que seria, digamos, uma “segunda” motivação para o casamento, pois a conjugalidade aqui representada ancora-se pela necessidade de amadurecimento emocional. Este é o atual motivo para casar, na perspectiva da literatura de auto-ajuda.

Ainda que persistam, conjuntamente, as motivações econômicas e amorosas, propõe-se o casamento como um imperativo psicológico. Por mais difícil que seja casar e manter-se casado, pelas intempéries comuns às relações e pela conjugação das individualidades dos parceiros, há que se pôr em prática este exercício de “amor-próprio”, de aprimoramento pessoal. “Aprendemos sobre nós nos relacionamentos” (deJongh & Cato-Louis, 1999, p.181).

As necessidades individuais de cada um dos parceiros são priorizadas de tal forma que o indivíduo se casa ou se mantém casado em função do alcance deste objetivo: “sempre temos de pensar com todo cuidado sobre a sensatez de assumir ou tentar preservar --um relacionamento em que nossas necessidades essenciais não são aceitas e apreciadas” (Taylor & Mc Gee, 2000, p. 174). A importância de que o indivíduo amadurecido busque ampliar seu crescimento pessoal pela conjugalidade se torna marca tão forte desta literatura que, creio ser possível dizer que as relações conjugais de que trata, podem muito bem ser compreendidas como um *relacionamento puro*, como o concebe Giddens (1993):

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social, apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com

outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfação suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (p. 68 e 69).

Indubitavelmente, a conjugalidade pode estar posta com a intenção de formação de famílias, com a sedimentação de seu espaço como o único “correto” para a procriação, com a manutenção do sistema e até por razões de estado,¹ porém, a meta das obras, talvez por conta de como se concebe a conjugalidade e das funções a ela creditada, é o casamento e sua manutenção, colocado como dever, não para com a sociedade, mas para consigo próprio. A ênfase na conjugalidade recai toda sobre o indivíduo e suas necessidades, não há qualquer apontamento para questões sociais, seja de que ordem for, que a justifiquem. O indivíduo deve casar; a convivência com o parceiro fará dele um sujeito melhor --e penso que, também por conta deste estímulo/obrigatoriedade-- um sujeito mais aceito socialmente, pois creio que aqui se reifica uma freqüente importância social dada ao casamento que, por vezes, contribui para a discriminação do indivíduo solteiro, principalmente, quando mulher.

A proposta não é apenas para que os indivíduos se casem e assim se desenvolvam, mas para que eles cuidem de si a fim de que possam se casar e que cuidem de si também no e com o casamento. É uma acepção que reconfigura as conjugalidades. O casamento foi, em muito (e ainda é) considerado ponto de chegada, fim de percurso, tanto que no imaginário Ocidental esta é uma representação comum, como exemplificam os contos de fada sustentados pelo final em que príncipe e princesa casam-se e são felizes para todo o sempre. A literatura de auto-ajuda porta a representação da continuidade desta história. Os autores não apenas contribuem com o leitor, auxiliando-o a casar, pensando em suas necessidades e em como satisfazê-las de forma a obter o seu crescimento emocional. Eles oferecem suas obras como recurso para que ele elabore como casar

¹ Vale lembrar do Projeto Nacional de Casamento – *The National Marriage Project*, localizado na Universidade de Rutgers, EUA, do qual faz parte Bárbara Whitehead, autora de *Por que não sobraram homens bons?*, auto-ajuda, lançada simultaneamente nos EUA e Brasil em 2003.

e depois como se manter casado, a fim de que continue seu processo de autodesenvolvimento. A conjugalidade não é o fim do caminho pois está colocada como parte da caminhada individualizante, simultaneamente, como um prêmio e como um instrumento desta.

Para a literatura de auto-ajuda, casar é uma norma que se estabelece para o indivíduo, considerada tão saudável psicologicamente que o sexo do parceiro passa a ter sua prioridade um pouco menos enfatizada, tanto assim que se chega a permitir, ao menos na obra de Savian (1999), a possibilidade da conjugalidade homossexual.

A reificação, no conjunto das obras deste estudo, da norma de conjugalidade sugere, deste modo, que a “continuidade causal” entre sexo/gênero/desejo que Butler (2003 a) constata instituir compulsoriamente a heterossexualidade, encontra-se aqui relativamente rearranjada. Estas obras parecem ensejar algo diverso. O matrimônio prescinde do direcionamento à heterossexualidade. O desejo pelo sexo oposto torna-se secundário em relação ao desejo do próprio aprimoramento, através da conjugalidade. A concepção de Butler (2003 a) de que “a coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional” (p.45) é posta em xeque se não pelo todo destas obras, pela existência daquela que se dirige aos GLS.

O casamento, a conjugalidade, também não estão descritos como legitimadores sociais da sexualidade, o que se conforma, ou o que representa a possibilidade de uma atividade sexual que prescinde do casamento para lhe dar legitimidade. No âmbito das práticas homossexuais há, atualmente, em nossa sociedade, um forte debate acerca da legalização do casamento gay. Talvez para estas relações, o casamento seja ainda a alternativa de legalização.² A obra que abre espaço para a homossexualidade, no entanto, não a propõe legitimada pelo casamento. Savian (1999) não sugere que os homossexuais se casem, nem sequer apresenta-se defendendo o casamento entre eles. O que faz é prescrever o

² Para um debate sobre o tema veja Butler (2003 b).

casamento a todos os indivíduos, como os outros autores, acrescentando apenas que o presume para qualquer que seja sua opção sexual. Reforça-se, assim, o quanto o casamento, nesta literatura não é realmente proposto como espaço de legalização civil e social de práticas sexuais, bem como não pode ser compreendido como meramente vinculado às normas que instauram uma heterossexualidade compulsória.

Com estes livros, pode-se perscrutar a abertura de um espaço de domínio decrescente da heterossexualidade, que é tida por fundante da conjugalidade. Piscitelli (2003), comentando as idéias de Gayle Rubin,³ refere como a autora constata desde Lévi-Strauss que “Os sistemas de parentesco envolveriam a criação social de dois gêneros dicotômicos, a partir do sexo biológico, uma particular divisão sexual do trabalho, provocando a interdependência entre homens e mulheres, e a regulação social da sexualidade, prescrevendo ou reprimindo arranjos diferentes dos heterossexuais” (p.213), redundando no fato de que para ela “os indivíduos seriam marcados por gênero para garantir o matrimônio” (p.213). Na proposta desta literatura, analogamente, o casamento pode vir a deixar de ser referendado por dois sexos dicotômicos, delineados a partir da diferenciação sexual. A interdependência entre os parceiros que pode se dar igualmente, em função da divisão sexual do trabalho, está aqui acrescida da função psicológica que cada um deve oferecer ao outro, que é a característica doadora de sentido à conjugalidade nesta literatura: casar para um cuidado emocional de si, em presença ou com a facilitação do/a parceiro/a. Os cônjuges devem estabelecer entre si o propósito de ajudarem-se mutuamente no aprimoramento emocional de cada um. Esta é a “tarefa” que a literatura de auto-ajuda apresenta como central aos parceiros de uma conjugalidade materializada. Ela deve ser exercida, independente do sexo de cada um; é uma proposta de atuação igualitária.

No momento em que estas obras sobrepõem a norma da conjugalidade, como da ordem do emocional à norma da heterossexualidade, elas não operam sob a forma de exclusões, mas sim de realocamentos das prioridades normativas, em

³ em entrevista a Butler (Cadernos Pagu, 2003)

vigor. Se bem que, a normatividade conjugal esteja reificada como de grande importância, possibilitando até que o indivíduo se case com alguém do mesmo sexo, a heterossexualidade é a conjugalidade mais indicada. Os conselhos dos autores de livros sobre conquista centram-se em indicações das mais eficazes condutas para a conquista de um/a parceiro/a que têm por certo ser do sexo oposto. São prescrições de comportamentos às mulheres em que se sugere que atentem aos gostos dos homens, e conselhos aos homens que objetivam atuarem adequadamente com a mulher que pretendem conquistar. Até mesmo Savian (1999), o único autor a mencionar a possibilidade de homossexualidade no decorrer de seu texto, aconselha algumas condutas específicas a cada um dos que pretendem conquistar um parceiro, tomando por suposto o interesse por alguém de sexo diferente ao seu. Com o subtítulo de “Dicas para as mulheres”, ele lhes sugere, por exemplo: “Fale de seu trabalho [...] Esse é um modo de falar de um repertório mais familiar dos homens” (p.116). Sob o subtítulo de “Dicas para os homens” ele, entre várias sugestões, indica-lhes que “Não a trate com superioridade. Mulher detesta isso” (p.117).

Na direção de tal conjugalidade, o foco de maior atenção desta literatura centra-se na individualidade daquele que deve casar. Não se dá quase atenção alguma ao parceiro com quem o indivíduo em questão vai se relacionar. O outro da relação --o parceiro futuro, ou presente-- apenas surge, abstratamente, quando das indicações gerais àquele a que o autor se dirige; quando ele mostra ao seu leitor o que um “abstrato” parceiro poderia sentir, pensar, desejar dele ou da relação. Isto ocorre porque as prescrições estão exclusivamente direcionadas à pessoa daquele que deseja se casar. Trata-se de dizer como ele deve ser, como deve se comportar, e não com quem deve se casar.⁴ São prescrições, como já dito, acerca do ensino ao leitor de práticas que ele deve operar sobre si para **ser** e **ter** um parceiro.

A literatura de auto-ajuda estabelece, deste modo, a segunda esfera de prescrições de atenção para com a individualidade. Na primeira, prescreve que o

⁴ Digo direcionado porque estas obras indicam, aconselham, recomendam, prescrevem o casamento e digo desejante porque o indivíduo, o leitor, se as compra e se as lê, provavelmente deseja também este casamento.

casamento é evento essencial à saúde emocional; na segunda, orienta como o indivíduo deve atuar consigo próprio para formar e manter uma conjugalidade.

O Autocuidado Rumo à Conjugalidade

A individualidade que se delineia nestes textos remete a um complexo conceitual e prescritivo de considerações sobre quem é ou deve ser o indivíduo. Seu ponto nodal é a idéia de que somente ele pode e deve cuidar de si; o indivíduo é o responsável pela construção de sua própria pessoa. Para tanto, lhe é fornecido um conjunto de orientações com o objetivo de ensinar-lhe a se autodescobrir e, posteriormente, a se autotransformar. Trata-se da prescrição de condutas que o indivíduo deve colocar em ação sobre si mesmo antes de se casar.

As especificidades do fomento à individualidade que estas obras traçam são, no entanto, propostas advindas e imersas em um marco de idéias no qual vem se exigindo dos indivíduos que adquiram um controle cada vez maior sobre si, sobre seus sentimentos, pensamentos e principalmente de seus comportamentos. Assim sendo, os indivíduos têm se tornado cada vez mais individualizados e têm obtido cada vez mais conhecimento sobre si, a tal ponto que, nas sociedades modernas, “Ocidentais”, este conhecimento referenda-se em teorias e práticas de ciências especificamente construídas para isto.⁵ A este respeito, a literatura de auto-ajuda que se encaixa entre estas práticas não faz mais do que reproduzir e também alimentar um sistema que está, intrinsecamente conectado ao próprio desenvolvimento do ser humano.

Compreendo que o processo de individualização se delineia por ser parte da condição de desenvolvimento humano que ocorre num específico contexto histórico

⁵ A psicologia e a psiquiatria, com suas diversas psicoterapias, são práticas e teorias que também visam ao autoconhecimento.

e social, que considero estar descrito por Elias (1993 e 1995) de uma forma clarificadora e facilitadora da compreensão do processo de individualização que estas obras solicitam: construa-se a si mesmo.

Elias (1993) historiza o processo de autoconstrução do indivíduo de forma a justificá-lo e compreendê-lo em função do ambiente social em que os indivíduos estão inseridos, bem como das necessidades dele decorrentes. É um processo nomeado por ele, *civilizador*, porque “constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” (p.193). É um processo que ele compreende como positivo, por colocar em ação uma dinâmica propulsora de atividades coletivas entrelaçadas que demandam o uso da capacidade de racionalização e da repressão de impulsos.

O controle das condutas e dos impulsos que, na sociedade medieval, fora exercido por terceiros, quando da passagem de uma organização social feudal para um estado absolutista provocou uma reorganização dos relacionamentos que foram acompanhadas de mudanças na estrutura de personalidade dos homens, convertendo-se em autocontrole no *processo civilizador*.

A regulação da vida instintiva e afetiva por meio do autocontrole foi se tornando cada dia mais estável, uniforme e generalizada,⁶ pois as funções sociais que as pessoas exerciam foram se tornando cada vez mais diferenciadas e mais numerosas, aumentando, em conseqüência, o número de pessoas das quais o indivíduo dependia para executar suas ações. Instalou-se, assim, no indivíduo, desde a mais tenra infância, um controle de condutas que se transformaram numa espécie de automatismo do qual ele não pode se livrar, pois seu objetivo é evitar transgredir os comportamentos socialmente aceitos, prevenindo-o de conseqüências desagradáveis. Os indivíduos passam a obedecer algumas regras, a escolhê-las e a introjetá-las por temerem não ser amados ou socialmente rejeitados.

A instância de controle das próprias emoções também se torna automatizada, não só pelo hábito, mas pela educação, que opera sob a forma de uma reflexão

⁶ Elias chegou a esta conclusão estudando os manuais de etiqueta e livros de boas maneiras produzidos desde o século XVII.

interposta entre o homem e o objeto e entre o homem e os outros. O indivíduo é educado para distanciar-se de si, a fim de se observar, se conhecer e se controlar.

Para além ou em paralelo ao desenvolvimento deste autocontrole, o indivíduo mudou sua maneira de ver coisas e pessoas. Ele foi prestando atenção em suas experiências e nas dos outros, captando as seqüências e regularidades de seus atos, pois esta conduta lhe era necessária para a preservação, segundo Elias (1993), de sua posição social. Com o objetivo de habitar sociedades cada vez mais complexas, o indivíduo passou a desenvolver o que hoje se nomeia por visão psicológica; uma observação mais exata dos outros e de si em termos de cadeias causais de comportamentos. O autocontrole demandou, então, forte racionalização e uma regulação precisa das paixões: quanto mais controlado o indivíduo, maiores suas chances na sociedade. Mas, este processo que tem uma ordem, não foi, proposital e planejadamente, colocado em movimento:

planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil [e] pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem *sui generis*, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem (Elias, 1993, p.194).

O ganho obtido com o *processo civilizador* concretiza-se por uma reorganização da força física dos indivíduos, uma ampliação do nível de segurança e uma elevação do padrão de vida. Entretanto, como o próprio Elias (1993) refere, o medo menor de ser fisicamente atacado deu lugar ao medo maior, de ser inadequado e conseqüentemente rejeitado. Trata-se de um medo criado pelo homem e por ele utilizado na educação das crianças e jovens que, por sua vez, os reproduzirão, automaticamente, no decorrer de seu desenvolvimento. Ele se presta à limitação, tanto à própria conduta, como a de terceiros, sendo, na compreensão do autor, fundamental à coexistência humana, pois civiliza as condutas e mantém a cooperação social.

Na atualidade, entretanto, este medo de inadequação tem sobrepujado o espaço do necessário equilíbrio social. Associa-se a contradições e exageros,

contribui para que o autocontrole extrapole a esfera de restrições necessárias ao convívio social e consigo próprio, diminui o prazer e aumenta o medo da vida.

Elias (1993) reconhece que o excesso de racionalidade e repressão que implica esta civilização, pode ser-lhe debilitante e prejudicial, porém considera que, independente de quaisquer efeitos particulares agradáveis ou não, o *processo civilizador* ocorre, porque os traços específicos da conduta civilizada são simultaneamente, um “produto e uma alavanca no desenvolvimento do processo social mais amplo, no qual se formam e se transformam classes e interesses distintos” (p.235). No entanto, a civilização não é, para ele, decorrente apenas da esfera da racionalidade, do mundo das idéias, pois “idéias e hábitos são apenas um setor” (p.236) da constituição humana.

A racionalidade, todavia, parece ser o aspecto de maior destaque, neste processo evolutivo; a própria marca da sociedade moderna, que possibilita a Beck (1997), a Giddens (1993 e 1997) e a Lasch (1997) caracterizarem-na como uma *modernidade reflexiva*, por entender ser-lhe típica, esta compreensão mediada que o indivíduo tem de si e do mundo. Mediação feita agora por *sistemas de especialistas*.

O distanciamento que o indivíduo faz de si, para analisar, compreender e controlar seus atos, baseia-se cada vez mais nos sistemas de conhecimentos crescentemente desenvolvidos e divulgados em nossa sociedade, quer sejam eles científicos ou pseudo-científicos. Este processo se dá como explicitado desde Elias (1993) e enfatizado por Giddens (1997) pela busca de segurança. Procurar compreender a si e ao mundo por meio da rede de conhecimentos que o indivíduo tem a seu dispor é algo que ele faz para tentar diminuir sua insegurança, e os riscos que percebe na vida, em uma sociedade cada vez mais complexa.

Apesar de Lasch (1997) entender que a reflexividade da sociedade moderna esteja também mediada pelos aspectos estéticos e não somente pelos cognitivos, creio que a literatura de auto-ajuda é um produto que bem representa o domínio da crença na cognição e seus instrumentos de aprendizagem para a compreensão acerca das experiências vividas como também para formas de atuação sobre elas.

Os *sistemas de especialistas*, como refere Giddens (1997), vêm substituir uma confiança que antes se centrava nas relações imediatas entre as pessoas, no “face-

a-face”. A literatura de auto-ajuda age como parte destes *sistemas de especialistas*. Ela se oferece como um recurso que o leitor pode usar de forma a dispensar auxílios outros, que poderiam ser da esfera do relacional, do dialógico --como a psicoterapia, por exemplo, a quem ela, por vezes, diz substituir. O recurso de que lança mão, a via cognitiva, também é operada de forma a colocar o indivíduo em isolamento. Em certa medida, se diz ao leitor que todo o conhecimento racional que lhe está sendo oferecido, quer seja uma “tradução” das ciências ou decorrente da experiência vivida pelos autores, é o necessário para que ele cuide de si, para que ele gerencie sua vida emocional rumo ao casamento.

Como um produto da *modernidade reflexiva*, a literatura de auto-ajuda é, simultaneamente, seu instrumento, visto que pretende oferecer ao leitor não apenas elementos para que tenha uma compreensão de si e do mundo, mas também lhe prescrever modelos de atuação para que os indivíduos conduzam sua vida, neste caso, se conduzam até a conjugalidade. Estes livros têm por função prescrever um governo de si por meio de regras, modelos e conselhos para todo um gerenciamento emocional da vida, que implica, analogamente às “*tecnologias do eu*” em modelar, guiar e educar as próprias paixões com o uso de técnicas, esquemas, programas e conselhos que visam a moldar a conduta de modo a que se atinja certos objetivos (Rose, 1999).

Como o ideal de conjugalidade proposto sustenta-se na premissa de que cada um dos parceiros precisa estar muito bem consigo mesmo para que construa relações saudáveis, cabe aos autores a prescrição de um receituário de práticas que o leitor deve desenvolver a título de preparação para a experiência da conjugalidade. O propósito de que ele se transforme, tem por base a idéia de que, se ele busca tais obras, precisa de ajuda e/ou tem-se comportado de forma inadequada.

A autotransformação é um processo considerado de tão grande importância que o leitor é alertado para a consequência nefasta de ter seu autoconceito danificado quando ele “sabe que precisa fazer mudanças e transformações e por acomodamento não o faz” (Savian, 1999, p.53). É um processo de reprogramação de sentimentos e pensamentos, que deve ser precedido de um questionamento

acerca do modo de ser e de se comportar e por isto se crê que ele seja gerador de um “novo patamar de consciência de si mesmo” (p.15).

As reflexões anteriores a toda e qualquer ação sugeridas fazem parte de um outro processo, considerado imprescindível, que é o autoconhecimento:

é através do conhecimento de si mesmas que as pessoas adquirem uma nova compreensão da vida e dão a ela um novo sentido. Evoluir como pessoa, ou seja, amadurecer, depende do conhecimento que cada um consegue obter de si, do mundo e dos problemas que se colocam para os relacionamentos (Matarazzo,1992, p.11).

O autoconhecimento prescrito tem varias acepções. Por um lado, está posto como exercício em que se faz necessário uma “humildade para se auto-observar e descobrir o tipo que é” (Savian, 1999, p.34) a fim de que se alcance um outro extremo, o transcendente. “O ponto mais alto a que você pode chegar nesta existência é a consciência total de quem você é: isso inclui conhecer seu corpo e suas manifestações, seu padrão de pensamento, seus sentimentos e seus desejos, para pode transcendê-los” (p.131). Neste enfoque transcendente, apresenta-se o autoconhecimento como de poderes “mágicos”, pois “quando nosso desejo é bem claro, acabamos por ficar mais atento às oportunidades. Além disso, criamos um campo de energia propício para nos aproximar de pessoas que estejam vibrando na nossa sintonia” (p.24). Cabe sublinhar ser esta uma referência, mesmo que menos intensa, ao poder mental, outrora tão característico da literatura de auto-ajuda⁷, mas ainda presente, de alguma forma, nestas obras, como pela simples indicação deste autor ou pela colocação de Kent (1991):

“você quer ser tudo o que você pode ser? Bem, uma das coisas que você pode é ser casada satisfatoriamente com o homem de seus sonhos. Sua mente é seu melhor recurso, que pode ser aperfeiçoada. As estratégias cruciais são mentais e não físicas” (p.18).

Em outra acepção, o autoconhecimento é tido como uma fonte de referência para o indivíduo, podendo torná-lo independente do outro “quanto mais você se

⁷ Vide o histórico traçado no capítulo um.

desenvolve para entender que é um ser único, com sua expressão singular, mais vai ficando vacinado contra a opinião dos outros” (Saviano, 1999, p.42).

O que o indivíduo deve conhecer de si ou como exatamente ele deve proceder para obter este conhecimento, não é algo detalhado pelos autores. Eles reforçam a importância do indivíduo questionar-se acerca de suas condutas. Às vezes, lhes oferecem questionários com perguntas que visam à identificação de seu modo de agir, mas, não passam disto.

Julgo ser crença dos autores que a aquisição do autoconhecimento enfatizado surgirá quando o leitor se tornar mais atento às suas próprias condutas e motivações, pelo fato de que, após a leitura das obras, aprende que pode ser mobilizado por questões da ordem do inconsciente (e portanto até então, desconhecidas para ele) e também porque terá adquirido mais conhecimento sobre o funcionamento geral das pessoas. Trata-se de um conhecimento de si adquirido, exclusivamente pela via cognitiva. O lugar central a que é remetido e as prescrições de práticas para seu desenvolvimento me fazem considerá-lo à luz da teoria de Foucault (1985) sobre o *cuidado de si*.

Embora estas práticas visem a um autogoverno, creio não serem da ordem daquelas referidas a todo um *cuidado de si* como as que este autor encontrou registradas desde o primeiro século.

As práticas do *cuidado de si* em referência às atividades sexuais marcam a necessidade, nem tanto de proibições de atos, mas sim de atenções específicas para consigo mesmo, uma certa vigilância para com todos os distúrbios do corpo e da alma que precisam ser evitados por meio de um regime austero:

é a importância de se respeitar a si mesmo, não simplesmente em seu próprio *status*, mas em seu próprio ser racional, suportando a privação dos prazeres ou limitando o seu uso ao casamento ou à procriação [...] essa majoração da austeridade sexual na reflexão moral não toma a forma de um estreitamento do código que define os atos proibidos, mas a de uma intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos (Foucault, 1985, p. 46 e 47).

As condutas de autogoverno propostas se diferenciam das práticas descritas por Foucault (1985), pois a literatura de auto-ajuda oferece meios e fórmulas para um “autocuidado”, cuja base se alicerça no conhecimento racional de si, que é diferente do *cuidado de si*.

As duas formas de atenção para consigo próprio são sempre confundidas, como o próprio Foucault (1988) reconhece. A confusão entre elas se estabeleceu desde a “cultura Greco-Romana [quando] o conhecimento de si aparecia como conseqüência do *cuidado de si*. No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental” (pg.22). A literatura de auto-ajuda, como já apontado, embasa-se plenamente neste conhecimento de si, racional e adquirido por meio daquilo que se ensina ao indivíduo que ele é, ou por meio do que se diz que ele precisa saber de sua pessoa.

A ética tradicional do *cuidado de si* pressupunha, conforme Foucault (1985) uma estreita ligação entre o domínio exercido sobre a própria pessoa, sobre o contexto da casa (o casamento) e na relação com os outros, sendo a prática sobre si a garantia do adequado domínio “moderado e racional” (p. 101) destas outras duas instâncias.

A importância de o sujeito preocupar-se consigo era para os gregos, uma das principais regras de conduta social e pessoal. Era uma prática que desde Sêneca não se referia a um exercício de introspecção, tratava-se do exame dos fatos e não do exame do pensamento, algo que poderia e deveria ser feito em diálogo. Segundo Foucault (1988) a inversão entre o *cuidado de si* e o conhecimento de si ocorreu, durante o Império Romano, com a substituição das práticas dialógicas pela “cultura do silêncio e a arte de escutar” (p.32), pela priorização da aprendizagem por meio da audição das pregações de um mestre ou por meio da leitura: “Você se mantém em silêncio na leitura. Você pensa sobre ela depois. Esta é a arte de escutar a voz do mestre e a voz da razão em você” (p.32).

O *cuidado de si* refere-se, todavia, a uma arte exercida pelo sujeito para dar-se conta de seus atos, de como procede, de como deveria proceder; em suma, para autogovernar-se, não apenas para seu próprio benefício, mas também para melhor convivência social. É uma prática que não visa à preparação para uma fase da vida,

como apontam as prescrições desta literatura, mas sim um estar-se continuamente em preparação para viver a vida. É um processo que apenas pode ser dado como completo, momentos antes da morte.

A prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado e instruído, mas sim como indivíduo que sofre de certos males e que deve fazê-los cuidar, seja por si mesmo, ou alguém que para isto tenha competência (Foucault, 1988, p.62 e 63).

Como o *cuidado de si* também não trata de uma relação de julgamento que o indivíduo estabelece consigo, não conduz à sentença de culpabilidade como o faz a literatura de auto-ajuda, quando prescreve, por exemplo, à mulher uma auto-avaliação:

a mulher sabe bem o que quer no homem, mas quando pensa no que tem a oferecer a ele, responde vagamente: 'eu'. A mulher deve avaliar-se em contraposição às suas competidoras. Ela, para ser bem sucedida deve saber o que tem a oferecer e deve ser capaz de dizer (Kent, 1991, p.19).

As possibilidades da concretização da prática de si apontadas por Foucault (1985 e 1988) até assemelham-se às definidas por esta literatura. Enquanto ele arrola exercícios de memorização de princípios úteis, exames daquilo que se faz, etc, estes textos propõem, por exemplo, a redação de diários para acompanhamento da evolução da mudança de comportamentos prescritos e reflexões individuais como se fossem práticas análogas: “Mudar seu jeito de paquerar é uma tarefa que vale a pena. Mas para isso você precisa questionar seu modo de ser, rever seu comportamento” (Savian, 1999, p.15). No entanto, as propostas desta literatura visam mais ao ensino de um conhecimento de si do que a um *cuidado de si*.

Associa-se, ainda, ao receituário da literatura de auto-ajuda a prescrição de algumas outras condutas, que penso serem sugeridas, tendo-se por base a idéia de que passarão a fazer parte dos comportamentos do leitor, apenas pela via da aquisição de conhecimentos com a leitura. Parece bastar aos autores que o indivíduo adquira as informações oferecidas para que mudem, de alguma forma, suas atitudes.

Prescreve-se ao leitor que ele se autovalorize e que tenha por si uma boa dose de amor. A “autovalorização é diferente de prepotência, é um valor interno que não precisa ser demonstrado” (Savian, 1999, p.52). Tal atitude não está, porém, prescrita no sentido de algo que lhe fará bem, mas sim no sentido de que lhe renderá bons frutos “Se você gosta bastante de si mesmo, a consequência disso é um campo energético brilhante, que é percebido aonde você vai” (p.52).

Para Taylor e Mc Gee (2000), que escrevem sobre os cuidados para com a conjugalidade, o amor-próprio tem sido confundido como egoísta. Entretanto, ele é “essencial, nos confere dignidade, com a capacidade de manter a cabeça erguida, quaisquer que sejam as circunstâncias. Este amor-próprio é diferente do ‘amor’ narcisista que a cultura popular quer nos impingir” (p.217) e, mesmo que da ordem do individual, é imprescindível para a relação conjugal:

O amor-próprio nos proporciona muito mais do que o poder de cuidar de nós mesmos como indivíduos, por todos os aspectos que pudermos conceber; também nos delega o poder para florescer. Leva-nos à nossa missão na vida e permite-nos experimentar a verdadeira intimidade emocional com outra pessoa (Taylor & Mc Gee, 2000, p.217).

O papel que a literatura de auto-ajuda desempenha ao expressar-se deste modo, é, no meu entender, o de representar e propiciar a reificação, pela via exclusiva da racionalidade, de atitudes viáveis e imprescindíveis à vida em sociedade, que o ser humano foi desenvolvendo no decorrer de sua evolução e que no atual momento, encontram-se cristalizadas. Como se as práticas e condutas que têm sido necessárias à sobrevivência (como explicitado em diálogo com Elias) tivessem obtido vida própria; tornando-se, elas próprias, um fim.

A postura de autocontrole, por exemplo, de necessária a um convívio social de respeito e atenção também ao outro, encontra-se aqui registrada como uma conduta valorizada em função de um apreço pessoal, como sinônimo de uma certa qualidade da ordem do individual. Um indivíduo autocontrolado, quer o autocontrole seja necessário ou não, é mais valorizado que outro que não o tenha. As condutas tornaram-se “qualidades” do próprio indivíduo.

Estes livros, no entanto, não me parecem ser os geradores deste processo. Penso que eles tanto o representam quanto o estimulam no momento em que reproduzem a crença fortemente estabelecida de que o indivíduo será mais feliz, quanto mais se conhecer, quanto mais se cuidar. O conhecimento e o autocuidado ocupam um lugar de transformação pessoal, também porque são instrumentos de controle, de diminuição dos riscos, ou melhor, das conseqüências dos riscos a que os indivíduos estão expostos.

De forma diferente da que foi traçada por Elias (1993 e 1995), o indivíduo continua em busca de reassseguramento, não mais pelo controle de condutas em que a violência física é o maior perigo, mas sim do controle, do gerenciamento de seu futuro. Os objetivos das obras são instrumentalizar o indivíduo de forma prática a fim de que ele possa viver um sofrimento menor e, porventura, uma felicidade maior. Para tanto, põe em ação o que Giddens (2002) refere como típico da modernidade: trazer o futuro, continuamente, para o presente por meio da organização reflexiva dos conhecimentos.

As práticas do *cuidado de si* e a proposta da literatura de auto-ajuda, diferenciam-se, a meu ver, pela via da intenção e não do ato em si, o que redundava, por sua vez, na reificação de sua coercitiva proposta pedagógica.

Tanto as práticas sugeridas, como as descritas por Foucault, referem-se a uma atuação que o indivíduo tem sobre si com o claro objetivo de melhorar sua conduta. Creio, todavia, que o *cuidado de si* não se refere a um utilitarismo, não se trata de práticas com objetivos tão específicos e instrumentais como as que sustentam esta literatura. O indivíduo pratica o *cuidado de si* numa consideração com sua pessoa e também com os outros, o que me parece indicar que está pressuposto um indivíduo merecedor de valor, que se aperfeiçoa. As sugestões desta literatura evidenciam que a “única saída” para ele, na verdade, especificamente para a mulher, é atuar sobre si, reparar o que está em desordem, segundo normas da sociedade, da cultura, da própria literatura; conforme acepções que são por vezes modismos passageiros. Desta forma, a literatura de auto-ajuda sugere prescrições referidas à re-educação da mulher, pois está pressuposto que ela age de forma nada eficaz na busca por um parceiro com quem se mantenha unida. A

mulher, principalmente, mas creio que também o homem, são considerados pela literatura de auto-ajuda seres desprovidos de poder. Eles não têm poder para mudar seu contexto, apenas lhes resta o poder de mudar a si. Mas que poder será este, se eles são considerados, simultaneamente, seres frágeis e vulneráveis?

Minha tentativa de resposta lança apenas algumas conjeturas que se baseiam na constatação de que o poder retratado na literatura de auto-ajuda é artificial. O que está “destinado” à mulher, demarca claramente isto. Entendo que a concepção desta literatura é a de que o indivíduo é frágil e vulnerável. O poder que se aponta lhe ser possível alcançar é uma aquisição de futuro, quando ele finalizar a leitura, quando colocar em ação novas condutas. Um dia, à frente, não hoje. Isto reforça para mim que o indivíduo, aqui-agora, é tido como carente de poder e poderá continuar a sê-lo caso não leia, não aprenda, não aja... Trata-se de um poder “etéreo”; dito como possível de ser atingido, quiçá, um dia.

A literatura de auto-ajuda representa, portanto, uma retórica da individualidade expressiva de um momento social, em que o indivíduo parece ser o centro. Contudo, de alguma forma, ele, naquilo que não é da ordem do utilitário, fica por vezes esquecido ou “realocado”. Ele não é o centro pela pessoa que é, mas sim pelas preocupações com o que se considera que ele não deveria ser.

A ênfase na vulnerabilidade do indivíduo e na decorrente busca por segurança, expressa nestas obras parece estar alinhada à compreensão de alguns sociólogos, estudiosos das sociedades modernas, como Giddens (1997) e Beck (1997), por exemplo. Para o primeiro autor, práticas como a da literatura de auto-ajuda, constituidoras de *sistemas de especialistas*, são uma proposta de auto-reflexão e autotransformação que ajuda as pessoas a enfrentarem os problemas psicológicos e sociais e a manterem a ordem tanto na personalidade quanto na sociedade. Já para Beck (1997), partindo da mesma constatação de fragilidade individual, estes sistemas contribuem mais para aumentar a insegurança do que para diminuí-la.

A análise que faço destas obras, me leva a concordar com o segundo autor, não apenas porque as informações oferecidas, me parecem, por vezes,

“pseudocientíficas”, o que torna pouco confiáveis os conhecimentos expressos, mas também porque reificam o indivíduo como incapaz, principalmente se mulher; porque oferecem sugestões que estão aquém de muitas condutas atualmente em voga no âmbito conjugal e porque se fundam, por vezes, em explicações únicas para os comportamentos dos seres humanos. Neste sentido, todos os comportamentos referidos à relação conjugal são passíveis de explicações justificadas pelas diferenças sexuais e pela conseqüente fisiologia de homens e mulheres. Eles são como são porque a fisiologia os faz assim. Resta-lhes, apenas, entender seu funcionamento biológico e o do/a parceiro/a, se porventura querem se conjugar a ele.

A diferenciação biológica que se faz presente na instrução dos indivíduos para a materialização de suas conjugalidades é, também, o fundamento de toda a configuração de gênero com que os autores destes livros marcam os indivíduos que rumam para a conjugalidade.

Gênero

O indivíduo a quem os autores dirigem suas obras, a quem prescrevem o casamento e a quem prescrevem todo um autocuidado, não é considerado um ser neutro em termos de gênero, como às vezes se possa pensar quando se constata as sugestões de algumas das práticas de autocuidado.

Todas as receitas para a conjugalidade e para o autocuidado explicitam direta ou sutilmente modelos adequados de masculinidades e feminilidades construídos com base nos significados dados às diferenças corporais. Deste modo, os autores traçam todo um panorama de estilos de feminilidades e masculinidades, permeando as ações dos indivíduos.

Por haver o objetivo de ensinar um parceiro a lidar com o outro em função não de uma singularidade individual, mas de comportamentos que ele apresentaria, por serem “inerentes” ao sexo a que pertence, e por se ter por base que seriam de sexos

opostos,⁸ penso que os comportamentos representados nesta pesquisa como femininos e masculinos estão configurados e apresentados em decorrência também do objetivo, em oferecer ao leitor parâmetros para a convivência com o/a parceiro/a, como constato em Pease & Pease (2000) “A mulher que experimenta um vestido e pede a opinião do homem geralmente ouve um ‘bom’ como resposta. É o mesmo que nada. Para impressionar, o homem deve dar detalhes, como faria outra mulher” (p.130).

Para os autores, os comportamentos e os problemas conjugais decorrem do fato de que homens e mulheres não conhecem bem o funcionamento da pessoa de sexo oposto ao seu. Assim, para viver relações heterossexuais, precisariam conhecer melhor as “típicas” masculinidades e feminilidades para uma melhor convivência conjugal. Desta forma, acreditam que mostrando à leitora uma “típica masculinidade”, a mulher poderá ter um parâmetro para gerenciar seu comportamento, pois está dado como característica da feminilidade comportar-se de acordo com aquilo que se toma por expectativas masculinas. O mesmo não ocorre com a representação da masculinidade. Esta não se delinea em decorrência de expectativas femininas.

A própria construção das duas balizas de atributos configura uma diferenciação valorativa, tanto no seu aspecto de modelo para identificação --que é como concebo uma das funções que se dá para a caracterização da feminilidade-- quanto no seu sentido de parâmetro de informações para um indivíduo de sexo oposto. A padronização da feminilidade traz em seu bojo a caracterização de comportamentos tidos como inadequados ao objetivo de conquista. Assim, a própria meta de apresentação das masculinidades e feminilidades já a caracteriza formadas por diferentes valores que lhes indicam graus maiores ou menores de estabilidade.

Sendo a conjugalidade a referência de tudo o que se aborda nestas obras, as masculinidades e feminilidades também estão apontadas tendo-a por parâmetro. Trata-se de caracterizar os modos de ser de homens e mulheres que desejam se

⁸ Como já dito, embora a homossexualidade esteja apontada como possível, todas as prescrições são construídas, tendo-se por certo que os leitores estão (ou desejam estar) imersos em relações heterossexuais.

unir. E exatamente por conta deste desejo é que me parece que o modo de ser das mulheres tem seu traçado constituído por duas condições: o experienciar e o exteriorizar, e por uma combinação de atributos. É possível constituir uma feminilidade caracterizada por um comportamento que aponte para uma força e inteligência. No entanto, dela deve fazer parte a exteriorização de uma fragilidade que seria mais de agrado daquele que se deseja por parceiro. O mesmo não ocorre com a masculinidade.

Feminilidades

O padrão de feminilidade desenhado nestas obras, visa, como já anunciei, a se apresentar como o modelo ideal de conduta na perseguição do objetivo de conquista de parceiro. É concepção dos autores que um amplo espectro do modo de ser, feminino não é propício ao alcance deste objetivo; portanto, delineiam um estilo em função da idéia de qual a feminilidade mais correta a ser externalizada quando da conquista.

O recato quanto à expressão da sexualidade é o atributo que surge mais enfatizado. Espera-se que a habilidade de prática do ato sexual seja uma característica marcante, mas, não decorrente de uma vivência com muitos parceiros. Ter relações sexuais com vários deles e sem envolvimento afetivo remete a idéias de promiscuidade e distanciamento afetivo, noções que não são positivamente avaliadas em termos de feminilidades e sim em termos de estilos de ser homem: “a mulher cafajeste pensa igual ao homem ‘cafa’, ou seja ‘vou me divertir com os errados, enquanto não aparece o homem certo’” (Nunes, 2002, p.131). Uma postura sexual “mais ousada” é apenas indicada quando o parceiro em questão é aquele não eventual, mas sim alguém considerado futuro cônjuge. Nas palavras de Nunes (2002) trata-se de um recato a ser externalizado de forma a afastar todo e qualquer homem que não se caracterize como o qualificado. A mulher deve comportar-se como “uma senhora na sociedade e uma puta na cama” (p.112).

Referenda-se, portanto, a qualidade feminina na capacidade de selecionar os parceiros sem chegar a extremos: rejeição absoluta ou promiscuidade. A disponibilidade feminina está marcada por um precioso equilíbrio entre os extremos contra-indicados, por um lado --em ceder e se relacionar sexualmente com vários, em se mostrar disponível sendo também submissa ao homem, só elogiando-o, como refere Kent (1991) ou procurando aqueles que precisam de muitos cuidados, como enfatiza Carvalho (1999) e por outro lado-- se mostrando refratária aos homens, vendo defeitos em todos, o que a qualificaria como frustrada, segundo Carvalho (1999) ou sendo a resmungona descrita por Kent (1991).

Um outro atributo feminino delineado refere-se à falta de autenticidade em um modo de ser que possa “disfarçar” qualidades que, se expressas, não seriam eficazes para a conquista. Deve-se disfarçar toda e qualquer característica de força, inteligência e autonomia sob a maneira frágil de ser.

A habilidade de atrair deve ser igualmente substituída pela de avaliação e escolha de parceiro, fundamentadas nas capacidades tidas como tipicamente femininas de percepção, intuição e observação. Delineia-se, deste modo, toda uma racionalidade como aspecto integrante das feminilidades positivamente consideradas quando da atuação no processo de conquista do parceiro, que se choca ou que visa igualmente a substituir --porque não se mostra a possibilidade de se associar-- à característica que iguala feminilidade e expressão de emoções. Simultaneamente, a esta feminilidade composta por este traço masculino --a racionalidade-- barra a expressão de outros traços mesmo que femininos. Esta configuração mostra contrastes que são facilmente “disfarçados”; entretanto, não deixam de existir e marcam, por isto, uma feminilidade que porta em seu traçado o que Johnson (1974 in Scott, 1994) refere como “as forças de significação em guerra no interior do texto” (p.20).

Assim, o objetivo com o atributo de racionalidade é, a meu ver, o de que o desenvolvimento deste traço delineie uma feminilidade de características ativas quando da seleção de parceiro. Ativas tanto para o controle dos próprios comportamentos como para a análise do parceiro. No entanto, os parâmetros possibilitadores da expressão de traços tidos por masculinos encontram-se alocados

não na feminilidade, mas sim nas preferências masculinas. É desejo masculino que a feminilidade se expresse em conformidade a suas expectativas.

À parte, a expressão de comportamentos diretamente ligados à conquista, compõe ainda o traçado da feminilidade uma série de atributos referidos à atuação social. O trabalho é tarefa a se exercer sem que se perca características típicas femininas, como a expressão de afetos, por exemplo. Deve estar associado à função de maternidade e não substituí-la, sendo o inverso --a maternidade substituir o trabalho-- considerado o aspecto mais característico da feminilidade. Configura-se, conseqüentemente, como necessidade típica da feminilidade, um casamento que lhe possibilite obter do parceiro a provedoria financeira, que, por sua vez, caracteriza como tipicamente femininas a preocupação e a avaliação do *status* profissional do parceiro e de suas condições financeiras. O desejo de um casamento, como recurso para mudança de classe social, torna-se, deste modo, uma expectativa tida como feminina.

Toda esta configuração redundando na atribuição maior às mulheres da responsabilidade pelos relacionamentos. Se todas estas habilidades lhes são tão típicas, é coerente então que recebam tal “incumbência”, mesmo que por vezes contrariem algumas de suas outras características como se constata no caso da separação. A necessidade feminina de relações estáveis é superada pela necessidade preponderante de relações construtivas.

Masculinidades

Neste universo de textos tem-se por tipicamente masculino um certo grau de exibicionismo vinculado à capacidade de atração. Olhares e sorrisos sedutores compõem a expressão corporal mais coerentemente delineada para os estilos de masculinidade. Esta característica não substitui, mas sim se associa a características avaliativas do parceiro em questão, marcando como esperado para a conjugalidade a avaliação tanto de traços de personalidade quanto de características físicas, além do comportamento sexual, no que se refere à sua expressão moral. Tem-se como

característica masculina valorizar a seletividade daquela que se intenciona ter por parceira, devido a uma grande preocupação em torno das condutas sexuais.

Considera-se também atributo masculino uma atividade sexualmente intensa, sem envolvimento afetivo decorrente de necessidades sexuais ou de personalidade, como exibicionismo ou narcisismo que, por sua vez, delineiam tipicamente masculino um auto-centramento, expresso na desconsideração para com as necessidades do outro.

Considera-se adequada a intensa atividade sexual que qualifica a masculinidade como típica de caçadores (Queiroz & Moreira, 2001) desde que por um período; enquanto é útil para testar a seletividade desejada da parceira. Contudo, ela é superada por um desejo de afeto e exclusividade, de maneira análoga a que caracteriza a feminilidade, o que permite caracterizar como uma “atual” masculinidade aquela mais crente no amor (Shinyashiki, 1990). Tal característica não é atribuída em substituição a outras mais “tradicionais”, mas sim em associação a elas. Tanto assim, que Nunes (2002) classifica esta masculinidade como a desejada para o homem que ele considera “pronto”; aquele que está “social e sexualmente maduro e preparado para se apaixonar [...]. Está desejando encontrar a mulher certa” (p.32).

Quanto à atuação social, independente das pretensões conjugais, mas a elas posteriormente alinhadas, conceitua-se como masculina a ênfase dada ao trabalho. A atuação profissional é uma das fortes características da masculinidade, que resultará no âmbito da conjugalidade, na atribuição da provedoria financeira do casal.

A masculinidade não se caracteriza como a feminilidade, por atributos considerados camufláveis, uma vez que contraproducentes à conquista. A masculinidade me parece mais alinhada ao que se tem por atividade típica da conquista; a atração de parceiros. De tal forma que é, apenas, para a masculinidade que se prescreve o aprimoramento das habilidades de sedução, principalmente das que envolvem a expressão direta do desejo, por meio da corporalidade.

Ao confrontar a caracterização das masculinidades e a das feminilidades com a intenção de conjugá-las, me parece possível compreender que o padrão de

feminilidade aqui configurado, no endosso de comportamentos de avaliação do parceiro, pressupõe a existência de um candidato prévio, pois somente deste modo, a tarefa de seleção (avaliação e escolha) pode ocorrer. A literatura de auto-ajuda caracteriza, como tarefa masculina, pôr-se como candidato e, como tarefa feminina, selecionar o candidato.

A aceção de conquista de parceiro/a fica, então, diferenciada de acordo com o sexo de quem a coloca em prática, pois a caracterização de gênero está alinhada ao sexo dos parceiros. Todo o receituário que se oferece à mulher demanda que ela já tenha, de antemão, um candidato ou que este se mostre por iniciativa própria. Na abordagem, por exemplo, de lugares a serem freqüentados com a intenção de arranjar um parceiro, não se indica às mulheres algumas condutas para transformar os presentes no local, em possíveis candidatos. Não se ensina às mulheres a transformar homens em candidatos. Apenas, quando eles se apresentam como tal é que elas podem agir.

As diferenças sexuais

As diferenças sexuais entre homens e mulheres referidas como fundantes das masculinidades e feminilidades apresentadas, mesmo que não estejam diretamente explicitadas como justificadoras da distinção de gênero, são tidas como base para apontar que homens e mulheres se diferenciam por serem anatômica e fisiologicamente diferentes.⁹ Tanto os hormônios como o funcionamento cerebral de cada sexo conduzem a específicas condutas.

⁹ A diferenciação referendada na biologia aparece com grande ênfase na obra *Por Que Os Homens Fazem Sexo E As Mulheres Fazem Amor?* e, em escala menor em outras obras. Apesar do destaque situar-se apenas em um livro, analiso a questão da referência biológica para a diferenciação dos gêneros por ser ela cada vez mais marcante na nossa cultura, por ser um bom exemplo da atuação da literatura de auto-ajuda em divulgar as descobertas científicas e também porque a obra em questão é o único livro que consta da lista de mais vendidos entre os selecionados para este estudo. Segundo o ranking da *Revista Veja* de 11/05/05, encontra-se em 7º lugar há 73 semanas.

Pease & Pease (2000) consideram que a testosterona; hormônio masculino, é o que torna típico o comportamento masculino de intensa atividade sexual, da mesma forma que a progesterona, hormônio feminino tipifica a feminilidade pelo instinto maternal em cuidar da cria.

A base da diferenciação biológica entre os sexos origina-se, no entender dos autores, no período da gestação: “O molde básico para o corpo e o cérebro humanos é feminino --todos começamos como meninas-- e é por isso que os homens têm características femininas, como mamilos e glândulas mamárias” (p.62). A formação da identidade sexual se dá, entre 6/8 semanas após a concepção e baseia-se na formulação, segundo eles, do Dr. Gunther Dorner, que compreende que um feto geneticamente masculino (XY) desenvolve células específicas de condução do hormônio testosterona que forma os caracteres primários e configura o cérebro para traços e comportamentos especificamente masculinos.

Digamos que se um feto do sexo masculino precise de uma certa quantidade de hormônio para formar os genitais e o triplo desta para configurar o cérebro com um sistema operacional correspondente. Digamos que precise de quatro doses e só receba três. A primeira dose forma os órgãos genitais masculinos, sobrando duas para o cérebro que fica dois terços masculino e um terço feminino. Vai nascer um menino que, quando adulto, terá um cérebro masculino na essência, porém com algumas capacidades e padrões de pensamento tipicamente femininos. Se esse mesmo feto recebesse apenas duas doses de hormônio masculino, uma iria para a formação dos testículos e outra para a configuração do cérebro. Nesse caso, o bebê teria um cérebro com estrutura e pensamento essencialmente femininos em um corpo geneticamente masculino. Ao chegar à adolescência, é provável que viesse a se revelar homossexual [...] Avalia-se que cerca de 80 a 85 por cento dos homens tenham o cérebro essencialmente masculino e nos restantes haja algum tipo de feminilização cerebral. Muitos destes últimos se tornam gays (p. 62).

Esta é uma possível explicação para a formação biológica da identidade sexual dos indivíduos e as ciências podem produzir varias delas, sendo ainda todas

ou a maioria de plena coerência e plausibilidade. Porém, o que está em jogo aqui, é que se trata da escolha de uma referência, de uma leitura acerca de um fenômeno físico, que, contudo, está sendo vendida como a resposta, “esquecendo-se” do que ressalta Dupré (1993 in Fausto-Sterling, 2001/02), de que “não há um modo único e dado por Deus de classificar os diversos produtos do processo de evolução. Há muitas maneiras plausíveis e defensáveis de fazê-lo, e a melhor maneira vai depender tanto dos propósitos de classificação quanto das peculiaridades dos órgãos em questão” (p.37). Entretanto, esta literatura “vende” uma teoria dentre várias, como “a verdadeira” porque esta se ancora no físico, tido por puramente real, concreto e determinador, alienado do social e da idéia de que o que se pode ter dele é apenas uma compreensão, um modo de ver, como bem explicita Fausto-Sterling (2001/02) que, para surpresa de muitos, é bióloga de formação:

“nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre a diferença sexual. Quanto mais procuramos uma base física simples para o ‘sexo’ mais claro fica que o ‘sexo’ não é uma categoria física pura. Aqueles sinais e funções corporais que definimos como masculinos e femininos já vêm misturados em nossas idéias sobre o gênero” (p.19)

Como esta mesma autora refere, o corpo físico não é um recurso neutro sobre o qual se possam construir teorias “científicas”, embora se faça necessário reconhecer e usar aspectos que fazem parte do corpo. Não se trata, portanto, de negar toda a fisicalidade, com seus órgãos, hormônios e toda a diferença anatômica entre macho e fêmea, mas sim de entender que toda esta matéria já “contêm noções de gênero e sexualidade” (p.63).

Mas, para estes autores, qualquer explicação de base social para as diferenças de comportamento entre homens e mulheres, é explicação do passado, pois

Recentes estudos de biologia mostram, porém, um panorama completamente novo e apontam os hormônios e o cérebro como os principais responsáveis por nossas atitudes, preferências e comportamento. Isso quer dizer que, ainda que criados em uma ilha deserta, sem uma sociedade organizada ou pais que os influenciassem, meninos competiriam física e mentalmente entre eles,

formando grupos com uma nítida hierarquia, e meninas trocariam toques e carinhos, se tornariam amigas e brincariam com bonecas” (Pease & Pease, 2000, p.17).

Trata-se da divulgação de informações absolutamente contestáveis, pois há vários relatos que comprovam que as chamadas “crianças selvagens”, criadas sem contato humano e sem assimilação de significados não desenvolvem a linguagem, nem tampouco o impulso sexual, conforme se refere a elas, Fausto-Sterling (2001/02): “embora seus corpos forneçam a matéria-prima, sem um ambiente social humano a argila não pode ser modelada em forma psicológica reconhecível” (p.64).

Creio que Pease & Pease (2000) enfatizam todo um biologicismo apreciado cada vez mais numa sociedade que tem tornado as justificativas organicistas mais aceitas e mais freqüentes. Parece-me que a explicação puramente orgânica é de mais fácil assimilação, talvez até pela isenção de responsabilidade que promove. Os indivíduos, sendo “apenas” fruto de sua biologia, não são responsáveis por seus atos. Quando estes autores se referem à esfera de explicações para a homossexualidade, isto fica bem claro: a “maioria das pessoas tolera melhor quem possui características inatas do que quem, em sua opinião, fez uma escolha que lhes parece inaceitável. Tal como os heterossexuais, gays e lésbicas não escolhem sua orientação sexual” (p.155). Esta acepção já parece clarificar, ou ao menos indicar a motivação que se faz implícita no uso da justificativa biológica.

Considero importante tecer algumas conjecturas acerca do uso de tais explicações e do sucesso que elas fazem, sem me ater, exclusivamente, a esta obra, visto não ser este trabalho um estudo apenas sobre ela.

Por mais alienantes que sejam as considerações traçadas, elas respondem de alguma forma ao grande público. A meu ver, o fazem não pela pertinência, mas porque estão associadas a idéias de senso comum, muito divulgadas. Desta forma, uma obra como esta se vende porque “explica exatamente” aquilo que muitas pessoas parecem constatar em suas vidas cotidianas. Elas se oferecem como justificativas plausíveis para os comportamentos socialmente estereotipados e socialmente construídos com que nos defrontamos todos os dias, e muitos de nós, não temos como checar a propriedade destas informações. Em livros como estes

também não se abordam as exceções. O grande público, por vezes, não tem acesso a informações, por exemplo, sobre as crianças que nascem com sexo ambíguo e que demandam muitas e sérias reflexões para seu cuidado, que tais teorias simplistas não dão conta de responder.

Deste modo, e ainda revestindo-lhes com o caráter de “científico”, de dados “provenientes das mais recentes pesquisas”, estes textos possibilitam ou instigam um conformismo. Levando ao corpo, terreno considerado imutável, todas as considerações possivelmente mutáveis, aplaca um grande movimento por busca de condições sociais mais igualitárias entre homens e mulheres, as quais eles parecem tentar apagar: “Qualquer teoria que insista na uniformidade sexual é muito perigosa porque exige o mesmo comportamento de pessoas com circuitos cerebrais completamente diferentes” (Pease & Pease, 2000, p.231). Para reforçar o quanto as diferenças são de fundo biológico, e portanto “imutáveis”, citam o fato de que os “relacionamentos e casamentos entre jovens de hoje vão de mal a pior” (p.231), pois estes jovens estariam afeitos às crenças na igualdade entre os gêneros.

Assim, a literatura de auto-ajuda concebe e instiga a “modelagem” de indivíduos tidos como rigidamente marcados por um gênero derivado da anatomia com que nasceram e que, por respeito a ela, devem atuar na relação com o outro, segundo o que social e culturalmente tem sido identificado como dela decorrente. Simultaneamente, essa literatura designa a esses indivíduos uma situação paradoxal, devem “esquecer-se” do outro, centrando-se em si, manipulando todas suas atitudes e sua própria pessoa a fim de terem e de se tornarem um bom parceiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“- Já fiz terapia de casal. Fiz coisas que nunca imaginei que teria de fazer. Acendi velas, comprei livros de auto-ajuda, lingerie.
- As velas ajudaram?
- Nem um pouco. Eu não amo do jeito que ela precisa ser amada. Não vejo um futuro para nós”.*
(diálogo entre Ethan Hawke e Julie Delpy que encenam a história de dois personagens que se amam e que se re-encontram depois de anos. Neste diálogo, ele conta a ela sobre a relação que mantém com sua esposa. Filme *Antes Do Pôr Do Sol*)

Ao finalizar este trabalho, desenvolvo algumas considerações a respeito da configuração da literatura de auto-ajuda que se direciona à conjugalidade: seu conteúdo e sua forma.

A respeito do conteúdo, remeto-me à proposta de conjugalidade que envolve considerações específicas para um indivíduo marcado por gênero. Apresento algumas reflexões sobre as três temáticas: conjugalidade, individualidade e gênero.

No que tange à forma, refiro-me ao modo de atuação desta literatura e discorro sobre a proposta pedagógica que ela enseja.

Acerca da Conjugalidade, Individualidade e Gênero

Como uma pessoa pode aprender a conquistar um parceiro, a tornar-se ela própria um bom cônjuge e assim fazer de sua conjugalidade uma relação duradoura? As respostas que a literatura de auto-ajuda oferece podem ser encontradas, esmiuçadas nas obras que selecionei para este trabalho. Se serão eficazes, se funcionarão, isto já é outra questão. Mas, se a pergunta final é qual o significado dos

conselhos oferecidos, considero que este estudo pode iluminar algumas respostas e quiçá iluminar muitas reflexões a respeito dos conceitos que temos em nossa cultura sobre conjugalidade; sobre nós, como pessoas, que buscamos o aprimoramento pessoal; sobre a forma como o fazemos; sobre aquilo que fazemos para amenizar ou criar nossas dores; sobre o que fazemos para e do contato humano, tão necessário como o ar que respiramos. Porque é exatamente sobre aquilo que o indivíduo faz de si que esta literatura, enfaticamente, se debruça.

O leitor que busca nesta obras receitas para encontrar um/a parceiro/a com quem casar encontra, antes de qualquer conselho quanto ao que fazer, a orientação para que realmente se case. Casar é algo prescrito como benéfico, salutar ao desenvolvimento emocional de cada indivíduo. Ser solteiro, segundo esta literatura, não traz os mesmos benefícios do que ser casado. Portanto, os textos estabelecem a conjugalidade --como norma da ordem do emocional-- a todos, quer sejam homens ou mulheres.

As prescrições que o leitor, convencido então de que deve realmente se casar, recebe para materializar esta conjugalidade não se referem a estratégias de atuação pública, mas sim a estratégias devidamente buriladas de uma atuação quase que exclusivamente sobre si. Conquistar ou não um/a parceiro/a, não depende daquele que se quer conquistar ou do que se faz para isto. De acordo com estes livros, depende somente da capacidade daquele que tem esta intenção, em ser um bom avaliador do/a pretendo/a parceiro/a e em ser ele próprio um/ bom(boa) parceiro/a. Conseqüentemente, estas obras ensinam o indivíduo a se aprimorar. Ele deve desempenhar todo um árduo trabalho sobre si e é por isto que esta literatura ensina muito mais a individualizar do que a conjugar.

A conjugalidade é a meta, todavia a individualização é o meio, o instrumento com que ela opera. Esta é a receita da auto-ajuda. Se o leitor quer conquistar um/a parceiro/a, casar-se com ele e manter-se casado, deve cuidar de si, sem esquecer-se de que casar é algo que lhe fará muito bem emocionalmente. De tal forma, que a "moral" desta literatura é: para casar, cuide de si; para cuidar de si, case-se. A conjugalidade assume, assim, novo papel, uma nova função que é da ordem do psicológico, do terapêutico. Os cônjuges deverão ser facilitadores do processo de

desenvolvimento emocional de seus parceiros, devem atuar com eles, ao estilo dos psicoterapeutas, porém atendo-se basicamente aos próprios sentimentos.

A normatização da conjugalidade, pela via da saúde emocional, surge sobreposta à norma de heterossexualidade. Casar não é possível apenas para heterossexuais, como também não é apenas desejo das mulheres. É, para elas, necessário; mas é regra também para os homens. E, em sendo assim, o psicológico se sobrepondo, as questões de personalidade tomam uma centralidade importante nesta literatura.

Os limites do estudo não me permitem explorar em profundidade os meandros explicativos deste fenômeno, mas, vejo nisto, uma fenda importante, que traz consigo a abertura de mais espaço para que o “mundo do amor” possa ser igualmente acessível aos homens. Creio tratar-se de um fenômeno de grande importância, que deve ser mais bem analisado, com mais profundidade e talvez em outros produtos culturais, a fim de que se possa reconhecer se a proposta de casamento como aprimoramento pessoal é um fenômeno apenas representado pela literatura de auto-ajuda ou se se trata de algo que ela ou outros produtos estejam instituindo, e quais, então, seus possíveis significados e implicações.

Considero, no entanto, necessário refletir a respeito desta prescrição do casamento como norma de desenvolvimento emocional. De início, o mais relevante está no fato de ser norma, obrigatoriedade. Ela não está debatida, refletida, questionada; ela está prescrita. A conjugalidade, historicamente, continua sendo apresentada como norma para os indivíduos; mudam-se apenas os motivos para justificá-la. Pode-se escolhê-la ou não para fazer parte da vida dos indivíduos; no entanto, a cada motivo arrolado, torna-se mais difícil preteri-la. A justificativa levantada, como de benefício emocional, desenvolvimento pessoal, não é algo que se despreze, não, em nossa atual sociedade, bastante preocupada com questões subjetivas. Portanto, uma vez inserida numa cultura que tem na individualidade seu grande foco, a literatura de auto-ajuda encontra e fabrica um bom campo para “vender” a conjugalidade e acaba por contribuir para sua “história”, com mais um motivo para sua realização.

Este trabalho possibilitou-me distinguir que os motivos para o casamento e seu fundamento são questões distintas. Os motivos para casar podem ser de ordem econômica, social e, agora, emocional. Podem operar em separado ou conjuntamente, pois estas obras me parecem, apesar da ênfase no aspecto emocional, associá-la sempre ao aspecto econômico, principalmente quando se trata da motivação da mulher.

O fundamento do casamento, desde o século XVIII até à atualidade, tem se estabelecido como sendo o amor e esta literatura parece-me, aceitá-lo plenamente, tendo-o por elemento “base”, entretanto pouco debatido, em comparação com toda a prescrição quanto ao motivo, que é tido como sério, importante de ser descrito. O fundamento já está dado, não há o que prescrever acerca dele. Pode-se concordar ou não com sua existência, mas ele não aparenta ter tanta relevância quanto o motivo. Talvez por isto o amor possa ser realocado e igualado à própria relação conjugal e possa ser menos considerado, enquanto sentimento. Importa não o fundamento, mas as razões para casar e manter-se casado.

Tal distinção, claramente evidenciada na análise destas obras, faz-me questionar se acaso trata-se de uma exclusividade ou não deste produto. A meu ver, temos em nossa cultura uma expressão única e corriqueira, que indiferencia motivo e fundamento; via de regra, diz-se casar por amor. O sentimento é tanto tido como a motivação para casar como por aquilo que o fundamenta, principalmente, em muitas representações, nos produtos culturais. Os distintos aspectos, freqüentemente englobados sob o único termo designado pelo fenômeno do amor e aqui bem diferenciados, merecem estudos mais aprofundados.

Amor, paixão, sedução são, portanto, aspectos menos relevantes para a conjugalidade a não ser quando surgem como elementos impeditivos. O amor deve ser gerenciado e comedido, a paixão deve estar fora da conjugalidade, a sedução se transforma em mera estratégia de seleção de parceiro e, conseqüentemente, evita-se que toda e qualquer intensidade impeça ou prejudique a conjugalidade duradoura. De maneira análoga às formulações de May (1973), estas obras visam ao domínio do demoníaco Eros que rouba, se não a fecundidade do amor, a espontaneidade dos indivíduos.

A obra de Ovídio (2001), neste sentido, marca toda uma diferenciação, fazendo-se “estranhamente” presente em meio a prateleiras de livros cujo objetivo não é praticar uma arte do amor, da sedução ou da paixão, mas somente construir relacionamentos. Questiono-me, então, a respeito do entendimento, assimilação e conseqüências das prescrições de Ovídio (2001), para o leitor deste início de século XXI, impregnado pelo conselho de que casar é emocionalmente saudável.

Ao que tudo indica, esta literatura se encaminha tematizando os correlatos da conjugalidade de uma forma muito coerente a seu propósito. A concepção de sedução talvez possa me ajudar a clarificar como compreendo esta coerência. A sedução, é um fenômeno puramente relacional.¹ Ela não se localiza no ser de uma pessoa, do mesmo modo que não se localiza no ser daquele que a olha. A sedução está no encontro dos olhares; nem em A, nem em B, mas no ato do encontro de A e B. A sedução de A só existe se B puder vê-la e, em B a vendo, é que A se torna sedutor.

A abordagem destas obras não leva em conta este encontro, até se dirige para ele, todavia trata apenas um dos parceiros, tendo o outro como ser abstrato. Sendo assim, como não há espaço relacional, não se ensina a estabelecer relacionamentos e opera-se de qualquer modo, coerentemente na prescrição de todo um cuidado que se centra com exclusividade no indivíduo em questão. Pode-se até questionar acerca da real efetividade de todo seu receituário, contudo ele tem coerência.

Esta coerência, entretanto, acompanha uma das ambigüidades da literatura de auto-ajuda. Trata-se de obras voltadas para a área relacional que se dirigem aos indivíduos separados, trata-os separadamente, por entender que esta é a melhor preparação para o espaço relacional, mesmo que este seja uma incógnita; muito pouco abordado. Por vezes, tenho a impressão de que os autores, ao tratar da individualidade, esquecem-se do que aponta Singly (2000): “Inversamente ao que o termo individualismo pode levar a crer, o individuo precisa, para tornar-se ele mesmo, do olhar dos indivíduos a que ele atribui importância e sentido” (p.14).

¹ A sedução está aqui como mero exemplo, pois vários dos fenômenos afetivos são igualmente relacionais.

Porém, este outro é aqui, quase inexistente. O objetivo dos autores, que é a relação, perde seu terreno de debate para as prescrições dos instrumentos para se alcançar tal objetivo. É o imperativo do como fazer. Por isto, são obras tidas como manuais; atêm-se mais ao **como** do que ao **que** fazer, e não ao compreender.

Uma outra ambigüidade se faz presente na tematização da sexualidade. A atividade sexual é considerada imprescindível na conjugalidade, contudo é tida como uma área problemática com dificuldades várias e práticas que decaem no decorrer do tempo, quando a configuração se materializa. É um instrumento, principalmente para a mulher chegar ao casamento, ela deve ter relações com os parceiros antes de casar para avaliar a compatibilidade sexual dos dois; deve, igualmente, ser uma boa praticante do ato sexual, entretanto, eles não devem ser em grande número.

Ao mesmo tempo em que se valoriza e se incentiva a atividade sexual, o sexo se torna prioritariamente um referente moral. A sexualidade não se configura tanto em termos de espaço concreto de condutas e relações humanas, pois aparenta ser tratada muito mais pela sua qualidade moral, pelos valores a que está remetida quando do delineamento das várias condutas. Nesta linha, o próprio corpo, encontra-se concebido na mesma ordem de dicotomias e exatamente por isto alinha-se a esta compreensão de sexualidade.

O corpo, na literatura de auto-ajuda, não é concebido pelo seu extremo de pura fisicalidade, como ocorre em vários produtos culturais. Ele passa a ser colocado num outro extremo: um espaço puramente psicologizado. Ele perde sua fisicalidade para ser apenas um veículo de expressão da racionalidade. Torna-se *locus* do psicológico de uma forma que desaloja a fisicalidade e mais do que manter a cisão mente/corpo, perde a possibilidade da integração “corpo e alma” que na lúcida acepção de Corrêa (2004) nos possibilitaria a completude de nosso “modo de estar no mundo, em pleno uso de todas as características que estas palavras evocam” (p. 176).

São ambigüidades que se alinham à dicotomia maior, estruturante do conteúdo destas obras. Amor e sexo são separados e diferenciados por questões valorativas. Amor é melhor que sexo, pode e deve incluí-lo, mas é de valor maior que todos os sentimentos a ele referendados, como paixão e atração.

Estas ambigüidades da literatura de auto-ajuda poderiam ser consideradas apenas parte da fragilidade do produto cultural que ela é, no entanto, as dicotomias discutidas necessitam maiores reflexões. No meu entender, elas representam as linhas de força que se põem em conflito quando da tematização de assuntos que são por si carregados de tensão, como é o caso da sexualidade.

O fenômeno da conjugalidade que se descreve e para o qual se prescreve, nestas obras, está todo ele interligado à sexualidade. Ainda que não se prescreva o casamento para procriação, para legitimação de praticas sexuais; ainda que se casem dois parceiros de mesmo sexo e até se fossem indicados casamentos sem vida sexual, a conjugalidade seria marcada pela atividade sexual --pela sua presença ou pela ausência.

A abordagem da sexualidade é que fomenta as ambigüidades e dicotomias. Não a prática da atividade sexual em si, mas todo o discurso que a cerca, às práticas que a ela se correlacionam, como bem se constata no referendo biológico que se mostra sustentá-la como fruto e destino de um determinismo orgânico. Os hormônios determinam com que sexo o ser humano nascerá e este se fará acompanhar de hormônios que determinarão como ele se comportará; “nada a ser alterado”.

À sexualidade, concebida deste modo, resta apenas recolher-se em um campo de operação entre o determinismo fisiológico e social. Sexo e amor tornam-se “etéreos”. Amor por não ter aqui um discurso, sexo pode ser quase só discurso. O que fazer com as dores de amor? Estas obras não oferecem qualquer ajuda para isto. O que fazer com as “dores do sexo”, como a AIDS? A literatura oferece o recurso do julgamento moral; “conheça bem o parceiro”, ou acrescenta o “etéreo amor” para se viabilizar o uso de preservativo. Amor e sexo são “essenciais e imprescindíveis” à conjugalidade. O que são eles? O que fazer com e deles? Como lidar com estes elementos tidos como essenciais? A literatura de auto-ajuda não ajuda a abordá-los.

Da mesma forma que Foucault (1985, 1988 e 1998) mostra que nossa sociedade construiu um *dispositivo de sexualidade* --nos termos que abordo acima; sexo como instância mais de discurso que ação-- creio que a literatura de auto-ajuda cria um “dispositivo de afetividade”. O afeto é dito importante, e não apenas neste

segmento da conjugalidade. Inúmeras são as obras de auto-ajuda que, na atualidade, se dispõem a falar sobre afeto, a dizer de sua importância, mas quase que a apagam em sua existência. Discursa-se sobre um afeto impalpável, pois este não é considerado nem como conteúdo do que se ensina, nem como parte do processo de aprendizagem. Trata-se da exacerbação da cisão. Amor separado de sexo, afeto de razão, cognição de emoção.

Para entender melhor toda a proposta da literatura de auto-ajuda, fui buscar auxílio na literatura acadêmica sobre esta temática e, em muitos momentos deste texto, fui apontando o quanto a literatura de auto-ajuda se refere a um detalhamento da conjugalidade, da mesma forma que encontrei registrado na literatura acadêmica.²

Os pesquisadores citados, não o foram por conta desta semelhança. Procurei na literatura acadêmica, autores, com quem pudesse dialogar, como se procede em qualquer pesquisa, tendo sido surpreendente constatar como apontavam os mesmos aspectos que a literatura de auto-ajuda.

É preciso, no entanto, clarear a ordem de tal semelhança. Os autores que mais as apontam não estão conceituando a conjugalidade.³ Os artigos, os capítulos e os livros por eles escritos referem-se à descrição e análise dos fenômenos pesquisados. O que me sugere que a literatura de auto-ajuda, bem como alguns trabalhos acadêmicos, retratam e analisam as configurações mais comuns de conjugalidade e as concepções mais em voga sobre seus correlatos.

Novos estudos, talvez possam explicitar possíveis outras semelhanças entre textos acadêmicos e populares sobre a conjugalidade. Daquilo que constato neste trabalho, é possível apontar algumas considerações, de forma a clarificar o campo de ação das duas literaturas: (a) a literatura de auto-ajuda trabalha com algumas informações ditas “científicas”. Como enfatizei, ela recorre à produção acadêmica e “traduz”, “populariza” aquilo que dela compreende, portanto, seus discursos acabam assemelhados; (b) nela, bem como nos textos acadêmicos, o dado de base é a

² Procedi assim, principalmente no capítulo três.

³ Bozon, Swidler, Illouz e Singly, são os autores cujos trabalhos evidenciam aspectos semelhantes àqueles apontados pela literatura de auto-ajuda.

configuração conjugal mais freqüente, a mais em voga. Tratam de uma “faixa média”, em que não se discutem as exceções, as minorias; o que também justifica que as semelhanças e (c) as configurações conjugais que as duas literaturas descrevem existem, não são criadas, inventadas por nenhuma das duas.

A meu ver, é papel da academia descrever e analisar as realidades constatadas até para que eventualmente elas possam ser modificadas, se isto for necessário ou benéfico. O problema é o que a literatura de auto-ajuda faz com estes achados acadêmicos. Normalmente, ela não se atém aos estudos das “minorias e exceções à regra”, mas cristaliza e torna estáticos dados de realidades facilmente observáveis “a olho nu”.⁴ Usa do aval acadêmico, fonte de dados e análises, para vendê-los como verdades absolutas e descontextualizadas. Diferenciam-se, pois, destes estudos, cujos pesquisadores não exercem este papel.

A correlação entre textos acadêmicos e literatura de auto-ajuda que acabo de traçar se dá tanto com as obras produzidas no Brasil como nos EUA, bem como entre estudos acadêmicos brasileiros, norte-americanos e franceses. Este fato me mostra que a conjugalidade abordada com obras destes dois países, tem representações assemelhadas para a conjugalidade.

As duas maiores diferenças encontradas na literatura de auto-ajuda dos EUA e do Brasil se referem à fase da conjugalidade. Nos livros provenientes dos EUA, o vínculo do casal é bem mais enfatizado, no sentido de que é prioritário, central para a conjugalidade. Se o casal tiver filhos, constituir família, a relação com eles coloca-se em função do laço conjugal. As obras brasileiras têm representação bem diferente, tanto que para um dos autores (Matarazzo, 1992) casal é sinônimo de família.

Há todo um direcionamento familiar também presente nas obras dos EUA, no entanto, encontra-se subliminarmente apontado. Nos livros brasileiros esta intenção está expressamente redigida. Casal é apenas parte inicial, começo da família; destino da heterossexualidade. Nos EUA, o casal demarca um enfoque político, como refere Macfarlane (1990) para quem o casal, neste país, funda todo um

⁴ A academia vem se atendo a descrever e analisar conjugalidades diferentes das normatizadas e “mais aceitas” socialmente. O livro *Dois é par*, de M. L. Heilborn é um bom exemplo, bem como o artigo de Sorj e Goldenberg (1999). Ambos também citados neste estudo.

sistema de valores e moralidade. Considero, esta como uma representação da cultura norte-americana para a qual as obras de auto-ajuda bem contribuem. Trata-se de uma sociedade que, como foi apresentado, enfatiza o individualismo. O casal, sendo prioritário --mesmo que com filhos, e pela configuração de que se tenha estabelecido como satisfação de necessidades pessoais e em nome dela se mantenha --se coaduna a este ideal de priorização da individualidade.

Ao que tudo indica, a formação de famílias, constitui igualmente o destino da heterossexualidade nos EUA, mas está um tanto quanto sutilmente representada nestas obras. Apenas pela censura à coabitação é que se capta a intenção de formação de famílias.

A coabitação poderia ser condenada somente pelos outros aspectos arrolados, como a responsabilidade pela fragilização do vínculo conjugal, por exemplo. No entanto, ela está explicitamente contextualizada em função do possível impedimento orgânico para a geração de filhos, numa mulher que tenha “deixado o tempo passar” enquanto morava com seu parceiro, adiando o nascimento de bebês pela ilegalidade da relação mantida.⁵ Ao que tudo indica, pela representação da auto-ajuda a conjugalidade, em nosso país, estaria imersa numa cultura de maior flexibilidade e transparência quanto aos desígnios conjugais: este deve levar à formação de famílias e para isto nem há necessidade de sua oficialização. Questiono-me, assim, quais as repercussões, em longo prazo, sobre o consumo, no Brasil, de uma literatura como esta que condena práticas que nos são familiares e não problemáticas.

⁵ Os autores aconselham às leitoras, principalmente, as coabitantes, que atentem para seu relógio biológico, pois há um sério limite de idade para a geração de filhos. Eles se referem à impossibilidade da gestação quanto mais velha é a mulher. Contudo, o número crescente de mulheres que geram filhos, em idade cada vez mais avançada do que em épocas anteriores, mostra quanto a medicina tem possibilitado um projeto de gestação tardia, sem contar a possibilidade de inseminação artificial, bem como de cuidados outros para com a saúde da mulher na prevenção de más formações fetais, popularmente associadas à sua idade. (A freqüente prescrição de ingestão de ácido fólico para a prevenção da má formação do tubo neural fetal, é um bom e atual exemplo dos recentes recursos da medicina) .

De todos os questionamentos acerca desta literatura, o que se faz mais enfático é aquele que põe em evidência os possíveis efeitos deste receituário sobre a mulher.

A mulher recebe dos autores destas obras, uma grande incumbência: a de ser a responsável pela vida conjugal. A ela cabe selecionar, cuidadosamente um parceiro, ter absoluto controle sobre seus comportamentos no decorrer da fase de conquista, gerenciar suas emoções também durante o casamento, ficar o tempo todo alerta quanto à avaliação moral que recai sobre suas condutas, mas, acima de qualquer coisa, corrigir-se sempre, por ser de início considerada inadequada. Além de ter de fazê-lo, rumo a um ponto de equilíbrio por demais sutil: não se pôr absolutamente disponível aos homens, não se apresentar a eles, indisponível. Ter a capacidade de seguir continuamente alinhada ao que dela esperam os homens, parecendo operar ativamente, submetendo-se, porém, a seus ditames. Para ela, o casamento não é indicado apenas para seu crescimento emocional, ele surge marcado como uma solução de ordem econômica. A mulher precisa casar e muito e para isto tem que se cuidar atentamente.

O homem que lê estas obras aprenderá como deve continuar no papel de provedor financeiro da família, podendo aprender também que pode expressar seus afetos, que pode e deve querer se casar, ao invés de se relacionar sempre com várias mulheres sem envolvimento afetivo. Para isto, ele nem precisa se corrigir, não lhe está prescrita qualquer autotransformação.

A literatura de auto-ajuda não apenas reifica distinções de gênero, como prescreve sobre aquelas mais marcadas e operantes. Representa as desigualdades entre homens e mulheres e as estimula, simultaneamente. Opera, como diz Louro (2002) acerca de outros produtos culturais, “não apenas como transmissoras de conhecimentos, de valores ou de verdades, mas como eficientes produtoras de identidades” (p.232). Não creio ser este um “papel” exclusivo desta literatura. Quando da apresentação da conjugalidade, fiz uso de epígrafes, com letras de músicas brasileiras que ilustram como cada um dos seus correlatos pode ser

compreendido de mesma forma em outros produtos culturais.⁶ Contudo, enquanto a música pode construir nosso imaginário, a literatura de auto-ajuda toma para si este papel. Ela quer ser a construtora dele e para isto instala toda uma específica pedagogia.

Acerca da Proposta Pedagógica

Um livro de auto-ajuda, um romance, um filme, uma novela de TV, até mesmo uma propaganda comercial nas páginas de uma revista, enfim, todo e qualquer produto e evento de nossa cultura pode nos ensinar muito. Isto é tão verdadeiro que alguns destes produtos são procurados exatamente por esta função. Inumeráveis são as recomendações que ouvimos, desde crianças, como por exemplo, as de que ler e ir ao cinema seriam ótimos para nos ensinar sobre a vida, ou para “aumentar nossa cultura”.

Aprendemos com estes materiais mais do que podemos ter consciência. Seria impossível separar, dos conhecimentos de cada um de nós, o que foi aprendido deste modo, pelo contato com produtos culturais do que foi aprendido pelo ensino formal, das aulas na escola, ou também pelo contato familiar e social. Indivíduo e cultura, produto e produtor são inseparáveis e funcionam numa retroalimentação contínua.

Analisei, no entanto, um produto que, para além desta possibilidade inerente de fomento à aprendizagem, tem o objetivo explícito de colocá-la em ação. São obras que visam a ensinar o leitor a conquistar um parceiro, casar-se e manter-se casado. Acredito que são produzidas com esta clara intenção, tanto pelo desejo de seus autores, como porque há leitores que as buscam. Os autores as escrevem e concomitantemente os consumidores as adquirem com a intenção de aprender como proceder ou como melhorar sua vida conjugal.

⁶ No Anexo V incluo duas histórias do gibi *Mônica*, da autoria de Mauricio de Sousa que retratam igual representação, porém de forma surpreendente por serem parte de um produto prioritariamente destinado à crianças.

Não é objetivo deste trabalho esclarecer porque as pessoas adquirem estas obras com intenção de aprendizagem, mas considero ser possível tecer algumas digressões sobre seus interesses. Exploro e justaponto duas possibilidades, não porque sejam as únicas, mas porque me parecem coerentes e importantes na compreensão desta literatura.

Por um lado, concordo com o pensamento de Bauman (2004) que diz ser a repetição de experiências amorosas o motivador da crença na possibilidade de aprender com as experiências e para elas. Realmente, creio que, por vivermos hoje, mais possibilidades de relacionamentos, acreditamos que podemos aprender com eles e que precisamos aprender para vivenciá-los. É comum ouvir as pessoas remeterem-se ao fato de que esperam com o final de seu segundo relacionamento, por exemplo, ter aprendido coisas que as capacitem a um terceiro.⁷ Algo que tem sido mais possível do que em épocas anteriores, em que se casava mais cedo e com apenas uma pessoa, pois a vida era mais curta; além de todas as restrições sociais que não possibilitavam um número maior de relacionamentos conjugais para uma mesma pessoa. Não havia a possibilidade das monogâmias em série, tão comuns na atualidade.

Considero que, ocorre também, um outro fator na instalação do desejo de aprender “as coisas do coração”. Os relacionamentos e suas rupturas trazem para quem os vive, além de alegrias, sofrimentos. O medo, a angústia, a frustração e a dor fazem-se presentes no compartilhamento das relações conjugais, mesmo quando elas são bem sucedidas, o que se entende, via de regra, por duradouras.

Em alinhamento ao pensamento de Bauman (2004), considero possível hipotetizar que, como as chances de maior número de relacionamentos estão ampliadas, maiores são as expectativas e necessidades de aprendizagens, as quais podem se fazer representar na busca dos leitores por estes livros. Eles querem, precisam aprender mais sobre estas experiências porque a elas estão mais expostos.

⁷ São frases que ouço freqüentemente na minha atividade de psicoterapeuta.

Por outro lado, quando Mattos (1978) põe em questão o fato de que o “cientificismo” a que adentramos em nossa sociedade *“faz com que tudo --coisas e indivíduos-- passe a ser aprendido sob o modo da cientificidade, e é dela que o indivíduo passa a retirar sua maneira de pensar e de ser”* (p.210) questiono se acaso esta literatura não estaria sendo adquirida porque o leitor crê que, apenas, pela intermediação da “ciência”, do conhecimento “especializado” pode aprender acerca daquilo que vivencia.

As concepções dos dois autores podem ser tomadas separadamente de forma a concluir-se que ou o indivíduo tem uma necessidade de foro íntimo de melhorar suas relações e busca aprender com elas e também sobre elas ou, que ele está “condicionado” pela crença na cientificidade e que só através da ampliação de seus conhecimentos é que pode aprender melhor sobre sua vida afetiva. É impraticável tomar estas duas concepções como excludentes. Tampouco se trata de perguntar pelos inícios, quem vem primeiro, mas sim de compreender a literatura de auto-ajuda em meio a estas duas concepções. Considero que, os dois fenômenos retratados por estes autores podem ocorrer simultaneamente, na aquisição destas obras. O indivíduo tem qualquer tipo de sofrimento pelos seus relacionamentos e busca ajuda de um recurso que se oferece como agente de uma “cientificidade”, da qual ele crê que obterá boas soluções.

Não incorrendo, igualmente, em raciocínios que busquem o ponto zero, os livros são produzidos porque os leitores os compram e eles o fazem porque estas obras estão aí ao alcance das mãos e porventura podem lhes ser úteis. E estas são obras com claro objetivo pedagógico: ensinar o leitor a se auto-ajudar, a modificar suas condutas e assim solucionar estes problemas. Elas operam, segundo Silva (2001) um tipo de intervenção que visa a transformar a pessoa do leitor, do mesmo modo que qualquer prática de sala de aula.

Para concretizar esta transformação, a literatura de auto-ajuda incorpora uma missão pedagógica que se desenvolve em dois planos paralelos. Em um deles, os autores ensinam ao leitor o que é e como deve ser uma conjugalidade, descrevendo todos os seus correlatos. No outro plano, estabelecem o ensino das práticas e condutas que os leitores devem desenvolver para adentrar e/ou cuidar das

conjugalidades em que possam estar envolvidos. Os dois planos são acessados, unicamente, pela mesma via cognitiva. O pressuposto básico é o de que os autores ensinam --informam, transmitem novos conhecimentos-- e, os leitores, racionalmente os assimilam e programam novas condutas, solucionando seus problemas que se crê serem decorrentes, exatamente, da falta destas informações oferecidas.

A via, exclusivamente cognitiva, desta pedagogia ocorre não apenas pela própria acessibilidade ao material, que só pode ser contatado pela leitura; processo reflexivo da ordem da cognição, mas também pela própria crença que preside a construção destes textos. O conhecimento e a informação são vistos como detentores do poder de alteração da vivência daqueles que a ele têm acesso, como bem referia Mattos (1978) na citação acima, e como exemplifica Matarazzo (1992), autora de uma das obras selecionadas: *“Evoluir como pessoa, ou seja, amadurecer, depende do conhecimento que cada um consegue obter de si, do mundo e dos problemas que se colocam para os relacionamentos”* (p.11). A literatura de auto-ajuda não faz mais do que reificar a crença no conhecimento formal e informal como “salvadores da humanidade”. Mergulhada nesta cultura --como proponente de novos conhecimentos para aprimorar habilidades profissionais, como divulgadora de informações sobre saúde e pelas centenas de páginas da Internet que operam no seu estilo ou que divulgam suas obras-- a literatura de auto-ajuda é, não apenas produto de uma ideologia educativa, mas também sua produtora, pois, ao se oferecer para suprir novos conhecimentos, instiga novas necessidades que por sua vez demandam novas informações. Desenha-se, deste modo, um círculo vicioso.

Na sociedade, como nesta literatura, o valor que o conhecimento racional recebe é maior do que o de qualquer habilidade espontânea. Aquilo que é feito de forma pensada, elaborada, tem uma aceitação que se amplia a cada dia e para a qual a literatura de auto-ajuda contribui, oferecendo-se exatamente como instrumento para esta racionalidade. No único livro para homens, seus autores declaram ser este o objetivo que têm com a redação da obra: *“Usar de estratégias com inteligência, enquanto outros instintivamente realizam os passos é o objetivo de nosso método”* (Queiroz & Moreira, 2001, p.11) e esta ênfase na racionalidade está postulada independente do sexo do leitor. Às mulheres também se prega o mesmo

valor: *“Sendo você mesma, sem fazer nada mais, não vai fazer com que você consiga nada em sua vida, principalmente o companheiro que deseja”* (Kent, 1991, p.19).

A literatura de auto-ajuda constitui-se, em meio a uma sociedade em que a “ideologia do saber” vem ocupando um lugar cada vez maior e com destaque cada vez mais intenso, a ponto de ser considerada --numa posição extremada, como a de Lipovetsky (in Costa, 2004)-- como a atual doadora do sentido da vida. Não mais a religião, o trabalho, a política ou família, seriam, para o autor, as fontes de sentido da vida, mas sim o conhecimento científico. Rebatendo esta idéia, de forma equilibrada, Costa (2004) toma o fenômeno da cientificidade, não como uma plena substituição de outras instâncias valorativas, mas sim por um alinhamento entre elas, no qual, sem dúvida, a ciência tem ocupado um espaço especial porque a ela se tem dirigido toda uma grande divulgação da mídia: “O que era medido por critérios pertencentes à esfera dos ideais morais passou a ser avaliado por métodos de controle e validação experimentais [...]. A renaturalização das condutas humanas, todavia, não tenta descartar os antigos valores, e sim retraduzí-los no triunfalismo científico” (p.190).

Os autores de auto-ajuda, por acreditarem no poder do conhecimento acadêmico em propiciar qualidade de vida, se dizem divulgadores e disseminadores ao grande público de toda e qualquer nova informação, proveniente das diversas ciências. Almejam, assim, uma importante missão de democratização de conhecimentos, antes, muitas vezes restritos às bibliotecas das academias.

Nas obras em questão, isto se reflete, na divulgação dos mais diversos conhecimentos sobre a conjugalidade; sua construção; a qualidade e o significado dos diferentes tipos de vínculos; as configurações que ela pode tomar; as implicações em que se insere. Trata-se de um ensino que compreendo ocorrer na esfera de uma tradução/interpretação. Traduz-se aos leitores as implicações que vem sendo constatadas na conjugalidade pelas ciências sociais, biológicas e psicológicas, bem como se delineiam padrões de masculinidades e feminilidades, com o objetivo de que cada um dos sexos, de posse de mais informações sobre o funcionamento e o modo de ser do outro, possa, com maior facilidade conquistá-lo,

conduzi-lo ao casamento e com ele se manter unido com maior facilidade e felicidade; nas palavras de Pease & Pease (2000) “*só entendendo a origem das diferenças [entre homens e mulheres] que conseguiremos ser mais tolerantes com elas*” (p. 48).

A base desta postura é a crença de que as ciências têm feito descobertas que podem e devem ser utilizadas na vida cotidiana, pois são essenciais à qualidade da vida conjugal. Recordo, aqui, a dificuldade expressa por Taylor & Mc Gee (2000) em compreender como os casais de antigamente sobreviviam sem tais conhecimentos.

Simultaneamente, a esta pretensa divulgação de estudos acadêmicos, também se ensina ao leitor --de forma direta, por meio de prescrições-- como ele deve colocar estes conhecimentos em prática, o que ele deve fazer em função destas informações, como ele deve transformar suas condutas ou realizar novas ações.

Neste âmbito, compreendo que a pedagogia visada não trata “simplesmente” de educar, oferecendo novos conhecimentos e informações. Ela se atribui a função de primeiro, cuidar, reparar, antes de ensinar a nova informação a ser colocada em ação. Configura-se por uma proposta de *re-educação*, que visa a substituir um conhecimento anterior considerado problemático e/ou errôneo, pois ao prescrever condutas de correção ou de autotransformação, esta literatura coloca o leitor numa posição de erro ou de ignorância. Ao tomar esta atitude, a literatura de auto-ajuda se investe de um poder de avaliação das condutas humanas e é, prioritariamente, a conduta da mulher que se coloca sob o foco deste olhar avaliativo. Como explicita Matarazzo (1992) estas obras “*não tem o objetivo de oferecer uma série de fórmulas mágicas, e sim se apresentar como um guia para a autotransformação*” (p.11).

Por serem as condutas visadas baseadas nos sentimentos, crenças, pensamentos e vivências, são estes aspectos da vida humana que se pretende, revistos e analisados, de modo a subsidiar novas atitudes, por parte do leitor. É uma proposta que toma por base que as pessoas não têm educação afetiva.

Inscreve-se, nesta pedagogia, uma esfera afetiva remetida a questões psicológicas para as quais se desenha uma intenção explicitamente terapêutica. Objetiva-se a concretização de uma aprendizagem que seja da ordem do curativo, ou

uma cura que se processe pela via pedagógica. Esta literatura se coloca, por vezes, no lugar de medicamento, oferece-se como “cápsulas de palavras”.⁸ Esta intenção se faz claramente perceptível, não apenas pelas propostas de conduta oferecidas, mas pela referência contínua à esfera da psicologia.

O recurso à ciência psicológica, por parte dos autores tem, no meu entender, muitas explicações possíveis. Porém, como não é objetivo deste estudo compreender extensamente a ligação entre literatura de auto-ajuda e psicologia, pois este seria tema para uma tese completa, opto por clarear alguns aspectos desta ligação, principalmente no que concerne à proposta educativa de que trato.

A literatura de auto-ajuda, ao menos nas obras estudadas, lança mão também de conhecimentos de outras ciências, como antropologia, sociologia e biologia. Atenho-me, todavia, a explorar a apropriação apenas dos conhecimentos da psicologia, por entender que desta ciência se retira também uma “técnica” para mudança de atitude, um instrumento educativo e transformador; o que está além de um simples uso do seu complexo de conhecimentos.

Os autores buscam na psicologia elementos que se coadunam com seu objetivo de transformação do leitor. Num dos vários aspectos deste tipo de interligação que fazem com a psicologia, está a tradução dos conhecimentos desta ciência a fim de melhor instrumentalizar o leitor, na construção e cuidado de sua conjugalidade.

Num segundo aspecto, faz-se uso dos conhecimentos da psicologia para permitir ao leitor se diagnosticar ou se enquadrar na nosografia de transtornos emocionais, no caso de transtornos conjugais. Isto ocorre, por exemplo, quando Matarazzo (1992) explicita os diferentes e possíveis tipos de vínculos entre dois cônjuges, descritos pela psicologia, principalmente pela psicanálise. Ao que tudo indica, ela possibilita, ou mesmo deseja, que o leitor se identifique, reconheça suas dificuldades e busque sua superação, a qual também se encontra proposta em alguns momentos com base nas técnicas e procedimentos da atividade de

⁸ Compreendo esta postura como mais enfática em outros tipos de literatura de auto-ajuda, como por exemplo, em livros para melhorar a auto-estima. Nas obras selecionadas, a referência não parece ser tão diretamente às “cápsulas de palavras”, contudo, creio que a intenção se faz sempre presente.

psicoterapia. Esta intenção se faz, igualmente, presente nos questionários oferecidos por alguns autores⁹ para que os leitores, dirigidos pelas perguntas propostas, possam identificar suas condutas e/ou jeitos de ser.

Taylor & Mc Gee (2000) são dois autores que exemplificam bem estas apropriações. Eles foram buscar na proposta de psicoterapia de casais de Thomas Gordon,¹⁰ a técnica que ele utiliza para melhorar a comunicação entre parceiros. Com ela prescrevem a substituição de “declarações-do-você” por “declarações-do-eu”. O cônjuge deve falar ao parceiro, não as coisas que este fez e de que ele não gostou, mas sim apenas como se sente em decorrência delas, sem culpar o parceiro. Ao invés de lhe dizer “você fez...” deve dizer-lhe “*me senti de tal e tal forma mediante seus atos...*”.

Além desta terceira apropriação, a literatura de auto-ajuda se mostra permeada por toda a concepção de ser humano em voga na psicologia: a idéia de que uma pessoa pode ser mais saudável quanto mais consciente for de suas necessidades e de seus atos e quanto mais autonomia puder obter. Este é, a meu ver, o quarto aspecto de ligação entre psicologia e literatura de auto-ajuda.

Como quinto elemento de intersecção, e o que me mostra ser mais fundamental nesta apropriação da psicologia pela literatura de auto-ajuda, localiza-se no desejo de que, por meio da leitura destas obras, o leitor possa operar em si um processo muito semelhante ao psicoterápico, no que diz respeito ao seu resultado: uma possível mudança de atitude. Acredito que este elemento impera absoluto na proposta pedagógica desta literatura. Ela visa à autotransformação do indivíduo a fim de que ele possa constituir e manter-se numa conjugalidade, ao estilo do que promove a psicoterapia.

Trata-se de aspectos em que esta literatura se ancora na psicologia, seja ela de que referencial for; tanto psicanálise, psicologia humanista ou behaviorismo. Todavia, a literatura de auto-ajuda procede na sua intenção pedagógica de uma forma geral, muito assemelhada a um behaviorismo que ensina pelo

⁹ Como, por exemplo, Taylor & Mc Gee (2000) deJongh & Cato-Louis (1999).

¹⁰ Psicólogo norte-americano com trabalho referido ao enfoque teórico da Abordagem Centrada na Pessoa.

condicionamento e pela técnica da instrução programada, mesmo quando faz uso de conceitos humanistas e psicanalíticos. Da psicologia humanista, esta literatura se inspira em toda a postura de abordagem do ser humano, de atitudes por meios valorosamente construídos na relação e as transforma em técnicas, meros exercícios, que perdem a necessária autenticidade em que estão originariamente implícitos enquanto atitudes e não técnicas. Da psicanálise, nestas obras estão presentes poucos conceitos, talvez os de “mais fácil assimilação”, como projeção e identificação, que são igualmente retirados de todo o complexo filosófico de que provêm para serem transformados em meros instrumentos de uma coercitiva autotransformação.

No ensejo pedagógico da literatura de auto-ajuda, considero haver uma confusão entre o que é ensino e o que é aprendizagem. Os dois componentes do processo educativo não necessariamente se presentificam, simultaneamente, como causa e efeito. Nem sempre aquilo que se ensina é aprendido. Na própria literatura de auto-ajuda, este fenômeno foi devidamente pesquisado. Os estudos de Simonds (1996) e o de Grodin (1995) mostram como as mulheres entrevistadas nem sempre colocavam em ação, nem sempre seguiam as prescrições e os conselhos oferecidos nos livros e, por vezes, os criticavam. Isto ressalta, no âmbito desta literatura, algo que é também possível para qualquer outra área: nem tudo o que é ensinado, é aprendido. Por outro lado, muito pode ser aprendido, sem que seja ensinado. E este é o pressuposto básico de um processo psicoterápico, no qual esta literatura se inspira para desenvolver seu projeto pedagógico.

Não se estabelece uma psicoterapia com o objetivo de se ensinar aos clientes como fazer para mudar sua vida.¹¹ No entanto, sabe-se que ocorre, no seu

¹¹ Excetuando-se as práticas psicoterápicas embasadas em mudança de comportamento, de inspiração behaviorista. Faço, aqui, uma importante ressalva quanto às teorias de psicologia em que me parecem basear-se estes autores. Sem dúvida alguma, eles se inspiram nos preceitos da teoria behaviorista que propõe técnicas de mudança de comportamento para serem operacionalizadas no decorrer e após a sessão de psicoterapia. Porém, constato que muitos autores baseiam-se em conceitos de psicanálise, que é um referencial de psicologia que não visa diretamente à mudança do comportamento, bem como nos preceitos da psicologia humanista (como da citação acima) que também não objetiva a alteração de comportamentos. É desta última que me parecem fazer

desenvolvimento, um significativo processo de aprendizagem. Ao cliente nada se ensina, o terapeuta não é um educador, mas o cliente pode aprender, não com o terapeuta, mas a partir da relação que estabelecem e daquilo que ele passa a compreender mais claramente de si e o que pode, mas não necessariamente o fará, alterar muitas de suas condutas. Segundo Rogers (1953 in Wood, 1994):

na aprendizagem significativa que acontece em terapia, uma pessoa não pode ensinar a outra. O ensinar destruiria o aprendido. Assim, eu poderia ensinar a um cliente que é seguro para ele ser ele mesmo, que sentir livremente os próprios sentimentos não é perigoso, etc. Quanto mais ele aprendesse isso mais se distanciaria de aprendê-lo de modo significativo, experiencial, auto-aprovador. Kierkegaard considera este último tipo de aprendizagem como a verdadeira subjetividade, e assegura, com razão, que esta não pode ser comunicada diretamente, não pode haver sequer comunicação a seu respeito. O máximo que uma pessoa pode fazer para promovê-la em outra é criar certas condições que tornem possível esse tipo de aprendizagem. Não pode ser forçado (p.128 e 129).

Este processo que, por vezes, aparenta ser “mágico”, pois ocorre sem que para ele se montem programas ou se estabeleçam regras de controle, sem que para ele haja qualquer coerção, seduz, a meu ver, vários dos escritores que se embrenham na produção desta literatura. Eles objetivam ajudar o leitor a operar este processo consigo próprio, desde que seguindo as orientações por eles oferecidas. Os escritores também desejam que esta “mágica” ocorra com seus leitores. Mas, utilizam meios que não necessariamente garantirão o alcance deste objetivo, pois operam coercitivamente. Na verdade, procedem inversamente à esfera da

um uso mais intenso, até talvez pela linguagem desta e pelo objetivo de autonomia para o indivíduo (comento a este respeito no capítulo em que apresento a história da literatura de auto-ajuda). Entretanto, neste referencial teórico, apesar de propostas consideradas “simples”, no sentido de parecem facilmente aplicáveis, reside um embasamento filosófico absolutamente oposto à idéia de mudança de comportamento (sobre as interligações entre psicologia humanista e literatura de auto-ajuda, apresentei alguns trabalhos em congressos. Alves, 2004 a e b).

psicoterapia. Enquanto para um psicoterapeuta o processo de aprendizagem do cliente pode ou não ocorrer, o autor de auto-ajuda acredita que fará com que este processo ocorra através dos conhecimentos e das orientações que oferece. Um acredita na incerteza, o outro busca a garantia.

É preciso ressaltar que, sem dúvida alguma, um leitor de auto-ajuda pode aprender muito com estas obras e pode alterar benéficamente algumas condutas de sua vida, mas o crédito deste “sucesso” não está nem na qualidade da obra, nem na obediência do leitor, e sim na relação que pode ocorrer entre leitor e livro. Um leitor mais disponível à reflexão, que encontre um livro com informações que lhe façam sentido, pode tornar-se mais aberto a refletir sobre sua vida, suas condutas, sobre as informações recebidas e obter, como resultado, mudanças desejadas.

O objetivo educativo da obra, pode ou não ser atingido e o será, talvez menos em função do conteúdo que o autor se esmerou em produzir e mais por algo que lhe foge ao controle: a vontade e o poder do leitor em se relacionar, em dialogar com aquelas páginas. É nesta relação dialógica, que se centra a “magia” da aprendizagem significativa --que não é absolutamente cognitiva, mas também vivencial-- que ocorre num processo psicoterapêutico (no caso relação entre dois humanos, o que se diferencia enormemente, também pelo diálogo, da relação entre ser humano e livro). No entanto, esta não interessa ao âmbito da literatura de auto-ajuda, pois seu foco é o resultado, a autotransformação finalizada e não o processo de construção da aprendizagem.

Questiono-me, ainda, se, quando esta literatura faz da autotransformação um preceito básico, obrigatório, propondo ao leitor viver em conformidade a ditames provenientes de uma normatividade exterior, não estaria sendo promotora de uma atitude de *estultícia*:

o estulto é aquele que primeiro está aberto a todos os ventos, aberto ao mundo exterior, pode-se dizer que deixa entrar em seu espírito todas as representações que lhe são oferecidas pelo mundo exterior. Estas representações, ele, as aceita sem examinar, sem saber analisar o que elas representam (Foucault, 2001, p.127).

As experiências conjugais vividas na atualidade, que podem ser em maior número do que já o foram, impulsionam os indivíduos a procurar informações, recursos para melhor vivê-las. Tais informações não são fruto da criatividade ou das trocas sociais, mas resultantes de conhecimentos que se acredita científicos e prenunciadores de soluções mais eficazes e mais brilhantes.

Estabelece-se, desta maneira, uma hierarquia de poder pedagógico. O autor tem o conhecimento, o leitor ou não o tem, ou comete erros. Seu conhecimento espontâneo é considerado de pouca ajuda na vida conjugal. Esta, para ser vivida, precisa de sujeitos que conheçam melhor a si mesmos e às especificidades desta relação. A literatura de auto-ajuda, no momento em que visa ao aprimoramento do indivíduo pode torná-lo vulnerável ou, por vezes reificá-lo numa já sentida fragilidade. Para ajudá-lo a superar este estado, recorre aos conhecimentos ou mais precisamente, às técnicas da psicologia e da psicoterapia e os adapta a seu bel prazer, incorrendo neste momento numa profunda inversão dos pressupostos desta terapêutica. A psicologia, e principalmente a humanista, que concebe a importância de um *Eu* consciente, de um indivíduo autônomo que tende mais ao crescimento do que à neurose, não pressupõe que o indivíduo seja ignorante ou incapaz, muito pelo contrário, acredita que nele é que residem as fontes e as alternativas de busca de recursos para solucionar seus problemas. Contudo, nele residem fontes que somente são potencializadas quando em uma relação não ameaçadora, não coercitiva. Quando a literatura de auto-ajuda busca técnicas nesta psicologia, ela faz uma psicologização do indivíduo, torna popularesca uma prática, contribuindo para ampliar um fenômeno que ainda é pouco constatado no Brasil, mas bem intenso na Inglaterra, por exemplo, como o revela Furedi (2004) que o toma por uma “cultura terapêutica”, ou por um “ethos terapêutico”, como retrata Illouz (1997) em seu estudo.

Conforme estes autores, há, na atualidade, toda uma cultura de análise psicológica de tudo aquilo que se vive e, conseqüentemente, de toda atuação. Tudo deve ser analisado e transformado à luz dos vários conceitos das diversas psicologias, de tal forma que se perde a espontaneidade do viver. Este é um fenômeno que se presentifica, de alguma forma, em nossa sociedade, sendo

estimulado também por esta literatura. Trata-se, no meu entender, de uma banalização das práticas psicológicas, que as vende como “donas da verdade emocional”, quando são apenas uma das várias possibilidades que o indivíduo tem para acessar e cuidar de sua subjetividade e que devem ser utilizadas somente quando ele expressa sua vontade de fazê-lo.

Por fim, entendo que a literatura de auto-ajuda opera, por vezes, com um grande desrespeito pelos pesquisadores da academia. Os autores se referem inúmeras vezes a “dados de pesquisas científicas”¹² sem que haja a citação de quaisquer fontes dos estudos citados. Em muitos momentos, o recurso à palavra “científico” ou “pesquisa” se dá apenas para enunciar com maior “status” a simples opinião pessoal do autor.

Concluo minha compreensão sobre esta literatura, inspirando-me nas palavras de Judith Butler (2003 a) “a lei dominante ameaçava com problemas, ameaçava até nos colocar em apuros, para evitar que tivéssemos problemas” (p.7). A literatura de auto-ajuda, a meu ver, partilha deste modo de operação; problematiza como precaução, ameaça, alerta o leitor com a boa intenção de estar educando-o, quando pode estar amedrontando-o mais ou, porventura, até dificultando-lhe o exercício da conjugalidade de tão sobressaltado possa ficar com as prescrições destas obras.

Resta-me, ainda, retomar minha pergunta inicial, acerca da dificuldade em identificar o sentimento amoroso. Creio que este estudo possibilitou-me, não uma simples resposta, mas sim o iluminar de várias ponderações. Há elementos apontados que considero iluminarem enfaticamente o que consideramos culturalmente por amor e, principalmente, por conjugalidade.

No tocante ao amor, ao colocá-lo no lugar de fundamento e não de motivo para a conjugalidade e, ao centrar-se mais na abordagem dos motivos do

¹² A obra Niven, D. (2003) *Os 100 segredos dos bons relacionamentos*. Rio de Janeiro: Sextante, é toda ela redigida em cima de dados, segundo o autor, de pesquisas científicas --das quais ele retira os 100 segredos-- mas a única fonte de referência é um sobrenome e um ano, sem qualquer outro indicativo sobre o autor ou a publicação.

casamento, esta literatura aponta-me para algo que talvez possa clarear algumas respostas. Ela evidenciou, separadamente, assim como elegeu, dar destaque a dois aspectos que surgem culturalmente expressos, imbricados sob a forma de um único: o amor. Se, são fenômenos que se separam ou não, outros estudos são necessários para dizê-lo. No entanto, a literatura de auto-ajuda parece, optar em separá-los e abordar aquele que lhe interessa. Desenvolvimento emocional como motivo para o casamento é a ênfase das obras. Se o casamento se fundamentará no amor, parece de menor importância. Este e outros sentimentos que o possam acompanhar, apenas, não devem e não podem atrapalhar a materialização da conjugalidade.

Assim sendo, esta literatura me parece muito honesta em deixar clara sua posição, talvez de forma mais transparente que em outros produtos. Todavia, em não se atendo a abordar e explicitar aquilo que também toma por fundante da conjugalidade, contribui igualmente para que o sentimento amoroso possa ser deixado no lugar de obrigatório, porém etéreo. O amor está dado como parte – obrigatória-- da conjugalidade. Tão presente, que se prescreve que ele, ou os sentimentos próximos, não atrapalhem sua materialização

Para a literatura de auto-ajuda, relações conjugais são sinônimas de amor. Esta é uma resposta que a análise destas obras fornece, em meio a outras importantes indicações e em meio a muitas questões que levantou. Sigo agora com a nova pergunta: A resposta desta literatura contribui ou não para a identificação do sentimento amoroso?

Somente as perguntas 'tolas' podem nos instruir, e tudo o que é considerado evidente esconde algo que está longe de sê-lo" (Rougemont).

REFERÊNCIAS

- ALBERONI, F. (1988). **O Erotismo**. Tradução Elia Edel. Rio De Janeiro: Rocco,
- ALBERONI, F. (1998). **Amo-te**. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Venda Nova. Portugal: Bertrand
- ALMEIDA, H. (2001). "**Muitas Mais Coisas**": **Telenovela, Consumo e Gênero**. Tese De Doutorado. UNICAMP, Campinas.
- ALVES, V. (1997). **Atendimento de Casais: Descrevendo Processos**. PUCCAMP, Campinas.
- ALVES, V. (2004 a). **Literatura de Auto-Ajuda, Psicologia e Abordagem Centrada Na Pessoa**. Trabalho apresentado no IX Fórum Internacional Da Abordagem Centrada Na Pessoa, Mar Del Plata, Argentina.
- ALVES, V. (2004 b) **Atuação do profissional da ACP frente às demandas sociais atuais**. I Seminário Nacional Da Acp– Amplitude e Diversidade da ACP no contexto social atual, João Pessoa.
- AMIEL, B. (1993). The unhelpfulness of self-help books. **Maclean's** [Jornal Eletrônico], 106 (1), p. 13 (1) <http://www.portaldapesquisa.com.br>
- Amor e sexo em xeque. (2002, novembro). **Revista Claudia**, 11, 167-176.
- ARIÈS, P. O amor no casamento. In ARIÈS, P. & BÉJIN, A. (1985). **Sexualidades Ocidentais**: Contribuições para a historia e para a sociologia da sexualidade. (p.153-162).São Paulo: Brasiliense
- ARISTÓTELES. (trad. 1999). **Ética a Nicômacos**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB.
- ARON, Elaine & ARON, Arthur. Love and expansion of the self: The state of the model. **Personal Relationships**, 3, 1996: 45-58.
- BARBERO, J. (1995). América Latina E Os Anos Recentes: O Estudo Da Recepção Em Comunicação Social. In SOUSA, Mauro (Org). **Sujeito, o Lado Oculto do Receptor**. Tradução de Celso M. Teixeira. São Paulo: Brasiliense.
- BARDIN, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luis A. Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70.
- BASSANEZI, C. (2001). Mulheres dos Anos Dourados. In Del PRIORE, M. e BASSANEZI, C. (orgs). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto.

BAUMAN, Z. (2004). **Amor Líquido**. Tradução de Carlos A Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

BEACH, S. & TESSER, A. Love in Marriage: A cognitive Account. In STERNBERG, R. & BARNES, M. (1988). **The Psychology of Love**. (p.330-358). New Haven: Yale University Press,

BECK, U. (1997). A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In BECK, U., GIDDENS, A. & LASCH, S. **Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. Tradução de Magda Lopes. (p.11-72). São Paulo: Editora da UNESP.

BECK, U. & BECK-GERNSHEIM, E.. (2001). **El Normal Caos del Amor: Las Nuevas Formas de la Relación Amorosa**. Tradução de Dorothee Schmitz. Buenos Aires: Paidós,

BEIJIN, A. (1985). O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In P. & BÉJIN, A. **Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a historia e para a sociologia da sexualidade**. Tradução de Ligia Watanabe e Thereza Stummer..(p.183-193).São Paulo: Brasiliense.

BELLAH, R., MADSEN, R., SULLIVAN, W., SWIDLER, A. & TIPTON, S. (1985). **Habits of the Heart**. Berkeley: University of California Press.

BERSCHEID, E. (1988). Some comments on love's anatomy: or, whatever happened to old-fashioned lust? In STERNBERG, Robert & BARNES, Michael. **The Psychology of Love**. (p.359-374). New Haven: Yale University Press.

BERSCHEID, E. & MEYERS, S. (1996). A social categorical approach to a question about love. **Personal Relationships**, 3 (1), 19 - 44.

BIDERMAN, I. (2004) Formulas simplistas "empobrecem" livros de auto-ajuda. **Jornal Folha de São Paulo**. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/eqilibrio/eq0605200408.htm>

BLUSTAIN, S. (2005). A paródia do segundo sexo. **Jornal Folha de São Paulo**. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0805200517.htm>

BOHLER, D. (2001). Ficções. In DUBY, G. **História da Vida Privada, 2: da Europa Feudal à Renascença**. Tradução: Maria Lúcia Machado. (p.311-392). São Paulo: Companhia das Letras.

BOZON, M. (1995). Amor, sexualidade e relações sociais de sexo na França contemporânea. **Estudos Feministas**, 3 (1), 123-135.

BOZON, M. (2004). **Sociologia da Sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV.

BRAZ, A (2003) **O Significado e Importância do Amor: Um Estudo Qualitativo Fenomenológico**. Puc Campinas, Campinas.

BUTLER, J. (2003 a). **Problemas De Gênero: Feminismo E Subversão**. Tradução Renato Aguiar. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira.

BUTLER, J. (2003.b). O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, (21), 219-260.

BUSTON, P. & STEPHEN, E. (2003). Parceiros opostos “não se atraem” indica estudo. BBC. Brasil.com
http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2003/07/printable/03701_opostosmla.shtml

CANCIAN, F. (1986). The feminization of love. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, 11 (41).

CHARTIER, R. (1991). As Práticas da Escrita. In ARIÈS, P. & CHARTIER, R. (Org) **História Da Vida Privada**, 3: Da Renascença ao Século das Luzes. Tradução: Hildegard Feist. (p.113-162). São Paulo: Companhia Das Letras.

CORRÊA, M. (2004). Fantasias corporais. In PISCITELLI, A., GREGORI, M. & CARRARA, S. **Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras**. (p.173-182). Rio de Janeiro: Garamond.

COSTA, C. & GROSSI, M. (Fall 1995). You can heal your life: the invention of new subjectivities in a Brazilian landscape. **Women's Studies in Communication**, 18(2), p. 165-187.

COSTA, J. (1999). As práticas amorosas na contemporaneidade. **Psyche**. 3 (3)

COSTA, J. (1999). **Sem Fraude Nem Favor: Estudos sobre o Amor Romântico**. Rio de Janeiro: Rocco.

COSTA, J. (2004). **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond.

COX, A (2002). I'm ok you suck: Popular advice books get tough. **Reason**, 34 (1), p. 53-57.

De FRANCISCO, V. (Fall 1995). Helping our selves: An introduction. **Women's Studies in Communication**, 18(2), 107-110.

EBBEN, M. (Fall 1995). Off the shelf salvation: A feminist critique of the self-help. **Women's Studies in Communication**, 18(2), 111-122.

ELIAS, N. (1993). **O processo civilizador**. Vol II – Formação do estado e civilização. Tradução de Ruy Jungmann, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELIAS, N. (1995). **A sociedade de corte**. Lisboa: Estampa.

EVANS, M. (1998) Falling in love with love is Falling form make believe. Ideologies of romance in post-enlightenment culture. **Theory, Culture & Society**, 15 (3-4), 265-275.

FALUDI, S. (1992). **Backlash: The undeclared War Against American Women**. New York: Anchor Books.

FAUSTO-STERLING, A. (2001/02). Dualismos em Duelo. **Cadernos Pagu**, (17-18), 9-79.

FIGUEIREDO, L. (2000). **Psicologia: Uma (nova) introdução**. São Paulo: EDUC.

FISCHER, H. (2004). Rolou uma química. **Revista Época** [jornal eletrônico] http://revistaepoca.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print

FLANDRIN, J. (1985). A vida sexual dos casados na sociedade antiga. In ARIÈS, P. & BÉJIN, A. **Sexualidades Ocidentais**: Contribuições para a historia e para a sociologia da sexualidade. (p.135-152). São Paulo: Brasiliense.

FONSECA, C. (2004). A morte de um gigolô: Fronteiras da Transgressão e sexualidade nos dias de hoje. In PISCITELLI, A., GREGORI, M. & CARRARA, S. **Sexualidades e Saberes**: Convenções e Fronteiras. (p.257-282) Rio de Janeiro: Garamond,

FOUCAULT, M. (1985). **Historia da sexualidade**, 3: O cuidador de si. Tradução de Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M. (1988). Technologies of the self. In MARTIN, L., GUTMAN, H. & HUTTON, P. **Technologies of the self**. Massachusetts: University of Massachusetts Press.

FOUCAULT, M. (1988) **Historia da sexualidade**, 1: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J. A Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M. (1998) **Historia da sexualidade**, 2: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J. A Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal

FOUCAULT, M. (2001). **L'hermeneutique du sujet**. Paris: Gallimard Le Seuil.

FRY, P. & HOWE, G. (1975). Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. **Debate & Crítica**, 8, 75-94.

FUREDI, F. (2004). **Therapy Culture**. London: Routledge.

GARCIA, L. e TASSARA, E. (2000) Estratégias para manter o casamento. Pesquisa FAPESP, 66-69.

GAUNTLETT, D. (2002). "Self-Help Books And The Pursuit Of A Happy Identity", Extended Version Of Material From **Media, Gender And Identity: An Introduction** (Routledge), posted at <http://www.theoryhead.com/gender>

GAY, P. (1999). **A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud**: A Educação dos Sentidos. Tradução Peter Salter. São Paulo: Companhia das Letras.

GAY, P. (1999b). **A Experiência Burguesa Da Rainha Vitória A Freud**: O Coração Desvelado. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras.

GAY, P. (2000) **A Experiência Burguesa Da Rainha Vitória A Freud**: A Paixão Terna. Tradução: Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras.

GEERTZ, C. (1989). **A Interpretação Das Culturas**. Rio De Janeiro: LTC.

GIDDENS, A. (1993). **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP.

GIDDENS, A. (1997) A vida em uma sociedade pós-tradicional. In BECK, U., GIDDENS, A. & LASCH, S. **Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. Tradução de Magda Lopes. (p.73-134). São Paulo: Editora da UNESP

GIDDENS, A. (2002). **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GIORDANI, B. (1988). **La Relación de Ayuda: De Rogers a Carkhuff**. Bilbao: Desclée De Brouwer.

GOODE, W. (1959). A importância teórica do amor. **American Sociological Review**, 24, 38-47.

GRODIN, D. (Fall, 1995). Women Reading Self-Help: Themes Of Separation And Connection. **Women's Studies In Communication**, 18 (2), 123-134.

HAZIEDEN, R. (2003). Love yourself: the relationship of the self with itself in popular self-help texts. **Journal of Sociology**. 39 (14), 413-439.

HEILBORN, M. (1999). Construção de si, gênero e sexualidade. In HEILBORN, M. (org.) **Sexualidade**. (p.7-20). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

HEILBORN, M. (2004). **Dois é Par: Gênero e identidade em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond.

HENDRICK, C., HENDRICK, S. & DICKE, A. (1998). The love attitudes scale: short form. **Journal of Social and Personal Relationships**, 15 (2), 147-159.

HENDRICK, C, HENDRICK, S. (1995). Gender differences and similarities in sex and love. **Personal Relationships**, 2, 55-65.

ILLOUZ, E. (1997). **Consuming the romantic utopia: Love and the cultural contradictions of capitalism**. Berkeley: University of California Press.

JOHNSON, R. (2004) O que é afinal estudos culturais? SILVA, T. **O que é afinal Estudos culturais**. Belo Horizonte: Autentica.

KEHL, Maria R. (1988). Masculino/Feminino: o olhar da sedução. In. NOVAES, Aauto (org). **O olhar**. (p.411-424). São Paulo: Companhia das Letras.

KEPP, M. Casamento brasileiro X casamento americano. **Jornal Folha de São Paulo** [jornal eletrônico]

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2204200417.htm>

KNEE, R. (1998). Implicit theories of relationships: Assessment and prediction of romantic relationship initiation, coping, and longevity. **Journal of personality and social psychology**, 4 (2), 360-370.

KRAMARAE, C. (Fall 1995). Talk, Sex, and Self-Help: Hite and Men's Power anxiety. **Women's Studies in Communication**, 18(2), 229-244.

LAMM, H. & WIESMANN, U. (1997). Subjective attributes of attraction: how people characterize their liking, their love, and their being in love. **Personal Relationships**, 4,271-284.

LASCH, S. (1997) A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética e comunidade. In BECK, U., GIDDENS, A. & LASCH, S. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de Magda Lopes. (p.135-206) São Paulo: Editora da UNESP.

LÁZARO, A. (1996) **Amor do Mito ao Mercado**. Petrópolis: Vozes.

LE GOFF, J. (2003). A idade média: e a carne se torna pecado. In SIMONNET, D. **A mais bela história do amor**. Tradução de Rejane Janowitz. (p.55-69). Rio de Janeiro: Difel.

LEE, J. (1988). Love-Styles. In STERNBERG, R. & BARNES, M. **The Psychology of Love**. (p.38-67). New Haven: Yale University Press.

LOPES, M. (2002). **Como as mulheres amam: Uma leitura semiótico-psicanalítica do amor feminino**. Tese de Doutorado. PUC SP, São Paulo.

LOURO, G. (2002). Gênero: questões para a educação. In BRUSCHINI, C. UMBEHAUM, S. (orgs). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. (p.225-242). São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Editora 34.

MACFARLANE, A. (1990). **Historia do casamento e do amor**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cia. Das Letras.

MAGNANI, J. (2000). **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

MALUF, M. e MOTT, L. (1998). Recônditos do Mundo Feminino. In NOVAIS, F. e SEVCENKO, N. (orgs). **A História da Vida Privada no Brasil, 3: República: Da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras.

MARTHE, M. (2002). O Auto-Astral Da Auto-Ajuda. **Revista Veja**, 35 (45), 115-122.

MARSTON, P, HECHT, M., MANKE, M., MCDANIEL, S. & REEDER, H. (1998).The Subjective experience of intimacy, passion, and commitment in heterosexual loving relationships. **Personal Relationships**, 5, 15-30.

MATTOS, O. (1978). **Representações sobre amor e mercadoria**. Conferencia realizada no Instituto de Psicologia do Sedes Sapientiae, São Paulo.

MAY, R. (1973). **Eros e Repressão**. Amor e Vontade. Tradução de Áurea Weissenberg. Petrópolis: Vozes.

MIGUEL, M. (2002). **Considerações acerca do amor platônico no Banquete**. Dissertação de Mestrado. PUC SP, São Paulo.

MIRA, M. (2003) O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos Pagu**, (21), 13-38.

MORIN, E. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Tradução de Edgar Assis de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MOUTINHO, L. (2005). **Razão, Cor e Desejo**. São Paulo: Editora da Unesp.

NEIVA, A. (2000). **Literatura de Auto-Ajuda**. Dissertação de Mestrado. PUC SP, São Paulo.

NOLLER, P. (1996). What is this thing called love? Defining the love that supports marriage and family. **Personal Relationships**, 3 (1), 97-115.

ORICCHIO, L. (2003). Auto-ajuda? Sim por Russell e Bobbio. **Jornal O Estado de São Paulo**, [jornal eletrônico]

<http://www.estado.estadao.com.br/editoriais/2003/04/13/cad048.html#>

ORTEGA, F. (1999). **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal.

ORTEGA, F. (2000). **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PALEIKAT, J. (s/d). **Diálogos de Platão. Mênon, Banquete e Fedro**. Tradução de Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro.

PAUL, A. (2001) Self-help: Shattering the myths. **Psychology Today**, 34(2), .60-82.

PISCITELLI, A. (2003). Comentário. **Cadernos Pagu**, (21), 211-218.

PISCITELLI, A., GREGORI, M. & CARRARA, S. (2004). **Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond.

PISCITELLI, A.(2005) Turismo sexual envolve amor, sonho de casamento e ascensão. Entrevista concedida ao **Jornal Folha de São Paulo** <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3101200514.htm>

PROST, A. (2001) Fronteiras E Espaços Do Privado. In PROST, A. & VINCENT, G. (Org) **História Da Vida Privada**, 5: Da Primeira Guerra à Nossos Dias. Tradução: Denise Bottman. (p. 13-153). São Paulo: Companhia Das Letras.

QUINTEIRO, (1993.).**Razão e emoção na união conjugal**. Textos NEPO, 27.

RAPPING, E. (2001). **The Culture of Recovery**: Making sense of the Self-Help Movement in Women's Lives. Boston: Beacon Press,

RIBEIRO, R. (1988). Os amantes contra o poder. In. NOVAES, A. (org). **O olhar**. (p.433-444).São Paulo: Companhia das Letras.

RIMKE, H. (2002). Governing citizens through self-help literature. **Cultural Studies**, 14 (1), 61-78.

ROGERS, C. (1953) Pessoa ou Ciência? Uma questão filosófica. In WOOD, J. (1994). (org) **Abordagem Centrada na Pessoa**. (p.123-154). Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida.

ROSE, N. (1999). **Powers of Freedom**: Reframing political thought. New York: Cambridge University Press.

ROUCHE, M. (1989). Alta Idade Média Ocidental. In ARIÈS, P. & DUBY, G. **Historia da vida privada, 1**. Do Império Romano ao Ano Mil. Tradução de Hildegaard Feist. (p. 399-530). São Paulo: Cia das Letras.

RUBIN, Z. (1988). Preface. In STERNBERG, R. & BARNES, M. **The Psychology of Love**. (p.vii-xii). New Haven: Yale University Press,

RÜDIGER, F. (1996). **Literatura De Auto-Ajuda E Individualismo**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS.

RUGGIERO, T. (1999). **Literatura de Auto-Ajuda: Uma Resposta ao Desamparo do Homem Contemporâneo**. Trabalho de Conclusão de Curso. PUC SP, São Paulo.

SALEM, T. (1992). Manuais Modernos de Auto-Ajuda: Uma Análise Antropológica sobre a Noção de Pessoa e suas Perturbações. **Série Estudos em Saúde Coletiva**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nº 7.

SCOTT, J. (1994). Prefácio A Gender And Politcs Of History. **Cadernos Pagu.**, (3), 11-27.

SCOTT, R. (1999).. Famílias sem casais e a diversidade conjugal no Brasil. Interseções: **Revista de estudos interdisciplinares**. 1 (1), 93-112.

SHAVER, P., MORGAN, H. & WU, S. (1996). Is love a basic emotion? **Personal Relationships**, 3 (1),81-96.

SILVA, G. (2003). Representações femininas e relações de gênero na Ars Amatoria. In FUNARI, P., FEITOSA, L. & SILVA, G. **Amor, desejo e poder na antiguidade: relação de gênero e representação do feminino**. Campinas: Editora da UNICAMP.

SILVA, T. (2001). Pedagogia e auto-ajuda: o que sua auto-estima tem a ver com o poder? In SCHMIDT, S. (org). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A.

SIMMEL, G. (1895) Sobre a sociologia da família. In SIMMEL, G. (2001). **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes.

SIMMEL, G. (1909) Psicologia do coquetismo. In SIMMEL, G. (2001). **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes.

SIMONDS, W. (1996). **Women And Self-Help Culture**: Reading Between The Lines. New Jersey: Rutgers University Press.

SIMONNET, D. (2003). Prólogo. In SIMONNET, D. **A mais bela história do amor**. Tradução de Rejane Janowitz. (p.7-14). Rio de Janeiro: Difel.

SIMPSON, J., CAMPBELL, B. & BERSCHIED, E. (1986). The association between romantic love and marriage: Kephart (1967) Twice revisited. **Personality and social psychology bulletin**. 12(3), 363-372.

SINGLETON, A. (2003). "Men's Bodies, Men's Selves": Men's Health Self-Help Books And The Promotion Of Health Care. **International Journal Of Men's health** 2 (1), 57-73.

SINGLY, F. (2000). O nascimento do indivíduo individualizado. In PEIXOTO, C. , SINGLY, F. & CICCHELLI, V. **Família e individualização**. Tradução de Ângela Xavier de Brito. Rio de Janeiro: FGV

SMITH, E.r, BYRNE, D. & FIELDING, P. (1995). Interpersonal attraction as a function of extreme gender role adherence. **Personal Relationships**, 2, 161-172.

SOLOMON, R. (1992). **O Amor: Reinventando o romance em nossos dias**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Saraiva.

SORJ, B.& GOLDENBERG, M. (1999). Um novo modelo de família: coesão e centramento nos filhos. **Intersecções**, 1, (1), 113-120

STARKER, S. (2002). **Oracle At The Supermarket: The American Preoccupation With The Self-Help Books**. New Brunswick. Transaction Publishers.

STERNBERG, R. & BARNES, M. (1988). **The Psychology of Love**. New Haven: Yale University Press,

SWIDLER, A. (2001). **Talk of love: How culture matters**. Chicago: The University of Chicago Press,

TELLES, N. (2001). Escritoras, Escritas, Escrituras. In Del PRIORE, M. e BASSANEZI, C. (orgs). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto.

VEYNE, P. (1989) O Império Romano. In ARIÈS, P. & DUBY, G. **Historia da vida privada**, 1, Do Império Romano ao Ano Mil. Tradução de Hildegaard Feist. (p. 9-224).São Paulo: Cia das Letras.

VIVEIROS DE CASTRO, E. e ARAÚJO, R. (1977). Romeu e Julieta e a origem do estado. In VELHO, Gilberto (org.) **Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da arte**. (p.130-169). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

YURI, D. (08/08/2004). Proliferação de livros de auto-ajuda confunde pais. **Jornal Folha de São Paulo**. [jornal eletrônico] <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0808200424.htm>

ZELDIN, T. (1999). **Uma história íntima da humanidade**. Tradução de Hélio Polvora. Rio de Janeiro: Record.

ZIMMERMAN, T., HADDOCK, S. & MCGEORGE, C. (2001) .Mars and Venus: Unequal Planets. **Journal of Marital and Family Therapy**, 27(1), 55-68.

ZIMMERMAN, T., HOLM, K. & STARRELS, M. (2001a). A Feminist Analysis of Self-Help Bestsellers for Improving Relationships: A Decade Review. **Journal of Marital and Family Therapy**, 27(2), 165-175.

ZIMMERMAN, T., HOLM, K. & HADDOCK, S. (2001b) .A Decade of Advice for Women and Men in the Bet selling Self-Help Literature. **Family Relations**, 50, 125-133.

WEISS, J. (Fall 1995) Mothers as Others: The Construction of Race, Ethnicity, and Gender in Self-Help Literature of the 1940s. **Women's Studies in Communication**, 18(2), 153-163.

WOOD, J. (1987). **Menschliches Dasein als Miteinandersein: Gruppenarbeit nach personenzentrierten Ansätzen**. Köln: Edition Humanistische Psychologie.

ANEXO I - LEVANTAMENTO JUNTO ÀS EDITORAS

Listo abaixo, de cada uma das editoras pesquisadas, as categorias em que encontrei os livros por mim considerados de auto-ajuda. Apresento, de cada uma a quantidade de obras encontradas.

Editora Gente – Não oferece, explicitamente, uma categoria de auto-ajuda. Há uma grande categoria “desenvolvimento humano”, subdividida da seguinte forma:

Autoconhecimento	1 livro
Psicologia	20 livros
Sexualidade	2 livros

Editora Sextante – Apresenta as seguintes categorias:

Auto-ajuda	4 livros
Relacionamentos	2 livros

Editora Record – reúne as seguintes editoras: Record, Bertrand Brasil, Rosa Dos Tempos, Civilização Brasileira e Difel. Não há uma categoria explícita de auto-ajuda. Os títulos foram pesquisados em:

Sexualidade	zero
Psicologia	2 livros

Editora Rocco – Há a categoria específica de auto-ajuda, bem como outras duas que apresentaram os seguintes números:

Auto-ajuda	7 livros
Amor	10 livros
Relacionamento	3 livros

Há títulos em psicologia que também constam da categoria de auto-ajuda.

Editora Vozes - Foi necessário realizar o levantamento, combinando a categoria ao assunto do livro. Ao adicionar a categoria “auto-ajuda” aos temas de sexualidade e/ou relacionamentos, não encontrei nenhum livro. A categoria:

Psicologia 1 livro

Editora Pensamento/Cultrix - A categoria:

Auto ajuda 20 livros

Editora Brasiliense - Não há categoria “auto-ajuda”. Há a categoria psicologia, mas não encontrei nenhum livro do estilo.

Editora Madras - Foram pesquisadas as seguintes categorias:

Auto-ajuda zero

Psicologia 1 livro

Editora Best Seller - A categoria de auto-ajuda apresentou 4 livros.

Editora Ediouro - As seguintes categorias foram pesquisadas

Auto-ajuda 2 livros

psicologia popular zero

sexualidade 1 livro

Grupo Editorial Summus. Reúne as editoras: Edições Glis, Selo Negro Edições, Plexus Editora, Mg Editores, Mescla Editorial e Editora Ágora. As categorias pesquisadas foram:

Crescimento interior/ auto-ajuda 3 livros

ANEXO II - LEVANTAMENTO COMPLETO DAS OBRAS DE AUTO-AJUDA

Apresento, nos quadros que se seguem, os livros que encontrei no levantamento realizado, designando, a cada um, algumas observações que se referem à:

- **CATALOGAÇÃO DE VENDA:** É a classificação/categorização do livro dada pela livraria ou pela editora (constante tanto nas páginas de Internet quanto na própria livraria).

- **SELEÇÃO:** Refere-se à anotação sobre a leitura ou não da obra e seu motivo.

Neste sentido, os livros estão classificados por:

Livros lidos: são aqueles que considere viáveis ao estudo, pelos critérios que defini.

Livros não lidos: que não o foram por:

- ▶ terem conteúdo esotérico, religioso, astrológico,
- ▶ terem conteúdo totalmente baseado em exercícios específicos para conquista ou para resolução de conflitos na relação, ou por tratar exclusivamente de tópicos específicos do relacionamento,
- ▶ serem montados com frases ilustradas por fotos, sem constituírem um texto propriamente dito,
- ▶ não se configurarem como de auto-ajuda,
- ▶ terem apenas um capítulo abordando o amor conjugal,
- ▶ não terem sido encontrados, mesmo que listados no sítio das editoras ou das livrarias.

OBS.: Alguns estão marcados apenas como não lidos, por serem obras que se enquadrariam nos objetivos do estudo, mas que não foram lidas.

ALVES, J. 30 DIAS COM O AMOR PAULUS AUTO-AJUDA (FNAC) livro não encontrado	AUTOR ALVES, RUBEM TÍTULO COISAS DO AMOR EDITORA PAULUS CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: não é auto-ajuda
ALVES, RUBEM AMOR - MOSAICO DE PENSAMENTOS PAPIRUS AUTO AJUDA (FNAC) não é auto-ajuda	AUTOR AMARAL, ANDREY DO TÍTULO CUIDADO EU TE AMO - DESAUTO AJUDA DO AMOR EDITORA AO LIVRO TÉCNICO CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: livro lido
AMÉLIO, AILTON O MAPA DO AMOR GENTE AMOR - RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS livro lido	AUTOR ARAUJO, PAULO DE TÍTULO O AMOR NÃO PODE ESPERAR EDITORA VOZES CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: livro não encontrado
BANZHAF, HAJO & TELLER, BRIGITTE SEGREDOS DO AMOR E DO COMPANHEIRISMO PENSAMENTO/CULTRIX AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS-editora livro não encontrado	AUTOR BOSMANS, PHIL TÍTULO EU GOSTO DE VOCÊ EDITORA VOZES CATAL. VENDA PSICOLOGIA EDITORA Seleção: livro não encontrado
BRADLEY, SUSAN COMO SER IRRESISTIVEL PARA O SEXO OPOSTO EDIOURO AUTO AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR BRADSHAW, JOHN TÍTULO A CRIAÇÃO DO AMOR EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AMOR-editora Seleção: não é auto-ajuda
BRAGA, ROSANA 10 PASSOS PARA UM GRANDE AMOR MERCURYO AUTO AJUDA SARAIVA livro lido	AUTOR BROCHER, TOBIAS TÍTULO DA DIFICULDADE DE AMAR EDITORA PENSAMENTO/CULTRIX CATAL. VENDA AUTO-AJUDA // AUTO-CONHECIMENTO-editora Seleção: livro não encontrado
BROOK, BRYAN É TEMPO DE AMAR GENTE PSICOLOGIA - editora livro lido	AUTOR BROWN, JR. H TÍTULO PEQUENO MANUAL DE INSTRUÇÕES VIDA - AMOR EDITORA EDIOURO CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: livro não encontrado
BUCHORN, DEAN O HOMEM IDEAL (ELE É DOCE RECORD AUTO-AJUDA SARAIVA conteúdo de fotos associando chocolate a figura masculina	AUTOR BUONFIGLIO, MONICA TÍTULO ALMAS GÊMEAS EDITORA OFICINA CULTURA ESOTÉRICA CATAL. VENDA Seleção: livro lido/conteúdo esotérico
BUSCAGLIA, LÉO AMOR NOVA ERA AUTO-AJUDA- RELIGIOSOS-editora livro não lido	AUTOR BUSCAGLIA, LÉO TÍTULO AMOR EDITORA RECORD CATAL. VENDA PSICOLOGIA EDITORA Seleção: livro não lido
CADDY, EILLEN O AMOR COMO ESCOLHA MARTIN HARDEY EDITORA AUTO AJUDA (FNAC) livro não encontrado	AUTOR CARLE, GILDA TÍTULO NÃO APOSTE NO PRINCIPE EDITORA BEST-SELLER CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado
CARLSON, RICHARD NÃO FAÇA TEMPESTE EM COPO D'ÁGUA NO AMOR ROCCO AUTO-AJUDA-editora livro não lido	AUTOR CARLSON, RICHARD & SHIELD, BENJAMIN TÍTULO OS CAMINHOS DO CORAÇÃO EDITORA SEXTANTE CATAL. VENDA AUTO-AJUDA-editora Seleção: conteúdo é uma coleção de artigos esotéricos
CARVALHO, ANA L. COMO FISGAR UM SOLTEIRO GENTE PSICOLOGIA - editora livro lido	AUTOR CARTER, STEVEN TÍTULO A CORAGEM DE AMAR EDITORA CULTRIX CATAL. VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: livro lido
CASEY, KAREN O LIVRO DO AMOR BEST SELLER AUTO AJUDA (FNAC) livro não encontrado	AUTOR CAVALCANTE, ANTONIO MOURÃO TÍTULO CASAL, COMO VIVER UM BOM DESENTENDIMENTO EDITORA ROSA DOS TEMPOS CATAL VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado

CERQUEIRA, WILSON APRENDENDO A AMAR PARA GOSTAR DE VERDADE DPL AUTO AJUDA SARAIVA livro de conteúdo esotérico	AUTOR CLARK, DAVID TÍTULO OS HOMENS SÃO OSTRAS E AS MULHERES PÉS DE CABRA EDITORA UNITED PRESS CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro de conteúdo religioso/cristão
COUPLAN, DOUGLAS PRIMEIRO O AMOR, DEPOIS O DESENCANTO JOSE OLYMPIO AUTO-AJUDA SICILIANO livro não encontrado	AUTOR COWAN, CONNELL & KINDER, MELVYN TÍTULO MULHERES QUE ATRAEM OS HOMENS MULHERES QUE OS AFASTAM EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AUTO-AJUDA-editora Seleção: livro lido
COWAN, CONNELL & PARENT, GAIL A ARTE DA GUERRA PARA APAIXONADOS EDIOURO AUTO AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR COWAN & KINDER TÍTULO MARIDOS E MULHERES EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AUTO-AJUDA-editora Seleção: livro não lido
COWAN & KINDER MULHERES INTELIGENTES, ESCOLHAS INSENSATAS ROCCO AUTO-AJUDA-editora livro não lido	AUTOR DE ANGELIS, BARBARA TÍTULO PAIXÃO EDITORA RECORD CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro lido
de JONGH, MONIQUE e CATO-LOUIS, CASSANDRA COMO CONQUISTAR UM MARIDO NEGRO SUMMUS AUTO-AJUDA SARAIVA livro lido	AUTOR DELANO, FRANKLIN TÍTULO COMO ENCONTRAR E MANTER SUA ALMA GÊMEA EDITORA GRYPHUS CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: livro de conteúdo astrológico
DOBSON, JAMES O AMOR ROMANTICO. USANDO SUA CABEÇA EM UNITED PRESS AUTO-AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR DOYLE, LAURA TÍTULO SIM QUERIDO. UM GUIA PRATICO PARA ALCANÇAR INTIMIDADE EDITORA BERTRAND CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro não lido
ESTÉS, CLARISSA MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS ROCCO AUTO-AJUDA-editora livro não lido	AUTOR FISHMAN, BARBARA, M. & ASHNER, LAURIE TÍTULO RESSONÂNCIA EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AMOR-editora Seleção: livro lido
FORWARD, SUSAN & TORRES, JOAN HOMENS QUE ODEIAM SUAS MULHERES ROCCO AUTO-AJUDA-editora livro não encontrado	AUTOR FORWARD, SUSAN & BUCK, CRAIG TÍTULO AMORES OBSESSIVOS EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AMOR-editora Seleção: livro cujo conteúdo é específico sobre obsessão amorosa
FEIN, ELLEN & SCHNEIDER, SCHERRIE MAIS REGRAS PARA CONQUISTAR O HOMEM PERFEITO ROCCO RELACIONAMENTO-editora livro não lido	AUTOR FEIN, ELLEN & SCHNEIDER, SCHERRIE TÍTULO AS 35 REGRAS PARA CONQUISTAR O HOMEM PERFEITO EDITORA ROCCO CATAL. VENDA RELACIONAMENTO- editora Seleção: livro não lido
FERRARI, MARIA DO CARMO PAIXÃO GENTE PSICOLOGIA- editora livro não encontrado	AUTOR GAIARSA, JOSÉ A TÍTULO O RITUAL DA COMUNHÃO EDITORA GENTE CATAL. LIVRA SEXUALIDADE-editora Seleção: livro não encontrado
GAIARSA, JOSÉ A AMORES PERFEITOS GENTE PSICOLOGIA - editora livro não encontrado	AUTOR GAIARSA, JOSÉ A TÍTULO LIÇÕES DE AMOR EDITORA GENTE CATAL. VENDA PSICOLOGIA - editora Seleção: livro lido
GARCIA, JOYCE COMO SE RECUPERAR DE UMA DESILUSÃO AMOROSA E AMAR EDIOURO AUTO-AJUDA- editora livro não encontrado	AUTOR GATTUSO, JOAN TÍTULO UM CURSO EM AMOR EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AMOR/RELAÇÕES HOMEM MULHER-editora Seleção: livro lido conteúdo esotérico
GAUDENCIO, PAULO MINHAS RAZÕES, TUAS RAZÕES GENTE PSICOLOGIA - editora livro não encontrado	AUTOR GAVRAN, ALIX TÍTULO O RELACIONAMENTO PERFEITO NÃO É UM SONHO EDITORA CULTRIX CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado

GEORGIAN, LINDA COMO ATRAIR SEU PARCEIRO IDEAL RECORD AUTO AJUDA SARAIVA livro de conteúdo esotérico	AUTOR GIKOVATE, FLAVIO TÍTULO SEXO E AMOR EDITORA GRUPO SUMMUS - MG EDITORES CATAL. VENDA CRESCIMENTO INTERIOR, AUTO-AJUDA-editora Seleção: não é auto-ajuda
GIKOVATE, FLAVIO O HOMEM, A MULHER O CASAMENTO GRUPO SUMMUS - MG EDITORES CRESCIMENTO INTERIOR, AUTO-AJUDA-editora não é auto-ajuda	AUTOR GIKOVATE, FLAVIO TÍTULO O AMOR NOS ANOS 80 EDITORA MG EDITORES CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: não é auto-ajuda
GIKOVATE, FLAVIO ENSAIOS SOBRE AMOR E SOLIDÃO não é auto-ajuda	AUTOR GODEK, GREGORY TÍTULO AMOR A LIÇÃO QUE VC NÃO TEVE NA ESCOLA EDITORA EDIOURO CATAL. VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado
GONZALES, MATHIAS COMO ENCONTRAR SEU VERDADEIRO AMOR EDIOURO AUTO AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR GORDON, RICHARD TÍTULO A ASSUSTADORA HISTORIA DO SEXO EDITORA EDIOURO CATAL. VENDA SEXO- editora Seleção: não é auto-ajuda
GRAY, JOHN MARTE E VÊNUS JUNTOS PARA SEMPRE ROCCO AMOR-editora livro não lido	AUTOR GRAY, JOHN TÍTULO MARTE E VÊNUS APAIXONADOS EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AMOR-editora Seleção: livro não lido
GRAY, JOHN HOMENS SÃO DE MARTE, MULHERES SÃO DE VÊNUS ROCCO AMOR-editora livro lido	AUTOR GRAY, JOHN TÍTULO MARTE E VÊNUS NO QUARTO EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AMOR Seleção: livro não lido
GRAY, JOHN O QUE VOCÊ SENTE PODE SER CURADO ROCCO AMOR-editora livro não lido	AUTOR GRINGS, DAEUS TÍTULO CASAMENTO, AMOR E SEXO EDITORA SANTUÁRIO CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro de conteúdo religioso/cristão
GUIMARÃES, ALMIR O QUE DIZEM DO AMOR VOZES AUTO-AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR GUIMARÃES, FREI ALMIR TÍTULO REINVENTANDO O AMOR A CADA DIA EDITORA GENTE CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: livro não encontrado
HALL, JUDY ENIGMA DAS ALMAS GÊMEAS (O) PENSAMENTO/CULTRIX AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora livro de conteúdo esotérico	AUTOR HAUPTMANN, GABY TÍTULO MULHER SOLTEIRA PROCURA UM HOMEM IMPOTENTE PARA RELACIONAMENTO SÉRIO EDITORA ROCCO CATAL. VENDA RELACIONAMENTO-editora Seleção: livro não encontrado
HEITLER, S A ARTE DO RELACIONAMENTO BEST-SELLER AUTO AJUDA FNAC conteúdo de tópicos sobre relacionamento	AUTOR HOFFMAN, BOB TÍTULO DESVENDAR DO AMOR (O) EDITORA PENSAMENTO/CULTRIX CATAL. VENDA AUTO-AJUDA //DESENVOLVIMENTO PESSOAL-editora Seleção: livro não encontrado
JORGE, TECA SEDUÇÃO - O DOCE E A MAGIA DE SEDUZIR GENTE AUTO-CONHECIMENTO - editora livro não encontrado	AUTOR KELLEMAN, STANLEY TÍTULO AMOR E VINCULOS EDITORA SUMMUS CATAL. VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado
KENT, MARGARET COMO CASAR COM O HOMEM DOS SEUS SONHOS ROCCO AUTO-AJUDA-editora livro lido	AUTOR KILEY, DAN TÍTULO VIDA A DOIS VIDA SOLITÁRIA EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AUTO-AJUDA- editora Seleção: livro não encontrado
KINGMA, DAPHNE R. AMOR POR TODA VIDA PENSAMENTO/CULTRIX AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS-editora livro não encontrado	AUTOR KINGMA, DAPHNE R. TÍTULO POR QUE AS PESSOAS QUE AMAMOS NOS LEVAM A LOUCURA? EDITORA PENSAMENTO/CULTRIX CATAL. VENDA AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora Seleção: livro cujo conteúdo aborda tipos diferentes de individualidades

LACERDA, NADJA O QUE SE FAZ POR AMOR E O QUE ELE NOS FAZ ELEVAÇÃO AUTO AJUDA (FNAC) livro não encontrado	AUTOR LÁZARO, ANDRÉ TÍTULO AMOR DO MITO AO MERCADO EDITORA VOZES CATAL. VENDA Seleção: não é auto-ajuda
LEADER, DARIAN PROMESSAS QUE OS AMANTES FAZEM QUANDO JÁ ROCCO AUTO-AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR LELOUP, JEAN-YVES TÍTULO AMAR APESAR DE TUDO EDITORA VERUS CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: livro de conteúdo esotérico
LEVINE, ONDREA ACOLHENDO A PESSOA AMADA MANDARIM AUTO AJUDA (FNAC) livro não encontrado	AUTOR LILLIBRIDGE, MICHAEL TÍTULO O LIVRO DO AMOR EDITORA NOBEL CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: não é auto-ajuda
LITVINOFF, SARAH GUIA PARA CONSTRUIR UM NOVO RELACIONAMENTO GENTE PSICOLOGIA- editora livro voltado para exercicios de melhoria de relacionamento	AUTOR LITVINOFF, SARAH TÍTULO GUIA PARA UM RELACIONAMENTO DURADOURO EDITORA GENTE CATAL. VENDA PSICOLOGIA - editora Seleção: livro voltado para recomeço de relacionamentos
LOSTADO, DARIO SOMOS AMOR PENSAMENTO AUTO AJUDA (FNAC) livro não encontrado	AUTOR LOSTADO, DARIO TÍTULO ANTES DE TUDO AMAR EDITORA PENSAMENTO/CULTRIX CATAL. VENDA AUTO-AJUDA // AUTO-CONHECIMENTO- editora Seleção: livro não encontrado
LOWNDES, L COMO FAZER QUALQUER PESSOA SE APAIXONAR POR VC RECORD AUTO AJUDA FNAC livro lido	AUTOR MACGRAW, PHILLIP TÍTULO RESGATE SEU RELACIONAMENTO EDITORA BERTRAND BRASIL CATAL. VENDA RELAÇÕES HUMANAS-SEXUALIDADE (FNAC) Seleção: conteúdo de resolução de conflitos no casamento
MATARAZZO, MARIA H. GUERRAS ERÓTICAS GENTE PSICOLOGIA - editora livro não encontrado	AUTOR MATARAZZO, MARIA H. TÍTULO NÓS DOIS EDITORA GENTE CATAL. VENDA PSICOLOGIA- editora Seleção: livro não encontrado
MATARAZZO, MARIA H. NAMORANTES MANDARIM PSICOLOGIA/AUTO-AJUDA livro lido	AUTOR MATARAZZO, MARIA H. TÍTULO ENCONTROS, DESENCONTROS E REENCONTROS EDITORA GENTE CATAL. VENDA PSICOLOGIA - editora Seleção: livro não encontrado
MATARAZZO, MARIA H. AMAR É PRECISO GENTE PSICOLOGIA - editora livro lido	AUTOR MASLIN, BONNIE TÍTULO ATÉ QUE A RAIVA NOS SEPARE EDITORA ÁTICA CATAL. VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado
MAXWELL, JOHN PEQUENO MANUAL DE RELACIONAMENTOS PESSOAIS UNITED PRESS AUTO-AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR MCDOWELL, JOSH TÍTULO APRENDENDO A AMAR - SEXO NÃO É O BASTANTE EDITORA CANDEIA CATAL. VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado
MEAD, SHEPHERD COMO CONQUISTAR MULHERES RECORD AUTO-AJUDA//REFLEXÕES /PENSAMENTOS SICILIANO livro não encontrado	AUTOR MICHAEL TÍTULO COMO ENCONTRAR A PESSOA CERTA PARA AMAR EDITORA PENSAMENTO/CULTRIX CATAL. VENDA AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora Seleção: livro de conteúdo esotérico

MICHAEL COMO ENCONTRAR SUA ALMA GÊMEA PENSAMENTO/CULTRIX AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora livro de conteúdo esotérico	AUTOR MICHAEL TÍTULO AMOR INCONDICIONAL DAS ALMAS GÊMEAS (O) EDITORA PENSAMENTO/CULTRIX CATAL. VENDA AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora Seleção: livro de conteúdo esotérico
MICHAEL SUA ALMA GÊMEA ESTÁ CHAMANDO PENSAMENTO/CULTRIX AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora livro de conteúdo esotérico	AUTOR MICHAEL, RUSS TÍTULO COMO ENCONTRAR A PESSOA CERTA PARA AMAR EDITORA PENSAMENTO CATAL. VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: livro de conteúdo esotérico
MOHANA, JOÃO NÃO BASTA AMAR PARA SER FELIZ NO CASAMENTO LOYOLA AUTO-AJUDA SARAIVA livro de conteúdo religioso/cristão	AUTOR MORGAN, THOMAS TÍTULO SÓ É SOLITÁRIO QUEM QUER EDITORA EDIOURO CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: livro não encontrado
MORLEY, PATRICK O QUE OS HOMENS GOSTARIAM QUE SUAS MULHERES SOUBESSEM UNITED PRESS AUTO-AJUDA SARAIVA livro não lido	AUTOR MOUSTAKAS, CLARK TÍTULO DESCOBRINDO O EU E O OUTRO EDITORA CRESCER CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: livro não encontrado
NEEDLEMAN, JACOB SOBRE O AMOR EDIOURO AUTO-AJUDA SARAIVA não é auto-ajuda	AUTOR NICHOLLS, MIKE TÍTULO MULHERES SÃO DE PLUTÃO HOMENS SÃO DE URANO EDITORA RECORD CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: conteúdo de humor sobre relações entre homem e mulher
NIVEN, DAVID OS 100 SEGREDOS DOS BONS RELACIONAMENTOS SEXTANTE AUTO-AJUDA FNAC livro lido	AUTOR NUNES, EDUARDO TÍTULO OS HOMENS SÃO DE MORTE E AS MULHERES NÃO FICAM POR MENOS EDITORA NOVO SÉCULO CATAL. VENDA AUTO-AJUDA FNAC Seleção: livro lido
NUNES, EDUARDO SEDUÇÃO UMA ESTRADA DE MÃO DUPLA DO AUTOR AUTO-AJUDA SARAIVA livro não lido	AUTOR OLIVEIRA, KINA TÍTULO VOO E EROS EDITORA MODERNA CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro não lido
OVIDIO A ARTE DE AMAR L & PM AUTO AJUDA SARAIVA livro lido	AUTOR PARIS, WENDI TÍTULO FELIZES PARA SEMPRE. AS FORMULAS DOS CONTOS DE FADAS EDITORA MANOLE CATAL. VENDA AUTO AJUDA FNAC Seleção: livro lido
PARROTS, LES CASAMENTO VIDA AUTO AJUDA SARAIVA conteúdo de exercícios de comunicação para casais	AUTOR PASSINI, WILLY TÍTULO A QUALIDADE DOS SENTIMENTOS EDITORA ROCCO CATAL. VENDA RELACIONAMENTO- editora Seleção: não é auto-ajuda
PAUL, JORDAN & MARGARET TERAPIA DO AMOR - NÃO RENUNCIE A SI MESMO MASDRAS PSICOLOGIA livro de conteúdo esotérico	AUTOR PAUL, JORDAN & MARGARET TÍTULO TERAPIA DO AMOR EDITORA MADRAS CATAL. VENDA PSICOLOGIA Seleção: livro não lido
PEASE, ALLAN e BARBARA POR QUE OS HOMENS FAZEM SEXO E AS MULHERES FAZEM AMOR SEXTANTE RELACIONAMENTOS + AUTO-AJUDA - editora livro lido	AUTOR POWELL, JOHN TÍTULO POR QUE TENHO MEDO DE AMAR EDITORA CRESCER CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado
QUEIROZ, MARCELO COMO CONSEGUIR UMA NAMORADA E ENVOLVER A PESSOA MADRAS AUTO AJUDA SARAIVA livro lido	AUTOR RABIN, S. TÍTULO 101 SEGREDOS DA PAQUERA EDITORA RECORD Seleção: livro não lido
RAY, SONDRÁ EU MEREÇO AMOR GENTE PSICOLOGIA - editora livro não encontrado	AUTOR RICHARDS, JOSEPH TÍTULO COMO CONQUISTAR E ENCONTRAR SEU HOMEM EDITORA PIONEIRA CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro não lido

RICHRDS, JOSEPH COMO ENCONTRAR E CONQUISTAR SEU HOMEM PIONEIRA AUTO AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR ROJAS, ENRIQUE TÍTULO O AMOR INTELIGENTE EDITORA OBJETIVA CATAL. VENDA AUTO AJUDA (FNAC) Seleção: não é auto-ajuda
RUIZ, DON MIGUEL O DOMINIO DO AMOR BEST-SELLER AUTO-AJUDA SARAIVA livro não encontrado	AUTOR SANFORD, JOHN TÍTULO PARCEIROS INVISÍVEIS (OS) EDITORA PAULUS CATAL. VENDA COLEÇÃO AMOR E PSIQUE Seleção: livro de conteúdo religioso/cristão
SANTANNA, MARCIA COMO CONQUISTAR OS HOMENS EDIOURO AUTO AJUDA (FNAC) livro lido	AUTOR SARRIS, ARIAN TÍTULO 21 MANEIRAS DE ATRAIR SUA ALMA GÊMEA EDITORA MANDARIM (BRASIL) CATAL. VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: livro de conteúdo esotérico
SAVIAN, SERGIO PAQUERA GENTE PSICOLOGIA- editora livro lido	AUTOR SAVIAN, SERGIO TÍTULO QUE DELICIA - PAQUERA E SEXO DE QUALIDADE EDITORA GENTE CATAL. VENDA SEXUALIDADE- editora Seleção: lido outro livro do mesmo autor
SAVIAN, SERGIO O AMOR NA CONTRAMÃO. MUDANÇA DE HÁBITOS NOS RELACIO ÁGORA AUTO-AJUDA SARAIVA livro não lido	AUTOR SEGAL, JUDITH TÍTULO MULHERES QUE AMAM HOMENS DIFICEIS EDITORA RECORD CATAL. VENDA PSICOLOGIA- editora Seleção: livro não encontrado
SERRA, FLORIANO NÃO BASTA AMAR BASTANTE GENTE PSICOLOGIA- editora AUTO AJUDA FNAC livro lido	AUTOR SCHWARTZ, PEPPER TÍTULO TUDO O QUE VOCÊ SABE SOBRE AMOR E SEXO ESTÁ ERRADO EDITORA EDIOURO CATAL. VENDA RELAÇÕES HUMANAS-SEXUALIDADE (FNAC) Seleção: livro lido
SHAPIRO, EDDIE e DEBBIE SEM MEDO DE ABRIR O CORAÇÃO PENSAMENTO/CULTRIX AUTO-AJUDA //DESENVOLVIMENTO PESSOAL- editora livro não encontrado	AUTOR SHARP, ANNA TÍTULO RESGATE DE UM CASAMENTO EDITORA ROCCO CATAL. VENDA AUTO-AJUDA- editora Seleção: livro de conteúdo esotérico
SHINYASHIKI, ROBERTO MISTÉRIOS DO CORAÇÃO GENTE PSICOLOGIA - editora livro lido	AUTOR SHINYASHIKI, ROBERTO TÍTULO AMAR PODE DAR CERTO EDITORA GENTE CATAL. VENDA PSICOLOGIA - editora Seleção: livro lido
SILVA, VALMIR A COMO ORIENTAR SUA VIDA CONJUGAL EDIOURO AUTO-AJUDA- editora livro não encontrado	AUTOR SOUZA, GABRIELA NASCIMENTO TÍTULO EU TE AMO! EDITORA ORIGINAL CATAL. VENDA AUTO AJUDA SARAIVA Seleção: conteúdo de frases ilustradas com fotos de casais
STEINER, CLAUDE QUANDO UM HOMEM AMA UMA MULHER GENTE PSICOLOGIA- editora livro não encontrado	AUTOR STRAUS, LAURA TÍTULO O QUE É O AMOR EDITORA RECORD CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro não encontrado
SUDO, PHILIP SEXO ZEN SEXTANTE RELACIONAMENTOS- editora livro somente sobre sexo	AUTOR TAYLOR, MAURICE TÍTULO O NOVO CASAL EDITORA CAMPUS CATAL. VENDA AUTO-AJUDA SARAIVA Seleção: livro lido
TEMSY, CAROLYN & HANDLEY, CARO SABEDORIA DO AMOR (A) PENSAMENTO/CULTRIX AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora conteúdo com pequenos pensamentos acerca do casamento	AUTOR TIBA, IÇAMI TÍTULO AMOR, FELICIDADE E CIA. EDITORA GENTE CATAL. VENDA PSICOLOGIA - editora Seleção: amor conjugal apenas um capítulo do livro / NÃO LIDO
TOLENTINO, ANA C. MULHERES MARAVILHOSAS MANTENDO OS HOMENS A SEUS PÉ LEITURA AUTO AJUDA FNAC livro lido	AUTOR TOLENTINO, ANA C. TÍTULO CONQUISTE QUEM VOCE AMA COM SEGURANÇA E INTELIGENCIA EDITORA CIENCIA MODERNA CATAL. VENDA QUALIDADE DE VIDA- editora AUTO AJUDA FNAC Seleção: livro lido

TURNDORF, JAMIE	AUTOR	ULRICH, THOMAS
ATÉ QUE A MORTE NOS SEPRE	TÍTULO	FEITOS UM PARA O OUTRO
PENSAMENTO/CULTRIX	EDITORA	PENSAMENTO/CULTRIX
AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora	CATAL. VENDA	AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS- editora
livro cujo conteúdo é a resolução de conflitos no casamento	Seleção:	livro de conteúdo esotérico
VALCAPELLI	AUTOR	VANZANT, IYANLA
AMOR SEM CRISE	TÍTULO	ESPERANDO O AMOR CHEGAR
ESPAÇO VIDA E CONSCIENCIA	EDITORA	SEXTANTE
AUTO AJUDA (FNAC)	CATAL. VENDA	AUTO-AJUDA- editora
livro com conteúdo por tópicos de relacionamento	Seleção:	preparação individual para vir a encontrar o parceiro
VANZANT, IYANLA	AUTOR	VIASSELL, JOYCE e BARRY
ENQUANTO O AMOR NÃO VEM	TÍTULO	SABEDORIA DO CORAÇÃO (A)
SEXTANTE	EDITORA	PENSAMENTO/CULTRIX
AUTO-AJUDA-editora	CATAL. VENDA	AUTO-AJUDA // RELACIONAMENTOS-editora
conteúdo é uma preparação da mulher para quando o amor chegar	Seleção:	livro de conteúdo espiritualista
VIDDER, G. CLAYTON	AUTOR	VISCOTT, DAVIS
OS PRINCIPIOS DA SEDUÇÃO	TÍTULO	EU TE AMO E AÍ?
ROCCO	EDITORA	SUMMUS
AUTO-AJUDA- editora	CATAL. VENDA	AUTO AJUDA SARAIVA
livro não lido	Seleção:	livro lido
VIRGILIO	AUTOR	WALSCH, NEALE D.
NOSSA LEI E O AMOR	TÍTULO	APRENDENDO A CONVIVER COM QUEM SE AMA
PAULUS	EDITORA	SEXTANTE
AUTO AJUDA (FNAC)	CATAL. VENDA	AUTO-AJUDA- editora
livro não encontrado	Seleção:	livro de conteúdo religioso/cristão
WEIL, PIERRE	AUTOR	WEISS, BRIAN
AMAR E SER AMADO A COMUNICAÇÃO NO AMOR	TÍTULO	SÓ O AMOR É REAL
VOZES	EDITORA	SALAMANDRA
AUTO AJUDA SARAIVA	CATAL. VENDA	RELACIONAMENTOS-editora
conteúdo de exercícios de comunicação para casais	Seleção:	livro de conteúdo esotérico/Vidas Passadas/livro lido
WESTERMAN, MARTY	AUTOR	WRIGHT, NORMAN
FLERTE: A ARTE DA CONQUISTA	TÍTULO	COMO REALMENTE AMAR SUA MULHER - 220 MANEIRAS
GENTE	EDITORA	ATOS
PSICOLOGIA - editora	CATAL. VENDA	AUTO AJUDA SARAIVA
livro não encontrado	Seleção:	livro não encontrado
WRIGHT, NORMAN	AUTOR	WYLIH
COMO REALMENTE AMAR SEU MARIDO 220 MANEIRAS	TÍTULO	ABERTURA AO AMOR INCONDICIONAL
ATOS	EDITORA	CATAVENTO
AUTO AJUDA SARAIVA	CATAL. VENDA	AUTO AJUDA (FNAC)
livro não encontrado	Seleção:	livro não encontrado
YAARI, JOSEF	AUTOR	ZAMERUL, ELIZABETH
ALQUIMIA DO ENCONTRO	TÍTULO	JUNTOS PORÉM LIVRES
TOTALIDADE	EDITORA	ROCCO
AUTO AJUDA (FNAC)	CATAL. VENDA	AMOR-editora

ANEXO III – REFERÊNCIA DE TODAS AS OBRAS LIDAS

1. ANGELIS, B. (1998). **Paixão**. Tradução Roberto Argus. Rio de Janeiro: Record.
2. AMARAL, A. (2002). **Cuidado eu te amo!** (desauto-ajuda do amor). Rio de Janeiro: Novo Milênio.
3. AMÉLIO, A. (2001). **O mapa do amor**: Tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder. São Paulo: Editora Gente.
4. BRAGA, R. (2002). **10 passos para um grande amor**: um delicioso manual sobre a arte de amar. São Paulo: Mercuryo.
5. BROOK, B. (1989) **É tempo de amar**. Planeje sua vida amorosa e viva feliz. Tradução Thaïs Costa São Paulo: Editora Gente.
6. CARTER, Steven. (1998) **A coragem de amar**. Tradução Rosane Albert. São Paulo: Cultrix.
7. CARVALHO, A. (1999). **Como fisgar um solteiro**. São Paulo: Editora Gente.
8. COWAN, C., KINDER, M.(1987) **Mulheres que atraem os homens e mulheres que os afastam**. Tradução Denise Rollemberg. Rio de Janeiro: Rocco.
9. deJONGH, M. & CATO-LOUIS, C. (1996) **Como conquistar um marido negro**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus.
10. FISHMAN, B. (1994) **Ressonância: A nova química do amor**. Como criar um relacionamento que lhe dá a intimidade e a independência que você sempre quis. Tradução Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Rocco.
11. GAIARSA, J. (1997). **Lições de Amor**: Briga de Casal. São Paulo: Editora Gente.
12. GRAY, J. (1992) **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus**. Um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos relacionamentos. Tradução Alexandre Jordão. Rio de Janeiro: Rocco.
13. GRAY, J.(1993). **Homens, mulheres e relacionamentos**. Fazendo as pazes com o sexo oposto. Tradução Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Rocco.

14. KENT, M. (1984/1991) **Como casar com o homem dos seus sonhos.**
Tradução Lucia Veloso dos Reis. Rio de Janeiro: Rocco.
15. LOWNDES, L. (1996/2002) **Como fazer qualquer pessoa se apaixonar por você.** Tradução Domingos Demasi. Rio de Janeiro: Record.
16. MATARAZZO, M. (1992). **Amar é preciso: os caminhos para uma vida a dois.**
São Paulo: Editora Gente.
17. MATARAZZO, M. (2001). **Namorantes.** São Paulo: Mandarim.
18. MONTGOMERY, M. (2000). **Dez amores.** São Paulo: Editora Gente.
19. NIVEN, D. (2003) **Os 100 Segredos dos Bons Relacionamentos:**
Descobertas simples e úteis dos estudos científicos sobre os casais felizes.
Tradução de Simone Limberg Reisner. Rio de Janeiro: Rocco.
20. NUNES, E. (2002). **Os homens são de morte e as mulheres não ficam por menos –** Tudo que nós homens achamos que uma mulher deveria discutir com seu homem. Osasco – SP: Novo Século Editora.
21. OVIDIO. (2001). **A Arte de Amar.** Tradução de Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM.
22. PARIS, W.(?) **Felizes para sempre: As fórmulas dos contos de fada para o amor duradouro.** Tradução Haroldo Carvalho Netto. São Paulo: Manole.
23. PEASE, A. & PEASE, B. (2000) **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças.** Tradução Neuza Simões Capelo. Rio de Janeiro: Sextante.
24. QUEIROZ, M. & MOREIRA, L. (2001). **Como conseguir uma namorada e envolver pessoas.** São Paulo: Madras.
25. SAVIAN, S. (1999). **Paquera: Guia prático da conquista.** São Paulo: Editora Gente.
26. SANT'ANNA, M. (1984). **Como conquistar os homens.** Rio de Janeiro: Ediouro.
27. SCHWARTZ, P. (2002) **Tudo o que você sabe sobre amor e sexo está errado.** Um guia descomplicado para você alcançar felicidade e realização na sua vida íntima. Tradução de Flavia Toledo. Rio de Janeiro: Ediouro.
28. SERRA, F. (1999). **Não basta amar bastante.** São Paulo: Editora Gente.

29. SHINYASHIKI, R, & DUMÊT, E. (1988). **Amar pode dar certo**. São Paulo: Editora Gente.
30. SHINYASHIKI, R. (1990). **Mistérios do Coração**. São Paulo: Editora Gente.
31. TAYLOR, M. & Mc GEE, S. (2000). **O Novo Casal**: As Dez Novas Leis do Amor. Tradução: Márcia Brito. Rio de Janeiro: Campus.
32. TOLENTINO, A. (2002). **Mulheres Maravilhosas** (mantendo os homens a seus pés). Belo Horizonte: Editora Leitura.
33. TOLENTINO, A. (2002). **Conquiste quem você ama com segurança e inteligência**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna.
34. VISCOTT, D. (1987) **Eu te amo! E aí?** Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Summus.

NOME DA OBRA	CONQUISTA, MANUTENÇÃO ou INDIFERENCIADA	NACIONALIDADE	ANO 1ª EDIÇÃO EUA	ANO EDIÇÃO ATUAL # NO BRASIL	ANO 1ª EDIÇÃO NO BRASIL	Nº DA EDIÇÃO NO BRASIL	TEMPO DECORRIDO DA 1ª À ÚLTIMA EDIÇÃO	TEMPO ENTRE LANÇAMENTO NOS EUA x BR
A ARTE DE AMAR								
Amar é preciso	MANTENÇÃO	BRASIL	****	N/C	1992	50	10 anos	****
Mistérios do Coração	INDIFERENCIADA	BRASIL	****	N/C	1990	55	12 anos	****
Os homens são de morte e as mulheres não ficam por menos	CONQUISTA	BRASIL	****	2002	N/C	N/C	****	****
Como fisgar um solteiro	CONQUISTA	BRASIL	****	1999	N/C	N/C	****	****
Paquera	CONQUISTA	BRASIL	****	N/C	1999	5	3 anos	****
Como conseguir uma namorada e envolver pessoas	CONQUISTA	BRASIL	****	2001	N/C	N/C	****	****
Como casar com o homem dos seus sonhos	CONQUISTA	EUA	1984	1991	1989	4	3 anos	5 anos
Tudo o que você sabe sobre amor e sexo está errado	INDIFERENCIADA	EUA	2002	2002	N/C	N/C	****	0
Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?	MANTENÇÃO	EUA	2000	2000	2000	10	****	0
O Novo Casal	MANTENÇÃO	EUA	2000	2000	2000	N/C	****	0
Como conquistar um marido negro	CONQUISTA	EUA	1996	1999	1999	N/C	****	3 anos
Namorantes	MANTENÇÃO	BRASIL	****	2001	N/C	N/C	****	****
Não basta amar bastante	MANTENÇÃO	BRASIL	****	N/C	1999	5	3 anos	****
Amar pode dar certo	MANTENÇÃO	BRASIL	****	N/C	1988	140	14 anos	****
Lições de Amor	MANTENÇÃO	BRASIL	****	N/C	1997	4	5 anos	****
Cuidado eu te amo!	MANTENÇÃO	BRASIL	****	2002	N/C	N/C	****	****
Dez amores	MANTENÇÃO	BRASIL	****	2000	N/C	N/C	****	****
Mulheres Maravilhosas	CONQUISTA	BRASIL	****	2002	N/C	N/C	****	****
Conquiste quem você ama com segurança e inteligência	CONQUISTA	BRASIL	****	2002	N/C	N/C	****	****
Como conquistar os homens	CONQUISTA	BRASIL	****	1984	N/C	N/C	****	****
10 passos para um grande amor	CONQUISTA	BRASIL	****	N/C	2002	1	****	****
O mapa do amor	CONQUISTA	BRASIL	****	2001	N/C	N/C	****	****
Mulheres que atraem os homens e mulheres que os afastam	CONQUISTA	EUA	1987	1999	1988	12	11 anos	1 ano
Como fazer qualquer pessoa se apaixonar por você	CONQUISTA	EUA	1996	2002	N/C	8	****	6 anos
Felizes para sempre	CONQUISTA	EUA	N/C	2002	2002	1	****	***
A coragem de amar	MANTENÇÃO	EUA	1998	N/C	1998	1	****	0
Homens são de Marte, mulheres são de Vênus	MANTENÇÃO	EUA	1992	1997	1995	12	2 anos	3 anos
Homens, mulheres e relacionamentos	MANTENÇÃO	EUA	1993	1996	N/C	N/C	****	3 anos
É tempo de amar	MANTENÇÃO	EUA	1989	1998	N/C	N/C	****	9 anos
Ressonância: A nova química do amor	MANTENÇÃO	EUA	1994	1999	N/C	N/C	****	5 anos
Eu te amo! E aí?	MANTENÇÃO	EUA	1987	1996	N/C	N/C	****	9 anos
Paixão	MANTENÇÃO	EUA	1998	1998	N/C	N/C	****	0
Os 100 Segredos dos Bons Relacionamentos	MANTENÇÃO	EUA	2003	2003	2003	N/C	****	0
manutenção = obras sobre cuidado com a relação								
# edição atual, uma vez que, todos foram recém adquiridos								

ANEXO V – HISTÓRIAS DO GIBI MÔNICA

Estão anexadas na seqüência, duas histórias do Gibi *Mônica*; uma produção da editora Globo, de autoria de Maurício de Sousa.

A primeira história - SOUSA, M. Marina é tímida. **Mônica**, 138, 22-27.

A segunda história - SOUSA, M. Horácio. **Mônica**, 138, 52-53.

Esta segunda história tem seu texto como epígrafe inicial do capítulo três.

A MARINA É TÍMIDA...







